

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**“NÃO HÁ RELIGIÃO SEM DEUS, NEM PÁTRIA SEM
BANDEIRA” : O BREVIÁRIO CÍVICO DE COELHO NETTO**

RAFAEL DE OLIVEIRA SILVA

2022



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**“NÃO HÁ RELIGIÃO SEM DEUS, NEM PÁTRIA SEM
BANDEIRA”:** O BREVIÁRIO CÍVICO DE COELHO NETTO

RAFAEL DE OLIVEIRA SILVA

Sob a Orientação da Professora Doutora

Rebeca Gontijo Teixeira

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em História**, ao Programa de Pós-Graduação em História. Área de Concentração: Relações de Poder e Cultura.

Seropédica, RJ
Novembro de 2022.

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S586" Silva, Rafael de Oliveira, 1991-
"Não há religião sem Deus, nem Pátria sem
bandeira": o Breviário Cívico de Coelho Netto / Rafael
de Oliveira Silva. - Seropédica, 2022.
192 f.: il.

Orientadora: Rebeca Gontijo Teixeira.
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em
História, 2022.

1. Coelho Netto. 2. Educação Cívica. 3.
Nacionalismo. 4. Breviário Cívico. I. Teixeira, Rebeca
Gontijo, 1968-, orient. II Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em História
III. Título.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



TERMO Nº 1189 / 2022 - PPHR (12.28.01.00.00.49)

Nº do Protocolo: 23083.071836/2022-35

Seropédica-RJ, 22 de novembro de 2022.

RAFAEL DE OLIVEIRA SILVA

DISSERTAÇÃO submetida como requisito parcial para obtenção do grau de MESTRE EM HISTÓRIA, no Programa de Pós-Graduação em História - Curso de MESTRADO, área de concentração em Relações de Poder e Cultura.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 21 de novembro de 2022

Banca Examinadora:

Dra. REBECA GONTIJO TEIXEIRA, UFRRJ Presidente e orientadora

Dr. ANGELA MARIA DE CASTRO GOMES, UFF Examinadora Externa à Instituição

Dra. NATHALIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA, UERJ Examinadora Externa à Instituição

(Assinado digitalmente em 22/11/2022 11:43)

REBECA GONTIJO TEIXEIRA
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
DeptHRI (12.28.01.00.00.86)
Matrícula: 1734363

(Assinado digitalmente em 22/11/2022 12:08)

ANGELA MARIA DE CASTRO GOMES
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 173.772.937-72

(Assinado digitalmente em 22/11/2022 12:11)

NATHÁLIA SANGLARD DE ALMEIDA NOGUEIRA
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 102.044.707-90

Para verificar a autenticidade deste documento entre em
<https://sipac.ufrrj.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **1189**, ano:
2022, tipo: **TERMO**, data de emissão: **22/11/2022** e o código de verificação: **8e2d38b83b**

*Para Vovó Filó, que continua conosco.
(In memoriam)*

AGRADECIMENTOS

Pensei muito em como começar essa sessão de agradecimentos. Muitas pessoas me ajudaram a chegar até aqui e a concluir esse mestrado, o qual, sem o apoio de cada uma delas, teria sido impossível terminar. Viver no Brasil nos últimos anos tem sido uma tarefa árdua, que dirá fazer pesquisa. E diante de todo o contexto que passamos com a pandemia de COVID-19, na maioria das vezes, a pesquisa foi mais um peso do que algo prazeroso.

Então, não poderia iniciar sem agradecer por estar vivo. A essa altura, o país está próximo da marca dos setecentos mil mortos pela pandemia, e não ser um deles é uma baita vitória. Mesma sorte, infelizmente, não tiveram alguns parentes, colegas de trabalho, conhecidos do “ônibus”, outras épocas ou dos “corredores”, que simplesmente deixaram de existir, muitos dos quais pela ignorância com o vírus (guiada por seus “líderes”) ou pela falta de vacinas e hospitais.

Nesse ínterim, também fui forçado a me despedir de minha vó Filomena Alves, de quem passei meses distante, com medo de transmitir coronavírus. Minha vó foi uma das pessoas que mais me apoiou ao longo da minha jornada de vida, inclusive a acadêmica, me ajudando a me manter financeiramente na Rural durante a graduação, e estando comigo sempre que eu mais precisasse. Agradeço a ela por ter me dado o prazer de conviver com ela e por ter feito tudo a seu alcance para que eu pudesse ser o que quisesse ser.

Agradeço à minha esposa, Marcelle Sestare, por ter me segurado ao longo desse tempo todo e por acreditar mais em mim do que eu mesmo. Essa dissertação é conquista nossa, e cada letra de cada palavra dela, foi escrita a quatro mãos. Sem seu apoio e confiança, esse trabalho não existira. Você me deu um dos maiores presentes que eu poderia ganhar, nossa Olívia, que com pouco mais de um mês de vida já mudou as nossas pra sempre. Muito obrigado!

Agradeço aos meus pais Denise Alves e Aureo Santana, minha tia Daysiane Alves, meu irmão Lucas Oliveira, minha sogra Márcia Gilla, e aos meus amigos Jonas Geraldo, Bianca Janssens, Elen de Léo, Dandara Fernandes e Alana Rodrigues por sempre me incentivarem e acreditarem em mim.

Ao meu amigo Vanir Junior, eterno coorientador, agradeço por todas as dicas, leituras, conversas e memes, fundamentais durante todo esse período. À Andréa Gomes,

agradeço pela companhia nas madrugadas de insônia e desespero, rotineiras durante esses últimos anos. À Vinicius de Moraes, agradeço pelo bom ouvido e pelo ombro amigo, e pelo tempo de distração e desafogo falando do Campo Grande ou de qualquer outro time de uma divisão inferior. Ao meu amigo, e eterno chefe, Felipe Figueiredo, por sempre me apoiar e estar no meu lado durante a produção desse trabalho.

Agradeço ao professor Renato Lanna Fernandez (CEFET-RJ) pela constante disponibilidade, pelos importantes apontamentos e sugestões feitas durante a banca de qualificação, e por me receber em sua casa, para compartilhar comigo fontes de pesquisa que eu tanto buscava.

Agradeço à minha orientadora Rebeca Gontijo Teixeira, por me dar total liberdade e apoio durante a pesquisa e produção dessa dissertação. Sua paciência, contribuição, confiança e incentivo foram fundamentais para que eu chegasse até o fim.

Por fim, e não menos importante, agradeço aos meus gatos Pucca e Sputnik, por filtrarem todas as energias negativas desses tempos sombrios e pelo apoio emocional que sempre me deram.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

SILVA, Rafael de Oliveira. “*Não há Religião sem Deus, nem Pátria sem bandeira*”: o Breviário Cívico de Coelho Netto. 2022. 184p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica – RJ, 2022.

Durante as primeiras décadas da República, a questão nacional estava no cerne das discussões entre os intelectuais brasileiros. Compreendendo a literatura como missão e a si mesmos como responsáveis pelo futuro da nação, vários intelectuais se predispuseram a pensar a nação e a propor seus modelos para o sucesso da pátria. Um destes intelectuais foi Henrique Coelho Netto (1864-1934), jornalista, cronista, político e imortal da Academia Brasileira de Letras, indicado ao prêmio Nobel de literatura em 1933 e eleito por seus pares como Príncipe dos Prosadores Brasileiros. Partindo do conceito de *nação imaginada* de Benedict Anderson, buscamos, em um primeiro momento, compreender qual era a nação idealizada por Coelho Netto, que seria embasada em quatro sustentáculos: política, educação, esportes e cultura. A partir disso, objetivamos analisar a importância da educação cívica para o sucesso da nação idealizada pelo autor. Para tal, escolhemos o livro *Breviário Cívico*, publicado em 1921 com apoio da Liga da Defesa Nacional, no qual o literato versa sobre diversos temas que julga importante para seu catecismo cívico, apresentando noções sobre política, família, patriotismo, cidadania, defesa do republicanismo e de uma noção liberal de indivíduo forjada em uma ótica virtuosa cristã. Nossa metodologia utilizará da análise do discurso presente na obra para buscar perceber qual o modelo de nação presente no livro e como o *Breviário Cívico* contribuiria para a construção da nação coelhonettiana.

Palavras-Chave: Coelho Netto; Educação Cívica; Nacionalismo.

ABSTRACT

SILVA, Rafael de Oliveira. “*There is no religion without God, no country without a flag*”: the Civic Breviary by Coelho Netto. 2022. 184p. Master thesis (Master in History). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Seropédica – RJ, 2022.

During the first decades of the Republic, the national question was at the heart of discussions among Brazilian intellectuals. Understanding literature as a mission and themselves as responsible for the future of the nation, several intellectuals were predisposed to think about the nation and to propose their models for the success of the country. One of these intellectuals was Henrique Coelho Netto (1864-1934), journalist, chronicler, politician and immortal of the Brazilian Academy of Letters, nominated for the Nobel Prize of Literature in 1933 and elected by his peers as Prince of Brazilian Prose writers. Starting from Benedict Anderson's concept of *imagined nation*, we sought, at first, to understand what the nation idealized by Coelho Netto was, which would be based on four mainstays: politics, education, sports and culture. From this, we aim to analyze the importance of civic education for the success of the nation idealized by the author. For such purpose, we chose the book *Breviário Cívico*, published in 1921 with the support of the National Defense League, in which the writer deals with several topics that he deems important for his civic catechism, presenting notions about politics, family, patriotism, citizenship, defense of republicanism, and a liberal notion of the individual forged in a virtuous Christian perspective. Our methodology will use the analysis of the discourse present in the work to seek to understand the model of nation present in the book and how the *Breviário Cívico* would contribute to the construction of the coelhonettian nation.

Keywords: Coelho Netto; Civic Education; Nationalism.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Monomotor modelo Fairchild PT-19 batizado em homenagem ao escritor Henrique Coelho Netto.....	8
Imagem 2 - Caricatura de Coelho Netto com sua pena em punho.	19
Imagem 3 - Logomarca <i>Marca Cometa</i>	31
Imagem 4 - Página de capa de <i>O Malho</i> saudando a vitória de Coelho Netto	34
Imagem 5 - Consequências sportivas.	87
Imagem 6 - Coelho Netto (sentado ao centro) e o primeiro time do Fluminense torcendo pela vitória do segundo time.....	104
Imagem 7 - Prática de entrudo no quadro <i>Cena de Carnaval</i> de Jean-Baptiste Drebet, 1823.....	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - UMA HISTÓRIA MAL CONTADA	1
CAPÍTULO I - UMA MISTURA DE IDEAIS	7
1.1 O Dicionário e o Guarda-livros	10
1.2 A Literatura como Missão e a Palavra como Arma	15
1.3 A Conquista e o Desencanto	19
1.4 O Desprezo e a Louvação.....	33
CAPÍTULO II - UMA NAÇÃO IDEALIZADA	56
2.1 Grande como Podemos Ser	61
2.2 O Público é um Animal que se Educa.....	72
2.3 Os Laboratórios de Saúde.....	85
2.4 O Homem Não é Apenas Barro.....	107
CAPÍTULO III - UM BREVIÁRIO CÍVICO	122
3.1 Um Catecismo de Civismo.....	123
3.2 A Doutrina.....	131
3.3 A Medula das Pátrias - Vícios e Virtudes	138
3.4 Um Breviário Republicano.....	151
3.5 Conselhos e Mandamentos Cívicos.....	161
CONCLUSÃO	170
REFERÊNCIAS	172

INTRODUÇÃO

Uma história mal contada

Durante boa parte de sua existência, Coelho Netto conviveu com as glórias de uma vida dedicada à literatura. Eleito o Príncipe dos Prosadores Brasileiros, indicado ao Nobel de Literatura, nomeado deputado federal por duas legislaturas, fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras, professor de várias instituições de ensino, autor de mais de 120 livros publicados, além da nomeação a cargos públicos: todos êxitos alcançados através de sua escrita.

Entretanto, por mais afamado que fosse, o literato não chegou a ter facilidades na vida. Com uma família numerosa, precisou trabalhar muito, durante vários anos, para sustentá-la apenas com sua pena, escrevendo diariamente para vários jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, além de periódicos casuais de outras cidades. Assumindo a literatura como missão, Coelho Netto busca através dela mudar sua vida e de sua família, além de auxiliar na construção de um lugar melhor para se viver.

Ainda assim, ao longo dessa pesquisa, todos que tomaram conhecimento dela e de seu objeto, tiveram reações parecidas: “Que legal, Coelho Netto é um autor pouco estudado!”; “Coelho Netto? Sério? Mas porquê?”; “Maneiro, é um autor que precisa ser mais pesquisado, sabemos pouco dele.”; “Gosto dele não!”... O que levanta uma pergunta importante, que acreditamos ser fundamental como um dos pontos de partida deste trabalho: por que, quase cem anos após a sua morte, um autor da magnitude de Coelho Netto, com a importância que teve para a literatura e política nacional enquanto vivo, foi praticamente condenado ao ostracismo, enquanto autores de menor notoriedade e reputação, pelo menos enquanto vivos, são constantemente lembrados em trabalhos acadêmicos?

Não buscamos aqui ser hipócritas: nós mesmos, antes de ter contato com o personagem deste trabalho, pouco sabíamos sobre ele, conhecendo mais o bairro do Rio de Janeiro que leva seu nome do que propriamente o homenageado. O primeiro contato com

Coelho Netto deu-se em uma disciplina da graduação, quando da leitura de *Footballmania*¹, de Leonardo Pereira.

Em certo momento da obra, Pereira apresenta os vários sentidos atribuídos ao jogo e como o mesmo foi recebido e significado por diversos grupos sociais. Quando aborda as discussões sobre o futebol entre os literatos, Pereira expõe a disputa entre Coelho Netto e Lima Barreto, o primeiro um fervoroso defensor do esporte, o segundo um notável degradador. Interessados pelo tema, buscamos outras fontes para aprofundar o estudo e, para nossa surpresa, pouco encontramos sobre Coelho Netto. “O escritor, que inspirava admirações incondicionais, ou admirações só discretamente pontilhadas de restrições, de repente viu-se não apenas questionado, mas violentamente negado”², já afirmava Franklin de Oliveira.

É nessa lacuna que surge nossa pesquisa. Em um primeiro momento focada na participação do literato no meio futebolístico e no sentido que atribuía a ele, quanto mais se aprofundava a leitura, mais fomos notando a necessidade da ampliação do objeto, de modo a não compreender o futebol como um fim para atuação de Coelho Netto, mas como um dos meios para a construção de uma nação mais civilizada e moderna.

Concomitantemente, o surgimento e aprofundamento da epidemia global de COVID-19 contribuiu para esse movimento, ao dificultar o acesso a acervos, fundos, bibliotecas e outros possíveis locais de pesquisa que jazeram abruptamente fechados devido à necessidade de isolamento social. Aliás, esse trabalho faz parte do grupo que futuramente será conhecido como “pesquisas da pandemia”, no qual a dificuldade do acesso às fontes, o medo, a perda, o luto e os danos psicológicos que o afastamento forçado da vida social infligiram ao pesquisador deverão ser, por si mesmos, objetos de estudo. Mas, retomemos.

Quanto mais inteirávamo-nos sobre Coelho Netto, mais percebíamos a necessidade de ampliar o tema de pesquisa, desfocalizando o futebol, e passando a compreender as várias áreas de atuação do mesmo para, quem sabe assim, sermos capazes de apreendermos seus anseios e estruturarmos suas aspirações, além de entendermos seu apagamento. Era necessário conhecer e compreender o autor, para só então compreendermos suas ideias.

O capítulo I surge dessa necessidade. Buscamos nele apresentar quem era Coelho Netto além de seus escritos e cargos políticos, mas conhecendo aqueles que o influenciaram, que o ajudaram a formar suas concepções literárias e seus sentidos sobre a sociedade e o

¹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

² OLIVEIRA, Franklin de. *A Semana de Arte Moderna na Contramão da História*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993, p.59.

nacionalismo. Personagens como sua mãe, a indígena Ana Coelho, seu tio Resende, colegas da Faculdade de Direito como Raul Pompéia, abolicionistas como José do Patrocínio, amigos como Olavo Bilac e Aluizio Azevedo, entre vários outros, contribuíram para formarem sua visão de mundo e seus ideais, e é através do relacionamento com eles que buscaremos conhecer melhor o autor tema desta pesquisa.

Ainda no mesmo capítulo, em um segundo momento, analisaremos o movimento que culminou no esquecimento de Coelho Netto pelos meios literários e acadêmicos, colocando-o em limbo e negligenciando sua contribuição para a formação da nação brasileira. Um dos grandes contribuintes nesse processo foi, sem dúvidas, o movimento modernista.

Para algo ser moderno, outro precisa ser antigo. Para algo ser novo, outro precisa ser velho. Para algo ser bom, outro precisa ser ruim. Colocado nesses termos, fica fácil compreendermos a lógica por trás do combate dos modernistas a Coelho Netto, que embora possuísse ideias similares a vários de seus membros, era tido como ultrapassado, sem conteúdo, focado apenas na beleza da forma sem se preocupar com grandes questões sociais, enfim, apenas um representante dos interesses burgueses.

Entretanto, não podemos considerar o Modernismo como único responsável. Bezerra, por exemplo, afirma que fatores econômicos e estruturais interferiam na escolha das obras que seriam publicadas pelas editoras. Era preferível reproduzir aquelas cujo potencial de vendas fosse maior, uma vez que o custo da impressão era elevado.

Além disso, o autor identifica outro fator que poderia diminuir o interesse da publicação dos livros de Coelho Netto: o tom memorialístico utilizado em algumas obras. Embora esse tipo de texto possa ter feito sucesso quando de sua primeira publicação, em dias atuais as mesmas aparecem como um passado distante, uma realidade não mais perceptível para o público leitor.³ A escrita parnasiana, muitas vezes cansativa, também é outro fator que não facilita a recepção da obra coelhonettiana.

A crítica dos modernistas à “falta de conteúdo social” na produção de Coelho Netto, embora tenha perpetuado-se, sendo repetida e tida como verdade até os dias atuais, não corresponde aos fatos, e é o tema do nosso capítulo II. Desde seu primeiro artigo publicado, ainda de maneira paga, o literato busca discutir os problemas da sociedade de então, focando, em um primeiro momento da sua carreira, na luta contra a escravidão e pelo abolicionismo.

³ BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. (Coleção PROPG Digital - UNESP), p.133. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109122>

O movimento republicano e o engrandecimento da nação brasileira, além da valorização da intelectualidade na sociedade, são outras causas às quais o autor se dedica fortemente ao longo da vida. Aliás, é através dessas questões que nos foi possível identificar, em seu *corpus* literário, o modelo de nação idealizada pelo autor, nação moderna, civilizada e valente. O conceito de nação imaginada elaborado por Benedict Anderson é de fundamental importância na demarcação da nação almejada por Coelho Netto.

Autores como Daniela Cândido e Renato Fernandez, como veremos no capítulo, delimitam três bases que servem de alicerce para o empreendimento nacional do autor: a política, a educação e o esporte. Acreditamos ser necessário acrescentarmos outro sustentáculo ao grupo: a cultura. Através dessas quatro bases, Coelho Netto constrói um modelo nacional para o fortalecimento da raça, o progresso da nação e a entrada do Brasil no rol dos países civilizados, deixando todas as máculas do atraso para o passado.

Embora tenhamos dividido, didaticamente, a sustentação da idealização nacional do literato em quatro bases, é importante termos em mente que as divisas entre elas são fluidas, com as mesmas atuando mais como temas transversais do que propriamente como categorias. Assim, temas como o futebol, por exemplo, podem ser tratados tanto como esporte, educação e política, ou o escotismo, que se enquadra nas quatro bases.

Uma vez delimitado o modelo de nação de Coelho Netto, bem como seus pilares, fazia-se necessário afinar a análise para entender como a construção da mesma ocorreria na prática, no dia a dia, atingindo àqueles que deveriam ser os produtores e maiores beneficiados dessa mudança: a sociedade. Para definirmos o objeto, optamos por aquela que, durante toda a carreira, foi a grande aliada do autor: a literatura. Assim, nossa pesquisa que começara com o objetivo de identificar o papel do futebol na construção da nação idealizada pelo literato, agora ruma à sua área principal de atuação, a escrita, buscando nela os meios utilizados por Coelho Netto para edificação da pátria.

Ainda assim, tratamos de um dos autores com maior fortuna literária do país, sendo praticamente impossível um pesquisador dar conta de toda sua obra, que dirá no espaço de um mestrado. Era necessário refinar mais. Buscar produções que não só apresentassem a nação idealizada por Coelho Netto, mas que agissem efetivamente para a construção da mesma, guiando os leitores pelo caminho construído pelo autor, de modo a garantir que sua projeção se realizasse. É nesse contexto que um livreto publicado pelo literato, com o apoio da Liga de

Defesa Nacional, surge como o objeto ideal para nosso objetivo. Estamos falando do *Breviário Cívico*⁴, publicado pela primeira vez em 15 de novembro de 1921.

Com um caráter de manual cívico e distribuído gratuitamente, o *Breviário* surge para nossa pesquisa como um meio de apreendermos como, na prática, funcionaria a construção nacional idealizada pelo autor. Dividido em seções, a obra contém definições e resumos dos principais elementos que compunham a nação coelhonettiana, bem como apresenta os valores desejados para a população, os modelos de civismo, patriotismo e homem ansiados pelo literato, bem como análise do modelo político ideal - o republicano -, a forma de culto e adoração da pátria que o intelectual julgava ser a correta, entre vários outros aspectos que formariam a raça brasileira e que, se bem empregados, levariam o Brasil ao progresso e elevariam a pátria ao conjunto da elite mundial.

Chegamos então à questão central da pesquisa e que buscaremos responder até o fim do trabalho: qual era o modelo de nação idealizada por Coelho Netto e como ele era explicitado no *Breviário Cívico*? É possível, a partir da obra, compreendermos os principais elementos dessa nação e como eles seriam colocados em prática para atingir o patamar desejado pelo autor? São essas algumas das indagações que buscamos responder no terceiro capítulo, onde analisaremos exclusivamente a referida obra.

Para tal, adotamos como metodologia principal a análise do discurso presente no *Breviário*, levando em consideração como o mesmo aparece ao longo do livro e no restante da obra do autor, buscando nos detalhes, nem sempre tão escondidos, os significados e significantes que Coelho Netto busca transmitir em seu texto, e os sentidos que busca construir juntamente ao seu leitor.

Estamos cientes da dificuldade de se pesquisar um autor condenado ao ostracismo, e não temos, pelo menos não como objetivo principal, retirarmos, por contra própria, Coelho Netto dessa posição. O presente trabalho visa contribuir para a compreensão das ideias de Coelho Netto, de modo que seja possível situá-lo entre os intérpretes do Brasil, recuperando, em parte, aspectos de sua recepção.

Se conseguirmos fomentar, no leitor e em nossos pares, a compreensão da importância de se estudar um autor que, ao longo de sua vida, buscou de várias maneiras a emancipação, o

⁴ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1970. A 1ª. edição foi publicada pela Liga de Defesa Nacional por meio da Empresa Industrial Editora "O Norte", do Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1921. A capa da primeira edição informa que a distribuição da obra foi gratuita.

fortalecimento e o progresso de sua nação, atuando em diversas frentes simultaneamente, já nos daremos por satisfeitos.

E para que não alonguemos mais do que o necessário essa breve introdução, “ponho aqui o ponto final porque, se me demoro mais um segundo, fico a ver navios e o que eu desejo ver não é propriamente uma revista naval, mas a decisão do campeonato”.⁵

⁵ COELHO NETTO, H. Às pressas. *In: A NOITE*, 29-05-1919, p. 1.

CAPÍTULO I

Uma mistura de ideais

*“Não sabem eles que o artista é o resultado
de mil influências desencontradas”
(Coelho Netto)⁶*

O dia 11 de outubro de 1942 começou agitado na sede do Fluminense Football Clube, no bairro de Laranjeiras. Era dia de Fla x Flu, válido pelo campeonato carioca daquele ano. Porém, o grande evento do dia ocorreria antes da partida: a cerimônia de entrega de um avião para a FAB, comprado pelos sócios tricolores.

O país estava em guerra. Em agosto daquele ano, Getúlio Vargas declarou “Estado de Beligerância”, em resposta a pressão que sofria da população e dos Estados Unidos e em consequência ao ataque alemão a seis navios brasileiros. Porém, o Brasil não estava preparado para um confronto bélico, tendo pouquíssimos equipamentos militares e capacidade de preparação das tropas. Várias entidades civis buscaram auxiliar o governo na preparação para a guerra, seja com doação de materiais e equipamentos, com treinamentos para médicos e enfermeiros ou até mesmo cedendo espaços para treinos.

Marcos Carneiro de Mendonça, ex-goleiro e então presidente do Fluminense, foi um dos grandes entusiastas da causa. Disponibilizou o estande de tiro do clube para o treinamento dos soldados que foram para Europa, ofereceu curso de enfermagem, capacitando 85 profissionais que seriam enviados para Itália, e iniciou uma campanha para arrecadação de fundos entre os sócios para compra de um avião a ser doado à FAB.

Em uma carta direcionada aos sócios, intitulada *Tricolor! É este o teu “prefixo de guerra”*, de 23 de setembro de 1942, Carneiro de Mendonça reforça o esforço patriótico que o clube promovia:

O Brasil está em guerra. Devemos ter sempre em mente a responsabilidade que cabe a cada um de nós na defesa da Pátria e na defesa do Continente. Cada brasileiro deve ser um soldado alerta, pronto para lutar pela nossa independência, pela nossa cultura, *pela nossa civilização*. De pé, ao lado das grandes nações democráticas, estamos também lutando pela

⁶ RIO, João do. *Momento Literário*. Fundação Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>. Acesso em: 21/12/2021.

liberdade e pela justiça entre os povos, contra a opressão e a tirania do inimigo comum. Todas as nossas ações, todos os pensamentos, devem se orientar nesta hora grave, no sentido de esforço coletivo para a Vitória.⁷ (grifo nosso)

A campanha recebeu apoio de grandes figurões do período, como Assis Chateaubriand, membro da Campanha Nacional de Aviação e presidente do grupo Diários Associados, e o jornalista e imortal Austregésilo de Athayde, então dirigente do Diários Associados, que discursaram no comício cívico de 23 de setembro de 1942 realizado no clube.⁸ No total, a campanha encabeçada por Carneiro de Mendonça conseguiu arrecadar Cr\$ 155.000,00 Cruzeiros, valor suficiente para a compra de um monomotor, modelo Fairchild PT-19.

O estádio de Laranjeiras estava lotado no horário da cerimônia. O presidente tricolor começou proferindo um discurso sobre a importância do avião para a defesa da pátria, o sentimento de pertencimento nacional e, sobretudo, a necessidade de se preservar o modelo civilizacional brasileiro.

Por fim, coube a Carneiro de Mendonça batizar, com uma garrafa de champanhe, o monomotor em homenagem a um importante personagem, que enquanto vivo teve participação ativa no clube e buscou se pautar na defesa da questão nacional: o literato maranhense Coelho Netto.

Imagem 1 - Monomotor modelo Fairchild PT-19 batizado em homenagem ao escritor Henrique Coelho Netto.



Fonte: FluMemória.

⁷ Carta aos Sócios. In: NEVES, Marcello. et. al. Laranjeiras 100 anos: a contribuição do estádio na luta contra os nazistas. *Lance!* Rio de Janeiro, 06 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.lance.com.br/fluminense/laranjeiras-100-anos-contribuicao-estadio-luta-contra-nazistas.html>

⁸ *Diário da Noite*, 22/09/1942, P.3

Ao longo de sua carreira, o literato maranhense Henrique Maximiano Coelho Netto (1864-1934) gozou de bastante reconhecimento público. Autor de mais de 120 livros publicados e outros tantos não publicados, milhares de contos, fábulas, palestras, hinos, conferências, entre outros, o autor possui talvez o maior acervo já escrito por um único autor nacional.

Esse reconhecimento público foi fruto de uma escolha de vida que, de certo modo, obrigava o autor a produzir constantemente. Coelho Netto escolheu viver apenas da escrita em uma época em que pouco se ganhava financeiramente por este trabalho. Como possuía uma família numerosa, o autor acabou tendo que escrever diariamente para diversos jornais, tanto do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, para conseguir se manter financeiramente, em uma jornada de trabalho que começava às seis da manhã e durava até o anoitecer, pausando apenas para almoçar.⁹

Se por um lado essa carga de trabalho fez com que o literato conquistasse muitos fãs, chegando a ser eleito como o Príncipe dos Prosadores Brasileiros em votação popular realizada pela revista *O Malho* em 1928, por outro atraiu bastante atenção de críticos, que viam sua escrita como um apanhado de palavras difíceis com pouco conteúdo.

De fato, ler Coelho Netto nem sempre é uma tarefa fácil. O autor abusa de uma linguagem com palavras pouco usuais, fazendo com que até em dias atuais seja necessário o uso de um dicionário para total compreensão. Ciente de tais críticas, o literato se justificava ao afirmar que a palavra vive do adjetivo que é seu ponto de inflexão.¹⁰ Para ele não se tratava de uma questão de vocabulário pouco utilizado, mas sim de uma busca pelo termo exato, o que o levou a atingir um léxico com mais de 20 mil palavras.¹¹ A busca pela palavra pura e uma imaginação extremamente fértil são características fundamentais da obra de Coelho Netto.

Quanto à crítica sobre o conteúdo de seus textos, podemos perceber uma certa má vontade ou até mesmo falta de leitura de quem faz esta proposição¹². Em vários momentos da carreira do autor, podemos observar como sua escrita se funde à história nacional e como seus artigos em jornais tratam tanto de temas cotidianos como de temas políticos, muitas vezes

⁹ RIO, João do. *Momento Literário...*

¹⁰ RIO, João do. *Momento Literário...*

¹¹ MORAES, Marcos Antonio de. Às Quintas no tempo modernista. pp. XX-XXI. In: COELHO NETO. *Às quintas: janeiro de 1921 a dezembro de 1923*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

¹² Nos aprofundaremos na questão no subcapítulo 1.4.

sendo escritos quase que de forma enigmática para não serem censurados ou para que o autor não sofresse perseguições.

Estudar o escritor Coelho Netto é, antes de tudo, estudar a pessoa Coelho Netto. Para compreender o que foi escrito, é necessário antes compreender o *porquê* e o *como* foi escrito. Como toda pessoa, o autor sofreu influências ao longo de sua vida que o levaram a mudar de opinião, recusar proposições, questionar conceitos e mudar sua forma de enxergar o mundo. Todas essas questões são importantes para que possamos compreender quem era o Coelho Netto no momento de publicação de seus textos e a razão pela qual ele os escreveu.

Sobre suas influências literárias, o autor é taxativo:

Para a minha formação literária [...] não contribuíram autores, contribuíram pessoas. Até hoje sofro a influência do primeiro período da minha vida, no sertão. Foram as histórias, as lendas, os contos ouvidos em criança, histórias de negros cheias de pavores, lendas de caboclos palpitando encantamentos, contos de homens brancos, a fantasia do sol, o perfume das florestas, o sonho dos civilizados... Nunca mais essa mistura de ideais deixou de predominar, e até hoje se faz sentir no meu ecletismo. A minha fantasia é o resultado da alma dos negros, dos caboclos e dos brancos. É do choque permanente entre esse fundo complexo e a cultura literária que decorre toda a minha obra.¹³

Neste capítulo buscaremos compreender melhor a pessoa Coelho Netto. Em um primeiro momento trataremos de sua infância, quando as primeiras referências literárias, principalmente de seu tio Resende, ajudaram a despertar no autor o gosto pela literatura e influenciaram sua futura produção.

Após isso, será no início da carreira de Coelho Netto que buscaremos captar os elementos que levaram um jovem advogado promissor a abandonar a faculdade e tentar buscar a vida através da pena. O contato com seus amigos escritores, a vida boêmia no Rio de Janeiro, e as dificuldades do início de carreira nos ajudarão a perceber como o autor foi moldando seu próprio estilo de escrita e quais sentidos ele atribuiu à literatura.

Por fim, esquadriharemos as críticas ao seu trabalho e como elas foram responsáveis por levarem o autor a um quase ostracismo, e as examinaremos através de uma perspectiva não apenas literária, mas também com um olhar sobre o conteúdo de suas obras.

1.1 O Dicionário e o Guarda-livros

Quando o menino Henrique, de apenas 6 anos, desembarcou no Rio de Janeiro em 1870, vindo da cidade de Caxias no Maranhão, talvez imaginasse que um dia pudesse se

¹³ RIO, João do. *Momento Literário...*

tornar um grande escritor. Naquela tenra idade já vinha demonstrando seu interesse pelas letras, embora, muitas vezes, tivesse de escondê-lo.

Seu pai, o comerciante português Antônio da Fonseca Coelho, não gostara nada quando descobrira os primeiros poemas escritos pelo menino, escondidos entre as páginas de um velho dicionário. Sua mãe, a indígena Ana Silvestre Coelho, que o mesmo sempre descrevia como “civilizada”, também não ficara contente com o interesse do filho, já antevendo o rebento vagando pelas ruas da cidade esmolando de casa em casa para sanar a fome.

Em seu *Canteiro de Saudades* (1927) o autor lembra da promessa feita a si mesmo, diante da decepção dos pais: jamais voltaria a escrever, mesmo que “os versos me afluíssem prontos, com imagens e rimas, como vêm à haste as flores com cor viçosa e trescalado aroma”.¹⁴ Assim como a morte detém a vida eterna, romper sua promessa mostrar-se-ia inevitável para o menino Henrique.

Quando deixaram o interior do país e mudaram para a Corte, devido a Antônio da Fonseca ter tido problemas após se envolver com a política no Maranhão, a família teve de conviver com os fracassos dos negócios montados pelo pai, e em alguns momentos depender apenas da renda de costureira da mãe. Embora tivesse dificuldade em seus empreendimentos, seu pai não parecia desistir e continuamente buscava formas de, através do seu esforço pessoal, sustentar sua família. Sua mãe, que o autor em vários momentos classifica como uma pessoa bastante carinhosa e que sempre lutou para sustentar os seus, fazia o possível para manter sua casa em prumo e apostava no esforço escolar do filho para que o mesmo tivesse sucesso no futuro.

Ainda em *Canteiro de Saudades*, o literato constrói uma imagem de pobreza e modéstia para sua infância, que como bem salientou Pereira, não condiz com suas próprias descrições da casa onde vivia.¹⁵ Embora não fosse rico e em alguns momentos passasse realmente por dificuldades financeiras, que não permitiam pequenos luxos como um presente de Natal¹⁶, o autor pôde ter uma infância onde os estudos fossem sempre sua prioridade.

¹⁴ COELHO NETTO, H. *Canteiro de Saudades*. Porto: Livraria Chardron, 1927, p.179.

¹⁵ Como demonstra Pereira, a casa de Coelho Netto possuía quintal e água encanada, separação de ambientes e decoração com molduras em ouro, o que era bastante distante da realidade das famílias pobres da Corte, que viviam em cortiços ou casas compartilhadas. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Coelho Netto: um antigo modernista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016, p.35.

¹⁶ COELHO NETTO, H. *Canteiro de Saudades...* p. 31.

Uma das pessoas mais importantes desse período da vida do jovem Henrique, foi seu tio paterno Resende. Descrito como “bondoso e de paciente coração”,¹⁷ coube a ele a responsabilidade de recepcioná-los na Corte quando chegaram do Maranhão. Morando há mais tempo no Rio de Janeiro era solicitador,¹⁸ profissional especializado em elaborar contratos e minutas entre duas partes,¹⁹ e guarda-livros, profissão hoje conhecida como contador.²⁰

Paulo Dantas, em sua biografia sobre nosso protagonista, nos diz que tio Resende possuía o hábito de pegar o jovem Henrique no colo e passar agradáveis momentos com ele aos fins da tarde. Na obra do literato podemos ter uma ideia melhor do prestígio e carinho que ele dedicava ao tio e que vinculava à profissão de guarda-livros.

Em seu primeiro romance, *Capital Federal* (1893),²¹ o autor nos conta a história do sertanejo Anselmo Ribas,²² que ao visitar seu tio Serapião Ribas, se decepciona com a tal cidade grande que seria o Rio de Janeiro. Seu tio mostra a Anselmo os principais pontos históricos e culturais da cidade, inclusive a desejada rua do Ouvidor, que para desgosto de um esperançoso sertanejo, nada mais era que uma “viela atarracada e sórdida”.²³ Apesar de demonstrar a decepção de seu eu-lírico, Coelho Netto nos faz perceber como os conselhos e conversas com o tio Ribas foram importantes para que, em um segundo momento, Anselmo se encantasse com a capital federal e percebesse a rua do Ouvidor não mais como uma mera viela, mas como local pulsante da intelectualidade e da economia nacional, encantando-se pelo mundo boêmio que, como veremos mais adiante, também dominara seu criador.

Em *O Morto* (1898), o autor descreve o guarda-livros Antero Forjaz como “homem de boas leituras” que exercia seu cargo com a “mais perfeita exatidão”, que se vestia “sempre

¹⁷ DANTAS, Paulo. *Coelho Neto*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.]. (Grandes Vultos das Letras, n. 4) p. 20.

¹⁸ DA ROSA BORDIGNON, R. Coelho Netto, o “homem com profissão”. *Tempo Social*, [S. l.], v. 32, n. 2, p. 79-100, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/168692>. p. 84.

¹⁹ Tal profissão não existe mais no Brasil. Em Portugal, pelo contrário, ela ainda existe e para exercê-la é necessário graduação em Solicitoria ou Direito, além da inscrição na Ordem dos Solicitadores e dos Agentes de Execução.

²⁰ Isabel Sartorelli e Eliseu Martins apresentam uma importante contribuição sobre o estudo do ofício de guarda-livros ao investigar a possibilidade e inferir que Machado de Assis, enquanto funcionário público, exerceu esta função. Esta conclusão, entretanto, não é unânime entre os estudiosos do autor. Ver: SARTORELLI, I. C.; MARTINS, E. Machado de Assis, guarda-livros? *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 30, n. 88, p. 271-291, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/124284>. Acesso em: 25 nov. 2021.

²¹ Uma excelente análise sobre a percepção de Anselmo Ribas, e por conseguinte de Coelho Netto, pode ser lida em: CRUZ, E.; PÓVOA, P. H. A. A cidade maravilhosa: uma percepção de Coelho Neto sobre a construção de um ideal de Rio de Janeiro. *Nonada: Letras em Revista*, n. 28, vol. 1. maio de 2017, pp. 194-209.

²² O principal de seus muitos pseudônimos.

²³ COELHO NETTO, H. *A Capital Federal*. Impressões de um sertanejo. 5ª ed. Porto: Livraria Chandron, 1924, p.80.

com esmero”. Além do ofício, era violoncelista, escrevia crônicas para um jornal de Lisboa, era fluente em inglês e conhecedor dos clássicos, estando sempre pronto para contar um fato ou “palestrar” à mesa, muitas vezes sendo até indiscreto e um tanto mentiroso.²⁴

Em *Esfinge* (1925), Coelho Netto descreve o guarda-livros Basílio como o morador da pensão que mais enlouquecia sua dona, Miss Barkley, julgando extremamente necessário manter seus vários livros, jornais e revistas espalhados pelo chão da pensão, encontrando ordem na desordem.²⁵ Também é possível encontrar citação ou personagens desse ofício em *Água de Juventa* (1905), na peça teatral *O Dinheiro, Bonança e o Intruso* (1918), *O Turbilhão* (1906), em uma das crônicas da série *Fagulhas*, publicada no *Gazeta de Notícias* em 1898, entre outras várias produções.

Considerado pelo sobrinho como seu “primeiro mestre”, o tio foi o responsável por despertar nele o interesse pelas letras.²⁶ Com o costume de sentar-se à noite para folhear “grandes livros de assentamentos”²⁷ e dado “ao estudo dos clássicos portugueses e latinos”,²⁸ é possível imaginarmos o fascínio que Resende despertou em seu sobrinho.

Paulo Coelho Netto, biógrafo e filho do literato, nos conta que o contato com o tio foi um período extremamente profícuo para seu pai, possibilitando-o traduzir do latim com apenas 8 anos e ler Cícero no original aos 11.²⁹ Paulo Dantas ressalta que Henrique possuía “excepcionais qualidades de inteligência aguda e precoce”,³⁰ tendo impressionado a todos nas escolas por onde passou. Não é de se espantar, então, que com apenas 15 anos já ajudava nas contas de casa ao ministrar aulas particulares, cobrando a quantia mensal de 5\$000 mil-réis por aluno.

Mas foi em 1881, aos 17 anos, que Henrique começou a “se tornar” Coelho Netto. O adolescente, ainda um estudante do Colégio Pedro II, publicara sua primeira poesia, na seção “A pedidos” do *Jornal do Commercio*, intitulada *No Deserto*,³¹ tendo que pagar do próprio bolso pela reprodução. Como bem explicitam Pereira³² e Gonçalves³³, o fato de a poesia ser

²⁴ COELHO NETTO, H. *O Morto*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994. Capítulo 6.

²⁵ COELHO NETTO, H. *Esfinge*. 3. ed. Porto: Hillaud e Bertrand, 1925. p.12.

²⁶ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. Conferencia realizada na Academia Carioca de Letras a 20 de novembro de 1956. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1957. p.7

²⁷ COELHO NETTO, H. *Canteiro de Saudades...* p. 33.

²⁸ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida...* p.7.

²⁹ *Ibidem*.

³⁰ DANTAS, Paulo. *Coelho Neto...* p.20

³¹ “A Pedidos”. *Jornal do Commercio*, 17 de dezembro de 1881.

³² *In*: PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p.43

³³ GONÇALVES, Marcia Rodrigues. *O Rio de Janeiro de Coelho Neto: do Império à República*. Tese (Doutorado) - UFRGS, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016. p. 17

publicada em uma seção paga demonstrava a dificuldade enfrentada por um aspirante a escritor no período.

Já em sua primeira publicação, é possível vermos o quanto a questão social influenciaria a produção do autor. Embora ainda inexperiente e em busca de um estilo próprio, o autor fazia do poema uma apologia ao abolicionismo:

É Noite! O simum uiva furente.
O luar doura o areal ardente.
Treme o palmeiral.
O caimão dormita além da brenha,
A cascata ruidosa se despenha
N'um lago de cristal.

Brame iroso o tigre beluíno,
Atravessa o Saara o beduíno
À frente dos camelos;
Se ergue no deserto a múmia eterna;
Sai a África do fundo da caverna
Envolta nos cabelos.

Caminha arrastando os férreos grilhos,
Grita, procura, chama pelos filhos,
O eco lhe responde.
Desliza oculto e vagaroso o Nilo,
Ouvindo o eco, lesto o crocodilo
No caniçal s'esconde!

Escravo! Brada a esfinge sibilando.
Escravo! Diz a brisa s'embalando
Nas folhas do baobá.
Maldito seja o dia em que o formoso
Chan tu viste e disseste: 'sê meu esposo...
Serei tua Eloá!³⁴

O poema, entretanto, não teve o sucesso esperado. Ao tratar sobre uma terra distante, uma África que agonizava diante da dor de seus filhos expatriados, utilizando de termos pouco usuais para época, Coelho Netto não conseguiu atrair o interesse do público para sua

³⁴ COELHO NETTO, H. No Deserto. "A pedidos", *Jornal do Commercio*, 17 de dezembro de 1881.

obra além de não obter ganhos financeiros com ele. Meses depois, uma nova tentativa: dois contos enviados ao jornal *Gazetinha*, sob direção de Favilla Nunes. Aluizio de Azevedo, colaborador do periódico, serenamente o aconselhou a procurar outro ofício, o que segundo Coelho Netto, doeu-lhe no íntimo.³⁵

Porém, se as primeiras tentativas de começar uma carreira iam de mal a pior, tudo começaria a mudar quando, em 1893, após um período pouco proveitoso na faculdade de Medicina, o jovem Coelho Netto se transferiu para São Paulo onde matriculou-se na Academia de Direito de São Paulo.³⁶

Se na infância e adolescência sua grande influência, e, porque não, referência literária, era seu tio Resende, ao mudar-se para a capital paulista, seu leque de referências aumentou consideravelmente. Entra em cena uma nova etapa na incipiente carreira de Coelho Netto, um período de grande formação para o autor, que ao mesmo tempo em que buscava se afirmar como um literato, tentava delinear perfeitamente seu estilo literário, sempre conciliando esses objetivos a um maior: a mudança no *status quo* da sociedade brasileira através da luta abolicionista.

1.2 A Literatura como Missão e a Palavra como Arma

Quando chegou em São Paulo, em março de 1883, o jovem Coelho Netto trazia consigo, além de roupas e livros para estudo, uma grande responsabilidade: corresponder às expectativas de sua mãe, que mesmo com dificuldades, o sustentaria na capital paulista com uma mesada de 70\$000 mil-réis,³⁷ uma quantia considerada alta para época.

A estadia em São Paulo foi muito importante para a formação técnica e humanística do literato. Morando longe de casa, Coelho Netto conviveu com várias pessoas com trajetórias diferentes da sua. Na crônica *Um Sábio*, publicada em seu livro *A bico de pena* (1904), o autor nos conta um pouco sobre como se desenvolveu sua situação logo na chegada à cidade e um pouco da “amostra grátis” recebida dos seus companheiros de estudo.

Chegando à noite na capital paulista, Coelho Netto logo se deparou com uma procissão que enchia as ruas. Com muita dificuldade, o carro que o levava ao Hotel da Boa Vista, conseguiu driblar os devotos e deixá-lo em sua nova residência. A maioria dos

³⁵ MORAES, Péricles. *Coelho Neto e sua obra*. Manaus: Fundo Municipal de Cultura, 2016. p. 119.

³⁶ Ibidem.

³⁷ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942, p. 147.

hóspedes do local era composta por estudantes, que assim como o autor, vinham à província para continuar sua formação.

O literato nos conta que fora recebido pelos demais como “galos antigos do poleiro recebem os novos”. Porém, se o ambiente da estalagem permitia zombaria e divertimento, ele também propiciava campo para diversos debates, alguns até mesmo acalorados, sobre temas variados. O daquela noite era a tal procissão que Coelho Netto vira ao chegar.

Segundo o autor, Erico, um dos moradores do local, descrito como “agudo” e de “óculos brilhantes no nariz afiado”, constantemente criticava o evento, que representaria uma miséria moral, entupindo as ruas com um fanatismo religioso, e aromatizando a cidade com cheiro de suor e banha. Para o estudante, o Estado deveria intervir para impedir que cortejos como aquele ocorressem em uma cidade civilizada.

Outros estudantes continuaram o debate, alguns defendendo o evento e a necessidade religiosa do mesmo, outros concordando com Erico, até que alguém lembrou de pedir a opinião do hóspede recém-chegado. Coelho Netto conta que tremeu de nervoso com aquela situação e por fim convidou a todos para continuarem assistindo a procissão.

Episódios como este passaram a fazer parte da rotina de Coelho Netto, que constantemente era levado a expor sua opinião sobre determinado assunto, o que foi lhe dando mais confiança para se posicionar e até mesmo iniciar alguns debates. Nesse cenário, a importância de seus colegas acadêmicos foi fundamental, principalmente na faculdade de Direito, levando o autor a ter contato com o que Silvio Romero chamou de “um bando de ideias novas”.³⁸

A Academia de Direito de São Paulo possuía uma conduta conservadora sobre as questões políticas que estavam em voga no país. Questões como o abolicionismo, por exemplo, eram fortemente censuradas, e seus defensores retaliados. Novamente na crônica *Um Sábio*, Coelho Netto lembra um dos professores que tivera na instituição, de nome Justino, a quem admirava por seu conhecimento e alto valor moral mas criticava por suas posições retrógradadas, reputando-o como o “último remanescente ferrenho do arcaísmo”.

Em contraste a essa postura dos professores, um grupo de estudantes terceiranistas estava empenhado na luta contra a escravidão, sendo algumas de suas lideranças jovens como Raul Pompéia, Valentim Magalhães e Olavo Bilac. Segundo Leonardo Pereira, essa geração, contemporânea ao processo que culminaria no abolicionismo, baseava-se em interpretações

³⁸ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p.37

próprias de autores como Proudhon e Comte, e via-se como personificação do novo tempo, onde o mal da escravidão seria algo superado e a República colocaria o Brasil no rol de nações civilizadas.³⁹

Nicolau Sevcenko afirma que uma das características da “geração de 70” era a condenação de uma sociedade imperial fossilizada, presa ao arcaísmo, e a luta por grandes reformas – como o abolicionismo e o republicanismo – como forma de redenção da nação.⁴⁰ Era preciso modernizar e reestruturar o país dos pontos de vista político e social, através da integração na unidade internacional e da elevação cultural da população.⁴¹ A intenção dos intelectuais de se colocarem como condutores da nação também é percebida pelo autor, que afirma que eles buscavam se apresentar como os únicos capazes de indicar os caminhos seguros para a sobrevivência e o futuro da pátria.⁴²

Daniela Candido vai na mesma direção de Pereira e Sevcenko. Para a autora,

‘a geração de 70’, que entendemos ser a matriz da boêmia literária, deixou fortes marcas em todos os intelectuais deste período. O modelo cientificista, a ideia de que o intelectual é o condutor por excelência da nação (consenso na crença do poder das ideias) e que a criação artística deve ser utilizada como agente de mudança social, perduraram durante toda a *belle époque* carioca.⁴³

Contemporâneo de Coelho Netto no Colégio Pedro II, Raul Pompéia foi um dos principais pontos de apoio do autor na capital paulista. A proximidade entre os dois acabou levando Coelho Netto a uma maior participação na causa abolicionista, que em seu primeiro poema demonstrava timidamente apoiar, mas que agora ganhava relevo em seus assuntos de interesse.

Em 1883, depois de uma confusão entre os alunos abolicionistas e um jornal local, alguns estudantes seriam reprovados pelos professores da Academia em represália ao conflito. Entre eles estava Coelho Netto, que publicara alguns artigos e versos insultando o jornal. Sobre a situação, Pompéia vociferou:

O rapaz não tem simplesmente que cumprir as obrigações comuns do estudante [...], precisa mais enroupar-se da hipocrisia do seminarista e mascarar-se de sorriso humildes e complacentes do laçao. Aquele que não quiser sujeitar-se está perdido.⁴⁴

³⁹ PEREIRA, *Um Antigo Modernista...* p.49

⁴⁰ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.78

⁴¹ Ibidem, p.79.

⁴² Ibidem, p.82.

⁴³ CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos: Coelho Neto e a Construção da identidade brasileira*. UFRJ, 1998. p. 26.

⁴⁴ PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935. p. 145.

No mesmo ano, o autor parte para Recife onde prestaria os exames finais do primeiro ano da faculdade de Direito, sendo aprovado. Na capital pernambucana Coelho Netto, mesmo não se instalando por muito tempo, voltando logo depois das provas finais para São Paulo afim de cursar o próximo ano, encontrou um ambiente muito mais receptivo ao abolicionismo, fator esse que permitiu um maior aprofundamento na causa, além de um fortalecimento de suas posições quanto aos malefícios da escravidão. Uma das maiores influências do autor nesta sua passagem pela “Veneza brasileira” foi Tobias Barreto, um dos grandes nomes da “Escola de Recife”. Barreto possuía um perfil mais combativo: quando estudante foi “rival” de Castro Alves, com quem debateu diversas vezes. Ao tornar-se professor da Faculdade de Direito de Recife rompeu com o que Alfredo Bosi classificou como escolasticismo, que até então predominava na academia local, e propôs vertentes mais laicizadas do Direito.⁴⁵ Talvez por isso Coelho Netto o classificava como um de seus grandes mestres.⁴⁶

No retorno a São Paulo, Coelho Netto teve, segundo Pereira, a oportunidade perfeita para estreitar vínculos com outros estudantes partidários da mesma causa.⁴⁷ Morando com Pompéia, o segundo ano da faculdade foi de intensa participação política, mas sobretudo, de aprimoramento de sua instrução literária. Sobre o amigo, o literato afirma que “foi o homem que me preparou o espírito, que andou comigo pelos dias heroicos, que acendeu em minh’alma a paixão do livro e fez dos gênios os deuses da minha religião”.⁴⁸

Em São Paulo, Coelho Netto começou a dividir seu tempo entre os estudos e a sua atuação pelo abolicionismo. Juntamente com Pompéia e outros colegas⁴⁹ participou de alguns jornais acadêmicos, sempre defendendo a luta contra a escravidão, chegando a se tornar editor de alguns.

Mesmo obtendo sucesso na faculdade de Direito, aos poucos nosso protagonista foi começando a perceber que sua paixão talvez não fosse correspondida pela letra fria das leis, mas sim pela tinta ardente com a qual podia expressar suas ideias e defender suas convicções.

A literatura apresentava-se para Coelho Netto não apenas como uma forma de expressar suas ideias e opinião sobre as coisas, mas sobretudo como arma para mudar o *status quo*. Leonardo Pereira define bem o ideário dos escritores que viam tal poder na literatura ao

⁴⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª edição. - São Paulo: Cultrix, 2006. p. 165.

⁴⁶ MORAES, Pércles. *Coelho Neto e sua obra...* p.119

⁴⁷ PEREIRA, *Um Antigo Modernista*, p. 53.

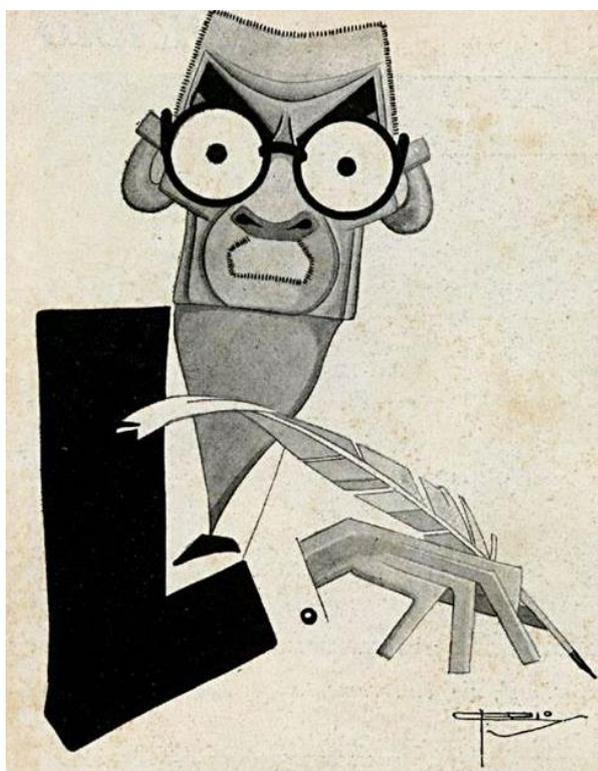
⁴⁸ COELHO NETTO, H. *Páginas Recolhidas*: Seleccionadas, prefaciadas e anotadas por Paulo Coelho Netto. 2ª Edição (Ampliada) – Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957, p.87-88.

⁴⁹ Podemos citar autores como Rivadávia Correia, Luiz Lemos, Vicente de Carvalho, Edmundo Barreto, entre outros.

dizer que “embora fosse como homens de letras que se colocavam na luta, partiam de uma concepção sobre a literatura na qual o engajamento, mais do que opção, era uma necessidade”.⁵⁰

A literatura não deveria ser vista apenas como uma forma de se manter financeiramente. Mais do que isso, ela era uma missão. Seus textos, mesmo quando não são explícitos, deveriam sempre questionar a sociedade, propondo mudanças após muita observação social. Mais do que diagnosticar os males comuns, era às propostas de intervenção para solucioná-los que se dedicava a escrita de Coelho Netto.

Imagem 2 - Caricatura de Coelho Netto com sua pena em punho.



FONTE: O Malho, 14-04-28.

1.3 A Conquista e o Desencanto

O ano de 1885 marca definitivamente a escolha de Coelho Netto pela literatura. O autor abandona a Academia de Direito e retorna ao Rio de Janeiro, então Capital Federal, centro da intelectualidade e de frenética produção literária. Embora a Corte Imperial fosse bastante conhecida pelo autor, sua vivência na cidade em seu retorno seria completamente diferente do que já experimentara.

⁵⁰ PEREIRA, *Um Antigo Modernista*, p.57

O Rio de Janeiro do fim dos anos oitocentistas era uma metrópole dividida entre a tradição e a modernidade. Enquanto a cidade estava sendo revitalizada, com a construção de prédios imponentes, demolições de cortiços, ampliações de ruas e remoções de populações consideradas indesejadas no centro da cidade, processo esse que ganharia fôlego anos depois, na chamada “Reforma Passos”,⁵¹ boa parte de sua população ainda conservava modos de vida e costumes de uma cidade que não mais poderia existir. Laíne Mendes definiu bem este momento ao dizer que o esforço inicial era pela transformação do “corpo” da cidade para depois transmutar-lhe a “alma”.⁵²

Nesse cenário, onde o modelo cientificista predominava, ganha força a crença de que os intelectuais seriam os condutores do progresso da nação, e sua obra seria o meio pelo qual realizariam as mudanças sociais. E o principal jeito de divulgar suas ideias seria o jornalismo que passou a oferecer um amplo mercado de trabalho aos intelectuais muito graças ao aumento do número de jornais e revistas e, principalmente, ao aumento do público leitor.⁵³

Apesar de muitas vezes ser o principal meio de sustento e de divulgação dos pensamentos e ideais dos intelectuais, o jornalismo não era bem aceito por todos. Os contrários aos periódicos criticavam sua rapidez, que não permitia a contemplação e a maturação das ideias, esgotando os escritores mentalmente, uma vez que eles necessitavam escrever mais para obter retorno (financeiro e notoriedade) ao invés de focar na qualidade de suas produções,⁵⁴ além de ser um espaço ocupado também por questões frívolas, como a propaganda e notícias do cotidiano, o que desvalorizava, segundo estes, a arte literária. Guimarães Passos resumiu bem a percepção do grupo contrário à prática jornalística pelos intelectuais: “O jornalismo é o balcão. Não pode haver arte onde há trocos; não pode haver arte onde o trabalho é dispersivo”.⁵⁵

Mesmo negado por parte da intelectualidade, é inegável a importância dos periódicos para a formação literária de muitos autores, que neles começaram suas carreiras e deles retiravam seu sustento. O maior exemplo talvez seja Coelho Netto, que ao retornar ao Rio é

⁵¹ Francisco Franco Pereira Passos foi prefeito do Distrito Federal entre o final de 1902 e 1906, e um dos grandes responsáveis por encabeçar e coordenar as mudanças estruturais para que o Rio de Janeiro se tornasse uma cidade capaz de suportar toda a carga de responsabilidade de ser a capital de um país moderno.

⁵² MENDES, Laíne Soares. *A Vida Elegante: As Damas na Sociedade da Belle Époque Carioca* (Rio de Janeiro - 1903 a 1914). Rio de Janeiro, 2020. p. 6.

⁵³ CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p. 25.

⁵⁴ Crítica parecida pode ser feita à produção acadêmica no Brasil atual, onde muitas vezes é mais importante ter um currículo Lattes cheio de artigos parecidos publicados do que produzir materiais realmente inovadores e bem trabalhados.

⁵⁵ RIO, João do. *Momento Literário...* p.138.

apresentado a uma das pessoas que ajudaram a impulsionar sua carreira de escritor: José do Patrocínio.

Nascido em 1853 em Campos dos Goytacazes, José do Patrocínio era filho de um padre branco e de uma escrava negra,⁵⁶ o que lhe garantiu uma cor de pele intermediária entre o negro e o branco. Essa característica, bem como o fato de conviver com muitos escravos em sua cidade natal, fez com que o autor conhecesse desde cedo as dinâmicas raciais de então, muitas vezes estando em grau “hierárquico” mais elevado que os escravos com quem tinha contato, mas inferior a outros moradores brancos do local,⁵⁷ fato que tornaria a discussão racial uma constante em sua vivência e um dos assuntos marcantes de toda sua produção.

Em 1877, o autor publica seu primeiro livro *Motta Coqueiro ou a pena da morte*, uma história de ficção que retrata, em tons memorialísticos, o último enforcamento registrado no Brasil, permitindo-nos perceber as relações raciais presentes a partir do olhar negro, dando a ele o protagonismo da narrativa.

A boa recepção do livro, o fato de ter se graduado em Farmácia pela Faculdade de Medicina, algo raríssimo para negros, e a constante defesa do abolicionismo em artigos jornalísticos, além de possuir muitos contatos na Corte, permitiram que, em 1881, Patrocínio se tornasse sócio do jornal *Gazeta da Tarde*, criando um espaço propício para autores consagrados ou iniciantes defenderem suas posições contra a escravidão.

Coelho Netto não escondia a admiração que tinha por Patrocínio, creditando a ele uma participação decisiva em sua decisão de abandonar o Direito,⁵⁸ como podemos deduzir a partir da frase a seguir: “Fui ouvir pela primeira vez o Patrocínio. Fiquei doido, doido, completamente doido. Resolvi deixar os estudos, deixar os sonhos de doutor, para acompanhar o grande vulto”.⁵⁹ Se os discursos de Patrocínio impressionaram Coelho Netto, o mesmo se pode dizer ao contrário. Apenas dois dias após seu regresso, o literato maranhense já discursava em um evento abolicionista, chamando a atenção do campista, que impressionado com a oratória do jovem, classificou sua fala como “o melhor discurso da noite”.⁶⁰

⁵⁶ João Carlos Monteiro, de 54 anos, e Justina do Espírito Santo, de 13 anos. Seu pai não o reconheceu oficialmente, embora tenha ajudado em sua criação.

⁵⁷ SOUZA, Marcos Teixeira de. *José do Patrocínio: uma trajetória em meio a memórias*. Revista Grau Zero, v. 3 n. 1 (2015): Literatura, espaço autobiográfico e memória. pp. 168-169.

⁵⁸ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto...* p.148.

⁵⁹ A NOITE. *Apud*. CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p. 33-34.

⁶⁰ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 70.

A proximidade e admiração mútua entre os dois propiciou a Coelho Netto uma participação mais frequente nos jornais cariocas, sobretudo no *Gazeta da Tarde*, além de inseri-lo num grupo que marcaria sua vida pessoal e literária e que ficou conhecido como a boemia literária carioca.

Daniela Candido apresenta um excelente debate sobre o termo boemia,⁶¹ bem como Elton Nunes e Leonardo Mendes.⁶² Em poucas palavras, a noção de boemia nos permite pensar em um grupo de intelectuais que buscam viver pela sua arte e transformar o mundo por ela. A valorização da literatura se dá por seu próprio processo de produção e todo o idealismo que o acompanha. Ser boêmio era mais do que escrever para viver. A escrita era meio, mas também era o fim.

A vida boêmia permitia que estes intelectuais observassem a sociedade de um ponto de vista completamente imerso nela, a partir do qual era possível pensar e apresentar propostas para os problemas observados. Importante salientar que os próprios literatos se intitulavam boêmios.⁶³ O luxo, os ganhos financeiros, a glória eram objetivos secundários no momento em que escrever sobre a realidade e modificá-la era o que motivava a trupe: “Eu era da grande falange dos boêmios da época. Não tinha casa, não tinha pouso certo. Escrevia nas mesas dos cafés, principalmente no Café do Rio, à rua do Ouvidor. Comia quando Deus queria”.⁶⁴

As dificuldades financeiras pelas quais os boêmios passavam eram um dos elementos centrais do grupo. Em *A Conquista* (1899), Coelho Netto retrata esse período vagueando entre a exaltação das vivências e a desolação dos perrengues. O autor conta com tons nostálgicos episódios como a expulsão dele e de seu companheiro de quarto, Aluizio Azevedo, de uma pensão após uma festa regada por bebedeira e mulheres ou quando ele e seu amigo Olavo Bilac dividiam o único par de sapato que ainda restava inteiro.

Em *Fogo-fátuo*, Coelho Netto nos conta um pouco do seu dia a dia na boêmia:

Deito-me sempre no dia seguinte, almoço à hora do jantar, por economia de dinheiro e tempo, ceio de madrugada à mesa (...) da amizade. Continuo no regime antigo: à falta de níquel para o bonde, valho-me do tálburi do Peixoto, fiado: quando não tenho dinheiro para envenenar-me no *Renaissance*, banqueteio-me opiparamente no *Louvre*, à crédito. As ceias

⁶¹ Ver: CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p. 34-38.

⁶² NUNES, Elton; MENDES, Leonardo. O Rio de Janeiro no fim do século XIX: Modernidade, Boemia e Imaginário Republicano no romance de Coelho Netto. São Gonçalo: *SOLETRAS*, v. VIII, nº16, jul-dez 2008.

⁶³ BRITO BROCA, José. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Unicamp: 1991. 1ª ed. p. 116.

⁶⁴ A Noite. *Apud* CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p.34.

acompanhadas correm por conta dos amigos e dos admiradores. Leio os jornais franceses para dar-me a ilusão de viver em Paris.⁶⁵

Ao mesmo tempo em que “choravam as pitangas”, Coelho Netto e os demais boêmios sobreviviam àquele “período horrendo”, como ele classificou posteriormente, com padrões de vida elevados para quem muitas vezes não tinha condições de se alimentar com regularidade. Pelo menos é o que nos afirma Pereira, ao exemplificar essa afirmativa com episódios como o jantar caro pago pelo literato a uma namorada, ou os ganhos de aproximadamente 800\$000 mil-réis por obra de Azevedo, que lhe garantia mil dias de almoço e jantar, com quatro pratos e sobremesa, em restaurantes da cidade.⁶⁶

Como bem constatado por Pereira e Cândido, um dos fatores que faziam com que estes intelectuais boêmios vivessem constantemente em situações de aparente pauperidade era o fato de buscarem um estilo de vida digno da posição social que julgavam merecedores de ter. O pouco dinheiro que eles recebiam não fazia jus ao seu trabalho enquanto pensadores e construtores da nação. Coelho Netto não conseguia compreender como um autor reconhecido como Aluísio Azevedo, por exemplo, pudesse passar por apertos financeiros.

Trabalhar com literatura durante o início da *belle époque*, como vimos, não era das tarefas mais fáceis, ainda mais sem depender dos jornais. Os autores estavam à mercê de livreiros, editores, correspondentes, o que fazia com que suas rendas não fossem regulares. O mercado literário como elemento cultural era bastante recente no Brasil, um país que ainda contava com grande parte da população escrava e muitos analfabetos. Se mesmo autores consagrados dependiam do mecenato editorial, o que falar de autores iniciantes?

Outro fator de extrema importância, talvez o principal deles, para compreendermos a boêmia literária é a rua do Ouvidor, não sendo possível imaginar esse movimento sem a existência desse espaço. Uma pessoa que passa apressada pela ruela dos dias atuais, muitas vezes não tem noção do valor daquele local para a sociedade brasileira de um século atrás.

A insípida rua, repleta de novos prédios com fachadas espelhadas que tornam opaco tudo que refletem, pouco lembra a vivacidade e o brilho de outrora. Onde hoje existem farmácias, lojas de eletrodomésticos, agências de bancos ou sapatarias, há cem anos existiam cafés, confeitarias, bares, restaurantes, um verdadeiro “salão ao ar livre”, como bem definiu Antonio Candido.

A Ouvidor do início do século vinte era um espaço democrático por si mesmo. Era possível encontrar na mesma calçada um ilustre político ou um simples ambulante. Um

⁶⁵ COELHO NETTO, H. *Fogo-fátuo*. Porto: Livraria Chardron, 1929, p. 27.

⁶⁶ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 75.

literato consagrado e um capoeira pernóstico podiam travar duelos sobre vários assuntos em uma mesa de bar e, não obstante, muitas vezes resolverem o mesmo na mão, tendo o próprio Coelho Netto se engalfinhado algumas vezes.

Machado de Assis, assíduo frequentador da rua, acentua o papel, digamos informativo, que a mesma possuía em um conto de 1873:⁶⁷

Seguimos para o Hotel da Europa que é na Rua do Ouvidor; lá me deram um aposento e um almoço. Acendemos charutos e saímos.

À porta perguntei-lhe eu:

— Onde saberemos notícias?

— Aqui mesmo na Rua do Ouvidor.

— Pois então na Rua do Ouvidor é que?

— Sim; a Rua do Ouvidor é o lugar mais seguro para saber notícias. A casa do Moutinho ou do Bernardo, a casa do Desmarais ou do Garnier, são verdadeiras estações telegráficas. Ganha-se mais em estar aí comodamente sentado do que em andar pela casa dos homens da situação.

Os boatos e fofocas faziam na rua do Ouvidor o mesmo efeito que as gotas d'água exercem sobre os raios de luz branca: enquanto esta nos embebeda com o esplendor do arco-íris, aquela possibilita que até o mais discreto dos sujeitos permita-se seduzir pelos cantos da sereia.

Entretanto, se muitos apreciavam essa característica da estreita rua, tantos outros não pareciam gostar, como nos permite vislumbrar João do Rio, na crônica *A Rua*, presente em seu livro *A alma encantadora das ruas* (1908):

“Vede a rua do Ouvidor. É a fanfarronada em pessoa, exagerando, mentindo, tomando parte em tudo, mas desertando, correndo os taipais das montras a mais leve sombra de perigo. Esse beco inferno de pose, de vaidade, de inveja, tem a especialidade da bravata. E fatalmente oposicionista, criou o boato”.⁶⁸

O próprio Coelho Netto nos permite conhecer sua impressão sobre a rua que tanto admirava:

A rua do Ouvidor é trêfega. Durante o dia todo ela é vida e atividade, faceirice e garbo; é hílare e gárrula; aqui, picante; além, poderosa; sussurra em galanteio e logo emite uma opinião sisuda, discute os figurinos e comenta os atos políticos, analisa o soneto do dia e disseca o último volume filosófico. Sabe tudo - é repórter, é lanceuse, é corretora, é crítica, é revolucionária. Espalha a notícia, impõe o gosto, eleva o câmbio, consagra o poeta, depõe

⁶⁷ ASSIS, Machado de. Tempo de Crise. In: *Obra Completa*, Machado de Assis, vol. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <https://www.machadodeassis.ufsc.br>. Acesso em: 17/12/2021

⁶⁸ RIO, João do. *A alma encantada das ruas*. Fundação Biblioteca Nacional. p. 4. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/> Acesso em: 22/09/2021.

governos, decide as questões à palavra ou a murro, à taponada ou a tiro e, à noite (...) ouve-se apenas o rumor constante dos prelos nas oficinas de jornais.⁶⁹

Na escrita de nosso protagonista fica evidente a essência polissêmica⁷⁰ da rua do Ouvidor e suas dimensões cotidianas para diversos grupos sociais da Corte, representando local ímpar para discussões políticas, apresentações artísticas ou mesmo para aqueles que apenas buscavam uma companhia para passar a noite.

Da Silva e Mendes dizem que a rua era o local onde a burguesia carioca, sedenta pelas últimas modas da Europa, e os boêmios se encontravam.⁷¹ Onde todos podiam experimentar relações humanas com pessoas que jamais teriam oportunidade. Viver a Ouvidor era viver a cidade, era passar a tarde na Garnier, lendo os inúmeros livros de pensadores estrangeiros, e a noite tomar uma com os amigos. Não é à toa que Machado de Assis define a rua do Ouvidor como o resumo do Rio de Janeiro: “Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloqüente que exprime todos os sentimentos e todas as idéias...”.⁷²

Se as reformas urbanas construíssem o novo corpo do Rio de Janeiro, não nos resta dúvida que sua alma seria concebida na rua do Ouvidor. E para os boêmios, essa tarefa com certeza seria deles.

A boemia era hiperbólica: as discussões eram grandiosas, os “porres homéricos”⁷³, as brigas catastróficas. Tudo era feito com muita paixão e irreverência. “A exaltação era a característica mais marcante dos boêmios”⁷⁴, nos diz Candido. É evidente que todos esses feitos foram adornados em tons épicos por aqueles mesmos que os viveram e legaram a nós essa memória.

A imagem da escassez, do sacrifício, da devoção a uma causa tem como objetivo a construção do *páthos* e uma mitificação do caráter combativo inerente à literatura. A crença na predestinação desse grupo de homens, que abriram mão de qualquer garantia de conforto para poderem viver a serviço das letras - e do país -, era acompanhada por um momento de ebulição política no Brasil que a retroalimentava.

⁶⁹ COELHO NETTO, H. *A Conquista*. São Paulo: Globus, 2011, p. 93-94.

⁷⁰ Para compreender o uso de conceitos ou expressões polissêmicas pela historiografia Ver: BARROS, José D’Assunção. *Os conceitos: seus usos nas ciências humanas*. Petrópolis: Vozes, 2016. Capítulos 10 e 11.

⁷¹ DA SILVA, A.P.D.; MENDES, Leonardo. Coelho Neto na rua do Ouvidor: experiência urbana e modernidade no romance brasileiro do final do século XIX. *SOLETRAS* - revista, São Gonçalo, ano X, nº20, jul-dez 2010, p. 32.

⁷² ASSIS, Machado de. *Tempo de Crise. In: Obra Completa...*

⁷³ EDMUNDO, Luiz. *In: CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. O Último dos Helenos...* p.43

⁷⁴ CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p.44

Os ventos republicanos sopravam cada vez mais forte e estremeciam as hastes imperiais. Pressões internas e externas delineavam novas feições cada vez mais próximas das desejadas por aqueles homens. Pereira nos conta que “para Coelho Netto, a vitória dos ideais pelos quais se batiam os membros de seu grupo aparecia como uma questão natural e lógica. Detentores únicos da razão e das luzes, os literatos seriam os guias que levariam o país a um novo tempo”.⁷⁵

A assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888 era a concretização de um sonho antigo dos literatos. O abolicionismo uniu Coelho Netto a figuras como Raul Pompéia, Luiz Murat, José do Patrocínio, Tobias Barreto, Olavo Bilac e muitos outros, que ajudaram o autor a moldar seu estilo e suas crenças.

Estimulados pela multidão a discursarem às janelas das redações, para esses homens o fim da escravidão significava a vitória da pena, o triunfo da literatura e, sobretudo, o reconhecimento do protagonismo dos intelectuais como condutores do Brasil à modernidade. O 13 de maio não era apenas uma conquista (daí o nome de seu livro memorialístico), mas também a “data inicial da nossa história”,⁷⁶ cujo próximo capítulo não tardaria a chegar: a República.

Não era segredo para ninguém que os membros da boêmia literária buscavam subverter a ordem social estabelecida. Sidney Chalhoub, analisando esse período da história nacional, ressalta que ocorria um “reordenamento estrutural nas políticas de dominação e nas relações de classe”.⁷⁷ Logo, se a escravidão transformara 1888 no ano “da flor”,⁷⁸ cabia a eles buscarem o fruto no próximo.

Entretanto não havia um consenso sobre qual caminho seguir. Se havia unidade, entre os boêmios sobre a causa abolicionista, quando falamos do republicanismo a realidade era diferente. Escritores como Paula Ney e até mesmo José do Patrocínio, demonstravam estar satisfeitos com a liberdade conquistada. Outro grupo, do qual fazia parte Coelho Netto, Murat e Bilac, por exemplo, acreditavam ser o momento ideal de não só consolidar o Brasil como uma nação livre, mas também como uma nação representativa.

Um dos fatores de divergência entre os boêmios era o interesse dos antigos donos de escravos que, sob o manto do Partido Republicano, exigiam uma indenização do governo

⁷⁵ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 82

⁷⁶ COELHO NETTO, H. 13 de maio. *Diário de Notícias*, 13 de maio de 1889.

⁷⁷ CHALHOUB, S. Prefácio. In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das Letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Unicamp, 2004, p.24.

⁷⁸ COELHO NETTO, H. *Páginas Recolhidas...* p.149

imperial ou então da República. Patrocínio, incomodado com o tom chantagista do movimento, se alinhava na defesa da monarquia, como forma de garantir os avanços conquistados.⁷⁹

Coelho Netto compartilhava do raciocínio de Patrocínio quanto aos interesses dos escravistas,⁸⁰ porém não concordava com sua postura. A república era necessária não por causa destes fazendeiros, mas sim apesar deles. O autor, que continuava publicando no jornal *Cidade do Rio* sob direção de seu amigo, via a cada dia os traços de ruptura com a redação aumentarem, ao mesmo tempo em que seu posicionamento abertamente republicano era cerceado.

Quando a corda é esticada demais, ela está fadada a arrebentar, o que aconteceu no início de 1889. Gozando de maior prestígio graças a seu empenho na luta republicana e ao espaço que conseguiu no *Cidade do Rio*, Coelho Netto conseguira publicar em outros periódicos na cidade. Porém, o lugar na imprensa em que ele se encontrava, não permitiu um espaço de maior prestígio. A solução? Criar um meio próprio para expor suas ideias e para intervir na ordem social.

Nascia assim o jornal *O meio*, dirigido e escrito por Coelho Netto e seus amigos boêmios Paula Ney e Pardal Mallet. Publicado semanalmente, o jornal era visto pelos autores como um mecanismo de salvação da nacionalidade e independência, não só do país, mas também da intelectualidade brasileira.⁸¹

Daniela Candido acredita que *O meio* “representa a força do humor jocoso, da irreverência e principalmente da ironia - marca registrada da boêmia literária. Ele representa para nós o meio e a forma com que os boêmios ‘fizeram política’”.⁸² Concordamos em parte com a pesquisadora.

É consenso afirmar que o periódico foi um dos principais métodos de fazer política usado pelo grupo. Entretanto, e acreditamos que não fosse objetivo da autora, ao afirmar que *O meio* era a forma com que esses escritores participavam ativamente na política, acabamos deixando de lado outra forma de manifestação, e talvez a maior, que era o boca a boca na rua. Brito Broca afirma, por exemplo, que “a boemia era, no fundo, a fórmula de um permanente

⁷⁹ Em *Fogo-fátuo*, Coelho Netto esclarece a posição de José do Patrocínio. O autor, que era praticamente uma liderança entre os boêmios, era a favor da causa republicana, mas acreditava não ser aquele o melhor momento para tal empreitada. Na visão de Patrocínio era mais válido garantir as conquistas abolicionistas do que almejar novos passos que talvez não conseguisse alcançar.

⁸⁰ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 112

⁸¹ COELHO NETTO, H. *Fogo-fátuo...* p. 201

⁸² CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p.55

protesto [...], um esforço de adaptação da atividade literária à nossa realidade social”.⁸³ Ou seja, nas bebedeiras na rua do Ouvidor ou nos discursos ao ar livre, a boêmia literária estava sempre fazendo política, e atingindo um sem-número de pessoas.

O jornal, como vimos, usava do humor para alcançar seus objetivos, explicando de maneira alegre as coisas tristes que o cercavam.⁸⁴ O uso de expressões como “Dom Pedro Último”, as piadas sobre as instituições ou as eleições, a banalização do imperador, o sarro sobre a sociedade e seus costumes e, principalmente, a crítica à propaganda republicana feita pelos escravocratas ajudaram a forjar esse perfil.

Entretanto, uma leitura um pouco mais atenta nos permite perceber a verdadeira mensagem ali posta. Por trás das piadas, *O meio* fincava bandeira em favor da causa republicana, diferenciando-se, contudo, dos antigos donos de escravos. Seus autores propagandeavam em suas páginas elementos que, para eles, seriam misteres para efetivação de uma república verdadeiramente do povo.

A luta pelo direito de participação política pelas mulheres e de sua cidadania plena,⁸⁵ a superação de arcaísmos herdados pelo domínio estrangeiro, a consolidação de todo o território em um só e, sobretudo, o “arrasamento de umas bastilhas de hábitos feios e remoção de alguns pequenos bendegós de costumes viciosos”⁸⁶ (leia-se heranças das culturas africanas), por exemplo, seriam fundamentais para sustentação de uma nação republicana civilizada e moderna.

O que nem os editores d’*O Meio* imaginavam era que os fins, se me permitem o trocadilho, que tanto sonhavam estavam a bater à porta. Pereira nos revela o afastamento dos intelectuais no processo que culminaria na proclamação da República. Coelho Netto, por exemplo, dois dias antes, tratava com desprezo o famigerado Baile da Ilha Fiscal, fazendo piada em sua coluna no *Diário de Notícias* sobre a lista de itens esquecidos no local.⁸⁷ O autor que tanto buscou ridicularizar a festa, o fazia apenas por não ter podido comparecer devido à falta de trajes adequados para ocasião.⁸⁸

Mesmo na véspera do evento, como fica claro n’*O Meio* publicado no dia, a assertiva leitura política dos seus escritores apontava para um plano maquiavélico bragantino a ser posto em prática em algumas semanas, mais precisamente em dois de dezembro, no qual Dom

⁸³ BRITO BROCA, José. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas...* p.119

⁸⁴ *O Meio*, 31-8-1889

⁸⁵ *O Meio*, 10-10-1889 e 31-10-1889; COELHO NETTO [N]. A fumar. *Diário de Notícias*, 26-10-1889.

⁸⁶ *O Meio*, 24-08-1889.

⁸⁷ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 141.

⁸⁸ COELHO NETTO, H. *Fogo-fátuo...* p. 217.

Pedro II renunciaria para que sua filha, a Princesa Isabel, ascendesse ao trono e desse início ao Terceiro Reinado.

Qual não foi a surpresa de Coelho Netto ao acordar, no dia seguinte, com gritos e murros na porta que o faziam crer que tentavam derrubar-lhe a casa. “Uma revolução! O exército está todo em armas! Levanta-te!”. Ainda sem entender bem o que se passava, foi ao Campo de Santana, chegando lá “esbofado e gotejante em suor”, a tempo de ver as tropas a se movimentarem e o povo em delírio gritando “viva à República!”.

Logo em seguida encontra um colega militar que, em tom de cumplicidade, exclama “vencemos!”. Ao longe vê Quintino Bocaiúva e o marechal Deodoro, enquanto ouve os tiros de saudação ao “nascimento da liberdade”. Sem mais aguentar de tanta euforia, Coelho Netto tira o chapéu e se junta ao povo em vivas à república e à pátria, em procissão que terminaria, para o autor, triunfalmente na rua do Ouvidor.

O advento da República era um desejo antigo dos intelectuais que viam nele mais um passo no caminho de construção de uma nação moderna e ativa. Coelho Netto diz que ao acordar em dezesseis de novembro, imaginava ter-se tratado tudo de um sonho. Coube a Pardal Mallet mostrar ao literato vários jornais do dia para que ele, espantado, pudesse acreditar. E foi ao banho, saudando a república ao canto de *La Marseillaise*.⁸⁹

O fato do autor encarar o evento como um sonho, nos permite perceber as maneiras distintas de como a mudança do sistema político foi recebida por ele e por seus correligionários. Se por um lado, a proclamação da República significava o sucesso de uma empreitada iniciada anos antes, ainda no movimento abolicionista, por outro, a forma como a coisa foi feita,⁹⁰ sem a participação direta dos intelectuais no ato, causou desconforto e desconfiança no grupo, ainda incertos sobre os objetivos da nova república e sobre seus papéis nelas.

Acostumados a pensar em si próprios como responsáveis por guiar a multidão no caminho da modernidade e do progresso, a intelectualidade carioca necessitava buscar uma forma de ressignificar sua participação na nova nação que nascia. Postando-se como os representantes do povo, buscavam colocar-se como vanguarda do movimento republicano.⁹¹

Mesmo que, em um primeiro momento, aclamasse a chegada dos novos tempos, nascido “como Jesus, deixando virgem do pecado a pátria”,⁹² Coelho Netto confessava em

⁸⁹ COELHO NETTO, H. [N]. Fragmentos de um diário. *Diário de Notícias*, 17-11-1889.

⁹⁰ *O Meio*, 21-11-1889.

⁹¹ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 144.

⁹² COELHO NETTO, H. [N]. A Fumar. *Diário de Notícias*, 20-11-1889.

artigo publicado cinco dias depois: “não houve mudança na vida - as coisas continuaram do mesmo modo... perfeitamente”.⁹³ A tranquilidade com que houvera a mudança de regime, a civilidade demonstrada pelos militares que, sem derramar uma única gota de sangue, romperam com um passado retrógrado, faziam da república um oásis no deserto. O grande problema dos oásis é que a maioria deles, como o literato não tardaria em perceber, são miragens.

A edição 14 d’*O Meio*, publicada no início de dezembro, era a primeira - e a última - que o jornal teria no período republicano. Saudando a república por ter conseguido romper com os “atos que a força haja conseguido perpetrar”, o jornal aproveitou para, também, criticar o governo provisório que, mesmo cercado das “mais ardentes simpatias”, teria tido uma “alucinação” ao prender o senador monarquista Silveira Martins. Em tom provocativo, questionavam as acusações que levaram o parlamentar ao cárcere, acusavam o governo de cometer um “atentado” contra a ordem republicana e de temer a apenas um homem, fato este que demonstraria a fraqueza dos líderes do movimento.

Páginas à frente, *O Meio* criticava a bandeira escolhida como símbolo da nova república. O grupo de intelectuais do qual faziam parte os editores do jornal propuseram, por conta própria, um modelo de bandeira no formato da dos Estados Unidos, com listras verde e amarelo e com o canto esquerdo superior em preto, em homenagem aos negros, repleto de estrelas.⁹⁴ Entretanto a proposta apresentada pelos positivistas, que contavam com a simpatia do governo provisório, acabou levando a melhor. Buscando poucas mudanças em relação à bandeira anterior, propunham apenas que o símbolo imperial fosse substituído por um céu estrelado entrecortado pelos dizeres “ordem e progresso”.

De forma irônica, os jornalistas d’*O Meio* questionavam onde estaria o amor, que havia sido retirado do lema positivista que constaria na bandeira. Indagavam ainda a opção por não aceitarem uma terceira proposta, que trocava o símbolo imperial por produtos agrícolas nacionais, como café e fumo.

Comparando a bandeira escolhida com uma propaganda famosa dos folhetins de então, da Marca Cometa, “queixavam-se” da ausência dos tomates, “símbolo da pequena lavoura de Jacarepaguá e subúrbios federais adjacentes”, uma vez que a nova bandeira representava a lavoura de milho.

José Murilo de Carvalho afirma que

⁹³ Ibidem.

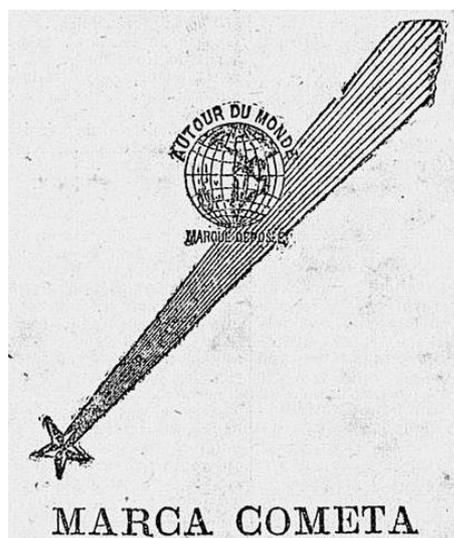
⁹⁴ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 148.

A batalha em torno da simbologia republicana deu-se também em relação à bandeira e ao hino. Não podia ser de outra maneira, de vez que são esses tradicionalmente os símbolos nacionais mais evidentes, de uso quase obrigatório.⁹⁵

O tom jocoso, mais que uma simples preferência estética, demonstrava a insatisfação com os rumos que a república trilhava. Se a batalha pela bandeira era realmente decisiva para a construção de um imaginário ideal, a derrota havia sido colossal.

Enfraquecidos, cabia ao grupo buscar meios de reavivar o ânimo com a causa republicana. Entretanto, como resultado das críticas ao governo provisório, a circulação d'*O Meio* foi suspensa permanentemente, tendo seus redatores inclusive entrado em confronto com a polícia.⁹⁶ “Aí tens a liberdade! Canta a Marselhesa agora!”⁹⁷ bradava Paula Ney aos tons de “eu te avisei”.

Imagem 3 - Logomarca Marca Cometa.



FONTE: *Gazeta de Notícias*, 18-10-1886, p. 4

Por mais que continuasse acreditando no regime, Coelho Netto não escondia a preocupação com a grande influência exercida pelo positivismo e o modo como o mesmo se distanciava cada vez mais dos ideais que o ele possuía.

Quando da ascensão do marechal Floriano à presidência, em um contragolpe ao efetuado por Deodoro, o autor via a repressão aumentar exponencialmente. Perseguições a aliados do antigo presidente eram constantes sob o pretexto de segurança do regime. Até então trabalhando como Secretário de Governo do Estado do Rio de Janeiro na administração

⁹⁵ CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 109

⁹⁶ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 149.

⁹⁷ COELHO NETTO, H. *Fogo-fátuo...* p. 232

Portela, viu-se demitido após o governador renunciar ao cargo devido à pressão de partidários do governo federal.

Por mais desgostoso que estivesse com o comandante em chefe da pátria, o autor adotou uma postura cautelosa em seus artigos de jornais. Recém-casado com Dona Gaby, Netto não queria colocar sua família em risco. Tal cautela não tiveram seus amigos Pardal Mallet, Olavo Bilac e José do Patrocínio, presos sob o argumento de fomentar e divulgar atos que buscavam o retorno de Deodoro ao poder.

A República com a qual Coelho Netto tanto sonhara tornou-se manca. Fica mais fácil de entendermos quando usamos os mesmos manejos literários que o autor utilizou. Em 1895, Coelho Netto publica o romance *Miragem*,⁹⁸ onde acompanhamos a trajetória de Tadeu, que havia sido abandonado pela família quando jovem,⁹⁹ e assistia atônito ao desfile do Marechal Deodoro no dia da proclamação. Durante a parada, o protagonista começa a passar mal e a expelir sangue pela boca, seguido por um desmaio, que posteriormente descobrimos ser causado por uma tuberculose.

Neste breve resumo do livro já podemos perceber questões importantes, trazidas pelo autor, que nos permitem elaborar uma análise de como o novo regime atendia às expectativas de Coelho Netto.

Tadeu simbolizava a república. Abandonado pelos pais (os intelectuais), o protagonista (e o regime) já começava adoecido. A tuberculose que o acometia cresce paulatinamente, frustrando-lhe o sonho de tornar-se militar, tornando-o um inválido fadado ao fracasso. A doença de Tadeu parece estar relacionada com o cerceamento dos princípios liberais esperados na república. Um governo que trazia em seu preceito a vontade do povo, ao impedir que o mesmo expressasse suas liberdades (estado de sítio, censura à imprensa...), mostrava-se enfermo.

Ao longo de sua vida Coelho Netto não fugiria do combate. Por vezes de forma acalorada, por outras de forma comedida, o autor nunca deixou de buscar a realização de seu sonho de nação. Se, em um primeiro momento, a República provocava louvores e esperança, em pouco tempo dela só restara o desencanto.

⁹⁸ COELHO NETTO, H. *Miragem*. Porto: Livraria Chardron, 1921.

⁹⁹ MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata Ferreira. A República Manca: *Miragem*, de Coelho Neto e o naturalismo da desilusão. *SOLETRAS*, Ano IX, Nº 18. São Gonçalo: UERJ, 2009. p. 79. Para os autores, a “capenguiça” da República e de Tadeu são um metáfora para algo castrado simbolicamente.

1.4 O Desprezo e a Louvação

Na edição de 1^a de outubro de 1927, a revista *O Malho* traz em suas páginas uma proposta interessante: uma consulta pública para eleger o Príncipe dos Prosadores Brasileiros.

Inspirando-se no concurso que dera o título de Príncipe dos Poetas Brasileiros à Alberto de Oliveira, em substituição ao falecido Olavo Bilac, a revista convidou “os nomes mais representativos das letras”¹⁰⁰ residentes no Distrito Federal, os membros da Academia Brasileira de Letras, entre outras pessoas que possuíssem relevância para as letras nacionais para escolherem o maior prosador do Brasil.

Iriam concorrer ao título os seguintes candidatos; Coelho Netto, Gilberto Amado, Miguel Couto, José do Patrocínio, Affonso Celso, Monteiro Lobato, Viriato Correia, Humberto de Campos, Oliveira Lima, Claudio de Souza, Augusto de Lima, Benjamim Costallat, Carlos de Laet, Ronald de Carvalho, Medeiros e Albuquerque, Agrippino Grieco, João do Norte, Antonio Torres, Graça Aranha e Afrânio Peixoto. Entretanto, caso algum julgador achasse que o título deveria ficar com outro literato, ele poderia votar nele mesmo assim.¹⁰¹

Na edição seguinte, a revista destaca a repercussão que o anúncio teve em diversos círculos, das letras à políticos.¹⁰² Aproveitando a ampliação do público leitor, a revista explorou o concurso durante vários meses, publicando em algumas edições o ranking parcial. No número de 25 de fevereiro de 1928, por exemplo, Gilberto Amado liderava, seguido por Coelho Netto e Graça Aranha.

O Malho recebeu votos para o concurso até o dia 31 de maio de 1928, e na edição de 21 de abril divulgou o resultado final: ultrapassando Gilberto Amado, Coelho Netto foi eleito o Príncipe dos Prosadores Brasileiros. Com uma matéria de oito páginas, a revista publicou uma biografia em saudação aos feitos do autor.

A festa em coroação ao literato reuniu “toda uma luzida assistência de intelectuais, artistas e famílias da nossa melhor sociedade”, onde as “expressões mais vivas de nossas elites mentais ali estavam transformando numa sagração pública o expressivo resultado do inquérito d’*O Malho*”.¹⁰³

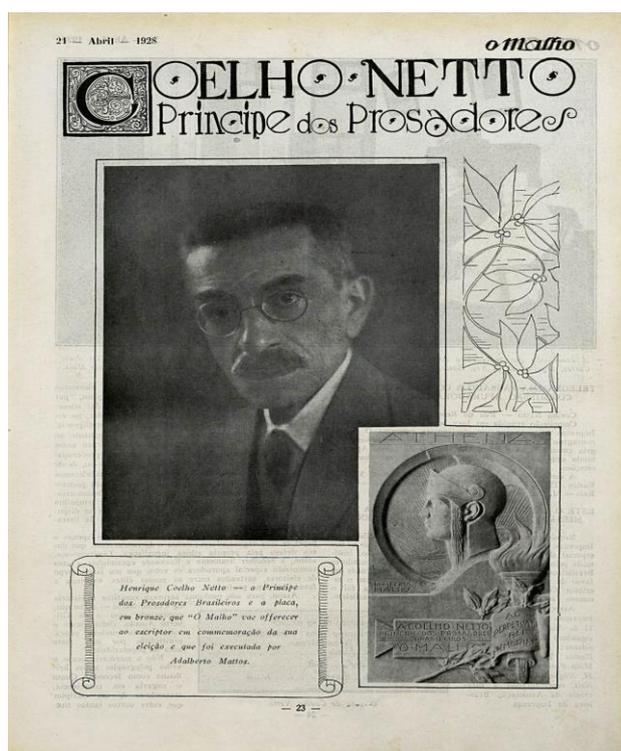
¹⁰⁰ *O Malho*, 1-10-1927.

¹⁰¹ *O Malho*, 5-11-1927.

¹⁰² *O Malho*, 8-10-1927.

¹⁰³ *Jornal do Commercio. In: O Malho*, 30-6-1928.

Imagem 4 - Página de capa de *O Malho* saudando a vitória de Coelho Netto



FONTE: *O Malho*, 21-04-1928.

O reconhecimento público por seus pares no concurso coroava uma carreira consagrada. O autor que dedicara sua vida à literatura e à pátria, elevara seu nome à glória nacional. Não que o autor não fosse reconhecido anteriormente. Augusto Lima atesta, ao dizer que o concurso fora a “confirmação, porque príncipe eleito já eres por anterior plebiscito, assim proclamado, por todas as vozes nacionais”.¹⁰⁴

Neste subcapítulo buscaremos realizar uma breve discussão sobre a recepção da obra coelhonettiana por seus pares. Acreditamos ser importante compreendermos como o autor era recebido no mundo literário para melhor entendermos o quanto suas ideias eram imersivas e como isto contribuiu ou não para o sucesso de sua empreitada nacional.

Uma premissa interessante é que, apesar do triunfo na enquete, Coelho Netto não era uma unanimidade no meio literário, sendo recebido de maneira ambígua pela crítica desde a publicação de seus primeiros trabalhos. Enquanto alguns viam, em sua obra, “a preocupação do estilo simples, da forma comunicativa, que caracteriza os grandes artistas”,¹⁰⁵ outros criticavam-no pelo uso de palavras pouco utilizadas, por uma prolixidade e rebuscamento na

¹⁰⁴ LIMA, Augusto. Discurso do Sr. Augusto Lima. *O Malho*, 30-6-1928, p.25.

¹⁰⁵ CAMINHA, A. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1895. p. 61

sua escrita e um suposto afastamento de causas sociais importantes, dando maior importância à beleza da forma do que seu conteúdo.

Esse tratamento dúbio com sua produção acompanhará o autor durante toda sua vida e após ela. Muitas vezes a obra de Coelho Netto foi tratada com otimismo e com receio pelo mesmo crítico. Ao escolher viver da pena, o autor teve que escrever constantemente, às vezes até mesmo escrever um livro em uma noite, o que resultou em trabalhos mais bem acabados e outros nem tanto.

Machado de Assis, por exemplo, fazia parte do grupo que louvava a obra de Coelho Netto, que para o autor “é dos nossos primeiros romancistas, e, geralmente falando, dos nossos primeiros escritores”,¹⁰⁶ que possuiria “o dom da invenção, da composição, da descrição e da vida, que coroa tudo”.¹⁰⁷ Considerando-o um observador de pulso, o autor de *Dom Casmurro* completa: “aqui está Coelho Netto, romancista, que podemos chamar historiador, no sentido de contar a vida das almas e dos costumes”.

Otávio de Faria, no mesmo caminho, considerava o literato maranhense como “o maior romancista brasileiro”,¹⁰⁸ enquanto Humberto de Campos, grande amigo de Coelho Netto, via o autor como “o mais fecundo prosador da língua portuguesa, em todos os tempos”.¹⁰⁹ Martins Fontes, por sua vez, considerava Coelho Netto “o maior dos romancistas do Brasil em todos os tempos”.¹¹⁰

Se, por um lado, os elogios ao autor são sempre superlativos, por outro, as críticas negativas também são elevadas. Marcos Valente, ao resenhar o primeiro livro publicado pelo autor, *A Capital Federal* (1983), começa dizendo-se surpreso pelo livro estar bem escrito, com estilo fácil e suave, fluente e sem trivialidade, uma vez que Coelho Netto havia-o “acostumado com a uma escrita torturada de rebuscamentos difíceis de frases, subutilizada de intenções de ritmo e de corte, lantejouladas de exotismos”.¹¹¹

Um dos primeiros grandes críticos da obra coelhonettiana é José Veríssimo. Em seu *Estudos de Literatura Brasileira - Quarta Série*, ele dedica um capítulo a Coelho Netto, adjetivado como “o primeiro poeta”. Para o crítico, Coelho Netto é sem dúvida o autor mais copioso dos escritores brasileiros, tanto no que concerne à produção de livros, artigos e

¹⁰⁶ ASSIS, Machado de. A Semana. *Gazeta de Notícias*. 11-08-1893

¹⁰⁷ Ibidem.

¹⁰⁸ DE FARIA, Otávio. “Coelho Netto”, in *Jornal das Letras*, ano I, nº 3, Rio de Janeiro, set-1949.

¹⁰⁹ CAMPOS, Humberto de. *Crítica. 1ª Série...* p,78

¹¹⁰ MARTINS FONTES, José. *Terras da Fantasia*. Tipographia Dona Escolastica Rosa, Santos, 1933.

¹¹¹ VALENTE, Marcos. Leituras. A Semana. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 30-09-1893.

crônicas, quanto à abundância de palavras.¹¹² Embora em um primeiro momento tal comentário possa parecer como um elogio, Veríssimo, na verdade, criticava exatamente o grande volume de trabalho do autor, que para ele, era o principal motivo da ausência de uma linearidade de seu trabalho.

Eu de mim, por amor dele e da nossa literatura, o não quisera tão abundante, nem tão numeroso. Penso que a sua farta produção de alguma sorte comprometeu as reais qualidades de que é dotado. Com a melhor vontade, não logro ainda ver nas duas dúzias de livros seus publicados um livro, a obra que todo artista, para viver na memória dos homens e influir neles, deve deixar após si.¹¹³

A exaustiva produção de Coelho Netto seria então um dos primeiros motivos que levariam críticos, como Veríssimo, a acreditar que há uma inconstância em sua obra que prejudicaria o conjunto como todo. A crença do crítico na inexistência de uma grande obra que ultrapassasse as décadas e levasse o nome de Coelho Netto ao futuro seria um dos exemplos de como essa jornada laboral extensa prejudicava a qualidade da escrita coelhonettiana.

Um outro fator também prejudicaria o texto do autor: o emprego de termos pouco usuais e antigos que, segundo o crítico, fazia com que o literato fosse mais facilmente compreendido por portugueses do que por um brasileiro: “é portuguesa de lei, mas com rebuscamentos classicistas, superabunda mais do que conviria a um escritor brasileiro de vocábulos unicamente portugueses, já sem curso no Brasil”.¹¹⁴ E completa,

Entenda-se que eu não pretendo que os escritores brasileiros evitem os termos portugueses, ao contrário, eu sou pelo respeito à vernaculidade (não ao purismo, que é insensato) da nossa língua. Parece-me, porém, que o escritor brasileiro deve, independentemente de qualquer sentimento de nacionalismo ou nativismo, mas cedendo somente às necessidades de uma boa escrita literária, das quais uma das primeiras é que entendem os nossos leitores naturais, preferir as formas nacionais às estranhas. É exatamente o contrário que faz o Sr. Coelho Neto.¹¹⁵

Veríssimo, ao criticar a existência de um estrangeirismo na escolha das palavras por Coelho Netto, aponta uma característica que, para o crítico, era extremamente prejudicial à literatura: a falta do caráter nacional. O crítico aponta para um excesso de helenismo e orientalismo na obra de Netto, que segundo ele, prejudicaria seu conteúdo enchendo-a de

¹¹² VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira*: 4ª Série. 1º Ed. Rio de Janeiro: Garnier Livreiro-Editor. 1904, p. 1.

¹¹³ *Ibidem*, p. 2.

¹¹⁴ VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira*: 6ª Série. 1º Ed. Rio de Janeiro: Garnier Livreiro-Editor. 1907. p. 251.

¹¹⁵ *Ibidem*, p. 252.

decorações, cenários e nomes estranhos, mas esquecendo a alma das coisas.¹¹⁶ Esse aspecto ainda seria intensificado com um profundo desconhecimento das coisas nacionais e de nossas particularidades.

Outra característica da produção coelhonettiana que desagradava ao crítico era a ausência de um estilo definido, caminhando o autor por uma versatilidade estética que, para Veríssimo, mais do que uma um ecletismo contemporâneo, significava uma simples insinceridade artística.¹¹⁷

Podemos perceber na avaliação de Veríssimo, alguns elementos que marcariam a fortuna crítica da obra do autor: a extensa produção literária, o uso de palavras complexas e raras, o estrangeirismo na escrita em conjunto com uma falta de conhecimento/interesse nacional e a ausência de um estilo literário definido.

Outros críticos contemporâneos compartilhavam da opinião de Veríssimo. O já citado Marcos Valente, por exemplo, nos diz ser sabida e lamentada a satisfação de Coelho Netto em descrever homens, coisas e lugares remotos ou antigos.¹¹⁸ Adolfo Caminha também criticava o uso “inútil” da adjetivação, o uso indiscriminado de um vocabulário raro, provocando problemas estéticos no texto, deixando-o bonito porém completamente prosaico.¹¹⁹ Caminha, entretanto, nos diz que quando o estilo do autor não decaía para um “orientalismo artificioso e fatigante”¹²⁰, podia até ser agradável.¹²¹

O caminho crítico iniciado por Veríssimo praticamente moldou o caminho pelo qual a obra do autor seria avaliada nos próximos anos. Marcos Aparecido Lopes nos diz que “as restrições feitas por Veríssimo à obra de Coelho Netto iniciam o processo de deslegitimação literária deste escritor”.¹²² É a partir do esboço crítico elaborado por Veríssimo que o Movimento Modernista, por exemplo, elegeria Coelho Netto como seu antagonista.

Entretanto, antes mesmo de 22, o autor teve que enfrentar outros adversários difíceis. Um dos mais famosos foi Lima Barreto. A querela entre os autores ia além de questões literárias: representantes de correntes ideológicas e culturais diferentes, ambos possuíam

¹¹⁶ VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira: 4ª Série...* p.7

¹¹⁷ Ibidem, p.4

¹¹⁸ VALENTE, Marcos. *Leituras. A Semana.* 30-09-1893, p .68.

¹¹⁹ CAMINHA, A. *Cartas Literárias...* p. 103-104.

¹²⁰ A ideia de orientalismo questionada pela crítica literária era a constante referência ao Oriente Próximo na obra coelhonettiana, através de citações sobre odaliscas e deuses, comparações a cidades históricas ou costumes distantes. A crítica ao orientalismo partia da crença de que seu uso reforçava o pouco caráter nacionalista na obra do autor.

¹²¹ CAMINHA, A. *Cartas Literárias...* p. 09.

¹²² LOPES, M. A. *No purgatório da crítica: Coelho Netto e o seu lugar na história da literatura brasileira.* Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. 1997, p.16

visões de mundo, de sociedade e, até mesmo, da utilidade do literato, completamente diferentes.

De acordo com Paulo Coelho Netto, o literato carioca teria criado antipatia por seu pai devido a um episódio ocorrido entre os dois autores. Lima Barreto teria se dirigido até a casa do autor para agradecer pelas referências que Netto havia dedicado-lhe num jornal. Por estar mal-vestido, a empregada que atendera a porta teria ficado desconfiada e, antes de deixar o autor entrar, fora avisar o patrão da visita.

- Seu doutô, tem um homem aí no portão querendo falar com o senhor.
- Quem é?
- Não sei, não; mas ele nunca veio aqui.
- Ele disse o nome?
- Eu acho que é Barreto, mas ele está mal vestido e só quer falar com o senhor.
- Diga-lhe para voltar mais tarde, pois estou terminando um trabalho urgente.¹²³

Magoado pela postura de Coelho Netto, o autor de *Triste fim de Policarpo Quaresma*, teria tomado verdadeira antipatia pelo mesmo e passado a buscar combatê-lo. Lima Barreto acusava-o de produzir uma literatura burguesa, voltada para a elite econômica e cuja intenção era a de mostrar uma distinção com a população negra e pobre. Para Lima Barreto, o papel da literatura era ser um meio de transformação da sociedade, apontando os erros e propondo melhorias sociais. Em suas palavras:

[...] não desejamos mais uma literatura contemplativa, cheia de ênfase e arrebiques, falsa e sem finalidade, o que queremos, a encontrar beleza em deuses para sempre mortos, manequins atualmente, pois a alma que os animava já se evoluiu com a morte dos que os adoravam; digamos não a uma literatura puramente contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotoados pelo dinheiro, de amplo emprego por pretensos intelectuais, bacharéis e políticos (...) a obra de arte tem por fim dizer o que os simples fatos não dizem. Este é meu escopo.¹²⁴

Podemos ver, na fala do autor, uma crítica clara a uma literatura que, para ele, tinha como única função ser um meio de apresentação estética, sem quaisquer preocupações com uma causa social, servindo apenas como uma amenidade aristocrática, embelezada em sua forma para angariar um suposto requinte. Em outro artigo, Lima Barreto continua com suas críticas a Coelho Netto:

Em anos como os que estão correndo, de uma literatura militante, cheia de preocupações políticas, morais e sociais, a literatura do Sr. Coelho Neto ficou sendo puramente

¹²³ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. p. 50.

¹²⁴ *A Época*, 18-02-1916 *Apud* ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010. p.30

contemplativa, estilizante, sem cogitações outras que não as da arte poética, consagrada no círculo dos grandes burgueses embotados pelo dinheiro.¹²⁵

A forma como Coelho Netto escrevia apresentava-se, para Barreto, como um dos maiores exemplos dessa amenidade aristocrática. Aliado a isso, Lima Barreto também acreditava na falta de interesse sobre aspectos nacionais nos textos do autor, vendo-o como “sempre fascinado por uma Grécia que talvez não seja a que existiu”.¹²⁶

O autor de *Clara dos Anjos* não escondia o quanto a superficialidade do trabalho de Coelho Netto o incomodava. Lima Barreto ficava inconformado com o espaço que o literato maranhense tinha no jornalismo e o quanto o discurso elitista e alienante propagado por ele fazia mal à literatura nacional. Para o autor, Coelho Netto produzia uma literatura cuja missão seria afastar o povo das letras, limitando o poder revolucionário que a mesma teria.

O Senhor Coelho Neto quer fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos. Ele não quer que o público brasileiro veja no movimento literário uma atividade tão forte que possa exigir o desprendimento total da pessoa humana que a ele se dedique.¹²⁷

Em contrapartida Barreto acreditava que

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas com as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para conquistar o planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade.¹²⁸

Um dos pontos de embate entre os dois foi a aproximação de Coelho Netto com os esportes, principalmente o futebol. Ainda com o nome em inglês, o *football* defendido por Netto e vários outros por seu caráter higienista e civilizatório, era visto por Barreto como mais uma das estrangeirices defendidas por aqueles que queriam tornar a sociedade brasileira um reflexo das europeias, negando-lhe suas características negras e miscigenadas, em detrimento a uma sociedade branca e civilizada.

Chamando pejorativamente o esporte de bolapé, Lima Barreto protagonizou uma verdadeira cruzada contra o jogo, chegando a criar uma Liga Contra o *Football*, instituição que teria como dever principal, se posicionar contra o esporte e propagar os seus riscos para a saúde e para a sociedade.

O fato de Coelho Netto pertencer aos quadros associativos do Fluminense e se colocar quase como um orador oficial do clube, também gerou muitas críticas do escritor carioca, que

¹²⁵ BARRETO, Lima. Literatura e Política. *Lanterna*, 18-01-1918.

¹²⁶ Ibidem.

¹²⁷ BARRETO, Lima. Histrião ou Literato? *Revista Contemporânea*, 15-02-1918.

¹²⁸ Ibidem.

via na prática de Coelho Netto um desserviço à literatura nacional. Quando o escritor maranhense proferiu o discurso de inauguração da piscina do Fluminense, desejando que a mesma se configura-se “um crisol em que se purifique a raça” e que marcasse “o início de uma nova era em nossa pátria”,¹²⁹ Lima Barreto utilizou de todo o seu sarcasmo para tirar sarro da situação.

Em seu livro *Os Bruzundangas*, Barreto usou da inauguração da piscina como elemento crítico aos literatos que, na concepção do autor, gastavam seu tempo ordenando com “palavras douradas” reuniões e cerimônias de ricos, de quem Coelho Netto seria o maior arquétipo.

Um desses milionários, caprichoso e voluntarioso, quis ir mais longe ainda. Tendo construído nos fundos de sua chácara, situada em um pitoresco arrabalde da capital da República da Bruzundanga, um tanque imenso, para dar banho aos cavalos de raça das suas opulentas cavaliças, teimou que havia de inaugurá-los soberbamente, com notícias nos jornais, bênçãos religiosas e um discurso feito pelo maior literato de Bruzundanga, ou tido como tal, enfim, pelo mais famoso.¹³⁰

O afastamento sistemático da literatura do que era popular, o academicismo arcaico da língua que “mesmo quando ele quer ser simples e natural, lá reponta um modismo já cadáver, exumado do dicionário, e a cousa soa mal”,¹³¹ e a opção por estrangeirismos ante qualquer coisa nacional, fazia com que Lima Barreto considerasse Coelho Netto “o sujeito mais nefasto que tem aparecido no nosso meio intelectual”, que “sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro” teria transformado a literatura em “pura *chinoiserie* de estilo e fraseado”.¹³²

Mesmo acostumado com críticas pesadas ao seu estilo e à sua obra, algumas em especial causavam verdadeira dor em Coelho Netto e sua família. Homem de muitos amigos, Netto acreditava que a lealdade deveria estar acima de quaisquer benefícios que uma crítica mal-intencionada pudesse lograr. Paulo Coelho Netto nos conta sobre um episódio no qual uma crítica, temperada com traição, por pouco não terminou em uma troca de murros entre ele e José do Patrocínio Filho.

O filho de Coelho Netto nos diz que, voltando de um treino de remo, entrou ferozmente no gabinete do pai, com o jornal *Pátria* na mão. Ele ficara indignado com um

¹²⁹ COELHO NETTO, H. Discurso na inauguração da piscina do Fluminense Football Club. *Apud* ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto...* p.72

¹³⁰ BARRETO, Lima. *Os Bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

¹³¹ BARRETO, Lima. “Uma Coisa Puxa a Outra – III”. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956, p. 271.

¹³² BARRETO, Lima. *História ou Literato?...*

artigo publicado pelo filho do abolicionista.¹³³ Coelho Netto já sabendo da publicação do mesmo, pegou o jornal e pôs-se a ler. “Miserável!” esbravejou o autor ao terminar.

Além de filho de um dos grandes amigos do literato, Patrocínio Filho ainda contara com a ajuda de Coelho Netto, então membro da Comissão de Diplomacia e Tratados da Câmara dos Deputados, salvando-o da execução em um processo de espionagem durante a Primeira Guerra Mundial.

Paulo estava preparado para responder fisicamente à agressão de Patrocínio Filho, esperando apenas a autorização do pai. O autor, entretanto, não a concedeu. “Com a pena fui insultado e com a pena responderei”. Coelho Netto, então, entregou ao editor do *Jornal do Brasil*, algumas cartas enviadas pelo autor do artigo, onde demonstrava muito respeito e afeto pelo literato, além de pedir dinheiro emprestado. Junto da carta, o autor enviou uma resposta, intitulada “Dentada de cão”, que segundo Paulo Coelho Netto, foi um atestado de óbito moral para o filho do abolicionista.¹³⁴

Li o teu artigo. O que nele me surpreendeu foi a parcimônia de misérias. Assinado com o teu nome devia ser mais torpe. Não estavas em ti quando o escreveste. Faze outro, embebe, porém, a pena bem fundo em tua alma para que saia obra digna do autor. Não tens outro meio de vida senão o que arranjaste. Ganha os teus trinta dinheiros. E, se vires que pode tirar algum partido do meu nome, explora-o à vontade. Ainda é uma esmola que te faço.¹³⁵

A resposta de Coelho Netto, por meio da palavra demonstra a força que o autor via nela. Mais do que uns sopapos, era através das letras que o literato acreditava ser capaz de derrotar aqueles que o criticavam. Embora a opinião de José do Patrocínio Filho tivesse causado uma ferida no autor de *A Cidade Maravilhosa* (1928), ela seria apenas a semente do ódio, que quando germinada, perseguiria o literato até os últimos dias.

Requentando os velhos argumentos de Veríssimo e Lima Barreto, alguns membros do movimento modernista acabariam tomando o autor como exemplo máximo daquilo que deveria ser combatido pelo grupo. Os modernistas partiam da premissa de que cabia a eles descobrir o verdadeiro Brasil, aquele que está escondido sob as fachadas da sociedade, onde o autêntico mundo popular adormecia pronto para ser revelado¹³⁶.

¹³³ Infelizmente não conseguimos localizar o artigo citado.

¹³⁴ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida...* p.44-46

¹³⁵ COELHO NETTO. Dentada de Cão. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 de Fevereiro de 1923, p.4.

¹³⁶ O movimento modernista foi marcado por grande heterogeneidade, com características, focos, objetivos e atributos diferentes de acordo com seu centro de atuação e local de “produção”. Angela de Castro Gomes, por exemplo, busca situar os movimentos modernistas de São Paulo e Rio de Janeiro, reinserindo os intelectuais fluminenses em um ambiente fortemente marcado pelos exemplos paulistanos. Tal movimento também é feito por Mônica Velloso, que busca analisar o modernismo além das divisas paulistanas. Nesse trabalho, ao falarmos de modernistas, estamos nos referindo ao movimento fluminense, responsável pelos maiores embates com Coelho Netto. Ver: GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* os intelectuais e o modernismo. Estudos

Gayatri Spivak, em seu célebre *Pode o subalterno falar?* nos apresenta a concepção de violência epistêmica, onde o subalterno é colocado na posição do outro, que necessitava ser descoberto, explicado, conhecido.¹³⁷ A construção desse outro é feita pelos intelectuais, que sem deixá-los falar, julgam-se capazes de representá-los verdadeiramente enquanto membros de uma sociedade.

Os movimentos modernistas, ao buscarem nas classes populares o verdadeiro Brasil, representava a crença de seus membros em poder falar pelo povo brasileiro, colocando-se como os legítimos construtores da nação brasileira, únicos representantes da verdadeira essência nacional. Como vimos anteriormente, Sevcenko nos diz ser essa uma das missões que os intelectuais acreditavam possuir perante a nação.¹³⁸

Epistemologicamente, tudo que deseja ser moderno necessita, obrigatoriamente, da existência de algo antigo, ultrapassado. E quem mais seria antipopular e defasado do que um escritor que era constantemente criticado por supostamente produzir uma literatura burguesa voltada apenas para beleza da forma em detrimento do conteúdo?

Tomado como grande vilão nacional, Coelho Netto foi protagonista de um dos grandes eventos que levaram autores como Lippi Oliveira¹³⁹ a valorizar o ano de 1924 como um dos marcos importantes na luta contra o “passadismo”. Em um evento na Academia Brasileira de Letras, Graça Aranha decretava a morte da mesma, uma vez que não havia qualquer tradição literária brasileira para ser protegida por ela, quiçá tradições insignificantes.

Com uma conferência sobre “o espírito moderno”, Graça Aranha buscava reforçar o caráter nacional do movimento e distinguir radicalmente aqueles que pretendiam valorizar a cultura brasileira se opondo a uma literatura de tal modo egoísta, visto reproduzir sistemas e noções alienígenas por puro capricho estético ou por mera subserviência.

Esse novo viés nacional deveria ser baseado em padrões europeus, genitores de toda cultura do Brasil, uma vez que o país “não recebeu nenhuma herança estética de seus primitivos habitantes, míseros selvagens rudimentares”.¹⁴⁰ Entretanto, a cultura europeia não deveria servir como objeto de imitação, mas sim como base para a construção de uma cultura

Históricos, Rio de Janeiro, vol. 6, n 11, 1993; VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

¹³⁷ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p.47-48

¹³⁸ SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão...* p. 78-83.

¹³⁹ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990. p.192.

¹⁴⁰ GRAÇA ARANHA. Ser brasileiro e ver tudo, sentir tudo como brasileiro. *A Noite*, 19-06-1924. Apud PEREIRA, Coelho Netto: *um antigo modernista...* p.312

puramente brasileira, adaptada e moldada com elementos “da própria selvageria inicial persistente”.

Os presentes no local estavam em polvorosa. Enquanto alguns aplaudiam veementemente o discurso do modernista, outros, como o orador Osório Duque Estrada e o presidente da Academia Medeiros e Albuquerque, condenavam as palavras e a hostilidade do discurso. Eis que Coelho Netto ergue-se da plateia para defender a instituição travando um duelo de tons épicos com o autor de *Canaã*.

Se V. Excelência entende que a Academia é uma pirâmide onde só habitam múmias, não deveria ter requestado essa habitação de mortos, para viver entre cadáveres, salvo se tem a pretensão de ser um Cristo para com o seu prestígio taumatúrgico ressuscitar defuntos.¹⁴¹

Em seguida, nosso protagonista sugere a Graça Aranha que gaste seu esforço, em prol da defesa da nova escola, com a produção de uma obra que a representasse e permitisse a eles sentir o que ela realmente significava, ao invés de se empenhar na realização de conferências cheia de “ismos” mas que pouco falavam. Por fim, restou em demonstrar estranheza em uma arte tipicamente brasileira ser fecundada a partir de raízes europeias, além da ingratidão de Graça Aranha a homens que tão bem lhe acolheram, acusando-o de arrogante e desrespeitoso.¹⁴²

Coelho Netto mal terminara sua fala e os dois escritores já estavam sendo carregados nos braços por seus partidários, que entusiasticamente defendiam duas propostas distintas, embora, como ressalta Pereira, fosse difícil distinguir as ideias proferidas pelo modernista das práticas literárias de seu oponente.¹⁴³

Antes de prosseguirmos, acreditamos ser importante trazermos para discussão um elemento da querela usualmente realçado. No final do debate, Coelho Netto teria dito “sou o último dos helenos!” em uma postura combativa ao modernismo e em defesa de um passado literário do qual ele mesmo faria parte. A frase marcaria a posição de autores como Coelho Netto e representaria o atraso que este grupo representaria para as artes nacionais.

Repercutida por jornais da época, como *Gazeta de Notícias e Correio da manhã*, a frase acabou tornando-se uma verdade quase absoluta no meio acadêmico. Autores como Daniela Cândido, Tânia Regina Ramos, Antônio Cândido, Maria Helena Azevedo,¹⁴⁴ entre outros, utilizaram da mesma como um elemento de análise da resistência de Coelho Netto ao

¹⁴¹ Sarilho no Olympto. *A Rua*: Semanario Ilustrado. 20-06-1924.

¹⁴² *A Notícia*, 21-06-1924. Apud COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida...* p.49.

¹⁴³ PEREIRA. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p.312.

¹⁴⁴ AZEVEDO, Maria Helena Castro. *Um senhor modernista: biografia de Graça Aranha*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002. pp. 336-337

novo e uma defesa ao *status quo* literário. Leonardo Pereira, por sua vez, prefere não fincar posição ao tratar a frase como “supostamente pronunciada”. Já Paulo Coelho Netto diz-se tratar de “pura invencionice” que seu pai tivesse pronunciado tal frase.

De nossa parte acreditamos ser difícil afirmar se a frase foi realmente dita, porém, seu constante uso pelos críticos do autor e da corrente literária que o mesmo representava, bem como a perpetuação da mesma, nos parece resultado de uma estratégia modernista para acelerar um processo deslegitimador do autor e para se distanciar de uma literatura que, além de ser vista como velha e ultrapassada, supostamente pouco se importava para o nacional.

Marcos Lopes afirma que, para compreendermos a literatura de Coelho Netto, temos de levar em conta a imagem socialmente construída sobre ela.¹⁴⁵ Mesmo o autor tendo uma boa recepção do público leitor, o que levava, por exemplo, blocos carnavalescos a consultá-lo sobre a escolha do enredo ou mesmo convidá-lo para suas quadras,¹⁴⁶ o que se propagou foi uma imagem elitista e distanciada da realidade em sua obra.

O manifesto proferido por Graça Aranha foi apenas um dos episódios envolvendo Coelho Netto e os modernistas. A campanha produzida contra o literato fez com que preconceitos e juízos de valor¹⁴⁷ moldassem a imagem de Coelho Netto. Mais do que as obras de Coelho Netto, o que precisava ser destruído era a ideia que ele representava. Vejamos o que nos diz Jorge Amado:

Os escritores não-modernistas a gente combatia, sem ter lido. Eu sempre conto que tinha vergonha de meter o pau em Coelho Netto, pois lera e gostara de um livro dele, *A capital federal*, mas a gente tinha que esculhambar Coelho Netto não é mesmo? Esse é um remorso que vou carregar a vida toda, de ter achado o livro ótimo e falando mal do autor, mas Coelho Netto era para nós o símbolo do atraso em matéria de literatura.¹⁴⁸

Conforme podemos ver, é evidente a influência do movimento modernista no ostracismo ao qual o autor foi lançado. O próprio autor percebia o potencial de tais críticas. Seguindo o exemplo dado a seu filho na contenda contra José do Patrocínio Filho, foi portando papel e pena que o autor buscou enfrentar este desafio. Acreditando que a força de suas palavras fosse capaz de responder aos críticos, em vários momentos o autor tentou elucidar sua forma de enxergar a literatura e alguns traços característicos de sua escrita.

¹⁴⁵ LOPES, M. A. *No purgatório da crítica...* p.30

¹⁴⁶ PEREIRA, Leonardo. *Literatura em movimento*. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; NEVES, Margarida (org). *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

¹⁴⁷ CORREIA, M.V.S.; ASSIS, E.C.P. de. Entre a glória e o esquecimento: a recepção da obra do escritor Coelho Neto. *Research, Society and Development*, 9(7): p.15

¹⁴⁸ AMADO *apud* CORREIA E ASSIS, idem *ibidem*, p.15.

A partir das críticas de Veríssimo, Lima Barreto e dos Modernistas optamos por compilar em cinco grupos os argumentos dos opositores da literatura de Coelho Netto: 1) a falta de um caráter militante em sua escrita, vista como algo puramente contemplativo; 2) a extensão do *corpus* literário de Coelho Netto, que fazia com que ele não se aprofundasse em uma obra; 3) o vocabulário repleto de palavras raras e inusuais; 4) a presença de uma apologia a estrangeiro/oriental em detrimento do caráter nacional em sua produção e; 5) a ausência de um estilo literário definido. E Coelho Netto buscou, ao longo da vida, responder a todas elas.

Antes de qualquer coisa, é importante entender o que significa a literatura para Coelho Netto. Em seu *Compendio de Litteratura Brasileira* (1913), o autor nos explica melhor qual o papel da literatura: “a literatura de um povo é o seu fundo tradicional. É por ela que se chega ao conhecimento das origens, à intimidade do viver”.¹⁴⁹ E mais:

Na obra literária encontram-se todos os elementos que constituem a raça ou a nação - a terra, na descritiva, com a sua riqueza e a sua formosura, amena ou agreste, tépida ou gelada; a língua, na expressão, com o vocabulário forte ou meigo, ríspido ou suave, sóbrio ou abundante; a tradição, com a lenda dos velhos tempos e os fatos dos dias recentes; a religião, os costumes e, sobre tais bases, o assunto pairando como uma ave a cantar na verde ramagem florida do tronco que sobe vigoroso da terra, abrindo alegremente a fronde ao sol. Os povos comunicavam-se intimamente pelas respectivas literaturas - é o contato das almas.¹⁵⁰

Nesses dois trechos podemos perceber que, para Coelho Netto, a literatura tem uma razão de ser muito maior do que pura contemplação. Partindo de uma perspectiva em que a literatura é uma das constituidoras da nação, o autor buscou, em várias oportunidades, transformar a sociedade através dela. Vendo-a como “a claridade precursora de todo progresso”,¹⁵¹ o literato estipula para a produção literária o papel de construir, modificar e perpetuar a cultura e a memória de um povo.

Como vimos neste capítulo, em muitos momentos a escrita coelhonettiana buscou alterar a sociedade e moldar a identidade nacional. Seja em seu primeiro poema publicado ou nos jornais que dirigiu, Coelho Netto buscou defender enfaticamente suas ideias e seus ideais sobre como deveria ser a sociedade brasileira. Não há, pois, como questionar o caráter militante de um autor que se postou a favor do abolicionismo, do republicanismo, da educação feminina (como veremos à frente), entre vários outros anseios políticos.

A suposta contemplação, que tanto criticavam, está relacionada ao estilo de escrita do autor, que buscava descrever, de modo mais preciso possível, o meio onde sua história se

¹⁴⁹ COELHO NETTO, H. *Compendio de Litteratura Brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves e Cia, 1913.p. 6.

¹⁵⁰ Ibidem, p.9

¹⁵¹ Ibidem, p.10

passava. “Dotado de extraordinária imaginação e de grande força criadora”,¹⁵² como afirma Afrânio Coutinho, a extensa descrição de paisagens ou do caráter de seus personagens, servia como mais um dos meios de introduzir o leitor na sua história.

Tal expediente foi utilizado - e ainda o é - por vários autores de nossa literatura. O que pode ter pesado a mão da crítica contra Coelho Netto era a ideia de que ele era o maior representante dessa literatura descritiva e contemplativa. De escritor frívolo da burguesia à escritor puramente imaginativo, a obra coelhonettiana sempre sofreu com o escrutínio da crítica.

Seu filho, por exemplo, observou essa perspectiva na recepção crítica da obra *Sertão* (1896):

Quando apareceu o ‘Sertão’, em 1896, ‘sertanistas’ da rua do Ouvidor e adjacências, esquecidos de que Coelho Netto nascera no interior do Maranhão e, restabelecendo-se duma doença de infância passar dois meses em longínquo vilarejo com a grande selva em frente, apregoavam que o seu ‘Sertão’ era muito literário, era um sertão descrito por quem nunca o tinha visto.¹⁵³

O próprio Coelho Netto parece ter entendido a complexidade da atividade crítica. O autor acreditava que, mais do que discutir a concepção de uma obra ou os elementos literários presentes nela, o fim da crítica era puramente mostrar o que era belo ou útil e o que deve ser desprezado; o que deve ser aplaudido e o que deve ser condenado.

Para a análise subjetiva - como toda a obra é o reflexo do seu autor - sonda a alma do artista, pesquisa-lhe o moral, busca-lhe a filosofia, inquire-lhe as intenções. De posse de tais elementos dá a equação exata do valor da obra - mostra-lhe as qualidades e os defeitos, a soma de substância e os vícios: destrói o erro opondo-lhe a verdade.¹⁵⁴

A crítica literária produzida no Brasil a partir de 1870 foi marcada por modelos etnológicos e naturalistas, assim como pela busca de unidade do saber. Além disso, observa-se na produção dos principais críticos literários da virada do século XIX a presença de critérios sociológicos e nacionalistas, o que fez com que alguns críticos, como Silvio Romero e José Veríssimo, ainda que guiados por diferentes perspectivas, utilizassem a crítica como parte do esforço de construção nacional. Acreditavam que a crítica literária deveria ajudar a definir a especificidade do Brasil e dos brasileiros, avaliando as obras em função da maior ou menor contribuição para essa definição.¹⁵⁵

¹⁵² COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A Literatura no Brasil*. 7ª ed. – São Paulo: Global, 2004, p. 225.

¹⁵³ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida...* p.14-15.

¹⁵⁴ COELHO NETTO, H. *Compendio de Litteratura Brasileira...* p. 13.

¹⁵⁵ VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-194*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 41; LIMA, Luis Costa. A crítica literária na cultura brasileira no século XIX. In: _____. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 30-55.

Assim, podemos inferir, que mais do que o caráter militante da obra de Coelho Netto, quem era, de fato, julgado pela crítica, era o próprio Coelho Netto. Tido como “o maior romancista brasileiro”,¹⁵⁶ “o mais fecundo prosador da língua portuguesa, em todos os tempos”,¹⁵⁷ um artista que era, sobretudo, um criador,¹⁵⁸ por seus amigos e admiradores, era também crucificado por aqueles que possuíam, para a literatura e para a vida, valores distintos e preocupações diferentes.

Muitas das críticas provinham de uma suposta “vulgarização” da literatura pelo fato de Coelho Netto escrever muito. Como vimos, críticos como Veríssimo usavam esse argumento para justificar a suposta falta de uma obra-prima do literato, ou até mesmo de qualidade na maioria de sua produção. A lógica era de que quanto mais se escrevia, menos tempo possuía para aprimorar as obras realmente relevantes.

Buscando viver exclusivamente da pena, durante a maior parte de sua vida, Coelho Netto necessitava produzir muito para sustentar sua família. A maior parte de seus livros foi feita em cima da hora, ou dia a dia, para publicação nos jornais e revistas.¹⁵⁹ *Rajah de Pendjab* (1898), por exemplo, foi feito em menos de dois dias, para suprir um espaço deixado no *Gazeta de Notícias* por outro livro não entregue¹⁶⁰.

O autor, ciente da avaliação dos críticos, afirmava que “a crítica, quando foram dados à luz alguns volumes meus com intervalo apenas de dias, gritou contra o que ela chamava mercenarismo”. E continua: “a crítica não fala só da abundância de atavios, do mercenarismo com que confunde a realização imediata de uma ideia acabada, fala também do número dos meus volumes”.¹⁶¹

Depreciado por escrever muito, o autor, em tom jocoso, diz que o que se tem bastante no país é a preguiça, não a mental, mas sim a física, que inibe que outros consigam escrever o mesmo que ele. Em resposta aos críticos que reclamavam por ele já ter escrito trinta volumes, o autor escarneia afirmando ter, na verdade, 50 volumes escritos.

Para Netto, a maioria das críticas surge muito pelo desconhecimento de quem ele realmente era, o que faria com que a crítica ignorasse o motivo que o levava a trabalhar tanto.

¹⁵⁶ DE FARIA, Otávio. “Coelho Neto”, in *Jornal das Letras*, ano I, nº 3, Rio de Janeiro, set-1949.

¹⁵⁷ CAMPOS, Humberto de. *Crítica. 1ª Série...* p. 78

¹⁵⁸ MORAES, Péricles. *Coelho Neto e sua obra...* p. 156

¹⁵⁹ Afrânio Coutinho nos lembra que o mesmo sucedeu com autores de renome universal, como Balzac e Dostoiévski, o que provava, por si só, que esse fato não seria motivo para desqualificar a produção do autor. COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A Literatura no Brasil...* p. 230.

¹⁶⁰ RIO, João do. *Momento Literário...*

¹⁶¹ RIO, João do. *Momento Literário...*

Denominando-se como um “tropista do trabalho”, o autor se apresenta à crítica, na famosa entrevista para João do Rio:

Sou um tropista do trabalho, a *bête de somme* do franceses – quero, e mourejo como um servo da gleba... Ah! Meu amigo, o artista não é o zoilo das confeitarias à cata de jantar. Preciso de um relativo conforto, preciso rodear os meus filhos de bem estar. Trabalho! Creio que só a tenacidade e o querer têm obstado a minha morte. Hei de ir até o fim com o prazer de ter pago sempre as minhas dívidas...¹⁶²

Defendendo seu modo de produção, que para o autor era o fruto de ter “subordinado o estilo à concepção”, o que fazia com que a pena trabalhasse “quase mecanicamente”, ele nos lembra que várias obras primas da literatura mundial foram escritas em poucos dias, citando o exemplo de *Hamlet* de William Shakespeare. Ao se comparar com um dos principais escritores da história, Coelho Netto não apenas defendia o êxito de seu processo criativo, mas também o seu próprio valor, constantemente posto em dúvida devido à extensão de seu trabalho.

A defesa do seu método criativo e, sobretudo, do seu estilo, também possui relação com o terceiro grupo de críticas que o autor sofria: o uso de palavras raras ou pouco usuais. Visto por alguns como uma busca por rebuscamento ou um uso “mais puro” da língua portuguesa em relação à língua falada no Brasil, esta é uma crítica praticamente unânime e deveras constante em suas produções.

De fato, ler Coelho Netto nem sempre é uma tarefa fácil. Se hoje encontramos dificuldade com alguns termos praticamente mortos do nosso idioma, imaginar que tal modo de escrita fosse facilmente lida há mais de um século se torna quase impossível. Porém é interessante notar que, dependendo do local onde escrevia, tal padrão linguístico poderia ser mais ou menos utilizado. Em jornais como *O Meio* ou mesmo no livro tema deste trabalho, *Breviário Cívico*, onde o principal motivo era atingir um público mais amplo, Coelho Netto optava pelo uso de termos mais acessíveis para seus leitores.

Compreendendo que existem várias formas e necessidade de comunicação na literatura, Coelho Netto buscava doutrinar a palavra e adequá-la a seu público, tornando-a mais inteligível quando necessária para a compreensão de um público amplo. Essa diferenciação do modo de escrita é explicada pelo próprio autor:

Tenho a respeito da palavra uma teoria: a palavra falada é a palavra viva, livre, solta de todas as cadeias, capaz de por se só definir, pintar, colorir; a palavra escrita é a palavra agrilhoadada, morta. Sem a expressão imediata. A primeira tem a intenção que é tudo e a inflexão que é a realidade da intenção. Toma por exemplo a palavra Deus. Deus tem uma cor no juramento solene, outra no auge do pavor, outra na ironia, tem todas as cambiantes

¹⁶² RIO, João do. *Momento Literário...*

do sentimento, graças a inflexão e, às vezes, apesar de sagrada, falta-lhe moralidade, como quando uma rapariga, comida de beijos pelo amante, murmura trêmula – Meu Deus! A palavra escrita vive do adjetivo, que é a sua inflexão.¹⁶³

Na palavra falada, a entonação permite ao receptor compreender a mensagem de seu emissor com mais facilidade, pois o tom com o qual é dita, em conjunto com o contexto no qual foi exprimida, torna mais fácil a compreensão. Já na palavra escrita tal efeito não ocorre, pois entre a mensagem escrita pelo emissor e a mensagem recebida pelo receptor existe um espaço-tempo incalculável, podendo ser lida no dia seguinte de sua publicação e na mesma cidade que foi escrita, ou ser acessada um século depois em outro país.

Daí surgiria a grande necessidade de se disciplinar o vocabulário, que Coelho Netto tanto defendia, para que a palavra, ou o adjetivo, fosse usado com seu significado efetivo, não permitindo interpretações outras. “O termo ‘exato’... Eis, sem dúvida, o ponto vital da obra de Coelho Netto e, também, a pedra de escândalo dos seus detratores”,¹⁶⁴ afirmava Coutinho.

Paulo Coelho Netto afirmava que seu pai possuía um vocabulário calculado em vinte mil palavras.¹⁶⁵ Mais do que uma leitura assídua de dicionários, que um dia já esconderam seus primeiros escritos, para o literato o conhecimento de tantas palavras era fruto de sua disciplina. Grande estudioso da língua portuguesa, o autor defendia a necessidade do uso de se conhecer bem a língua para poder fazer bom uso dela.

Eu consegui disciplinar o vocabulário. Dada uma certa impressão, concluída uma ideia, posso sentar-me e escrever. A ideia sai vestida e os termos exatos juntam-se no perfeito reflexo da impressão. Estou a tomar uns ares dogmáticos... Perdoa. É quase uma confissão. Vem desse esforço, que foi a pouco e pouco desbastando do meu estilo os guisos de muitos adjetivos para substituí-los por um só, exato, o emprego de certos termos populares como sarrilho e de palavras desejosas de dar a idéia mais onomatopaica do fato, como buchorno com a significação de mormaço – dois substantivos vítimas em tempo de crítica...¹⁶⁶

“Acusam-me de preciosismo, meu caro amigo”, queixava-se. Dominando a palavra, Coelho Netto a usava para transmitir a ideia que queria. Abusando de um abundante léxico, a busca pela palavra correta tornou-se uma marca da produção coelhonettiana. Mais do que artifício de rebuscamento textual, o uso de palavras inusuais configurava um meio que o autor utilizava para conceber os reais significados daquilo que buscava escrever.

Humberto de Campos nos diz que “Coelho Netto[...] não ama[va] a palavra pela raridade, pela velhice ou pelo exotismo – a palavra pela palavra -, ama-a pela clareza, pela

¹⁶³ RIO, João do. *Momento Literário...*

¹⁶⁴ COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A Literatura no Brasil...* p. 228.

¹⁶⁵ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida.* p.32

¹⁶⁶ RIO, João do. *Momento Literário...*

exatidão, pela precisão...”.¹⁶⁷ Afrânio Coutinho resume bem o que expressava essa prática do autor: “O mal de Coelho Netto foi que sua teoria da palavra, da busca do termo exato, coincidiu com o seu invulgar, verdadeiramente extraordinário vocabulário. Buscando o termo exato, Coelho Neto o encontrava sempre – e o usava”.¹⁶⁸

A busca pela palavra exata, entretanto, deu munição para outro elemento crítico do literato maranhense - o uso de estrangeirismos. Na falta de alternativa exata no vernáculo nacional, o autor acaba por adotar palavras, conceitos ou expressões estrangeiras para se fazer entender. “Eu estudo com grande amor a língua portuguesa, mas sou pela liberdade, fujo aos estudos propriamente chamados clássico-gramaticais. As línguas evoluem, e eu admito, como necessidade de representação de idéias, o estrangeirismo”.¹⁶⁹

A crítica ao estrangeirismo e/ou orientalismo e/ou helenismo na obra de Coelho Netto parte do pressuposto de que esta seria um dos caracteres mais importantes de sua obra, em detrimento da busca de um estilo, sentimento ou cunho nacional. Seus críticos o acusavam de ser mais preocupado em parecer erudito do que se preocupar com aspectos da realidade brasileira.¹⁷⁰

Anunciavam que por trás de deuses gregos, seres mitológicos, expressões em latim e toda uma gama de estrangeirismo insipiente, escondia-se um profundo desconhecimento do Brasil, bem como um desprezo ao que era brasileiro. Tal forma de enxergar a produção do autor produziu distorções quanto aos seus reais objetivos bem como sobre sua forma de produção.

Enquanto aqueles que acusavam Coelho Netto dessa transgressão davam-lhe um caráter de quase crime lesa-pátria, seus defensores buscaram a toda oportunidade negar-lhe esta característica. Autores como Leonardo Pereira e seu filho Paulo Coelho Netto, por exemplo, discordavam da acusação. Paulo inclusive afirma que seu pai “jamais escreveu um romance grego e que em apenas 12 contos a Grécia foi assunto”.¹⁷¹

Acreditamos que ambos os lados, ao optarem pelos extremos acabam caindo em uma armadilha que busca engessar o autor em modelos críticos pré-existentes, inviabilizando uma leitura capaz de avaliar a obra de Coelho Netto completamente por si mesma. Ao buscarem

¹⁶⁷ CAMPOS, Humberto de. *Crítica. 1ª Série...* p,78

¹⁶⁸ COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A Literatura no Brasil...* p. 229.

¹⁶⁹ RIO, João do. *Momento Literário...*

¹⁷⁰ A crítica literária no final do século XIX tinha como premissa julgar a qualidade da obra a partir de como a mesma abordava a questão nacional. Quanto menos discussão ou presença nacional houvesse na obra, pior ela era avaliada, o que ajuda a entender a crítica ao texto coelhonettiano.

¹⁷¹ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto...*

provar a existência do helenismo/orientalismo e ao tentarem provar a não-existência do mesmo, ambos os lados se limitam a marcar posição a partir de juízos de valor sobre o que é bom/mau ou certo/errado.

Vejamos por exemplo a crônica *Cães*.¹⁷² Nela, Coelho Netto critica a quantidade de cachorros na cidade, principalmente nas vias públicas, dizendo tratar-se de uma epidemia que estaria disseminando “o mal hediondo”. Reclama do risco de mordidas, das sujeiras nas ruas e principalmente do barulho feito pelos animais durante a noite, que não deixa a cidade dormir. Ou seja, uma simples crônica sobre um problema cotidiano, que para o autor deveria ser sanado rapidamente. Porém, vejamos como até em assuntos banais, o autor não deixava de demonstrar certo helenismo/estrangeirismo. Eis alguns trechos na obra:

Até bem pouco tempo, a nossa Guanabara tinha no golfo de Nápoles e no canal de Bósforo dois temíveis rivais.

Se não pode mais o Rio rivalizar em beleza com a antiga Partênopé; se a famigerada Istambul das odaliscas já lhe não teme os contornos, a primeira não poderá com ela competir em cinismo porque só tem a gruta do cão em Pausilippo e a segunda, em tal riqueza, também lhe não levará vantagem, apesar do que dela disse De Amicis, que é “um imenso canil”.

Que cidade haverá no mundo onde os cães vivam tão à vontade como nesta, que seria para Diógenes um paraíso?

Como podemos ver nos trechos citados, a presença da mitologia grega e de referências da cultura greco-romana serve para o autor como matriz comparativa para tratar da cidade e para adjetivar o problema central da crônica, uma vez que a presença dos cães faria com que o filósofo grego Diógenes, o Cínico, se sentisse no paraíso.

Analisando a obra *Esphinge*, Claudia Maydana nos diz que a Grécia era invocada na obra devido ao parnasianismo ao qual o autor se filiara e “a celebração da superficialidade que contribuirá para a formação da estética artificial”.¹⁷³ Ela completa afirmando que “personagens dos mitos gregos são citados à qualquer oportunidade na obra: Apolo, Ajax, Minerva, Afrodite, o Pégaso, a Esfinge, etc. O Simbolismo é também conhecido por utilizar a mitologia e referenciar constantemente os deuses”.¹⁷⁴ Além dos personagens, a autora identifica o uso de palavras de influência grega, como *idyllio*, *sygmoidaes*, *hemicyclos*, *hyeroglyphos* e *lethargo*.

¹⁷² COELHO NETTO, Henrique. *Feira Livre*, Porto: Lello, 1926.

¹⁷³ MAYDANA, Claudia Jane Duarte. *Decifrando os enigmas da modernidade em Esphinge, de Coelho Neto*. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010, p.107-108.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 108.

Ubiratan Machado nos diz que “as suas crônicas [eram] repletas de referências à história e à mitologia greco-romana”,¹⁷⁵ tendo “os personagens dessas crônicas [...] alguma coisa de heróis mitológicos ou semideuses. São forças da natureza”.¹⁷⁶ Já Péricles Moraes afirma que “foram os gregos que lhe ensinaram a vida no cerimonial de seus grandes espetáculos”.¹⁷⁷

Assim, embora não tratem exatamente sobre a Grécia Antiga, a influência que a mesma exercia no autor é evidente, sendo uma constante em sua produção literária independente do assunto central. Por nossa vez, acreditamos no meio termo entre os críticos da prática. Não há como negar a utilização de elementos helenistas/estrangeirismos/orientalismos pelo autor, entretanto a utilização não ocorre de forma indiscriminada nem sequer representa uma ausência de um caráter nacional nos textos.

Seja como um artifício comparativo, como uma inspiração ou como mero recurso literário, tais elementos tornaram-se um componente da produção coelhonettiana, o que, no entanto, não significa que a defina. Buscando uma não-defesa incondicional de ambos os extremos, nos prevenimos de praticar um estelionato crítico-literário e nos permitimos analisar sua obra por ela mesma.

A maior parte dessas críticas vem de uma outra característica da obra de Coelho Netto: a dificuldade de encaixá-la em uma corrente ou escola literária. Daniela Cândido nos diz que esta dificuldade permeia toda a literatura da *belle époque*, vista como uma época intermediária, quase sempre vista como sem importância, entre o apogeu do romantismo (por volta de 1870) e a ascensão do modernismo (que tem como marco 1922).¹⁷⁸

Mauro Rosso, por exemplo, afirma que

A literatura típica da *belle époque*, estéril em termos nacionais, coadunada com a própria fachada da época, era uma literatura articulada com o modo de vida das elites urbanas europeizadas, fomentador do consumo, do excesso, da sensualidade, do aristocratismo; de extrema superficialidade e caráter preciosístico, uma coligação de alta sociedade e alta cultura.¹⁷⁹

Devido à grande gama de estilos e escritores existentes no período, não foi possível, ainda, classificar de forma homogênea o grupo de intelectuais que nele viveram. Seja por

¹⁷⁵ MACHADO, Ubiratan (Org). *Melhores Crônicas Coelho Netto*. São Paulo: Global, 2009. p.13

¹⁷⁶ Idem. p. 10

¹⁷⁷ MORAES, Péricles. *Coelho Neto e sua obra...* p. 182

¹⁷⁸ CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Heleno...* p.16

¹⁷⁹ ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto...* p.25

diferenças teóricas, por diferenças metodológicas, ou por diferenças políticas, o período pode ser considerado como um momento de grande agitação literária, onde o caráter político da literatura se sobrepunha a questões de escolas.¹⁸⁰

Não que não houvesse a tentativa de classificar os autores em movimentos literários, ou que os próprios não se classificassem. Ocorre que a presença de características fluidas em seus textos, permitia que os mesmos autores pudessem ser classificados em escolas diferentes dependendo de quem classificava, do momento da produção da obra, ou mesmo por períodos de vida dos literatos. Como bem resumiu Angela de Castro Gomes, este período ficou marcado como um momento de grandes mudanças culturais,¹⁸¹ um turbilhão¹⁸² de ideias, interações e experimentações que permitiam que um mesmo autor pudesse representar várias escolas, ou mesmo nenhuma.

É interessante notar que os próprios intelectuais tinham problemas em se definir enquanto grupo literário ou mesmo de indicar qual seria a prática literária dominante no período. Na enquete realizada por João do Rio no início do século XX - que viria ajudar a fundamentar a escrita de seu livro *Momento Literário* (1904) -, podemos perceber a multiplicidade de visões sobre as tendências em destaque no período.

Respostas como parnasianismo, romantismo, simbolismo, realismo, nefelibatismo, ou simplesmente “geração nova”, entre várias outras, nos permitem compreender a dificuldade de congregar os escritores do período em apenas um movimento. João do Rio nos diz que o que reinava era “a anarquia mental”, onde a falta de consenso fazia com que uns vissem o momento como de decadência literária e outros como um período de progresso. Talvez não haja melhor resumo que o do próprio autor: “A verdade é que cada um cuida de si. A época é de um individualismo hiperestésico”.¹⁸³

Mesmo diante de tal multiplicidade de resultados, tanto críticos do período quanto posteriores, acusavam a falta de uma tendência literária explícita como um dos motivos que demonstravam uma deficiência de Coelho Netto, que, baseando a sua escrita nos modismos de então, buscava aproveitar de uma presumida lacuna intelectual para disfarçá-la.

Classificado como realista, nefelibata, parnasiano, naturalista, e toda série de ordenações, Coelho Netto teve boa parte de suas produções analisadas a partir de rótulos com

¹⁸⁰ Ver: CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p. 16-21

¹⁸¹ GOMES, Angela de Castro. *Essa gente do Rio...* p. 62-77.

¹⁸² Pereira faz uma rápida porém interessante discussão sobre o significado da palavra “turbilhão” durante a *belle époque*, que nesse caso trata de múltiplos acontecimentos ou ideias que atingem um indivíduo de tal modo que ele se sente “afogado pela sua força”. Ver: PEREIRA. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 203.

¹⁸³ RIO, João do. *Momento Literário...*

os quais o próprio não se identificava. Alfredo Bosi, por exemplo, afirma que “a inquieta curiosidade, apoiada em uma memória invulgar, foi o pressuposto psicológico do ‘realismo’ exaustivo do prosador; já ao seu evidente parnasianismo serviu o gosto sensual da palavra”.¹⁸⁴

Identificando o autor em duas escolas diferentes, Bosi consegue, em uma única frase, demonstrar o poderio do repertório crítico na análise da obra coelhonettiana. Possuindo uma “prolixidade conatural ao seu temperamento”,¹⁸⁵ Coelho Netto acabava por se embrenhar em uma amálgama literária devido ao uso irrestrito de elementos parnasianos em conjunção com uma suposta leitura realista da sociedade. Em outras palavras, era como se o autor se predispuesse a narrar a realidade de forma simples através de palavras difíceis.

Outros autores buscam defender Coelho Netto ao afirmarem que a dificuldade de classificá-lo como membro de qualquer tendência literária é na verdade uma virtude. Estando “acima das escolas e dos grupos”, o autor se preocupava apenas em escrever por escrever, não se importando com os rótulos que teria na posteridade.¹⁸⁶

O próprio Coelho Netto demonstrava ser difícil classificar as escolas literárias no período. Na entrevista para João do Rio, o autor diz existir apenas “dois grupos, um muito pequeno, dos que podem; outro, enorme, dos que não podem”. Otimista, acreditava que chegaria o dia em que existiria uma “Escola Brasileira”, baseada em ideias e culturas puramente nacionais, desde que houvesse um “prestígio oficial” antes.¹⁸⁷

Buscando fugir de armadilhas teóricas e tutelar os críticos, o autor, quando da oportunidade de realizar uma conferência na abertura de a um concerto de Villa-Lobos, define como gostaria que sua obra fosse analisada:

para que não insistam em arrolar-me em bandos, declaro que não sigo bandeiras nem pendões, que não tenho compromisso de escolas, que faço livremente o que entendo, que sou eu, enfim, e só! Ou em latim, que é mais grave: *Ergo sum qui sum*. E tal como sou é que devo ser julgado.¹⁸⁸

Ao empenhar-se em ser julgado pelo que ele de fato escreve, e não pela escola literária a qual julgavam que deveria pertencer, Coelho Netto marca uma posição acima de qualquer escola. Ser julgado por si mesmo significava pedir para que não o vissem com valores que ele julgava não representar, embora muitos o fizessem, mas sim pelo que ele próprio gostaria de deixar para posteridade.

¹⁸⁴ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira...* p. 200.

¹⁸⁵ BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira...* p. 203.

¹⁸⁶ COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A Literatura no Brasil...* p. 226.

¹⁸⁷ RIO, João do. *Momento Literário...*

¹⁸⁸ COELHO NETTO, H. Villa Lobos. 1922. *Apud*. MORAES. Marcos Antonio de. *Às Quintas no tempo modernista...* p. XX-XXI.

Apesar da súplica do autor, o sucesso do empreendimento de seus críticos foi o que vigorou. Relegado a um lugar de atraso, Coelho Netto foi condenado ao ostracismo, sumindo das prateleiras e da memória social. Recuperar a produção do autor e reviver suas ideias é um desafio ainda incipiente na academia. Esse trabalho se propõe a colaborar nesse processo.

Neste capítulo buscamos analisar as principais influências que ajudaram Coelho Netto a moldar o gosto pela literatura, seu estilo e sua visão combativa das letras. Além disso, optamos por fazer uma breve discussão sobre como a obra do autor foi recebida por seus pares e pelo público, de modo a tentarmos inferir o alcance de suas ideias.

Tal exercício se mostra de tamanha importância para compreendermos a relevância de suas proposições, bem como mensurarmos o quanto elas receberam atenção de um público a quem o autor buscava influenciar. Acreditamos que este estudo amplia nossa compreensão do horizonte de expectativa do autor quanto à realização de sua maior obra: uma nação brasileira comparável às maiores do mundo.

Qual nação seria essa é o que buscaremos compreender no próximo capítulo.

CAPÍTULO II

Uma nação idealizada

Reinhart Koselleck, em seu *Futuro Passado*¹⁸⁹, apresenta-nos a duas categorias formais e genéricas que nos permitem delinear as condições das histórias possíveis: espaço de experiência e horizonte de expectativa. São categorias universais, porque, segundo o autor, “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem”.¹⁹⁰

Explicando um pouco mais, Koselleck apresenta sua tese de que experiência e expectativa são categorias adequadas para abordar o tempo histórico, porque elas entrelaçam passado e futuro, além de dirigir as ações concretas dos seres humanos no movimento social e político.¹⁹¹ O espaço de experiência está relacionado ao passado e seus usos no presente. É o passado atual, composto por acontecimentos lembrados num dado presente e que inclui tanto as elaborações racionais quanto formas inconscientes.

Já o horizonte de expectativa, também se realiza no presente, mas se volta para aquilo que ainda não foi experimentado, para o que pode ser previsto ou esperado. Nessa categoria podemos enquadrar nossos medos, esperanças, vontades e ambições, além de análises racionais. Por ser um futuro presente, ele está em constante modificação, podendo tomar caminhos diferentes a partir da aquisição de novas experiências.

Importante observar que, apesar de se relacionarem, experiência e expectativa não são conceitos simétricos complementares. Para Koselleck, experiência e expectativa possuem formas de ser diferentes, de modo que uma expectativa não pode ser totalmente deduzida de uma experiência. Toda experiência, antecipada como expectativa, se decompõe em uma infinidade de momentos temporais.

¹⁸⁹ KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado*: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

¹⁹⁰ Idem, *ibidem*, p. 306.

¹⁹¹ Koselleck procura demonstrar em que medida experiência e expectativa, como dados antropológicos, são condição para as histórias possíveis. Além disso, procura mostrar, por meio de exemplos históricos, como a coordenação entre experiência e expectativa modificou-se no transcurso da história, sendo que o tempo histórico, para este autor, é uma grandeza que se modifica com a história e essa modificação pode ser deduzida por meio da compreensão do modo como experiência e expectativa se entrelaçam. Idem *ibidem*, p. 309.

Embora inicialmente ambas as categorias possam parecer antagônicas, elas não o são. Ambas estão entrelaçadas temporalmente e repercutem uma na outra. Para facilitar o entendimento, podemos imaginar um filme de ficção científica onde o papel do protagonista é voltar ao passado para impedir um assassinato em massa. Caso ele consiga cumprir sua missão, ao voltar para o futuro, este não será o mesmo vivenciado por ele antes, mas sim um novo decorrente das mudanças das experiências e acontecimentos que ele realizou.

Tais categorias históricas são de extremo valor para nossa pesquisa pois, embora uma expectativa não possa ser totalmente deduzida de uma experiência, permitem compreender como as experiências vividas por Coelho Netto contribuíram para a construção de expectativas sobre a nação brasileira e sobre a identidade nacional, e como elas foram mudando ao longo dos anos.¹⁹²

Ao longo de toda sua carreira, Coelho Netto demonstrou, através de seus escritos, conferências e discursos, ambicionar a formação de uma nação brasileira forte, livre, civilizada e moderna. Desde os movimentos abolicionista e republicano, passando por sua carreira enquanto deputado federal, o literato defendia a necessidade de fortalecer a nação diante do perigo estrangeiro, tanto pela chegada de imigrantes europeus, que supostamente ameaçavam o povo brasileiro por serem mais fortes fisicamente, quanto pelos sentimentos nacionalistas exacerbados, principalmente durante a Grande Guerra.

Além de ser uma nação forte, o Brasil deveria, acima de tudo, parecer forte. Coelho Netto acreditava que era necessário que o país se igualasse em condições e parâmetros civilizacionais aos europeus. O modo como isso seria feito, entretanto, sofreu alterações de acordo com a acumulação de experiências que o autor vinha adquirindo, quase que em um processo de tentativa e erro.

Diferentemente de outros autores do período, Coelho Netto nunca chegou a escrever um projeto nacional. Embora tenha escrito livros com temáticas nacionalistas, os quais debateremos neste trabalho, nenhum deles apresentava um “projeto de fato”, mas sim elementos para alcançar uma nação moderna e promover a identidade nacional, nos moldes desejados pelo autor. Entretanto, através dos vestígios deixados em seu *corpus* literário, podemos compreender os princípios fundamentais, elencados pelo autor, que comporiam sua nação idealizada.

¹⁹² Compreendo que as categorias experiência e expectativa estão ligadas à pessoa e ao interpessoal. Por isso considero possível utilizar essas categorias na análise do pensamento de um autor.

Acreditamos ser importante, antes de nos aprofundarmos na nação coelhonettiana, compreendermos melhor o que a ideia de nação representa em sua época. Para os objetivos deste trabalho, consideramos que o conceito de “nação imaginada”, elaborado por Benedict Anderson, é útil para compreender as aspirações de Coelho Netto e seus contemporâneos.

Segundo Anderson, toda nação é imaginada pelo fato de que nenhum cidadão, por menor que seja a sua nação, será capaz de conhecer todos os seus compatriotas. Esse cidadão só reconhece um desconhecido como seu conterrâneo porque vivem sob a mesma ideia de pertencimento à nação. Independente de desigualdades sociais, de exploração econômica, todos possuem o sentimento de afinidade identitária. Além disso, Anderson nos diz que toda nação é limitada, visto que independente de seu tamanho, ela possui fronteiras finitas, e soberana, uma vez que para ser livre, é necessário que seja soberana sobre um território.¹⁹³

Anderson parte do princípio de que toda nação e todo sentimento nacionalista são produtos culturais específicos de uma comunidade. Para o autor há na questão nacional certas afinidades com os imaginários religiosos, uma vez que ambos foram “projetados” para serem inquestionáveis. A nação teria sua origem em um passado imemoriável, como se ela sempre existisse e, por isso, continuaria existindo em um futuro ilimitado, de modo que seus membros seriam uma continuidade de antigas e progenitores das futuras gerações da comunidade.

O autor sustenta que a possibilidade de se pensar historicamente a nação surgiu apenas quando três concepções culturais fundamentais perderam o domínio sobre o homem: a ideia de que determinadas línguas forneceriam a verdade absoluta aos seus adeptos; a crença de que a sociedade se organizaria naturalmente em hierarquias provenientes divinamente e; a mudança das concepções de temporalidade que viam cosmologia e história como unas e cuja origem de todos os homens seriam as mesmas. Se todos os homens não possuem uma mesma origem, um mesmo rei e falam línguas diferentes, estes se encontraram na necessidade de buscar outros fatores que o unissem enquanto comunidade, e é assim que a ideia de nação ganha força.

Segundo Anderson, a imprensa foi fundamental para o surgimento de novas ideias sobre simultaneidade, criando uma nova possibilidade de comunidade imaginada, pois permitia que através das notícias e artigos publicados em jornais, uma pessoa reconhecesse no ato de outra, similaridades culturais que serviriam de base para a concepção de nação

¹⁹³ ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. pp. 32-34.

moderna. Se em um primeiro momento os jornais possuíam caráter meramente ilustrativo e/ou informativo, em pouco tempo começaram a surgir elementos políticos e de localidade em suas páginas, o que levou a construção do sentimento de pertença a um grupo, que seria então, diferente de outro.¹⁹⁴

A nação imaginada de Anderson é fruto de um esforço coletivo, onde memórias, aspirações e expectativas são construídas e desconstruídas a partir da coletividade para o indivíduo. Nessa concepção de nação, ela permeia a vida do sujeito desde seu nascimento até sua morte. Ao nascer, a pessoa já possui uma nacionalidade, adquirida graças ao esforço de seus antepassados, e seu papel será o de dar continuidade àquela identidade, àquele modo de viver e ser enquanto comunidade.

Ela atuaria como um mecanismo semelhante ao fato social descrito por Durkheim, no qual o poder exercido pela coletividade possui uma certa força coercitiva sobre o indivíduo, tendo ele que aprender a agir de um modo já existente e aceito coletivamente. A nação seria perene, independente das ações e vontades de um indivíduo específico, pois como bem explicou o sociólogo francês, todo fato social existe para a sociedade, e só ela poderia causar modificações para toda coletividade, configurando uma situação quase de imutabilidade nacional.¹⁹⁵

Diferentemente desse caráter mais “enrijecido” da nação, a identidade nacional é bem mais dinâmica, sendo constantemente construída e desconstruída por um grupo ou indivíduo. O sujeito não nasce com sua identidade pronta, mas, ao nascer, já se encontra em uma estrutura social na qual essa identidade é intrínseca, e que lhe exerce a força coercitiva descrita por Durkheim. Ainda assim, o sentimento de pertença desse indivíduo não necessariamente se dará da mesma forma dos demais, visto que a identidade possui caráter particular. Stuart Hall nos diz que

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.¹⁹⁶

E ainda

As culturas nacionais, ao produzirem sentido sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado.

¹⁹⁴ Anderson diz que os primeiros nacionalistas mexicanos referiam-se a si mesmos como *nosotros los Americanos* ou ao México como *nuestra America*. In: *Ibidem*, p.103.

¹⁹⁵ DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹⁹⁶ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 48.

Como argumentou Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é uma ‘comunidade imaginada’.¹⁹⁷

O papel da imprensa, descrito por Anderson, na construção nacional cai como uma luva, na percepção que os literatos brasileiros possuíam sobre si mesmos. Lucia Lippi Oliveira nos diz, em seu *Questão Nacional na Primeira República*, que

Os intelectuais, independente da sua origem de classe, da sua formação bacharelesca ou especializada, mantiveram-se ocupados em "pensar" o Brasil e em propor caminhos para a salvação nacional. Ao atuarem na construção de consciências coletivas, os intelectuais consideram-se imbuídos de uma missão e procuraram difundir suas propostas mediando aspirações nacionais e políticas governamentais. Nesta tarefa missionária foram os intelectuais que procuraram criar um ideário nacional baseado em um culto a uma tradição passada ou trabalharam na construção de uma nova tradição.¹⁹⁸

Importante percebermos na citação de Oliveira o papel ativo dos intelectuais na construção de “um ideário nacional”, baseando-os em preceitos prescritos por Anderson, como o culto ao passado para usufruir de uma época imemoriável e do poder da imprensa na construção de novos sentidos para a nação imaginada.

Coelho Netto, como membro influente na imprensa nacional, sempre buscou utilizá-la como um meio para causar transformações na sociedade de modo a aproximar a nação aos seus ideais. Se Anderson nos diz que a imprensa foi importante ao permitir que uma pessoa reconhecesse outra através de similaridades culturais, Coelho Netto procurou aproveitar o espaço que os jornais possuíam na sociedade para transformá-la.

Acreditamos que, para melhor compreender as intenções de Coelho Netto, faz-se necessário um desdobramento do conceito de nação imaginada, para o conceito de nação idealizada. Explicamos:

A nação imaginada, conforme cunhada por Anderson, parte da premissa de uma construção coletiva na qual o indivíduo está inserido e deve dar continuidade àquela nação. Coelho Netto fazia parte de uma nação imaginada, porém o autor idealizava a construção de uma nova nação, diferente da já existente, partindo de valores e princípios próprios que deveriam moldar o coletivo. A nação idealizada parte, assim, do singular para o todo. Por ser fruto da concepção de uma pessoa ou um pequeno grupo de pessoas, e representar as aspirações e desejos que estes possuíam para o restante dos nacionais, acreditamos ser o conceito mais apropriado para compreendermos as projeções coelhonettianas.

Daniela Cândido e Renato Fernandez nos dizem que a nação idealizada por Coelho Netto seria construída a partir de três bases: educação, política e esporte. À educação caberia

¹⁹⁷ Ibidem, p. 51.

¹⁹⁸ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República...* p. 187.

o ensinamento cívico, capaz de produzir os novos valores desejados para a nação; à política competiriam ações que valorizassem e disseminassem os símbolos nacionais e a história do país; e ao esporte incumbiria disciplinar a população e regenerar a raça brasileira.¹⁹⁹

De nossa parte acreditamos existir mais um elemento que alicerça a nação coelhonettiana: a cultura. À ela caberia o papel de educar a sociedade em padrões mais elevados de civilidade, descobrir o que realmente representava a brasilidade, além de divulgar as qualidades e talentos existentes no Brasil. Importante destacar que essas categorias não são engessadas, e foram assim divididas apenas para fins didáticos.

Várias dessas categorias temáticas possuem limites dinâmicos e interativos com as outras, sendo possível que um objeto de análise seja acolhido por duas ou mais delas simultaneamente. É essencial termos essa premissa em mente pois, como veremos, a interação e o entrelaçamento entre elas fazem parte da complexa idealização nacional do autor.

Nas próximas páginas buscaremos aprofundar nossa análise dessas quatro categorias que norteiam a construção da nação idealizada por Coelho Netto. Esperamos que após esta discussão, possamos explicar melhor o papel de cada uma delas, de modo a facilitar nossa compreensão quando da análise de seu *Breviário Cívico*.

2.1 Grande como Podemos Ser

Aristóteles afirmava que o homem era, por natureza, um ser político. Buscando, através de suas ações, uma vida boa para si e para a sua comunidade, a política estaria presente em todos os momentos de sua vida.²⁰⁰

Como vimos, Coelho Netto definitivamente era um ser político. Ao longo de sua vida, atuou em espaços não-formais para defender seus ideais e suas aspirações nacionais. O movimento estudantil/abolicionista em São Paulo e Recife, a rua do Ouvidor, as redações de jornais cariocas... todos serviram como palanque para o literato buscar moldar a sociedade ao seu desejo.

Seja como boêmio, escritor, colunista ou editor, Coelho Netto sempre encontrou barreiras que o impediram de agir mais efetivamente como um agente transformador da nação. Entretanto, o sucesso que alcançara nas letras fez com que as lideranças políticas de seu estado natal, indicassem o autor para duas legislaturas como deputado federal.

¹⁹⁹FERNANDEZ, Renato Lanna. *Fluminense Foot-ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. Rio de Janeiro, 2010. p.85; CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos...* p.198.

²⁰⁰ARISTÓTELES. *Política*. Belo Horizonte: Veja, 1998.

Ao aceitar o cargo, o literato passaria a ter a sua disposição todo o aparato formal necessário para, efetivamente, tentar mudar a sociedade. Vendo a política como um meio de disseminar os símbolos, os heróis e a história nacional, tais elementos marcariam o período em que permaneceu na Câmara dos Deputados.

Já em seu primeiro discurso, em 1909, o autor demonstrava ter esse entendimento ao afirmar que manteria, enquanto parlamentar, a luta pelos mesmos ideais e sonhos que carregava em sua literatura. Para sua fala de estreia, Coelho Netto escolheu um tema que lhe era caro: o hino nacional.²⁰¹

Incomodado com a ausência de uma letra para melodia do hino desde a Proclamação da República, o literato apresentava a tese de que deveria ser realizado um concurso para escolha de uma nova composição poética que se adaptasse ao ritmo já existente.

Para o autor, mais do que ouvido, o hino necessitava ser cantado. Citando o exemplo de outras nações, afirmava que os hinos possuíam o poder de incitar o povo nas marchas guerreiras, na época do plantio e da colheita, instigando a nacionalidade até mesmo quando as pessoas estavam na quietude de seu lar.

O hino de uma nação representaria um culto à poesia da mesma. Poesia das letras, poesia dos sons, poesia das vivências... Coelho Netto acreditava que a poesia era a “fonte original do amor: amor da natureza e da pátria, das tradições e dos heróis”. Para ele, o povo alemão se pôs em combate contra o exército napoleônico motivados e entusiasmados pela composição poética que bradavam em forma de hino. “Os hinos são explosões dos grandes sentimentos em horas solenes da vida nacional”, afirmava o deputado.

Apesar disso, o literato não acreditava que fosse preciso aguardar que uma canção surgisse espontaneamente do povo, argumento defendido por uma parte dos deputados, como Germano Hasslocher, relator do projeto. Citando o exemplo de países como Alemanha, Suíça e Suécia, afirmava ser totalmente possível adaptar uma letra a uma melodia, e que tal medida ajudaria na popularização do hino.

A lógica de Coelho Netto era que, com um concurso poderia ser possível escolher uma letra que melhor representasse a alma da nacionalidade bem como as riquezas do país. Em uma única composição, o autor desejava unir o passado e o porvir, fazer circular por toda terra os preceitos de solidariedade e justiça, que seriam intrínsecos à massa da nação, e torná-la um

²⁰¹ COELHO NETTO, H. Na sessão de 29 de julho de 1909. In: *Falando...* São Paulo: Livraria Liberdade, 1927, pp.5-19.

conjunto sólido e uma única voz. Por isso apresentava esta emenda substitutiva pedindo a realização do certame. Dizia o autor:

É preciso, porém, por nessa inspiração uma voz que diga à alma do Povo alguma coisa - que fale do nosso céu, da riqueza maravilhosa da nossa terra, do valor dos nossos homens, da virtude das nossas mulheres e que, recordando o Passado, acene, ao mesmo tempo, ao Futuro.

Na concepção do deputado, os cantos nacionais deveriam ser impostos ao povo para “estabelecer uma corrente de simpatia entre as almas”. Visto como mais do que uma ode pelo literato, o hino se configurava como uma arma de civilidade, capaz de fomentar a identidade e inspirar no povo o sentimento de pertença e orgulho da nação, num exemplo do que Anderson denominou como “artefatos culturais”.²⁰²

Mesmo sendo aplaudido e ouvindo gritos de bravo, a proposta defendida pelo autor demorou a ser efetivada. Embora o concurso tenha sido realizado, e a letra de seu amigo Osório Duque Estrada sido a escolhida, o resultado acabou não sendo reconhecido, o que levou Coelho Netto a apresentar nova emenda no ano seguinte, defendendo a adoção da letra vencedora como oficial. Tal reconhecimento, entretanto, só ocorreu em 1922, quando dos preparativos para a comemoração do centenário da independência.

Apesar do ideal nobre que o autor intencionava para seu mandato, sua frequência na casa era um tanto quanto reduzida. Pereira nos diz que houve, inclusive, cobrança de sua presença por outros parlamentares, como o deputado Antunes Maciel Junior. Em 1917, no final de seu segundo mandato, o autor havia sido escolhido para compor a Comissão de Diplomacia da Câmara, quando seu colega afirmou da tribuna que o literato “raramente adeja por estas bancadas”, sugerindo a sua exclusão do cargo para não atrapalhar o representante maranhense em suas atividades sociais e artísticas.

Reconhecendo não ser realmente assíduo, Coelho Netto dizia, sarcasticamente, evitar a tribuna pois “a eloquência que aqui convém, essa não o possuo”. Se afirmando como “um homem de trabalho”, dizia não participar de discussões sobre as quais não era conhecedor, para não perturbar o trabalho dos colegas.²⁰³

Durante seus oito anos como congressista, Coelho Netto realmente pouco subiu à tribuna. Em seu livro, *Falando...* (1927), onde compila seus discursos na Câmara dos

²⁰² ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas...* p. 91.

²⁰³ CÂMARA DOS DEPUTADOS, Anais da. 1918, p.407-409 *Apud* PEREIRA. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p.264.

Deputados, constam apenas onze manifestações. Evitando participar em discussões das quais não possuía muito interesse ou conhecimento, sua atuação enquanto deputado focava na construção de apetrechos que fomentassem a nacionalidade, ou na ressignificação de antigos símbolos do período monárquico, inventando tradições²⁰⁴ para a República.

Um exemplo disso é seu discurso em 18 de outubro de 1909, onde reclamava das condições insalubres que se encontrava o prédio da Câmara dos Deputados, conhecido como Cadeia Velha, por ter sido uma prisão no período colonial.²⁰⁵ O prédio abrigou, entre seus presos, Tiradentes, que foi enforcado no local.

Além da prisão, o prédio também acomodava o Senado da Câmara até 1808. Com a chegada da família real, o local foi transformado em alojamento para os criados da corte, tendo este uso até 1822, quando foi reformado para se tornar sede da Constituinte de 1823.²⁰⁶ Transformado em Câmara dos Deputados em 1826, o local teve este uso até 1914, quase ininterruptamente.

Coelho Netto mostrava-se incomodado com o local por, além das péssimas condições, representar uma época da qual a República buscava se distanciar. Afirmando ser o prédio mal-assombrado devido ao seu passado, o autor não acredita que a Câmara Legislativa, “a árvore da liberdade”, pudesse estar plantada em tal “terreno maldito”.

Relembrando todo o sofrimento passado por Tiradentes no local em nome de seu amor pela pátria, o deputado contribuía para o culto à imagem do inconfidente ao criar uma simetria entre ele e Jesus Cristo. Afirmava Coelho Netto que Tiradentes estaria para a República do mesmo modo que Jesus estaria para o Evangelho. Podemos induzir, então, que o literato construía uma correlação entre o prédio que abrigava a Câmara com o Pretório de Pilatos, na tentativa de maldizer o edifício.

Descrito por Moreira de Azevedo²⁰⁷ como “um quadrado oblongo” não pertencente a nenhum gênero arquitetônico, sendo “uma casa sem gosto e sem simetria” que indicava “o destino primitivo que teve, e o tempo em que o levantaram”, o edifício não merecia, para Coelho Netto, ser a morada dos mandatários da pátria.

Local dos representantes do povo brasileiro, mais do que a imagem da Câmara, o que estava em jogo era a imagem da própria pátria. Um regime novo precisava aparentar novo.

²⁰⁴ HOBBSAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

²⁰⁵ COELHO NETTO, H. Na sessão de 18 de outubro de 1909. In: *Falando...* p.37-56.

²⁰⁶ CASTRO, Ramiro Berbet de. *Histórico de descrição dos edifícios da Cadeia Velha, Palacio Moröe e Biblioteca Nacional*. Senado Federal do Brasil. 1926, p. 21. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179460>. Acesso em: 02/05/2022.

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 23.

Propondo a reforma das instalações ou a construção de um novo local para o Congresso, Coelho Netto buscava separar a casa legislativa de uma imagem ultrapassada, deixando o obsoletismo como uma marca monárquica. Seu esforço só teria êxito quase duas décadas depois, quando em 1926, no local da já demolida Cadeia Velha, era inaugurado o Palácio Tiradentes, nova sede da Câmara dos Deputados, levando o nome do agora heróico inconfidente.

Nessa mesma direção o autor fazia, na Sessão de 20 de Agosto 1909, um discurso em prol do Theatro Municipal do Rio de Janeiro.²⁰⁸ Classificando o Rio de Janeiro como a cidade capaz de ostentar o título de Atenas americana, e o Brasil como país sulamericano mais intelectual, o deputado criticava a vilipêndiação que sofria o Theatro ao ser palco de peças satíricas.²⁰⁹

O Theatro possuía as características necessárias para apresentar ao mundo uma imagem de nação moderna e que cultua a arte. Ao permitir que apresentações de tão baixa qualificação artística fossem realizadas no local, tal alegoria seria prejudicada. Coelho Netto questionava quais critérios eram utilizados para selecionar tais peças, acreditando tratar-se apenas de influência financeira dos empresários responsáveis pela apresentação.

Criticando o mercenarismo de atores e diretores que relegavam à arte um lugar secundário diante do poderio monetário, o autor busca creditar um padrão de pureza às expressões artísticas que buscassem, mais do que retorno financeiro, a *kátharsis*, a explosão de sentimentos bons e emocionais, que permitissem uma elevação emocional e racional do público.

“Fazendo sua parte”, Coelho Netto não permitia que em suas montagens teatrais atuassem atores profissionais, que ganhassem dinheiro exclusivamente do teatro, escalando unicamente artistas amadores para seus personagens. Seria através da atuação teatral que o autor acreditava ser possível encontrar o espírito nacional.

Somos um povo, não uma nacionalidade, porque o nosso espírito é estrangeiro, a nossa Arte, onde se reflete o caráter da raça, é a dos que nos exploram e dominam. É triste, é vergonhoso, é humilhante. E se o país fez a sua independência política, urge que a complete libertando a alma.

Mais do que um mero puritanismo, o autor buscava impulsionar a arte ao topo dos elementos civilizatórios nacionais, para que servisse como um meio de consolidação de uma intelectualidade capaz de promover o nacionalismo em seu público. Em suas palavras, “a arte

²⁰⁸ COELHO NETTO, H. Na sessão de 20 de agosto de 1909. In: *Falando...* p.25-36.

²⁰⁹ Ver mais no subcapítulo “2.4: O homem não é apenas barro.”

deve ser comunicativa e consoladora - a sua função, além de encantar, é também sugerir (...).²¹⁰ Ao invés do escracho e da ridicularização, a arte deveria ser instrumento de elevação e difusão patriótica, um elemento de modernidade capaz de promover, ao mundo, uma aparência evoluída do país.

A valorização da arte nacional, como sabemos, sempre foi um dos motivos de preocupação para o literato. Por isso, em alguns momentos, o autor utilizou da tribuna da Câmara para saudar seus grandes nomes e reconhecer o papel de suas obras na construção da nação e da nacionalidade.

Na sessão de 16 de agosto de 1909,²¹¹ por exemplo, o autor usou de seu tempo de fala para lamentar a morte do escritor Euclides da Cunha, após uma briga por motivos passionais. Saudando os feitos do escritor e como ele reproduziu o sertão brasileiro, Coelho Netto sinalizava reconhecer no autor a busca pela nacionalidade, que tanto o preocupava.

Um ano depois, em 30 de agosto de 1910,²¹² era a vez do literato requisitar o traslado do corpo de Joaquim Nabuco²¹³ para o Brasil. Tendo falecido nos Estados Unidos, Coelho Netto acreditava ser importante que o corpo de seu amigo, e fundador da Academia Brasileira de Letras, voltasse para sua terra natal para que fosse tratado com as honras que merecia.

Inconformado, o deputado afirmava ver com muito descontentamento o tratamento dado aos homens de gênio no Brasil. Enquanto vivos, eram tratados com todo esmero, onde iam eram bem recebidos, aclamados, sendo motivo de festas. Entretanto, ao morrer, mal o corpo esfriava, e aqueles que o enalteciam agora o viam com total indiferença.

O interessante desta fala de Coelho Netto, é que nos permite perceber o patamar social que os intelectuais deveriam possuir em sua nação idealizada. Verdadeiros heróis da nação, eles deveriam ser cultuados, em vida e após, pelas suas contribuições para o povo e para a pátria. O deputado cita, por exemplo, que enquanto Nabuco era vítima do desinteresse da população de seu país natal, Theodore Roosevelt, presidente estadunidense durante o período que o intelectual brasileiro foi embaixador no país, sempre lembrava com tristeza de sua morte.

²¹⁰ COELHO NETTO, H. *O Meu Dia* (hebdomadas d'A Noite de dezembro de 1918 a dezembro de 1920). Porto: Lello & Irmãos, 1922. p.123.

²¹¹ COELHO NETTO, H. Na sessão de 16 de agosto de 1909. In: *Falando...* p.21-24.

²¹² COELHO NETTO, H. Na sessão de 30 de agosto de 1910. In: *Falando...* p.51-56.

²¹³ Monarquista, Joaquim Nabuco também foi transformado em herói republicano. Ver: BONAFÉ, Luigi. *Como se faz um herói republicano: Joaquim Nabuco e a República*. 2008. 202 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Instituto de História, Niterói, 2008.

Dizia o literato: “Povo infante, não pareçamos lerdos, como decrepitos, nem se diga que saímos do berço já vergados para o túmulo, sem a virtude que faz as nações heróicas, que é o entusiasmo que se manifesta em bravura, que se traduz em afeto, em amor [...]”. A passividade e a ignorância da população reforçavam a importância do papel da política enquanto meio de valorização e exaltação dos símbolos e heróis nacionais.

Não foi surpresa, portanto, que na sessão de 23 de julho de 1912,²¹⁴ quando defendeu a importância do traslado dos corpos dos imperadores brasileiros, o deputado afirmasse que “o que se faz aos mortos resulta em honra para os vivos”. Embora sempre tenha sido um grande admirador do modelo republicano, e por ele tenha lutado, Coelho Netto acreditava que nosso patriotismo não deveria ser feito de modo desmemoriado, relegando às relíquias das tradições nacionais ao ostracismo.

Reconhecendo na nação e no povo brasileiro virtudes como generosidade e hospitalidade, o autor questionava por quais motivos acolhíamos a todos que vinham viver em nossas terras e repulsávamos o próprio fruto, que tanto se esforçara por seu progresso e sempre honrara seu nome. Para o deputado, a nacionalidade brasileira nasceu com Dom Pedro I. Então, não conseguia compreender o porquê de não existir um esforço para recuperação de seus restos mortais.

Indagava aos presentes: “Se a República está feita e solidamente assentada porque havemos de fazer, com a crueldade, vendaval para repelir o pó; se não está feita, porque a apregoamos com tão vaidoso alarde?”.

Ao reforçar a necessidade do traslado, Coelho Netto buscava revigorar a alma nacional pelo culto daquele que, segundo o deputado, a havia criado. Considerava que, ao trazer de Portugal os cadáveres dos membros da família real, possibilitaria que os mesmos aparecessem como vultos da história nacional, responsáveis não só pela criação do povo e da nacionalidade, mas principalmente pela existência da pátria.

A reverência aos grandes nomes nacionais era um dos elementos solidificadores da pátria, e o literato acreditava que cabia aos políticos criarem projetos, programas e estratégias para a difusão da adoração de tais figuras. Recuperar relíquias nacionais era uma das maneiras de amplificar a relevância do passado e propiciar a criação de novas tradições nacionais, mantendo viva a chama da nacionalidade.

Se a pátria teve que esperar até 1922 para recuperar os restos mortais de sua extinta realeza, em virtude do centenário da Independência, outra riqueza que já estava presente em

²¹⁴ COELHO NETTO, H. Na sessão de 23 de julho de 1912. In: *Falando...* p. 83-98.

nosso território também era motivo de preocupação por parte de Coelho Netto: a natureza, tema de seu discurso em 06 de setembro de 1911.²¹⁵

Coelho Netto já demonstrava ter, na época, noção sobre os riscos que o capital apresentava para o meio ambiente. No início de sua fala, invocava o patriotismo dos brasileiros para defender a terra devastada pelos “homens ambiciosos”, o que considerava um crime que colocava em risco não apenas o meio ambiente, mas a própria pátria.

Previendo os malefícios da degradação das florestas, o autor afirmava que caso nada fosse feito para estancar a ganância causadora do problema, a natureza iria vingar-se com catástrofes ambientais, tais como a desertificação do solo, visto que elas são responsáveis pela regulação dos cursos d’água, bem como ciclones e inundações, além da ampliação de problemas sociais como a fome, a sede e enfermidades.

O deputado lembra que a devastação das florestas ocorre desde tempos imemoriáveis, um crime que de lucro nada retribuiu. Um dos motivos que possibilitam tal barbaridade contra as florestas, seria o fato de o povo brasileiro ser adepto do “deixa andar”, preocupando-se apenas com o agora, deixando o futuro para ser visto depois. A natureza, que tanto fazia por nós, recebia como retribuição apenas descaso e indiferença.

O caminho para a resolução de tal conjuntura seria o investimento em educação ambiental, através do ensino sobre a importância das florestas e do meio ambiente e da ampliação de datas comemorativas como o dia da árvore, os quais deveriam constar no calendário cívico. Outra ação defendida pelo deputado seria o replantio de mudas de espécies naturais do local, buscando recuperar a área devastada e preservar os ciclos da natureza local.²¹⁶

A impressão que o autor apresentou sobre o pouco caso do povo brasileiro com as florestas nacionais, começa a tornar perceptível a decepção do deputado com a cultura predominante na população brasileira, que tornaria o homem um verdadeiro parasita. Ele voltaria nesta questão em 24 de fevereiro de 1914,²¹⁷ meses antes do início da Primeira Guerra Mundial.

Coelho Netto diz que o homem brasileiro vivia ainda como os aborígenes do passado, dependendo do que a terra dava, destruindo a vegetação para plantar, e levando consigo as queimadas, a cada ano, quando mudava de terreno para uma nova colheita. Criticava o

²¹⁵ COELHO NETTO, H. Na sessão de 06 de setembro de 1911. In: *Falando...* p.57-82.

²¹⁶ Para conhecer melhor o papel da Ecologia na obra coelhonettiana Ver: LEANDRO, Eulálio de Oliveira. *Coelho Neto e a Ecologia no Brasil - 1890-1933 - Coelho Neto: Pioneiro nas Lutas Ecológicas no Brasil*. Paraná: Editora Juruá, 2010.

²¹⁷ COELHO NETTO, H. Na sessão de 24 de fevereiro de 1914. In: *Falando...* p.99-114.

sertanejo, a quem julgava ser parecido ao deserto, de onde nada se conseguia naturalmente. A inércia sertaneja só era rompida em rompantes de violência, como ocorrera em Canudos, sendo estes incapazes de se organizarem enquanto grupo e construírem soluções pacíficas para melhorarem sua situação de vida.

Enquanto isso, nas cidades, a população vivia em miséria, às portas dos banqueiros, vivendo à base de juros altos, e fazendo mal uso do pouco dinheiro que acumulava. Apenas o serviço público, do qual o escritor fez parte no governo Portela, seria capaz de dar condição financeira que garantissem uma boa qualidade de vida, sendo o funcionalismo o sonho de todos.

Mais do que apenas uma questão cultural, o deputado acreditava que o desalento era fruto da falta de impulso e energia com que o homem brasileiro estava acostumado. Se não houvesse uma mudança de perspectiva da sociedade, a miséria e a fome no país tenderiam a aumentar na medida em que a natureza fosse devastada e as pessoas passassem a depender mais do Estado.

Esse fator tornava-se ainda mais relevante com a chegada constante de estrangeiros no país, os quais trabalhavam impetuosamente, melhorando sua raça e tornando-se um grande risco para o país. Preocupado com as tensões políticas na Europa, as quais culminariam na guerra, pedia cautela ao abriremos nossas portas, pois poderíamos deixar o conflito entrar, colocando em risco a civilização.

Emendava pedindo: “povo de agricultores e de pastores, saíamos da amolentada desidia secular: é tempo de aparecermos, grande como podemos ser”. No ano seguinte,²¹⁸ o deputado apresentava uma proposta, a qual julgava ser necessária para despertar o povo para o caráter cívico necessário para a defesa da pátria e para exacerbar o patriotismo: o serviço militar obrigatório para todos os homens.

Considerando o Exército uma escola de civismo e disciplina, o deputado acreditava ser o projeto uma das soluções para enfrentar a crise moral que corrompia os alicerces da nação e degenerava a raça brasileira. Tratando todos como iguais, o serviço militar romperia com as castas sociais e com os tratamentos privilegiados destinados às classes dominantes, tornando todos, antes de tudo, em soldados da pátria capazes de elevar o país a condições superiores aos países que se digladiavam na Europa.

Como podemos ver, a participação de Coelho Netto como deputado federal seguiu os mesmos preceitos que ditavam sua atuação enquanto literato: a defesa da pátria, da

²¹⁸ COELHO NETTO, H. Na sessão de 23 de outubro de 1915. *In: Falando...* p.115-128.

nacionalidade, a melhoria da raça, o culto a heróis nacionais, valorização das riquezas naturais e a educação cívica. Mesmo não sendo um dos mais frequentes na casa, geralmente seus discursos eram bem aceitos pelos demais, sendo o orador saudado com vivas e palmas.

Entretanto, a atuação de Coelho Netto enquanto parlamentar findava em 1918, quando o autor foi excluído da chapa governista para as próximas eleições. Inconformado, o literato tentou se eleger por conta própria, mas recebeu apenas um pouco mais de 1000 votos, não sendo suficiente para estar no grupo vencedor.²¹⁹

Ceifado da Câmara dos Deputados, o literato perdia um importante espaço de atuação em prol da sua nação idealizada. Entretanto, engana-se quem imagina ser este o afastamento final do autor das questões de política pública. Fora do parlamento, Coelho Netto intensificou sua participação em outra organização que lhe permitiu continuar pensando e agindo em prol dos interesses pátrios: a Liga de Defesa Nacional.

Fundada em 1916, pelo próprio Coelho Netto em parceria com Olavo Bilac, Miguel Calmon, Pedro Lessa, entre outros, a Liga tinha como finalidade

- a) manter em todo Brasil a ideia da coesão e integridade nacional, procurando facilitar e desenvolver as comunicações morais e materiais entre as unidades da Federação;
- b) propagar a educação popular e profissional;
- c) Difundir, nas escolas primárias, profissionais secundárias, superiores, civis, militares e religiosas, assim como em todos os lares, oficinas, corporações e associações, a educação cívica, o amor à justiça e o culto do patriotismo;
- d) defender o trabalho nacional, a lavoura, a indústria, o comércio, as ciências e artes e interessar-se por todas as questões que importam à prosperidade, à segurança e dignidade do país;
- e) combater o analfabetismo, o alcoolismo, a vagabundagem e a dissolução dos costumes;
- f) desenvolver o civismo, o culto do heroísmo, fundar e sustentar associações de escoteiros, linhas de tiros e batalhões patrióticos, quando autorizados por lei;
- g) apoiar, pela persuasão e pelo exemplo, a execução das leis de preparo e organização militar;
- h) aconselhar e facilitar a instrução militar em colégios, escolas, faculdades, academias, externatos, internatos, seminários, orfanatos, institutos de assistência pública e particular, associações de comércio, indústria, beneficência, esportes e diversões;
- i) estimular e avivar o estudo e o amor da História do Brasil e das nossas tradições;
- j) fazer a propaganda da Liga no lar e em público, por meio de conferências, comícios, livros, folhetos, revistas, jornais, festas públicas e prêmios;
- k) publicar um catecismo cívico, e livros de educação patriótica, destinados à infância e adolescentes, para distribuição gratuita;
- l) robustecer o sentimento da pátria entre os Brasileiros residentes no estrangeiro;
- m) promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras existentes no Brasil, e a criação de escolas primárias nos núcleos coloniais.²²⁰

²¹⁹ PEREIRA. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 269.

²²⁰ PRIMEIRO ESTATUTO DA LIGA DA DEFESA NACIONAL. In: OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional: um projeto de modernização para o Brasil*. 2012. 206 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/88734> Acesso em: 06/06/2022. p. 200.

Assumindo para si valores e preocupações muito próximas àquelas defendidas por Coelho Netto enquanto deputado, a Liga surgia como um novo campo de construção da nação idealizada que o literato desejava. Pensada para combater os vícios que degeneravam a raça, atuar em prol do civismo e do patriotismo, propagandear as tradições, o trabalho e a educação nacionais, a Liga buscava, antes de tudo, modificar os costumes que colocavam em perigo a soberania e a coesão nacional.

Em 1925, por exemplo, o autor propôs, em uma das reuniões, que a Liga investisse mais fortemente nas campanhas de higienismo e saúde pública, afirmando ser um dos caminhos para retirar a população dos vícios e suprimir os males sociais.

[...] à Liga competia entrar nas campanhas de saneamento, das quaes tanto depende a energia da raça, concorrendo com os que combatem os vícios e males sociaes, e propugnam meios de instruir o povo, fazendo diminuir a cifra do analfabetos. Referindo-se à questão propriamente de hygiene e lembrando que tão internamente se pratica para a prophylaxia da avaria e da tuberculose pediu luzes ao Exmo. Dr. Aloysio de Castro, enfim de que fosse dada a Liga um plano de acção pratico, que entrasse como auxiliar dos beneméritos encarregados da vigilância da Saúde Pública.²²¹

O próprio estatuto da Liga já contemplava boa parte das idealizações que Coelho Netto possuía para a nação. Podemos perceber nas alíneas *f*, *g*, *h* a valorização do ensino militarizado enquanto escola de patriotismo e civismo, bem como modelo de disciplina e ordem necessárias para o Brasil ingressar no rol das nações modernas e civilizadas. O culto à História e as tradições nacionais, expressos na alínea *i*, reforçam a concepção de tributo ao passado, estimulando o nacionalismo e buscando, em um passado imemoriável, a liga da unicidade nacional. Dentre as intenções da Liga, entretanto, a que possui maior valor significativo para este trabalho é a que consta na alínea *k*.

Destinada a estimular a produção e publicação de materiais de educação cívico-patriótica para a juventude, este item corria ao encontro da importância pedagógica que o autor pensava para a prática política. O verdadeiro civismo deveria ser construído nos brasileiros desde a tenra idade, com fábulas e contos que expressassem não só o amor à pátria, mas também os valores que deveriam constar naqueles que seriam os responsáveis pelo futuro da nação.

Preocupação presente em Coelho Netto há muitos anos, a atenção dada pela Liga à instrução dos mais novos propiciou que fossem produzidos alguns livros, distribuídos gratuitamente à população. Um dos principais deles foi o *Breviário Cívico*, escrito por Coelho Netto e tema deste trabalho.

²²¹ LDN, 1922, p.17. *Apud*: Ibidem., p. 200.

Tido como um manual de civismo, o livro fazia parte, quase obrigatória, de vários cursos organizados pelas sucursais da Liga, como demonstra ofício encaminhado por Alfredo Lourival de Moura, diretor secretário do Curso Estevam de Oliveira, de Juiz de Fora, que solicitava cópias do *Breviário* para distribuição para os alunos.²²²

O caráter educativo dos livros da Liga resultava de uma longa caminhada iniciada ainda no fim do século XIX, quando Olavo Bilac e Coelho Netto publicam *A Terra Fluminense* (1898),²²³ com o objetivo de apresentar a história nacional em tons de fantasia para as crianças. Os livros cívicos fruto da parceria entre os dois, bem como os de autoria solo, nos permitem afunilar a análise dos valores morais idealizados pelo autor, bem como o sentido patriótico que ele desejava para a população. O exame dessa documentação é o que propomos para o próximo subitem.

2.2 O Público é um Animal que se Educa²²⁴

“Para bem amar a Pátria, é preciso conhecê-la bem”.²²⁵ Assim começa o conto *A Terra*, primeiro do livro *A Terra Fluminense* escrito por Coelho Netto em parceria com Olavo Bilac. Apresentado como um livro de educação cívica, marca a ampliação de um esforço por parte do literato, que começara um ano antes, com a publicação de *América*.²²⁶

Na constituição da nação idealizada por Coelho Netto, a educação possuía um caráter importantíssimo: o de civilizar e ensinar o povo rumo ao progresso e modernização da nação. Apostando no poder do nacionalismo para tal empreitada, o autor acreditava que através do aprendizado do civismo e do patriotismo, haveria o despertar intelectual e passional dos brasileiros, e com isso a emancipação de valores estrangeiros através da valorização da história, costumes e heróis nacionais.

Apostando em múltiplos públicos, Coelho Netto escreveu vários livros voltados para pensar - e amar - o Brasil. Era preciso educar a população para tirar o atraso da nação e equipará-la aos padrões sociais existentes nos países desenvolvidos, como os da Europa. Mas como educar civicamente um povo cuja maioria é analfabeta?

²²² Ibidem, p. 121.

²²³ COELHO NETTO, H.; BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense: educação cívica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

²²⁴ RIO, João do. *Momento Literário...*

²²⁵ COELHO NETTO, H. BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense...*, p.5

²²⁶ COELHO NETTO, H. *América (educação cívica)*. Rio de Janeiro: I.Bevilacqua & C., 1897.

O esforço pelo letramento e pela popularização da leitura marcava uma das principais características dos grupos literários de então, empolgados com a possibilidade de aumento de leitores, e conseqüentemente o aumento de receitas, mas sobretudo devido ao engajamento que aplicavam em sua produção, acreditando ser, a literatura, um dos meios privilegiados de intervenção social e de difusão de elementos presentes em suas nações idealizadas.

Buscaremos nas próximas linhas perceber como a educação cívica foi utilizada por Coelho Netto em sua peleja nacionalista, e quais suas estratégias para a disseminação dos aspectos morais que o autor almejava.

Escolhemos, para nos ajudar a compreender como se dava este esforço do autor, os seguintes livros: *América* (1897), *A Terra Fluminense* (1898), *Contos Pátrios* (1904), *A Pátria Brasileira* (1909) e *Alma: Educação Feminina* (1910). Deve-se ressaltar que, cada um dos livros citados, já são, por si só, dignos de serem temas de um trabalho acadêmico, assim como *Breviário Cívico*, que será analisado no último capítulo.

Podemos perceber nos livros destacados o direcionamento do autor para grupos mais afastados das preocupações políticas, como as crianças e as mulheres. A lógica da escolha por tais estratos da população era simples: as crianças seriam os brasileiros do futuro, que continuariam a heroica missão de desenvolver o país e livrá-lo do mal da degeneração; enquanto as mulheres seriam as responsáveis por educar tais crianças, fazendo-se necessário que possuíssem o conjunto de habilidades nacionalistas bem como os conhecimentos e valores patrióticos, que passariam para seus filhos.

Quando da publicação de *América*, em 1897, Coelho Netto tornava-se autor do primeiro livro de ficção cívica endereçado ao público infantil escrito por um brasileiro.²²⁷ Além de ser um dos primeiros a apontar a necessidade de instruir os pequenos visando o futuro, o literato inaugurava um mercado que, anos depois, passaria a constituir um dos principais gêneros literários do país.

Em *América*, livro de raríssimo acesso, Coelho Netto nos leva a acompanhar a história de Renato, um jovem que está prestes a terminar seus estudos no colégio de nome homônimo ao livro. Através dos diálogos protagonizados pelo jovem, somos guiados a compreender o papel que a escola tinha na construção do caráter e dos valores, além de sua importância social e de “iniciação para a vida”. Quando Renato resiste, no início da obra, a ir para a

²²⁷ HANSEN, Patrícia Santos. América: uma utopia republicana para crianças brasileiras. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, julho - dezembro de 2009. p.504.

escola, preferindo manter os estudos em casa, sua mãe o convence através de um monólogo que expõe o papel que a escola possuía na nação idealizada de Coelho Netto:

Vais para um pequeno mundo de exercícios físicos e morais. Em casa poderias educar a inteligência, poderias mesmo, em menos espaço de tempo, aprender mais do que no colégio ficarias, porém, sem a grande ciência dos homens, o conhecimento indispensável da alma coletiva. É necessário que a tua alma se aproxime de outras para ganhar esplendor.

O diamante pule-se com o diamante, o espírito aperfeiçoa-se no convívio de outros espíritos. É preciso ver novas terras e novas almas, meu filho, para conhecer-se o mundo. Vais ver de perto todas as feições humanas. Vais como para uma estufa onde há todos os exemplares do homem ainda em rebento, de sorte que, mais tarde, quando tiveres de atravessar a sociedade militante onde encontrarás de tudo, não terás surpresas nem te deixarás prender em ciladas. Vais conhecer a generosidade e vais conhecer a inveja, sobretudo vais lidar com os homens que, como tu, hão de ser os fatores da grandeza da Pátria. Começa hoje a sua conscrição para a batalha da vida em que todos tomam parte e eu quero que te exerces, que conheças todos os perigos e o terreno onde vais pelejar para que não sucumbas na primeira refrega.²²⁸

Optamos por tão grande citação pois ela nos permite elencar fatores que o escritor demonstrava desejar para o espaço estudantil. O aperfeiçoamento do corpo e dos valores, a obtenção de práticas da vida em comunidade e dos preceitos de solidariedade, a convivência com o diferente e o respeito pelo outro, as relações interpessoais... A escola aparece, assim, para Coelho Netto, como uma grande estufa que possibilita o crescimento das sementes plantadas pela família, um local onde, através do convívio em sociedade, do direcionamento cívico e do ensino pelo exemplo, a criança se molda enquanto cidadã e patriota.

Durante toda a obra, Renato é colocado em contato com práticas que, a princípio, não possui, mas que vai adquirindo através do exemplo dos diretores e professores, bem como pela convivência com os demais alunos. A mudança de comportamento do estudante fica clara, por exemplo, quando ele tem de acordar às seis horas da manhã para o banho matinal. Em um primeiro momento tal rotina o incomodava, visto que ele achava o horário muito cedo, pois ainda estava dominado pela preguiça e pelo sono. Entretanto, ao perceber que os demais alunos acordavam entusiasmados, Renato começa a adquirir o hábito de acordar contente para o banho, demonstrando o quanto a convivência com bons valores é capaz de polir costumes considerados degenerantes.

Outro momento importante da obra ocorre quando Castro, um aluno rico mas muito bagunceiro, pratica injúria racial contra Libânio, aluno negro que é chamado pejorativamente de “filho de escrava”. Percebendo a atitude, o diretor da instituição intervém na situação e deixa claro que a única distinção entre os alunos se dava pelo mérito. Podemos perceber, mais

²²⁸ COELHO NETTO, H. *América...* p.3.

uma vez, a posição de Coelho Netto contrária à diferenciação racial entre as pessoas, apostando em um discurso meritocrático como superador das diferenças sociais.

Assim, com exemplos diários, o literato buscava demonstrar como atitudes, a princípio simples, podiam suscitar grande sentimento patriótico. O ensino das datas comemorativas nacionais, a adoração aos heróis da pátria, o exemplo de civismo e generosidade, bem como a repreensão de atitudes desviantes dos valores sociais, eram capazes de moldar a juventude para o progresso da nação. Danielle Carvalho é precisa ao resumir o caráter civilizador da escola na obra de Coelho Netto:

América, portanto, nos faz depreender que a escola é o lugar por excelência para que tais conhecimentos sejam transmitidos, e o fato de os personagens responderem de modo tão positivo aos exemplos aos quais são submetidos demonstra que ela é bem sucedida no projeto civilizador que toma para si.²²⁹

O próprio Coelho Netto age para demonstrar o caráter civilizatório e patriótico que via na escola e em seu livro. Assinando com seu mais famoso pseudônimo, Anselmo Ribas, publicou no jornal *A Notícia*: “O autor, trabalhando para os jovens espíritos, cuidou muito da substância moral, fazendo prevalecer em todos os contos a ideia de Pátria”.²³⁰

Construindo a imagem da escola enquanto local de supressão das diferenças raciais e sociais, Coelho Netto aponta o papel da instituição na formação harmônica de sua nação idealizada. Civilizando os jovens, a escola aponta o caminho para um futuro em que a democracia, a igualdade, e o mérito pessoal passam a ser os valores definidores do sucesso.

No ano seguinte ao de lançamento de *América*, Coelho Netto e seu grande amigo Olavo Bilac publicam juntos *A Terra Fluminense*, o primeiro da trilogia da dupla.²³¹ Apresentado como um livro de Educação Cívica, e deixando claro ter sido unanimemente aprovado pelo Conselho Superior de Instrução do Estado do Rio de Janeiro, ele é um dos primeiros a conter alguma introdução explicando os ideais e objetivos de seus autores,²³² bem como a apresentar instruções aos professores sobre como proceder durante a sua leitura com a turma.

²²⁹ CARVALHO, Danielle Crepaldi. Coelho Netto: Literatura e Educação nos últimos anos do século XIX. In: I SIMELP - I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa, 2008, São Paulo. I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH (USP) - Assessoria de Comunicação Social, 2008. v. I. p. 1-20.

²³⁰ COELHO NETTO, H. (Anselmo Ribas). Semanais. *A Notícia*, Rio de Janeiro, p. 2, 2 e 3 de outubro de 1897.

²³¹ Para uma análise mais aprofundada sobre os três livros escritos pela dupla, Ver: VIEIRA, C. S. Transfigurações Cívicas: A terra fluminense, Contos pátrios e A pátria brasileira. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 50, p. 79-102, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34650>.

²³² HANSEN, Patrícia Santos. Autores, editores, leitores. O que os livros cívicos para as crianças da Primeira República dizem sobre eles? *História* (São Paulo) v.30, n.2, p. 51-80, ago/dez 2011, p.56

Buscando apresentar, às crianças, “toda a vida política, toda a vida moral e toda a vida comercial da Terra Fluminense”, os autores explicitam, na introdução da obra, os caminhos traçados para fazer conhecer a história do Rio de Janeiro pelos pequenos.

Neste livro, a História e a Fantasia andam unidas; e procuramos aproveitar os assuntos de maneira que pudessem eles interessar não somente a inteligência, mas também o coração das crianças. A grande e a pequena lavoura, as origens da civilização e do trabalho, as indústrias, os aspectos da Natureza, o comércio, a formação dos núcleos geradores do progresso, a evolução política, o passado, o presente e o futuro do Estado do Rio de Janeiro estão, parece-nos, resumida e claramente contidos nesta obra. Quisemos fugir da aridez, da forma complicada e da banalidade, ao mesmo tempo; dirão os competentes se nos saímos bem da empresa.

O objetivo do livro e dos autores seria alcançado se “nestas poucas páginas sinceras a criança aprender a amar a sua Pátria”. Ao longo de toda obra aparecem palavras grifadas, orientando os educadores para que seja dada uma explicação mais aprofundada.

Pensado como um manual escolar, *A Terra Fluminense* apresenta conceitos e ideias cívicas que, posteriormente, seriam mais bem elaborados e apresentados pelos autores.²³³ Já no primeiro conto, o caráter patriótico do texto fica explicitado quando afirma que só quem conhece, com profundidade, os recursos e as belezas da pátria, é capaz de dar a vida por ela. Comparando com a família, os autores reiteravam que a pátria é maior que a família, visto que a felicidade de todas as famílias depende da paz e da segurança que provêm da calma patriótica.

Mesmo sendo produzida para uso regional, afinal falava sobre a terra fluminense, a obra é incumbida de fomentar o amor à terra, aos costumes, e a identidade, através de contos que expressavam os valores, contavam as histórias, a adoração aos heróis e o amor à pátria.

É o caso, por exemplo, do conto *O lenhador*.²³⁴ Apresentando Amancio, um homem moreno e robusto em torno dos cinquenta anos, somos levados a conhecer o estilo de vida simples do lenhador. Morando em uma casa de taipa com sapê, Amancio e sua esposa Lívia levavam uma vida sem luxos, vivendo praticamente do que plantavam e do que conseguiam obter na caça.

O protagonista nos diz que, após aceitarem a janta oferecida pelo homem, pode perceber na parede da casa, ao lado de várias imagens de santos e do próprio Jesus Cristo, um desenho litografado do General Osório. Percebendo a surpresa dos visitantes, Amancio pôs se a explicar:

²³³ VIEIRA, C. S. *Transfigurações Cívicas...* p.4.

²³⁴ O lenhador. In: COELHO NETTO, H.; BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense...* p. 45-48.

- Aquele é o homem que nos defendeu no campo de guerra; está perto de Nosso Senhor. A gente acostuma-se a adorar esses patrícios e acaba fazendo assim como eu faço. Lívia já quis tirar o retrato para outro lugar, porque diz que não é santo. Oh! Mas fez tanto como se o fosse! Porque salvou a honra do povo, pois não foi? Essa é a verdade, vosmecês não acham? Deus Nosso Senhor no céu há de aprovar meu pensamento. Eu sou assim: tudo por minha terra e pelos homens que fazem bem à minha terra, pois não é assim?

A idolatria do lenhador pelo homem que “salvou a honra do povo” serve aos leitores como exemplo de devoção aos heróis da pátria a ser seguido. Ao ser colocado ao lado da imagem de vários santos e de Jesus Cristo, Osório ganha para o Amancio tons de santidade, por fazer o bem para “sua terra”, sendo, por isso, digno de adoração.

No mesmo conto, o lenhador Amancio ainda se mostra ressentido com o desmatamento da floresta, que vinha perdendo volume de árvore e afastando os animais ao longo dos anos. Quando perguntado se ainda assim se colocava a lenhar, Amancio responde que cada um faz o que pode, que o importante era trabalhar, e que estava de consciência tranquila, pois nunca agiu por mal. E lembra que seu filho, Americo, marinheiro na cidade grande, uma vez disse que a floresta estava em todo lugar nas metrópoles, estando sua madeira nos cascos dos navios, na mobília das casas, nas hastes da bandeira nacional... e conclui: “é a floresta que defende a pátria”.

Só neste conto podemos perceber três elementos imprescindíveis para a nação idealizada por Coelho Netto: o culto aos ídolos nacionais, a preservação ambiental e o trabalho gerador do progresso. Por mais contraditório que possa parecer um lenhador ser contra a derrubada de árvores, os autores nos permitem entender que o que incomodava mesmo o protagonista era o desflorestamento por motivos unicamente financeiros, sendo possível aceitá-lo quando este ocorre para usufruto do país. A floresta, bem natural e exemplar da riqueza de nossa terra, só deve ser destruída quando dela vier o caminho para o progresso e para conservação da nacionalidade.

Em *No Paraguai*²³⁵ conhecemos um velho soldado que ficara paralisado na guerra contra o país vizinho. Mesmo tendo perdido os movimentos, o agora avô orgulhava-se da campanha militar à qual foi levado para defender a sua terra. Contando o episódio para seus netos, podemos perceber o crescente sentimento nacionalista no personagem. Se, em um primeiro momento, ainda no interior, pensara em fugir, por não se importar com o restante do Brasil, mas apenas com suas próprias terras, posteriormente, ao compartilhar com os novos colegas histórias de guerra, via-se disposto a morrer pela honra de defender nossa bandeira.

²³⁵ No Paraguai. In: COELHO NETTO, H.; BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense...* p. 49-54.

Já em *A vida civilizada*,²³⁶ os autores apresentam a concepção de que a civilização não nasce de uma hora pra outra, do nada, mas sim do acúmulo de iniciativas de várias gerações ao longo dos séculos, em um esforço coletivo e anônimo. Aos leitores, que já nasceram em tempos civilizados, dizem ser importante glorificar o trabalho de vários homens e mulheres que cederam seu conforto para que seus netos o pudessem ter. Reconhecendo ainda existir injustiças na sociedade, a civilização seria o caminho para, através do progresso, extingui-las, garantindo um futuro melhor através do trabalho, do esforço coletivo, guiados pela bondade e pelo amor à pátria.

Em tons saudosistas e memorialistas, ambos os contos externam a necessidade de reconhecer no passado a força motriz do presente, que só foi possível graças aos sacrifícios de milhares de homens e mulheres em torno de um ideal comum: o progresso da nação. Novamente temos as categorias de espaço de experiência e horizonte de expectativa fornecendo-nos os meios para conceber o sentimento nacionalista que os autores buscavam fomentar nas crianças a partir da ideia de que estes eram os herdeiros dos esforços de seus antepassados e que, graças a eles, poderiam almejar a construção de uma pátria mais moderna, justa e civilizada.

Isso fica evidente no conto *A República*.²³⁷ Narrando o dia em que a população de Niterói, capital do então estado do Rio de Janeiro, ficou sabendo da proclamação que ocorria no outro lado da baía e saudava em uníssono vivas à república. Um menino, sem compreender muito bem o que acontecia, perguntou ao seu pai o que era a república. Emocionado e afetuoso, o pai lhe respondeu:

- A República, meu filho, é a liberdade! A República é a felicidade do povo. Agora a tua terra não é mais governada por um senhor... agora, a tua pátria não é mais a propriedade de uma família real... agora, o Brasil é verdadeiramente uma nação digna de estar ao lado de suas irmãs americanas... A República vem acabar com os privilégios do trono; agora vamos ser governados por um de nós! A República, meu filho, é o governo do povo pelo povo... A República é a nossa carta de alforria...

Encorajado pelo pai, o menino pôs-se a gritar vivas à República que acabara de conhecer. A inocência do garoto, uma alegoria ao recém implementado modelo republicano, retrata a pureza que os autores viam no regime que seria responsável pelo futuro da nação. A juventude do regime republicano e do menino reforçavam o caráter evolutivo e civilizatório pelo qual o país estava passando, apontando para uma pátria melhor para todos em tempos vindouros.

²³⁶ *A vida civilizada*. In: COELHO NETTO, H.; BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense...* p. 55-58.

²³⁷ *A República*. In: COELHO NETTO, H.; BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense...* p. 65-66.

A apologia ao futuro existente no conto fica evidente no hino escolar que encerra o livro. Intitulado como *O Futuro*,²³⁸ saúda a fuga de um “passado escuro” para as “glórias do futuro”, onde a mocidade, que é como a primavera, “abre-se em flores” para o futuro que espera. A nova pátria sairia da mocidade, sendo gerada nas flores de então, os frutos perfeitos que a conduziriam no amanhã.

Apenas seis anos depois, em 1904, era lançado o livro *Contos Pátrios*, segundo da parceria entre os autores. Sendo o de maior sucesso da dupla, a obra conta com 23 contos, 10 de Netto e 13 de Bilac. A edição que usaremos neste trabalho foi publicada em 2001 pela Livraria Garnier²³⁹, contando com as ilustrações de Vasco Lima, responsável pelas mesmas na obra original. No livro não consta o número da edição, embora algumas livrarias o tratem erroneamente como 1ª edição.

Na obra vemos novamente o conto *O Lenhador*, escrito por Coelho Netto, que mesmo sem qualquer alteração, possui agora, em conjunto com os demais, um caráter nacional, em detrimento do aspecto mais regionalizante que assumia em *A Terra Fluminense*.

Os contos do livro, como a maioria das histórias infantis,²⁴⁰ buscam construir valores nas crianças de acordo com o ideal moral dos autores. Questões como trabalho, força de vontade, identidade nacional, são tratadas, a partir de histórias diversas, de modo a incutir nas crianças as crenças de como é a maneira correta de agir.

No conto *A Fronteira* por exemplo, Coelho Netto retrata a bravura e a inspiração nacional de um grupo de sertanejos que moram na fronteira do Brasil com outro país não mencionado. Diante da iminência de uma invasão de suas terras por um grupo armado estrangeiro, os brasileiros, mesmo em menor número e menos armados, resolvem resistir para não deixar suas terras serem tomadas.

Preparando-se para o confronto, motivavam-se afirmando que, caso morressem, seria pela pátria, e todos saberiam, a partir de suas ossadas, onde seria o limite do território brasileiro. Quando, finalmente, ocorre o ataque, os brasileiros revidam aos gritos de “Viva o Brasil!”, surpreendendo os desafiantes e conseguem superar as adversidades e manter suas terras. Descritos pelo autor como “guardas fiéis” do país, o grupo de sertanejos representaria o amor à pátria, onde mesmo diante de grandes perigos, falaria mais forte.

²³⁸ *O Futuro*. In: COELHO NETTO, H.; BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense...* p. 73-74.

²³⁹ COELHO NETTO, H; BILAC, O. *Contos Pátrios - Educação moral e cívica para crianças*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2001.

²⁴⁰ D’AURIA-TARDELI, Denise, et.al. *Contos de Fadas e a formação dos valores morais: projeção do bem e do mal na literatura infantil*. Cadernos de Educação, v.17, n. 35, jul.-dez. 2018.

Em *A Partilha*, os protagonistas são uma mãe e dois filhos pequenos, um de três anos de idade e outro recém-nascido. Passando dificuldades financeiras desde que a mãe ficou viúva, a família enfrentava a moléstia e a fome. Sem ter coragem de pedir esmola, a matriarca alimentava seus pequenos filhos com o que podia. No conto, o filho mais velho falava insistentemente que estava com fome. Sem ter o que dar para a criança, a mãe encontra um pedaço de pão velho para o menino comer.

Insatisfeito com a comida, o filho põe-se a chorar, e então, para satisfazer a criança, a mãe saca o seio da roupa e espreme-o na tigela onde ficava o pão, para felicidade do menino. Após entregar a comida, diz a mãe: “E não peças mais, ouviste? O outro é para o maninho”. Como já diz o próprio nome, o conto tem por objetivo ensinar as crianças a compartilhar o que possuem, fazendo com que, através de sua boa ação, todos possam ter o que comer ou vestir etc.

Em *O Rato*, o valor transmitido por Coelho Netto é o do incentivo ao trabalho. O protagonista, uma criança de nove anos conhecida por todos como Rato, carregava o fardo de sustentar sua mãe, uma paralítica, que não tinha condições de manter a casa. Aconselhado pela senhora, o garoto ia todo dia para frente da Igreja pedir esmola, ganhando, muitas vezes, apenas o suficiente para uma alimentação.

Neste dia, ao ver o filho chegar em casa, a mãe reparou que o mesmo não parava de chorar. Tentando acalmar a criança, ela lhe garantiu que o dia seguinte seria melhor. E assim foi. Chegando em casa muito feliz, o rapazote entregou várias moedas e algumas notas para a mãe e disse estar bastante feliz por ninguém o ter injuriado. A mãe sem entender nada, pediu para o filho explicar o que tinha acontecido.

Rato contou, então, que no dia em que chorava, um senhor o humilhou ao dar a esmola que ele pedia, por isso ficou triste. Entretanto, encontrara um amigo, Vicente, que vendia jornais na praça. O amigo conseguiu alguns jornais para Rato vender no dia seguinte, e por isso ele conseguiu todo o dinheiro. Rato, entretanto, diz que o que mais o deixou feliz, foi o fato de ninguém tê-lo tomado por vadio, no que sua mãe responde: “Fizeste bem, meu filho. Fizeste bem. A humilhação é a pior das afrontas”.

Reforçando a máxima liberal de que o trabalho liberta das moléstias, Coelho Netto buscava estimular a afeição ao trabalho desde cedo, para que as crianças, ao crescerem, pudessem continuar a colocar a nação no caminho do progresso. Procedimento semelhante podemos perceber no conto *O Tesouro*.

Narrando a história de um velho agricultor, de nome Serapião, pai de seis homens que moravam com ele, Coelho Netto busca reforçar a crença de que o trabalho recompensa. Os filhos do homem não gostavam de trabalhar, e passavam o dia vadiando pelos campos ou pela cidade, enquanto o pai, sozinho, tinha que cuidar de todas as plantações.

Exaurido, Serapião não conseguia dar conta sozinho de todo trabalho, e mesmo pedindo ajuda, seus filhos se negavam a trabalhar, afirmando que, mesmo com eles à toa, nunca faltou nada. Algum tempo depois, uma forte seca flagelou a região, e enquanto todos do povoado tinham com o que se alimentar, a família protagonista enfrentou a fome.

Passando esse período, Serapião voltou ao campo, mas continuou tendo ajuda negada pelos rapazes, que pareciam não ter aprendido nada. Triste, o pai some mata adentro. Preocupados com o sumiço, os filhos põem-se a procurar, e encontram o velho, com sorriso imenso, à beira de um riacho. Serapião, então, explica que havia conversado com uma Iara, e que a sereia teria garantido que existia um tesouro enterrado na terra deles, desde a época anterior à ocupação portuguesa, e que eles ficariam muito ricos no dia em que o campo estivesse dourado.

Em um primeiro momento, a prole de Serapião questionou sua sanidade, mas movidos pela ganância, resolveram buscar tal tesouro. Trabalhando incansavelmente na terra, a fartura agrícola era tamanha, que eles conseguiam fazer estoque e vender os excedentes, mas nenhum ouro foi encontrado. Anos depois, quando o pai estava à beira da morte, chamou os filhos e pediu para que abrissem um baú que ficava em seu quarto. Lá havia várias barras de ouro, e Serapião explicou se tratar da riqueza prometida pela Iara, que só veio a partir do trabalho dos filhos. E antes de cerrar pela última vez os olhos, o pai advertiu que, sem o trabalho duro, a riqueza acabaria e eles voltariam à miséria.

Um outro conto interessante é *O Mentiroso*. André, um menino conhecido por contar muitas mentiras, vai se banhar em um rio com um amigo. Ao mergulhar, o jovem é puxado pela correnteza, porém, seus gritos de socorro eram ignorados pelo colega, que achava se tratar de outra lorota do garoto. Ao perceber que André não emergia, seu amigo foi correndo em busca de ajuda, e mesmo com vários procurando, o corpo do rapaz só foi encontrado vários dias depois, horrivelmente deformado. Ao ver André naquele estado, seu amigo pôs-se a chorar, e entre as lágrimas disse: “Coitado! Mas foi culpa dele. Mentia tanto!”

Utilizando de uma abordagem mais incisiva em *O Mentiroso*, Coelho Netto delimita, no arcabouço moral desejado para sua nação idealizada, a honestidade como um valor

fundamental para a sociedade. Trabalho, honestidade, bondade, partilha, patriotismo... princípios essenciais para uma sociedade justa e boa para todos.

A mesma estrutura deontológica é percebida no terceiro livro da trilogia Netto-Bilac, *A Pátria Brasileira*.²⁴¹ Dedicado a alunos das escolas primárias, a obra é mais uma dirigida à educação moral e cívica. Entretanto, embora possua os mesmos objetivos, a obra possui uma composição diferente das anteriores, assumindo um caráter mais acadêmico do que lúdico - um exemplo disso é a apresentação da bibliografia utilizada ao fim do livro.

Construído em pequenos capítulos, o livro pretende contar a história do país a partir de uma nova perspectiva quanto à formação da nação. Podemos perceber no texto o tensionamento em prol de um discurso favorável à miscigenação enquanto meio de formação do homem brasileiro, bem como da valorização do preto e do indígena. A resistência indígena aos invasores é apresentada como a origem de um sentimento patriótico, onde através da defesa da terra, estes se colocavam contrários ao invasor estrangeiro.

A defesa da liberdade é outra máxima no livro. Ao longo de toda obra, a busca pela liberdade é apresentada como elemento invariante no processo da construção da nação, representando um valor positivo que deve ser almejado por todos. Um exemplo é o capítulo intitulado *Navio Negreiro*, que narra a chegada dos escravizados ao Brasil. Vale a pena uma longa citação:

Sereno é o mar, os ventos sopram de feição, e o brigue veleja garbosamente pelas águas verdes, sob um céu azul onde não passa a mais ligeira nuvem... Mas porque espalha gemidos essa embarcação que tão propicia brisa vem trazendo? Porque espalha lamentos pelo tranquilo oceano? Virá a maruja pressaga adivinhando uma procela próxima? Não, a maruja canta descuidada vendo as velas pandas... Quem geme? De onde vem tão sentido lamento? É a carga do brigue que assim chora, é a carga do veleiro brigue que veio dos mares da África cheio de gente negra... O porão está entulhado: homens, mulheres e crianças, os pulsos carregados de ferro, os olhos inundados de lágrimas. Não podem ver, estão cercados de treva, num ambiente infecto; ouvem as pancadas dos corações sofredores e o escarchor do mar, ouvem os soluços das mulheres e os brados do comandante. Amanhece, anoitece, o sol surge, as estrelas cintilam, - e sempre é noite, noite negra no porão do navio. Vêm da África, arrematados pelo traficante, valem como a especiaria, como o gado, são cousa venal como a lenha da terra, como o coral das águas. Negam-lhes sentimento, negam-lhes sensibilidade, roubam-lhes os filhos, laceram-lhes as carnes. E o vento, como a alma errante e compassiva do país deixado, acompanha-os gemendo.

Ao final do livro, os autores deixam claro seu propósito: “despertar nas almas jovens o amor da pátria”.²⁴² Admitindo terem escrito de modo a deixar a leitura mais agradável para a juventude, os autores enfatizam ser o livro apenas o ponto de partida dos estudos da

²⁴¹ COELHO NETTO, H.; BILAC, O. *A Pátria Brasileira*. 21ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

²⁴² *Ibidem*, p.283.

“verdadeira história nacional”. Tendo deixado de fora alguns fatos, aconselham que os leitores busquem conhecer a sua pátria e, ao reconhecer sua grandeza, busquem ser dignos dela.

Culminando a empreitada iniciada com *A Terra Fluminense*, os autores apresentaram nesta obra um panorama histórico que justificava e fomentava o sentimento nacional naqueles que teriam o dever de dar prosseguimento ao desenvolvimento do país. O esforço pela educação da juventude nos moldes desejados por Coelho Netto para sua nação idealizada ganha uma complementação com a publicação, em 1919, do livro *Alma: educação feminina*.²⁴³

A preocupação com a educação feminina no final do século XIX e início do XX ganha corpo a partir da busca de meios para acabar com o atraso remanescente do período monárquico e escravocrata. Valentim et al. afirmam que no ideário republicano, as mulheres tornam-se vetores de mudanças sociais, com o poder de disseminar os preceitos desejados para a nova nação.²⁴⁴ Capazes de fazer a ponte entre o desejo dos homens de poder e a população em geral, a educação feminina passa a ser vista como de fundamental interesse para a modernização e o progresso do país.

É nesse contexto que *Alma* é publicado. Na introdução, Coelho Netto explicita seus objetivos: escrito especialmente para meninas, o livro era formado por pequenos conselhos apoiados em ditames morais e cívicos, que capacitariam suas leitoras a serem as mães do futuro da nação.

Mantendo o *modus operandi* de seus outros livros cívicos, o literato constrói, através de pequenos conselhos, o alicerce moral que ele almeja para sua nação idealizada, bem como o papel da mulher esperado nela. Mantendo uma visão conservadora da sociedade, a mulher idealizada é vista como responsável pela harmonia familiar. Diz o autor: “à mulher cabe o governo da casa e nele está compreendido o preparo da geração futura”.²⁴⁵

Valores como disciplina, união, prudência, bondade e discrição aparecem na obra como de fundamental importância para a formação feminina, cabendo à mulher ser uma boa mãe e esposa, além de educarem seus filhos no caminho correto. Para Coelho Netto, “a mulher deve desdobrar a vontade querendo por muitos - por si, e fará a sua honra; pela casa, e

²⁴³ COELHO NETTO, H. *Alma: Educação Feminina*. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1928.

²⁴⁴ VALENTIM, Renata Patricia Forain de; MARTINS, Renata Dahwache; RODRIGUES, Mariana Martelo. Ideários da Educação Feminina na Primeira República Brasileira. *Cadernos Pagu* [online]. 2019, n. 57. Acesso em: 12 Maio 2022, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900570006>.

²⁴⁵ COELHO NETTO, H. *Alma...*, p. 79.

fará o seu dever; pela Pátria, e fará a sua glória. Querer por si, é contentar-se; querer pela casa é desejar; querer pela Pátria, é aspirar”.²⁴⁶

Sobre a educação feminina nesse período, Guacira Louro nos diz que

não havia porque mobiliar a cabeça da mulher com informações ou conhecimentos, já que seu destino primordial – como esposa e mãe – exigiria, acima de tudo, uma moral sólida e bons princípios. Ela precisaria ser, em primeiro lugar, a mãe virtuosa, o pilar de sustentação do lar, a educadora das gerações do futuro. A educação da mulher seria feita, portanto, para além dela, já que sua justificativa não se encontrava em seus próprios anseios ou necessidades, mas em sua função social de educadora dos filhos ou, na linguagem republicana, na função de formadora dos futuros cidadãos.²⁴⁷

Esse caráter educador da mulher fica evidente no conselho intitulado *As Letras*. Incentivando a leitura para as meninas, o autor afirma que, através das letras, estas poderão realizar grande obra, que mesmo que não seja oferecida à humanidade, servirá como exemplo de virtude e pureza aos familiares. Em *A Roseira*, Coelho Netto afirma *ipsis litteris* que a “educação, ministrada como convém, corrige todos os defeitos”.

Além do papel educacional, o autor idealiza a mulher ideal. Em *O Espelho*, por exemplo, é aconselhado às meninas que não se descuidem de seu corpo, mas que não esqueçam da alma em detrimento deste, visto ser o espírito a fonte da real beleza feminina. Mais adiante no livro, afirma que convém à mulher andar sempre limpa e cuidadora de si, que não deve se deixar levar pela preguiça, além de saber guardar segredos... No conselho *Pátria*, Coelho Netto é categórico sobre o papel da mulher em sua nação:

E à mulher, minha filha, o ser fraco, cabe a responsabilidade maior nesse trabalho, porque, como o Senhor, no dizer dos livros, criou a alma do Homem infundindo-lhe no corpo o seu hálito divino, a mulher mãe deve inspirar ao coração do filho o bom exemplo, que é o germen da perfeição. Por isto convém que a educação da mulher seja guiada com todo escrúpulo, porque o seu destino na terra é continuar a vida, perpetuando o amor.²⁴⁸

Como podemos perceber, o papel da educação é construir as gerações futuras moldadas em patriotismo, civismo, moral e virtudes, para que assim fossem capazes de honrar o que seus antepassados fizeram anteriormente e construir um futuro próspero para a nação. Coelho Netto buscava ditar as contribuições que o meio educacional poderia oferecer para alcançar o seu ideal de nação.

Por mais que só tenhamos tratado de alguns livros, que é o que o espaço que este trabalho permite, a pregação educativa do autor se dava em vários espaços, através de

²⁴⁶ COELHO NETTO, H. *Alma...*, p. 82.

²⁴⁷ LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2018. pp. 446-447.

²⁴⁸ COELHO NETTO, H. *Alma...*, p. 141.

discursos, palestras, artigos jornalísticos, entre outros.²⁴⁹ Porém, não era apenas com a formação da alma que o autor se preocupava; educar o corpo era fundamental para construir o futuro. E para realizar este desejo, era fundamental a prática da educação física.

2.3 Os Laboratórios de Saúde

*O brasileiro é apenas povo e só se transformará
uma raça através do Esporte, pela depuração eugênica.
(Henrique Coelho Netto)²⁵⁰*

As arquibancadas da piscina do Fluminense estavam lotadas naquele 30 de abril de 1930. Era a final do retorno do campeonato carioca de pólo aquático: de um lado, os azuis-turquesas do Guanabara, base da seleção brasileira, e do outro o desafiante Botafogo, um poderosíssimo rival. Buscando cativar a torcida tricolor, o treinador guanabarense Irineu Gomes escalou como titulares dois atletas que também atuavam no Fluminense: Paulo e João Coelho Netto.

O escritor, pai dos atletas, sabendo que os mesmos jogariam, se animou para ir ao clube assistir ao jogo. Com 66 anos e de saúde frágil, seus filhos buscaram convencê-lo a não comparecer, pois poderia passar mal, além de prejudicar seus filhos, que da piscina ficariam preocupados com o pai, e pouco prestariam atenção no jogo. Depois de muito apelo, o literato aceitou a pressão dos filhos desde que estes lhe telefonassem assim que o jogo terminasse, para lhe contar o resultado.

Quando os jogadores estavam perfilados para o início da partida, João chamou a atenção de Paulo para a arquibancada social. Qual foi a surpresa do jovem ao ver que lá estava, ninguém mais ninguém menos, que seu pai. Por sorte, o Guanabara foi campeão carioca e o gol do título foi marcado por João, para alegria e euforia do literato em sua última aparição em um ginásio esportivo.²⁵¹

A sorte não sorriu facilmente para o casal Gaby e Henrique Coelho Netto. Morando em Campinas, no interior de São Paulo, viram sua casa ser acometida por uma catástrofe em

²⁴⁹ Ver: SILVA, Shayenne Schneider. *Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas*. Rio de Janeiro: UERJ, 2017. (Dissertação de Mestrado)

²⁵⁰ COELHO NETTO, Paulo. Op. Cit. p. 23

²⁵¹ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os esportes*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1964. p. 35-36.

forma de chuvas e ventos, que levaram seu telhado e boa parte do acervo do literato.²⁵² Entretanto, apesar do valor material, esta não seria a principal perda para ambos.

A maioria dos primeiros filhos do casal faleceram ainda pequenos. Pai zeloso, o autor criava seus filhos como “flores na estufa”,²⁵³ trancados em casa, enroupados com pesados casacos, protegendo-os de tudo que julgava causar risco. Culpando o excesso de cuidados pela má sorte, Coelho Netto decidiu mudar a criação de seus novos filhos, permitindo que estes brincassem ao ar livre, incentivando a prática de exercícios físicos, e tornando o sol e a natureza seus melhores amigos.

O retorno ao Rio de Janeiro, em 1904, marcaria uma transformação definitiva na percepção do autor quanto às atividades físicas. Mudando-se para a rua do Roso,²⁵⁴ no bairro de Laranjeiras, a família do autor tornou-se vizinha do recém fundado Fluminense Football Club, local que seus filhos transformaram em um quintal de sua casa, podendo ver as partidas da própria sacada.²⁵⁵

A fundação do Fluminense, em 1902, ocorre em um momento quando, além do futebol, as atividades físicas em geral começam a ganhar adeptos e apoiadores no país. Mesmo sofrendo forte resistência de várias camadas sociais, o esporte conseguia, aos poucos, angariar espaço na sociedade, muito devido aos interesses higienistas.

Santos nos diz que, uma das primeiras pessoas a defender o papel dos esportes na higienização e fortalecimento da raça foi José Veríssimo, em seu livro *A Educação Nacional* (1890), onde ele pregava que a raça brasileira era fraca diante das estrangeiras que chegavam ao país, principalmente italiana e alemã, o que poderia fazer com que estas nos dominassem pela força física.²⁵⁶

Para Veríssimo, um dos meios de se aprimorar a raça brasileira era através da inserção da Educação Física nas escolas, adequando a ginástica e os esportes estrangeiros para melhor se adaptarem ao clima e as características inerentes ao brasileiro. Estes esportes adaptados -

²⁵² LAPA, José Roberto do Amaral. *Coelho Netto em Campinas (1901-1904)*. p. 18.

²⁵³ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os esportes...* p. 9.

²⁵⁴ Atualmente rua Coelho Netto.

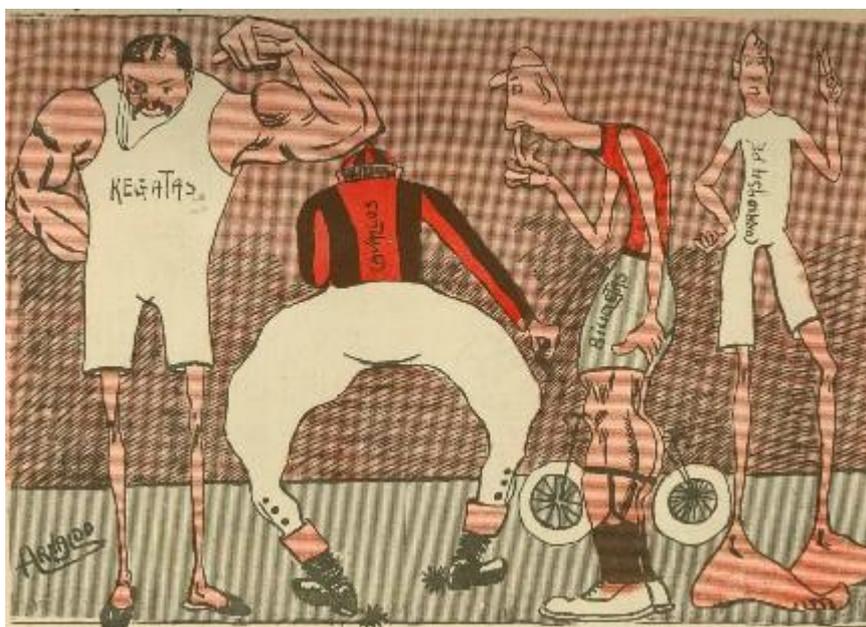
²⁵⁵ Paulo Coelho Netto nos conta um episódio onde seu irmão Mano, aproveitando que não havia mais entradas para assistir ao jogo entre Fluminense e Corinthians-ING, vendeu ingressos pelo preço de dez tostões para quem quisesse ver a partida da sacada de sua casa. Acontece que seu pai que dormira, e sua mãe que estudava piano, não sabiam. Quando houve um gol do Fluminense, todos vibraram e o barulho fez o literato acordar no susto. Ao perceber o que acontecia, Coelho Netto botou todas para fora, com a ajuda da polícia, e devolveu o dinheiro. In: COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense: Pitoresco e Dramático*. Editora Minerva: Rio de Janeiro, 1970. pp. 13-15.

²⁵⁶ SANTOS, Jorge Artur dos. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 36

Veríssimo não excluiu nenhum esporte que não pudesse se adaptar - além de fortalecerem fisicamente a raça nacional, ainda a edificariam quanto ao patriotismo, civismo, valores morais e capacidade intelectual.

Porém, se tal assunto já preocupava Veríssimo, o mesmo não se pode dizer de seus companheiros intelectuais. Era quase um consenso entre eles que a prática de atividades físicas era algo indigno, degradante, algo com o qual homens com *status* e capacidade intelectuais como a deles não deveriam compactuar. Além disso, havia a crença de que o importante era exercitar a mente e não o corpo e, que os esportes ao invés de regenerar o corpo, os deformava, como fica claro na charge do cartunista Arnaldo, publicada na revista *O Malho* em 1903.²⁵⁷

Imagem 5 - Consequências sportivas.



FONTE: Arnaldo. *O Malho*, 26-12-1903.

A preocupação em torno dos esportes, principalmente o futebol, também era existente em organizações classistas, anarquistas e socialistas, que viam as atividades físicas apenas como um meio de alienação das massas visando desarticular possíveis organizações trabalhistas,²⁵⁸ através do incentivo, por parte dos patrões, em algumas fábricas, à prática de esportes nos horários livres, ou até mesmo o apoio à fundação de clubes.²⁵⁹

²⁵⁷ PEREIRA, *Footballmania...* p. 48

²⁵⁸ SANTOS, Jorge Artur dos. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*...

²⁵⁹ O Bangu Atlético Clube, no Rio de Janeiro, é um ótimo exemplo. Ver: MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Ícone, 2004. Disponível em: <https://www.bangu.net/informacao/livros.php> e PEREIRA, *Footballmania...* p.32

Entretanto, com a chegada do século XX, e novos ventos provenientes da Europa, essa percepção da importância da higienização do físico foi se alterando. Se anteriormente, entre os higienistas, já se considerava a necessidade de reorganizar a cidade e suas moradias, as condições sanitárias, de alimentação, entre outras, a indispensabilidade da higienização da raça foi ganhando adeptos. Médicos, sanitaristas, literatos começaram a versar sobre a urgente necessidade da higienização para a regeneração da raça, que, marcada pela miscigenação, estaria maculada, só sendo possível recuperá-la e conseguir um equilíbrio entre o físico e o mental, através da educação física, principalmente para a juventude, sendo esta decisiva para o futuro do país.²⁶⁰

O esporte, então, se mostrou como o meio mais eficaz de inculcar a prática física aos jovens sedentários. Com a palavra Álvaro Reis, médico da Faculdade de Medicina da Bahia:

Todo exercício físico deve ser acompanhado, para não ser monótono e enfadonho e ser satisfatoriamente realizado, de uma nota de prazer e interesse com um caráter recreativo. Por isso os jogos e os *sports* são de grande vantagem no aperfeiçoamento orgânico, na educação física, principalmente da mocidade.²⁶¹

Além da curiosidade que a própria prática dos novos esportes gerava nas pessoas, o apoio dos grupos interessados no desenvolvimento físico do país e na regeneração da raça foi extremamente importante para a difusão das atividades esportivas. Nesse período tivemos a chegada do críquete, futebol, remo, ciclismo, natação, boxe, corridas a pé, corridas de automóveis, escotismo, montanhismo, entre várias outras modalidades esportivas, que eram estimuladas na tentativa de ganhar o coração - e o corpo - dos jovens. Sevcenko nos diz que:

O desenvolvimento dos esportes na passagem do século se destinava justamente a adaptar os corpos e as mentes à demanda acelerada das novas tecnologias. Como as metrópoles eram o palco por excelência para o desempenho dos novos potenciais técnicos, nada mais natural que a reforma urbana incluísse também a reforma dos corpos e das mentes. Esse amplo processo de transformação comportaria uma alteração crucial no quadro de valores. Nessa nova sociedade da cultura desportiva o valor máximo é necessariamente a ideia de saúde, cuja condição básica é a limpeza e cuja prova patente é a beleza. Não surpreende por isso que os termos por meios dos quais eram expressos os conflitos sociais passem a ser mediados pelos conceitos da profilaxia, da higiene e da eugenia.²⁶²

A crescente campanha pela necessidade dos exercícios físicos para a regeneração do corpo e da raça, foi um sucesso para os higienistas. Após algum tempo, a questão central

²⁶⁰ PEREIRA, *Footballmania...*; SANTOS, Jorge Artur dos. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*...

²⁶¹ PEREIRA, *Footballmania...* p. 44

²⁶² SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: A. NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 571

migrou da utilidade dos esportes como objeto do higienismo para qual esporte atenderia este objetivo de maneira mais rápida e eficaz. Cada esporte tinha seu benefício quanto ao desenvolvimento físico e mental que promovia, e seus adeptos buscavam atribuir às suas modalidades as melhores condições para serem os verdadeiros responsáveis pela regeneração racial.

Atletas do remo valorizavam a força física que os braços adquiriam com o esporte, e que agora seriam capazes de construir uma nova nação; os adeptos da corrida a pé, enalteciam a musculatura das pernas e a velocidade que eram capazes de alcançar; os montanhistas acreditavam que mais do que força física, era importante ter resistência e capacidade respiratória, extremamente necessárias em seu esporte, para realizar uma verdadeira regeneração da raça; já os futebolistas acreditam que, por ser praticado ao ar livre, exigir velocidade, coordenação motora, rapidez de raciocínio, boa visão, além de ser praticado em equipe, o futebol seria capaz de exercitar toda as partes do corpo em conjunto, produzindo o melhor efeito para a juventude.

Outro ponto que levaria o futebol ao topo da lista de esportes benéficos para a mocidade era a crença de que, além de desenvolver o corpo, o esporte era capaz de moldar e fortalecer o caráter de seus praticantes. Assim, ao contrário dos outros esportes, os adeptos do futebol acreditavam que sua prática tinha proveito duplo para a missão de regeneração racial. Em 1905, n' *O Malho*, podemos ler sobre esse poder futebolístico:

De todos os esportes atléticos oferecidos à mocidade para sua regeneração física, o football é realmente o que se apresenta mais belo e mais completo. [...] Em primeiro lugar o espírito de disciplina que adquire pela obediência absoluta que a cada jogador é imposta para com o seu comandante, o espírito de decisão e iniciativa inteligente que o jogo sugere pelo imprevisto das peripécias, o desprezo dos perigos que ele exalta, o estoicismo que inspira por algumas de suas consequências e finalmente o admirável espírito de solidariedade e de abnegação que exige de todos os seus adeptos.²⁶³

Contando com grande apelo da juventude, o futebol ia adquirindo para si, graças a ações e defesa de seus adeptos, a imagem do esporte higiênico por natureza, único capaz de sanar a degeneração existente no país e encaminhar a raça para a regeneração. Mais do que praticante de uma modalidade esportiva, os futebolistas tomavam para si a missão de salvar a juventude e o futuro da raça brasileira, através dos seus clubes, mas também através do incentivo à prática futebolística nas escolas e outros espaços capazes de reunir a mocidade.

Como forma de disseminar esses valores e conquistar legitimidade social enquanto salvadores da raça, os futebolistas tomavam intenso cuidado com sua conduta, seja durante a

²⁶³ “O foot-ball”. *O Malho*, 19-08-1905.

prática esportiva ou não. Pereira nos diz que “entre os jogadores, as disputas deveriam ser travadas dentro das regras da educação e do cavalheirismo”,²⁶⁴ o mesmo acontecendo nas arquibancadas, sendo comum ver torcedores aplaudindo um gol da equipe adversária. Assim, o futebol ia se apresentando como o regenerador e salvador do futuro do país, capaz de desenvolver o corpo e aprimorar a moral de seus adeptos.

Instigado pelo grande interesse de seus filhos, Coelho Netto ingressa de vez na defesa do esporte enquanto regenerador da raça, associando-se ao Fluminense em 1912. Conquistando papel de destaque no clube, logo o horizonte do autor foi se ampliando para diversas modalidades esportivas que se popularizavam no período.

Os esportes aquáticos, por exemplo, possuíam muita estima do literato, que também os viam como uma grande força regeneradora. Na mesma piscina que anos depois veria seus filhos serem campeões de pólo aquático, o autor proferiu o discurso em prol das atividades aquáticas que, como vimos, levou à loucura Lima Barreto. Disse Coelho Netto:

O atleta assim como se reforça e adentra, submete o espírito ao regime. O empenho de vencer fá-lo sóbrio e comedido; o domínio de si mesmo educa-lhe a vontade; a confiança no seu valor dá-lhe a serenidade; o hábito da vida em comum torna-o sociável; o esforço regular e contínuo acera-lhe a resistência, como o fogo tempera o aço, e o entusiasmo com que se bate pelo pavilhão do seu clube sublima-se, mais tarde, no culto da bandeira. E assim os ginásios são laboratórios de saúde e núcleos de preparação cívica.²⁶⁵

Netto era presença constante em certames de regatas, natação e polo aquático. Possuía vida ativa no Club de Regatas Guanabara, do qual também era torcedor, tendo inclusive sido escolhido para batizar, juntamente com sua esposa Gaby, a iole “Poranga” responsável por alguns dos maiores feitos do clube.²⁶⁶ Era no Guanabara que seus filhos praticavam natação e remo, além do já citado pólo aquático.

As regatas eram um esporte de muito valor para o cronista. Paulo Coelho Netto nos diz que seu pai, como reconhecimento pela defesa do esporte, foi escolhido para ser orador da cerimônia de cessão de terrenos pela Prefeitura da cidade para a construção das sedes dos clubes Vasco da Gama, Natação, Boqueirão e Internacional.²⁶⁷ O literato não se conformava com o pouco caso dos poderes públicos com as regatas, chegando a afirmar que

O alheamento do Governo diante dos problemas da juventude é um crime. O brasileiro é apenas povo e só se transformará uma raça através do Esporte, pela depuração eugênica. Longe de dar a esses núcleos de idealismo, que são os clubes de regatas, instalações

²⁶⁴ Ibidem, p. 54

²⁶⁵ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os esportes...* p. 38

²⁶⁶ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os esportes...* p. 18

²⁶⁷ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os esportes...* p. 24

condignas e subvenções compensadoras, ainda lhes exige impostos e taxas para, com o seu produto, construir hospitais!²⁶⁸

Ao questionar a falta de investimento público em clubes esportivos e o empenho na construção de hospital, o autor torna evidente o caráter regenerador e depurador que via na atividade física. Com a apuração eugênica tornando a sociedade saudável através das atividades físicas, o gasto público com hospitais far-se-ia desnecessário, uma vez que haveria menos pessoas doentes. A atividade física seria uma forma de promoção à saúde, um gasto menor do que o necessário para remediar uma sociedade enferma.

O investimento do governo em clubes esportivos seria uma das formas de ampliar o acesso a “núcleos de preparação cívica” por aqueles grupos que estariam à margem da sociedade. O autor identifica que alguns grupos sociais como os negros, pobres e indígenas eram bárbaros, incivilizados nas atitudes, crenças e costumes. Para ele, estes personagens deveriam ser integrados à comunidade para terem condições de evoluírem, deixando as crendices e maus jeitos para trás, e ajudando a encaminhar a nação na direção do progresso.

Ao classificar os costumes dos ex-escravos como bárbaros, Coelho Netto reproduzia uma concepção burguesa de civilidade que classificava os grupos sociais de acordo com seus próprios padrões morais, ignorando, embora o literato demonstre e busque conhecer, as vivências distintas que acometiam aos mesmos. Assim, para o autor, era necessário combater, através de um processo civilizador,²⁶⁹ “a nefasta herança deixada por muitos negros [...] para uma nação moderna que se tentava construir”.²⁷⁰

Nesse sentido, a prática esportiva poderia ser uma grande auxiliar para introduzir matizes civilizatórias àqueles que precisassem. Não eram apenas os negros e pobres que não estavam no padrão desejado, mas também a juventude, muitas vezes vista como preguiçosa e sedentária.

Portanto, colocações como a de Giulia Piazzzi que afirma que Coelho Netto “tinha a convicção de que não podia haver analfabetos nos times para não desmoralizar o esporte e não aceitava os mais pobres jogando as ligas esportivas”²⁷¹ não fazem qualquer sentido. Se os esportes seriam aliados na regeneração e civilização da população brasileira, por quais motivos Coelho Netto seria contra a participação daqueles que mais necessitavam?

²⁶⁸ Ibidem.

²⁶⁹ Ver: ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador*, vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

²⁷⁰ PEREIRA, Coelho Netto: *um antigo modernista...* p. 188.

²⁷¹ PIAZZZI, Giulia Sampaio. *Bolas de papel e jogadas editoriais: os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930*. CEFET-MG, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Belo Horizonte, 2018. p.73.

O autor era favorável à popularização do esporte, desde que a mesma ocorresse da forma adequada. O futebol, por exemplo, não deveria ser praticado pelas ruas ou terrenos baldios, pois lá representaria mais um risco à saúde do que um benefício. Cedendo à falta de educação e à violência com a qual boa parte da população estaria acostumada, o futebol sem uma “tutela” e um direcionamento para os valores desejados, reforçaria costumes e práticas negativas ao invés de limá-los.

Interessante notar, entretanto, que a noção de eugenia empregada por Coelho Netto não tinha, necessariamente, como objetivo o embranquecimento da população. O literato acreditava que a verdadeira raça brasileira seria a mestiça, com um misturado de cores que formaria uma nação diferente de todas as demais. A ideia de eugenia defendida pelo autor era a de melhora do físico, do corpo, aprimoramento da saúde da população que, por não se preocupar com estes assuntos, encontrava-se degenerada fisicamente.

O embranquecimento seria uma consequência do cruzamento de raças e ocorreria de forma lenta, com a substituição dos negros pelos imigrantes europeus nos campos, uma vez que aqueles que aqui estavam compunham uma “raça desanimada [...] que não pode subsistir”. Esses, então, estariam fadados ao desaparecimento, de acordo com a Lei da Seleção Natural, devido a maior força do imigrante europeu. O autor chega a escrever: “venham os novos brasileiros, apareça e domina a gente nova e robusta”.²⁷²

Contudo, embora não fosse o objetivo principal, o autor de *Banzo* (1912) não deixa de identificar no negro alguns vícios e um pouco de violência, ainda que reconhecesse que os motivos destes se justificasse pela violência sofrida por eles durante o período da escravidão. Vale a pena uma longa citação de Eulálio Leandro:

O negro descrito por Coelho Neto é um ser identificado pelas suas origens, trabalhador, forte, sensível e humano, contrapondo com a visão conservadora que a instituição escravista passou para as gerações futuras que o negro é preguiçoso, irresponsável, cheio de vícios, sobretudo, um homem violento.

A violência do negro está associada a resistência à escravidão. A liberdade é inata ao ser humano, o homem nasceu livre, por isso o negro resistia a toda forma de coação para obrigá-lo ao trabalho forçado.

O negro era vítima da injustiça dos senhores e da injustiça do Estado e desprovido de qualquer legislação social que lhe servisse de amparo nas relações escravistas.²⁷³

Segundo Leonardo Pereira, Coelho Netto acreditava que o esporte era “um dos seus mais perfeitos aliados na tarefa de regeneração social”.²⁷⁴ Em um ofício enviado pelo autor

²⁷² PEREIRA, Leonardo. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p.199

²⁷³ LEANDRO, Eulálio de Oliveira. *O negro na Obra de Coelho Neto*. Imperatriz: Ética, 2003. p. 122

para a Associação Paulista de Esportes Atléticos, e publicado no jornal *O Paiz*, o literato, ao agradecer o título de sócio benemérito, deixa claro que:

mais do que nunca, estou convencido que, com o sport, bem dirigido, nos faremos um povo digno da pátria e do tempo em que vivemos, robustecendo-nos, de corpo e alma, para o futuro que vem vindo, no qual só vencerão os sãos e enérgicos, de músculos temperados e ânimo viril. Tais atitudes físicas e morais só na escola atlética se adquirem, ao sol, ao ar, nas águas vivas.²⁷⁵

Ao longo de suas crônicas, artigos jornalísticos, discursos e romances, o autor busca, então, demonstrar os benefícios que o esporte traria para o corpo e para a coletividade. Ubiratan Machado nos diz que, em suas crônicas, o autor buscava relacionar o caráter regenerador do esporte com outros ideais: “a beleza e a saúde do corpo, esta associada à lucidez do espírito, e o respeito pela natureza, muitas vezes transformado em puro bucolismo”.²⁷⁶ Essa vinculação entre o esporte, o corpo e a beleza fica explícita na crônica *O Esporte e a Beleza*.²⁷⁷

Coelho Netto inicia seu texto nos contando que o então presidente da Academia de Sports de Paris, estava convicto dos prejuízos que os exercícios físicos trariam à “plástica feminina”, posição sustentada e difundida pelo literato Gomez Carrillo. Usando do tom irônico que marca algumas de suas produções, nosso protagonista afirma que, com base em suas observações, e na ausência de apresentação de provas, tende a discordar do que dizem “as maravilhosas cópias de beleza que nos legou a antiguidade”.

O literato recorre, então, a autores como Spencer, Michelet e Coubertin para afirmar que as atividades físicas mais fazem para a beleza feminina do que todos “os arrebiques e afeites de que se vale a mulher”, pois estas ressaltam sua beleza natural e “reforçando a estrutura, prepara a mulher para o destino augusto que ela traz para a vida, que é a maternidade”. Coelho Netto critica a imposição da arte estética aos exercícios físicos que estaria criando a crença de que, a partir do embelezamento artificial, a mulher conquistaria os mesmos benefícios da atividade física, como a esbelteza, a força, elegância dos movimentos e cor do rosto e brilho nos olhos. Para ele,

O movimento é vida e a saúde é essencial à beleza. A inércia amolenta, traz a flacidez e a tibieza e em fofos coxins, encerrada em harém, como as odaliscas, perde a mulher a flexibilidade, engorda, faz-se toda enxúndia como as huris de Bizâncio que viviam

²⁷⁴ PEREIRA, *Footballmania*, p.209

²⁷⁵ COELHO NETTO agradece a associação paulista o título de sócio benemérito. *O Paiz*, Rio de Janeiro, 10 de Fevereiro de 1920,p.10.

²⁷⁶ MACHADO, Ubiratan (Org). *Melhores Crônicas...* p.12

²⁷⁷ COELHO NETTO, Henrique. O Esporte e a Belleza. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 de maio de 1923.

espapadas em tapetes, respirando aromatas voluptuosos, guardadas à vistas por eunucos que não lhe consentiam um passo fora dos gineceus.

O autor de *A Capital Federal* é bastante cuidadoso, porém, ao exemplificar que, embora as atividades físicas sejam importantes para o corpo e a saúde feminina, há exercícios que seriam prejudiciais à beleza e à saúde das mulheres e as sujeitariam ao ridículo, como o rugby, o boxe e o futebol. Para o literato, os exercícios indicados para as mulheres seriam aqueles que lhes dariam uma quantidade maior de movimentos naturais, como as corridas a pé, os exercícios de corpo livre, a natação e a calistenia. Para o escritor caxiense, os exercícios corretos “desenvolvem a plástica, fazem circular, com vivacidade, o sangue, dão leveza aos movimentos e graça às atitudes”, fazendo com que, quanto mais exercícios as moças fizessem, mais vivas estariam, inclusive na aparência.

A quase centenária crônica não chega a ser surpreendente ao defender a prática de atividades físicas para as mulheres em um esforço para o fortalecimento da raça,²⁷⁸ e serve para reforçar o posicionamento de Coelho Netto sobre a prática esportiva como elemento de saúde e regeneração racial. Mulheres saudáveis gerariam filhos saudáveis, e assim as próximas gerações nacionais seriam melhores que as atuais. Esportes como a natação e a calistenia eram de extrema importância para o desenvolvimento saudável feminino e nutriam no autor sentimentos exacerbados.

Em outra crônica, intitulada *O Nosso Jogo*,²⁷⁹ Coelho Netto defende os atributos da capoeira, esporte que chegou a praticar enquanto jovem,²⁸⁰ e que para ele seria muito superior a outros esportes que utilizavam da agilidade e da força. Porém, para desencanto do autor, o jogo não era muito aceito pelos esportistas, que preferiam esportes estrangeiros como o boxe.

Para o literato, o que prejudicou a imagem da capoeira no país foi a navalha, utilizada às vezes por bandos violentos ou por capoeiristas desonrados que a usariam para derrotar algum adversário. O autor era enfático ao afirmar que estes acontecimentos não representavam a verdadeira capoeira, marcada pela disciplina entre os oponentes. Segundo Netto, “o capoeira que se prezava tinha ofício ou emprego, vestia com apuro e, se defendia uma causa, como aconteceu com a do abolicionismo, não o fazia como mercenário”.

²⁷⁸ GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Pensar a prática*. Goiânia. Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87003>. Acesso em: 27/12/2020.

²⁷⁹ COELHO NETTO, H. *O Nosso Jogo*. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1923.

²⁸⁰ Além da capoeira, outro esporte que o autor praticou foi o montanhismo. Ver: MAIA, Tauan Nunes. *O montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, 1900-1920*. Tese (Doutorado) – UFMG, 2019.

O caráter disciplinador e patriótico da capoeira era tão evidente para o cronista, que o mesmo defendia que ela fosse ensinada em todos os colégios, quartéis e navios, servindo de excelente exercício físico para desenvolvimento harmônico de todo o corpo, de apuração dos sentidos e da capacidade intelectual devido às nuances de seus movimentos, e também de exímio meio de defesa individual, o que engrandeceria as defesas patrióticas e facilitaria a regeneração racial, combatendo a prostração da juventude.

Deixando explícito seu desapontamento com a baixa popularidade do jogo e com o estrangeirismo presente no país, Coelho Netto afirma que, juntamente a Germano Haslocher e Luiz Murat, pensou em encaminhar, em 1910, um projeto à Câmara dos Deputados que tornaria obrigatório o ensino da capoeira em institutos oficiais e nos quartéis, mas que haviam desistido pois algumas pessoas teriam tratado a ideia com desprezo pelo fato do jogo ser nacional. E termina, novamente em tom irônico, afirmando ser “uma pena que não haja um brasileiro patriota que leve a capoeiragem a Paris, batizando-a, com outro nome, nas águas do Sena...”, pois quem sabe assim tal esporte não seria valorizado.

A capoeira reuniria para o autor alguns preceitos importantes para sua nação idealizada e que reforçariam o patriotismo e a identidade nacional. Ao desenvolver o corpo e o intelecto a capoeiragem estimularia a regeneração da raça; ao promover a disciplina, contribuiria para a ordem e civilidade que seriam elementais para o progresso do país e, por ser um jogo brasileiro, enfatizaria e avigoraria a crença da superioridade do Brasil diante das demais nações. O incentivo ao aprendizado da capoeira nos colégios e quartéis fazia parte de um projeto maior que, como vimos, compreendia para o autor, em uma das bases para o desenvolvimento civilizatório da sociedade.

Se Coelho Netto não teve sucesso com a capoeira, o mesmo não podemos dizer do escotismo. Embora não seja exatamente um esporte, o escotismo era visto pelo literato como uma espécie de escola que formaria “seres de têmpera viril tão úteis na paz pelo que aprendem brincando, como serão bravos na guerra pela resistência que adquiriram no corpo com os exercícios, na alma com a perseverança na disciplina, que é a cadência da ordem”.²⁸¹ Desse modo, “o escoteiro, assim como robustece nos exercícios ao ar livre, apura os sentidos, desenvolve as faculdades e aprimora os sentimentos, torna-se sociável”.²⁸² O escotismo, para

²⁸¹ HEROLD JR., Carlos; DE MELO, Victor Andrade. Escotismo e esporte: propostas de educação do corpo no Rio de Janeiro dos anos 1910-1920. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018, p.8 e FERNANDEZ, Renato Lanna. *Coelho Netto: um intelectual a serviço do esporte*. *Revista Mosaico – Volume 3 – Número 5 – 2011*. p. 6.

²⁸² *Ibidem*.

o autor, era capaz de promover tanto a regeneração física, o desenvolvimento intelectual e, sobretudo, o progresso civilizacional no país.

Grande entusiasta da modalidade, Coelho Netto foi um dos responsáveis, ao lado de Arnaldo Guinle,²⁸³ pela criação do Departamento de Escotismo no Fluminense, em 1916. Vendo uma relação intrínseca entre escotismo e esporte, o escotismo no clube carioca possuía elementos das atividades esportivas em sua grade, de modo a utilizar todos os artifícios que possibilitassem a emancipação do indivíduo e o avanço da nação. Segundo Fernandez,

Os escoteiros do Fluminense recebiam instrução militar, aulas de educação física, boxe, ginástica e natação, assistiam a palestras sobre códigos e compromisso patriótico. Compareciam a solenidades cívicas, faziam cursos de primeiro socorros, estudavam mapas, ajudavam em competições de atletismo como mensageiros, visitavam pontos históricos da cidade, ajudavam nas festividades do clube angariando brinquedos para o natal da criança pobre.²⁸⁴

Ao relacionar o esporte ao escotismo, o Fluminense complementava ações, que para o autor, seriam essenciais para o sucesso do programa. Coelho Netto buscava sempre estar presente nas solenidades do grupo, proferindo discursos, participando dos juramentos, incentivando a presença da juventude no grêmio, como fez com seus filhos, que foram escoteiros do clube. Na apresentação do *Livro do Escoteiro*, o literato deixa claro que esperava que os escoteiros do Fluminense

Aprendam a conhecer praticamente as plantas, as árvores: os animais; a correr, a nadar, a construir jangadas e choupanas; a seguir uma trilha, a orientar-se pelas estrelas e pelo sol; a socorrer os feridos, a apagar incêndios; aprendem em fim, a resolver inúmeros problemas, que indubitavelmente, conduzem ao aperfeiçoamento de sua educação moral, física e cívica.²⁸⁵

Assim, o escotismo seria capaz de, em conjunto com o esporte e a educação, desenvolver o caráter do novo tipo nacional desejado pelo autor e direcionar os rumos que o país deveria tomar. Os três juntos preenchiam possíveis lacunas deixadas por um deles e formavam uma juventude preparada fisicamente, intelectualmente e civicamente, desenvolvendo valores, disciplina e patriotismo. O empenho do cronista levou o Fluminense a ter grande protagonismo no escotismo da cidade e a se consolidar como um dos principais do país, recebendo grandes eventos e servindo de modelo e exemplo para implementação de outras escolas de escotismo.²⁸⁶

²⁸³ Arnaldo Guinle, na época presidente do Fluminense, foi também responsável, juntamente com Mario Pollo, pela tradução e publicação de vários livros estrangeiros sobre escotismo, bem como pelo lançamento do *Livro do Escoteiro*, no ano de 1916, que contou com apresentação de Olavo Bilac e Coelho Netto.

²⁸⁴ FERNANDES, Renato Lanna. *Coelho Netto: um intelectual...* p. 6

²⁸⁵ Ibidem.

²⁸⁶ HEROLD JR., Carlos; DE MELO, Victor Andrade. *Escotismo e esporte...*

Como vimos, para o literato os esportes tinham a tarefa de conduzir o povo brasileiro a sua regeneração física e mental, além de introduzir preceitos higiênicos e civilizatórios que seriam desejáveis na nova nação. Coelho Netto acreditava que o futebol era o esporte mais completo para educar a juventude e ajudar na civilização do país, pois o considerava capaz de estimular a coletividade e a união, sendo um jogo que não se joga ou se vence sozinho. Ainda seria capaz de fomentar a disciplina, pois é preciso que o time esteja organizado em campo e que os jogadores saibam e cumpram seus papéis, para conquistar a vitória; alimentar os valores cívicos e morais, o respeito ao próximo e esforço pelo bem comum, características fundamentais na concepção de nação do autor.

Em um prefácio, datado de 1919, para o livro *Association Foot-ball e como é jogado* de autoria de John Cameron, Coelho Netto evidencia esse caráter regenerador e civilizatório do esporte bretão.

O futebol não é, como muitos o imaginam, um entrevero brutal em que apenas se exercitam músculos, mas um jogo como o xadrez, cujas peças animadas movem-se integralmente, em concurso, mas cada qual a seu tempo e como convém à ação. Nele a inteligência é o principal; a força e a agilidade são elementos de execução. [...] Como na esgrima não é o pulso mais rijo, senão o mais destro, o favorito da vitória, no futebol o mais sagaz, mais diligente e mais calmo domina sempre. O que se quer do jogador, antes de se lhe pedir força, é coragem serena, atenção segura, agilidade sem precipitação e vista firme. E, assim, sendo um valioso exercício atlético, é ao mesmo tempo, o futebol um treino das faculdades no qual concorrem ativamente: a inteligência, preparando, de surto, as combinações, a atenção afirmando-as, a vontade executando-as e ainda a calma, para dominar-se a um tempo contra o medo e contra a repentina, dirigindo-se na avançada por entre os adversários, sem a preocupação desleal de os magoar, conduzindo habilmente a bola até onde possa, com segurança, arremessá-la a gol ou passá-la a quem esteja mais a feição de conseguir o ponto. Jogo de combinação, o futebol deve ser exercitado pelo *team* como o corpo executa os vários movimentos, distribuindo-os pela indicação da inteligência impulsionada pela vontade, aos respectivos membros.²⁸⁷

Seu fervor em torno do futebol era tão evidente, que até para os seus amigos e pares por vezes tornava-se difícil acompanhar. O imortal Gustavo Barroso²⁸⁸ chega a afirmar que Coelho Netto “tomou-se de encantos pelo jogo inglês e vive a falar, por dá aquela palha, em backs, forward, goals, teams e scratch”.²⁸⁹ Dizia-se que em sua casa havia “muito de esporte, e pouco de literatura”.²⁹⁰

Paulo Coelho Netto nos diz que:

²⁸⁷ COELHO NETTO, H. Prefácio. In: CAMERON, Jhon. *Association Foot-ball e como é jogado*. Rio de Janeiro, Editores Papelaria Confiança, 1919. *Apud* MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física no Brasil*. Cia Brasil Editorial, s.d., p.49

²⁸⁸ Gustavo Barroso, advogado, museólogo, político integralista e literato brasileiro, foi dono da cadeira 19 da Academia Brasileira de Letras.

²⁸⁹ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 14.

²⁹⁰ PEREIRA. *Footballmania...* p. 206

Entendia Coelho Netto que o esporte proporciona ao homem todas as condições para enfrentar os problemas da existência: o espírito de competição, o auto-domínio, a disciplina, a tenacidade, o respeito à pessoa humana, a serenidade diante dos triunfos e o equilíbrio e impulso de superação nos momentos adversos.²⁹¹

Seu filho e biógrafo nos conta que seu pai se empenhava para não perder um jogo sequer de seus filhos no Fluminense, sendo o domingo inteiro reservado para o futebol. Segundo o autor, “Coelho Netto tanto se empolgou, que passou a assumir atitudes de técnico exigente, dando aos filhos preleções severas e fazendo-lhes advertências sobre um ou outro lance que não lhe agradara”.²⁹²

Muitas vezes Coelho Netto se desdobrava para assistir às partidas pela cidade, estando no mesmo dia em Laranjeiras, Tijuca e Bangu, por exemplo.

Eram dez horas da manhã, de um domingo ensolarado, quando retinei a campainha da casa do escritor. A criada correu e logo retornou, prevenindo à Zita [filha do literato]:

- É um homem de cabeleira comprida que quer falar com o doutor Coelho Netto.

Zita foi atendê-lo: ele sobraçava um embrulho e não perdeu tempo:

- Bom dia, menina; eu sou poeta e trago aqui o meu primeiro livro, em manuscrito, para o mestre ler e me honrar com o seu prefácio.
- Mas ele e minha mãe estão no campo do América.
- Na Tijuca?
- Sim. Os infantis jogam pela manhã. Meu irmão Paulo é do primeiro *team* do Fluminense e João do segundo. Papai e mamãe foram torcer.

O poeta agradeceu e despediu-se, mas, às quatro horas da tarde, retornou. Zita atendeu-o novamente:

- Minha filha, agora o mestre pode receber-me?
- O senhor não disse que voltava. Ele e mamãe estão em Bangu.
- Bangu ?!
- É. O Fluminense está jogando lá; meu irmão Georges é do segundo *team* e Mano do primeiro. Eles só devem estar aqui às oito horas da noite.
- Mas eu trabalho a semana inteira e só disponho de um dia livre: o domingo.
- Domingo? Então o senhor vai ter paciência, porque ele só o receberá no fim do ano, quando terminarem todos os campeonatos.

O homem balançou a cabeça, desalentado, e, azedo, deixou escapar sua grande decepção:

- Já me haviam prevenido que a ele só falta vestir o uniforme do Fluminense e entrar em campo com os jogadores, como mascote do *team*. Até as caricaturas já o apresentam carregando uma bola de futebol, em vez de um livro.

E foi embora, para nunca mais voltar, levando a sua obra prima irrelizada.²⁹³

O esforço do literato era do tamanho do reconhecimento de suas ações em prol do jogo. Foi sócio honorário de diversos clubes como “Clube de Regatas Guanabara, Clube de

²⁹¹ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 17.

²⁹² COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p.13.

²⁹³ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 14-15

Natação e Regatas, Clube de Regatas Vasco da Gama, Club Internacional de Regatas, Clube de Regatas Boqueirão do Passeio, Clube de Buenos Aires, Palestra Itália Foot-ball Club de São Paulo”,²⁹⁴ sócio benemérito do Fluminense, além de ter presença ativa em vários outros clubes da cidade, como o Flamengo, por exemplo. O jornal *O Paiz*,²⁹⁵ traz inclusive a informação da criação de um clube em sua homenagem, intitulado Coelho Netto A.C., por parte de alguns bacharelados fãs do esporte.

Em qualquer campo que fosse, o autor era recebido com grandes honras, sendo constantemente convidado para as tribunas e recusando sempre, devido a suas explosões clubistas, de modo a não gerar animosidade com os dirigentes dos clubes mandantes. Em uma dessas partidas o literato teria promovido a primeira invasão de campo do futebol brasileiro, entrando com a bengala em riste para reclamar de uma arbitragem tendenciosa em prol do Flamengo contra o Fluminense.²⁹⁶

Porém, é interessante notar que, após terminada as partidas, o torcedor Coelho Netto era substituído pelo renomado escritor e *sportmen* Coelho Netto, não vendo mais os jogadores do outro time como adversários, mas sim como batalhadores pelo aprimoramento racial e civilizacional da mocidade brasileira.²⁹⁷

Estas atitudes e o esforço do literato em sempre discursar em prol do esporte como capaz de gerar futuras gerações sadias, viris e civilizadas, fez com que ele fosse tratado como “a maior conquista do *foot-ball* brasileiro”.²⁹⁸ Em sua homenagem eram realizados eventos e festivais, como o organizado pelo Carioca F.C. em 1919 e noticiado pelo *Jornal de Theatro e Sports*.²⁹⁹

Paulo Coelho Netto fala-nos de um episódio onde o pai foi convidado para discursar na cerimônia de inauguração da reforma na praça de esportes do Andarahy. No dia da comemoração, o autor foi apresentado, pelo presidente do clube, às melhorias feitas no espaço e foi homenageado brevemente pelos dirigentes e jogadores. Chegando ao local da festividade, o presidente do Andarahy fez um breve discurso e solicitou que o literato descerrasse a bandeira do clube que encobria uma placa alusiva à inauguração. E para

²⁹⁴ FERNANDES, Renato Lanna. *Coelho Netto: um intelectual...* p.9

²⁹⁵ Edição de 03/02/1920.

²⁹⁶ O historiador Antônio Carlos Napoleão, em seu livro *Fluminense F.C. - Histórias, Glórias e Conquistas no Futebol* (Editora Mauad, 2003, p. 20) afirma que a intenção de Coelho Netto e de Ataliba Dutra era de acalmar os ânimos dos jogadores. Tal versão contradiz a versão mais aceita pelos acadêmicos do esporte, como Roberto Assaf, Mauro Rosso, entre outros.

²⁹⁷ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 15.

²⁹⁸ FELIX FERNANDO, Felipe. Coelho Netto e o foot-ball. *Época Sportiva*, ano 1, n 3, 19 de Abril de 1919.

²⁹⁹ *Jornal de Theatro e Sports*, 26/04/1919, p.14

surpresa do cronista, ao puxar o cordão da mesma, eis que surge a placa com a inscrição “Praça Coelho Netto”.³⁰⁰ Todo esse reconhecimento propiciou ao autor ser personagem central na resolução de algumas das mais famosas querelas do futebol brasileiro.

Em 1919, por exemplo, durante a preparação para o Campeonato Sulamericano, um conflito entre a Confederação Brasileira de Desportos (CDB) e a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) por pouco não deixou os atletas de São Paulo fora do selecionado nacional. O conflito teria surgido devido a questões quanto à ajuda de custos paga pela CDB aos jogadores da APEA.³⁰¹

Como a competição seria realizada no ano anterior,³⁰² a Confederação custeou os jogadores paulistas, para que os mesmos pudessem se locomover até o Rio de Janeiro onde ocorreriam os treinos e jogos. No entanto, com o adiamento do campeonato, a CBD solicitou a devolução do valor, que não foi feita, uma vez que os atletas alegaram já ter gastado nos preparativos para a viagem. A APEA apoiou os atletas ao se posicionar contrária à devolução da subvenção. René Junior, por sua vez, disse que o motivo da querela seria o fato de que três jogadores paulistas - Friedenreich, Neco e Amílcar - estariam atuando profissionalmente, o que era proibido no período, com o acobertamento da APEA.³⁰³

O clima foi se agravando nos dias seguintes, muito devido ao posicionamento dos jornais de ambas as cidades, o que acarretou a desfiliação da APEA por parte da CBD e na proibição de jogadores paulistas fazerem parte do selecionado nacional. Diante do impasse, a Associação Paulista convidou o literato Coelho Netto para representá-la diante da Confederação Brasileira, em uma tentativa de amenizar as desavenças e buscar a harmonia no futebol nacional, bem como assegurar a participação de seus jogadores na seleção, considerados imprescindíveis para o sucesso do time.

Segundo Paulo Coelho Netto, o literato conseguiu controlar a mídia jornalística, pacificando seus posicionamentos, e após “ponderada interferência”,³⁰⁴ com direito a apelações dramáticas em frases tal qual “é como brasileiro, no fim da vida, que peço a paz para o esporte”,³⁰⁵ teria conseguido resolver o entrave e liberar a participação dos paulistas no

³⁰⁰ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 29.

³⁰¹ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 18 e 19.

³⁰² A competição foi adiada devido à pandemia de gripe espanhola.

³⁰³ GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 62.

³⁰⁴ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 19.

³⁰⁵ *Ibidem*.

campeonato sul-americano. Segundo o ilustrado autor de *Fogo-fátuo*, na disputa “não houve vencidos nem vencedores, mas sim um empate de 0x0”.³⁰⁶

A atuação de Coelho Netto no imbróglio entre as federações, que lhe rendeu a representação nacional no Congresso Sul-americano de 1919 e a cotação para a presidência da CBD no ano seguinte,³⁰⁷ nos dá uma demonstração do caráter harmonizador e civilizatório que ele via no futebol. Ao apelar para o discurso emocional e, acima de tudo, nacionalista, o literato buscava fazer do esporte um meio civilizador e de união entre diferentes em prol de um mesmo objetivo - a vitória da seleção nacional - e um mesmo sentimento - a identidade nacional.

Embora fosse uma personalidade de grande aceitação em vários clubes da cidade, seu coração batia de verdade pelo Fluminense. O autor via o clube como o maior laboratório de saúde da cidade, local capaz de guiar, através da depuração racial e do exemplo para os demais clubes, o país aos rumos idealizados por ele.

Com participação ativa no clube, o autor foi convidado para escrever o primeiro hino da agremiação. Apresentado pela primeira vez em 29 de julho de 1915, quando da inauguração da terceira sede do Fluminense,³⁰⁸ o hino é uma verdadeira obra prima do idealismo e do caráter regenerador que o autor observava nos esportes e no Fluminense. Vale a pena reproduzirmos toda a letra da composição a seguir:

O Fluminense é um crisol
Onde apuramos a energia
Ao pleno ar, ao claro sol
Lutando em justas de alegria

O nosso esforço se congraça
Em torno do ideal viril
De avigorar a nova raça
Do nosso Brasil!

Corrige o corpo como artista
Vida imprime à estátua augusta
Faz da argila uma robusta
Peça de aço onde a alma assista

Na arena como na vida
Do forte é sempre a vitória
Do estádio foi que a Grécia acometida
Irrompeu para a glória

Ninguém no clube se pertence
A glória aqui não é pessoal

³⁰⁶ Ibidem.

³⁰⁷ PEREIRA. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 279

³⁰⁸ Idem, p.16

Quem vence em campo é o Fluminense
Que é, como a Pátria, um ser ideal

Assim nas justas se congraça
Em torno dum ideal viril
A gente moça, a nova raça
Do nosso Brasil!
Adestra a força e doma o impulso
Triunfa, mas sem alardo
O herói é bravo mas galhardo
Tão forte d'alma que de pulso

A força esplende em saúde
E abre o peito à bondade
A força é a expressão viva da virtude
E garbo da mocidade³⁰⁹

A letra foi escrita sob inspiração da música *It's a Long Way to Tipperary* de John McCormack,³¹⁰ e pode ser considerada um sumo do ideal de nação do autor. Cada estrofe, milimetricamente pensada, representa uma das características idealizadas por Coelho Netto para a pátria.

Logo na primeira estrofe, podemos perceber a crença de que os esportes ao ar livre seriam grandes aliados na regeneração que a raça brasileira carecia. E o esforço que a prática e o incentivo destes exigiriam, consolidariam a varonilidade necessária para a nação brasileira, conforme apresentado na segunda estrofe. O autor deixava claro o papel que o Fluminense possuía na missão eugênica.

As estrofes três e sete reforçam o elemento eugênico que o autor via no esporte. Corrigir o corpo, adestrar a força são características fundamentais que o esporte proporcionava a seus praticantes, tornando-os mais próximos dos homens viris e fortes que se assemelhavam à estátua augusta.

Já na quarta e na sexta estrofe, vemos a inspiração nos antigos, através da citação à Grécia e às justas, esporte medieval. Ao afirmar que do forte é sempre a vitória, o autor reforça a ligação entre a eugenia e seu ideal de homem e enfatiza que estes surgiriam dos estádios, através da adubação exercida pelo futebol.

As estrofes cinco e oito tratam do caráter civilizatório do esporte. O futebol traria o sentimento de solidariedade, de equipe, de união que seriam extremamente importantes para sua nação imaginada. O último verso do hino ainda deixa evidente o papel do clube no refinamento e bons modos da mocidade, reforçando o caráter elitista e exclusivo da prática do

³⁰⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TaKM0op3rog> Acesso em: 01/07/2021

³¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XVM-tFAdADg> Acesso em: 01/07/2021

esporte. Afinal, o Fluminense é um crisol, capaz de aprimorar física e mentalmente seus membros e encaminhar o Brasil, através de suas ações, para o progresso.

Embora o hino tenha feito sucesso entre os sócios, em menos de um ano ele foi substituído por outro, de autoria do maestro Antônio Cardoso de Menezes Filho, e que ainda hoje é o hino oficial do clube.³¹¹

Mesmo com a alteração do hino, Coelho Netto não deixou de frequentar o clube e referenciá-lo como um dos grandes transmutadores da raça brasileira. O autor assumiu diversas funções no Fluminense: presidiu reuniões sobre construção do novo estádio, foi membro do conselho deliberativo,³¹² ajudou a criar o Departamento de Escotismo e assumiu o cargo de Diretor de Artes, sem contar o seu papel extraoficial de orador do clube, atuando em várias festas e cerimônias.

Coelho Netto enxergava no Tricolor um modelo que deveria ser seguido pela nação. Seus princípios de regeneração da raça, do aprimoramento moral da juventude e dos benefícios esportivos em prol da civilidade possuíam muita afinidade com as concepções do clube, conforme podemos ver no Estatuto de 1916:

Seja-nos ainda permitido exortar os nossos sócios a prática racional dos *sports*, ou, em outras palavras a utilização inteligente do aparelhamento *sportivo* que o clube se esforça em proporcionar-lhes indiscutivelmente, porque só ela logrará bem prepará-los para a luta pela vida, fazendo neles desabrochar uma alma forte e um corpo são.³¹³

Ao longo de sua atuação no Fluminense, Coelho Netto usou de seu renome e prestígio para ajudar a imprimir uma marca de distinção no clube, e elevá-lo à condição de padrão de respeito e amor por um pavilhão, vendo-o como uma mini pátria que inspiraria o Brasil a evoluir enquanto nação.

Morando a poucos metros da sede do Fluminense, era comum que os atletas frequentassem a casa do literato, até porque eram amigos de seus filhos, muitas vezes saindo diretamente do treino para lá almoçar. Era rotineira a presença de jogadores como Marcos e Fábio Carneiro de Mendonça, Chico Netto, Laís, Oswaldo Gomes, Fortes, Zezé e Mário Moraes,³¹⁴ companheiros de seu filho Mano e base de um dos times mais vencedores da história do clube, tendo ganho os campeonatos cariocas de 1917, 1918 e 1919.

³¹¹ O hino mais famoso do Fluminense “*Sou tricolor de coração, sou do clube tantas vezes campeão...*” é um hino popular criado por Lamartine Barbo para um programa de rádio nos anos 40. Embora o clube reconheça o hino, o oficial ainda é o de Antônio Cardoso de Menezes Filho.

³¹² FERNANDEZ, Renato Lanna. *Fluminense Foot-ball Club...* p.91

³¹³ Estatuto do Fluminense, 01 de outubro de 1916. *In: Ibidem.* p.82.

³¹⁴ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os Esportes...* p. 15

Com todo o prestígio que acumulara enquanto defensor e grande entusiasta do esporte, além da grande admiração que tinha no clube, o literato muitas vezes fazia papel de dirigente esportivo, embora nunca tenha assumido um posto. Era comum vê-lo acompanhar os treinos, participar da rotina dos atletas e dar dicas para os jogadores. Em 1923 chegou a ser designado pelo clube para chefiar a delegação tricolor que iria até a Bahia, após convite do Club Baiano de Tênis.

Levando consigo sua esposa, dona Gaby, e suas filhas Dina e Violeta, a família foi hospedada pelo governador do Estado no Palácio da Aclamação, tendo o governador ainda oferecido um baile de gala para a delegação.³¹⁵ A importância que o elenco tricolor e seu chefe possuíam fica evidente diante da repercussão e do acolhimento que recebiam dos baianos. No dia 1º de Abril, o jornal Diário da Bahia repercutiu a presença dos cariocas:

É justo, justíssimo o orgulho com que a Bahia hospeda a ilustre delegação do *club*, que pelos seus méritos inconfundíveis, por sua vida, que é uma marcha ininterrupta de conquista em conquista, para os altos destinos do *sport*, soube constituir-se o ponto culminante da glória esportiva do Brasil.[...] Unem-se para a justificação do jubilo que vai hoje por todos os corações baianos, esses dois motivos: a longa e fulgida história de que se tece a vida do Fluminense e o nome consagrado do eminente vulto que lhe preside a embaixada.³¹⁶

Imagem 6 - Coelho Netto (sentado ao centro) e o primeiro time do Fluminense torcendo pela vitória do segundo time.



Fonte: Beira Mar.³¹⁷

³¹⁵ Idem. p. 32

³¹⁶ In: FERNANDEZ, Renato Lanna. *Fluminense Foot-ball Club...* p.98

³¹⁷ CINEMAS e Desportos. *Beira Mar*, Rio de Janeiro, 3 de junho de 1923.

Em vários discursos e eventos, o autor buscava reforçar o papel de liderança do Fluminense na propagação da nova raça nacional. Vendo o clube como o ápice a que uma instituição esportiva podia chegar, Coelho Netto via na instituição uma oportunidade de continuar seu projeto pedagógico para a formação de uma nação. Sendo local de regeneração física e aprimoramento intelectual e moral, o Fluminense se tornava um grande aliado e protótipo para a nação idealizada pelo literato.

Entretanto, quase que por ironia do destino, o esporte e o clube a que tanto se dedicou, levaram mais um filho de Coelho Netto. No dia 30 de setembro de 1922, em uma partida entre Fluminense e São Cristóvão, seu filho Emanuel, mais conhecido como Mano, acabou sofrendo um forte choque de cabeça com um atleta cadete, mas continuou em campo, visto que não havia equipe médica nos jogos na época.

Com uma hemorragia interna, o jovem de 24 anos atuou até o final da partida, tendo seu quadro piorado consideravelmente posteriormente. Mesmo com a remoção de cerca de 32 coágulos na cabeça, o filho de Coelho Netto acabou falecendo.³¹⁸ A crônica *Contraste* escrita pelo autor e publicada em seu livro *Mano: o livro da saudade*, em homenagem ao seu filho, é, talvez, uma das mais tristes escritas por ele:

Quando o levaram de nós o estádio começava a encher-se para um dos mais renhidos jogos do campeonato sul-americano. Ao alto da muralha da mole atlética, trapejada a bandeiras e flâmulas, que espadanavam ao vento, borrifadas de chuva, apareciam os primeiros vultos. O movimento das duas ruas que se cruzam dissemelhava-se em contraste irônico.

Em uma, o borborinho alacre da multidão desensofrida, que afluía ao espetáculo da luta: veículos e turba, pregões, estropeada de patrulhas, correrias de retardatários que se apinhavam tumultuosamente junto da bilheteira como se a quisessem tomar de assalto. Na outra rua, silêncio: gente à espera, em grupos nas calçadas, às portas e às janelas; duas longas filas de automóveis e o coche fúnebre parado diante da nossa casa em pranto. Na minha sala de trabalho, de janelas abertas, revestida de luto, com um altar armado, jazia sobre a minha mesa, entre círios e flores, o maior desastre da minha vida.

Toda a casa regurgitava de gente: era a solidariedade dos corações amigos na desgraça, a doce esmola de amor trazida à nossa miséria. Por toda a parte, profusamente, flores: sobre os móveis, pelos cantos, fora, no jardim: em palmas, ramos e grinaldas e ainda esparsas, aqui, ali. Nunca a primavera fora tão pródiga com o meu jardim. Foi preciso que a Morte nele entrasse para que os meus canteiros se adornassem tanto. Por tal preço não os quisera eu tão vegetos.

Longo, perduradouro vozear no estádio anunciava o início do jogo quando o sacerdote, o mesmo que o ouvira de confissão, aproximou-se para encomendá-lo a Deus. Era o sinal da partida. Uma voz sussurrou-me: “Que iam fechar o caixão”. Estremeci. Seria possível! Encheu-se-me o peito de tanta agonia que me senti oprimido como se o coração se me houvesse petrificado. Que fazer? Último adeus ao filho, último beijo à fronte gélida, bênção derradeira. Retiraram-lhe o crucifixo do peito. Como o que embarca entrega no portão o bilhete de passagem, assim já lhe não era necessário o símbolo da Fé, porque o seu corpo tinha a câmara à espera e o seu espírito suave já devia achar-se na presença de Deus.

Tomei-lhe, a furto, o que dele me podia ficar - algumas flores que lhe haviam murchado sobre o peito, mortas com ele, bem em cima do seu coração. Um a um alguém foi apagando os círios. Eram as últimas esperanças que se extinguíam. A sua eterna manhã rompera. Para

³¹⁸ COELHO NETTO, Paulo. *O Fluminense: Pitoresco e Dramático...* p. 41.

que luzes noturnas? Fecharam o caixão florido. Que mais?! Eu olhava em volta de mim em busca de uma esperança e só via lágrimas em todos os olhos. Tudo estava acabado.

Dali ao túmulo, nada mais. Levaram-no. E a casa foi, pouco a pouco, esvaziando-se - vazia da gente, vazia das flores, vazia, principalmente, da felicidade, que ia com ele. E tive coragem de o acompanhar até à estância derradeira e vi-o baixar ao fundo da sepultura, profundidade só comparável à do azul infinito. E o abraço brutal da terra sonora, pouco a pouco encerrando em si o corpo amado, fechando-se sobre ele, abafando-o, sumindo-o até possuí-lo todo, só dela.

E ali fiquei a olhar como quem, de cima de uma rocha, vê perder-se no horizonte a vela da última esperança. E, diante daquele deserto, eu era como um naufrago em ilhéu estéril na vastidão do oceano. Arrancaram-me do presídio. Era a vida que me reclamava como a morte o levava, a ele. E vim, sem consciência, até a casa, onde revi os meus, como se uma vaga me houvesse arrojado à praia e eu acordasse atônito.

A tarde estiara. Dir-se-ia que a chuva fora apenas para chorar o morto, como os olhos dos que me haviam acompanhado no doloroso transe. Águas que não cessam são as que jorram das fontes e dos corações. Águas que se formam nas nuvens passageiras e nos olhos indiferentes depressa o sol e o esquecimento secam; as que brotam das rochas e das profundas do amor, essas não estancam nunca! Se estancassem como se mataria a sede, como se mitigaria a saudade?

No jardim, restos de flores: ainda na minha sala os círios da vigília. Já haviam despido do luto as paredes, já haviam desarmado a essa e o altar e a minha sala de trabalho voltara ao seu aspecto natural. Pairava apenas no ambiente um cheiro morno de cera e de flores murchas. E na casa era tudo. Os corações, esses... Onde quer que se passasse ouvia-se convulso tremor de pranto.

Uma figura inerte, de negro, estatelada, estéril, jazia apagada a um canto, como aqueles círios que ainda lá estavam, de Morrões negros, também apagados, sem lágrimas. Não parecia sentir: olhava pasmada, como alguém que se visse em um patíbulo, condenada sem culpa e, em tamanha injustiça, não achasse palavra para bradar a sua inocência. Pobre mãe! Aproximei-me dela, unimos os nossos corações feridos do mesmo golpe e as nossas dores comunicaram-se. Assim um rio cresce assoberbado e na violência em que investe derruba árvores e barrancas e tais destroços represam-no até que outro rio, nele despejando-se, engrossa-o e, os dois, juntos, forçam, levam de vencida o empenço e correm alagadoramente. Chorávamos humildes quando trovejou no estádio clamor imenso de triunfo e o coliseu longamente atroou o estrondo das aclamações vitoriosas. Ouvindo aquele tronejo heróico lembramo-nos de tardes, outras, iguais àquela e parecia-nos que o nome proclamado estrepitosamente era o dele, dele que ali se fizera desde pequenino, brincando naquele campo, nele crescendo em força e garbo, nele batendo-se pelas cores, que eram o seu orgulho.

E seria dele o nome que ouvíamos nas aclamações ovantes da multidão em delírio? Sim, era o seu nome, não saía do estádio, mas do fundo dos nossos corações porque, embora estrondosas, todas aquelas vozes de milhares de bocas não estrugiam tão alto como nos soavam intimamente os apelos doloridos da nossa imensa saudade.

E, no final do jogo, com o escoar da turbamulta, a nossa rua encheu-se e os que passavam, comentando os lances mais brilhantes da partida, não se lembravam do enterro que dali saía. E, para o seu espírito, foi melhor assim. Era em tal alvoroço que ele gostava de ver o seu clube, cheio, empavesado, ressoando músicas e clamores. Quanta vez... A casa, fechada, em silêncio, tremia com o rumor da rua. Pobres corações!

E a tarde daquele dia, que fora de tristeza lúgubre, desanuviara-se a pouco e pouco, galeandose do sol. Dir-se-ia que o céu despia o luto por aquele que chorava ou, quem sabe! talvez assim se transfigurava para recebê-lo festivamente. Nós é que em nada mudamos: tal como ele nos deixou jazemos: na mesma desolação, na mesma saudade. E como não há de ser assim se a nossa alegria era ele e ele foi-se, não torna, não tornará nunca! nunca mais!³¹⁹

³¹⁹ COELHO NETTO, H. Contraste. In: COELHO NETTO, H. *Mano*. 8ª Edição. Porto: Livraria Lello, 1932, p. 53-58.

Mesmo com a morte de Mano, Coelho Netto continuou acreditando no poder regenerador do esporte, e reforçando que, se bem realizado, ele faria bem à saúde. Infelizmente, para Mano, o esporte não foi bem jogado naquele dia.

Outro meio de divulgar suas ideias sobre o papel do esporte na construção da nação foi o periódico *A Athletica*. Criado pelo autor para tratar quase exclusivamente da prática esportiva, serviu de espaço para a publicação de vários artigos em defesa do esporte. Por ser diretor de redação, cabia a Coelho Netto escolher quais outras publicações também fariam parte das edições. Uma das seções que compunham o periódico possuía o sugestivo nome de “Eugenia: *mens sana in corpore sano*”.

A escolha do título da seção deixa claro o papel que o literato previra para a revista: ser mais uma difusora da propaganda eugenista e do esporte como instrumento de regeneração social. Em seu primeiro número, a seção trazia a reprodução de uma conferência de Fernando de Azevedo, realizada na Sociedade Eugênica de São Paulo, onde o mesmo afirma categoricamente que a inatividade física tornaria a juventude incapaz de cumprir seus deveres cívicos e patrióticos.

Entretanto, o aprimoramento físico não era a única preocupação da revista. *A Athletica* também deveria servir como um instrumento de educação moral para a população, moldando em seus leitores as características idealizadas por Coelho Netto como necessárias para um arquétipo de cidadão.

De nada valia a força física, sem virtudes morais. Uma sociedade formada apenas por pessoas fortes de músculos ficaria vulnerável, pois não existiria o amor e cuidado ao concidadão, que é, sobretudo, o amor pela pátria. Por isso, ao longo dos dez meses de publicação da revista, podemos ver artigos sobre literatura, teatro, poesias etc. Dividindo o mesmo espaço literário, Coelho Netto buscava reforçar a necessidade de uma apuração conjunta do físico e do intelectual.

Além da política, da educação e do esporte, fazia-se necessário envidar esforços em outro instrumento para tocar os corações do povo e moldá-los em prol de sua nação idealizada: a cultura.

2.4 O Homem Não é Apenas Barro

Em 1929, o maestro, cantor e compositor J. Thomaz, conhecido pelo público como “o maestro da luva branca” devido ao seu hábito de reger a orquestra usando luvas dessa cor, lançava algumas músicas em parceria com a Orquestra Brunswick. Empréstando sua voz a

elas, o artista, que anos antes fizera parte do famoso grupo dos *Oito Batutas*,³²⁰ conseguiu emplacar alguns sucessos entre os fãs nacionais do samba.

Dentre essas músicas, uma em específico merece nossa atenção. A canção *Batuque*, lançada em dezembro, nos permite perceber mais um espaço de experimentação frequentado por Coelho Netto. O literato maranhense, em parceria com Marcello Tupynambá, era o compositor dessa canção, a primeira da parceria entre os dois.³²¹

Através da música, Coelho Netto buscava intensificar um esforço que iniciara anos antes: o de atingir as classes mais pobres para, através da educação e do exemplo, auxiliá-los a se regenerarem e a invocarem o sentimento nacional. Esta canção, em especial, aparece-nos como uma amostra perfeita desta estratégia. Cantada em primeira pessoa, a letra deste samba nos remete a um ambiente rural envolto em folclore e crenças místico/religiosas.

Sinhô venha vê
Sinhô vem oiá
O negro sambá
O negro mexê
O negro batucá

Fogueira apagô
Sinhô venha vê
Zóio de Pai João
Garrô a alumia
Feito saci pererê

E o negro fica a escutar
Parece que ao longe
o saci ele vê
Na choça acende seu fogo
Cheio de medo do pererê

E se o saci vier
correndo e pulando a saltar num pé
De certo há de voltar logo
Cheio de medo do candomblé³²²

A música retrata uma roda de jongo, um ambiente vivenciado pelo autor durante o período que passou em Vassouras, se auto-exilando com medo das represálias do governo de Floriano Peixoto. Se em um primeiro momento o autor relacionou a dança com a saudade dos escravos de sua antiga pátria, uma forma de resistência à barbárie em que aqueles negros

³²⁰ J. Thomaz não excursionou com o grupo para Paris em 1922 por estar doente.

³²¹ Outras músicas da dupla foram gravadas por Edgard Arantes, como: *Muchocho* (1929), *Mal de Amor* (1930), *Prá que tanta judiação* (1930); Coelho Netto ainda compôs outras músicas sozinho e acompanhado por Ari Monteiro, Othon Russo, Geraldo Serafim, entre outros. É possível ouvir parte da composição coelhonettiana no site: <https://discografiabrasileira.com.br/en/artist/12389/coelho-neto>. Acesso em: 19/03/2022.

³²² COELHO NETTO, H.; TUPYNAMBÁ, Marcello. *Batuque*. THOMAZ, J.; 1929. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/en/music-recording/57220/batuque>

viviam, emitindo “gritos guturais” e recordando guerras canibais, com o fim da escravidão, o autor passa a ver a dança como “o baile dos libertos”, que aos poucos iam deixando de lado suas nuances primitivas e suas heranças culturais africanas em prol de uma cultura totalmente brasileira.³²³

Buscando aproximar-se de uma temática afro-brasileira, o autor confirmava uma virada decisiva no seu entendimento sobre qual cultura deveria representar sua nação idealizada. Se, ao final da vida, Coelho Netto reconhecia no negro um dos catalisadores culturais do que era genuinamente brasileiro, nem sempre foi assim. Embora sempre tenha buscado valorizar o que fosse nacional, o autor se espalhava na cultura europeia como modelo civilizatório desejado para romper com o atraso de credices e misticismos.

A questão cultural sempre foi vista como de grande importância por Coelho Netto³²⁴. Enquanto o esporte e as atividades físicas cuidariam e regenerariam do corpo, a alma seria alimentada pelas atividades culturais. Ao longo da vida do literato, sua casa, por muitas vezes, serviu como local para encontros literários, saraus, reuniões de debate, entre outras atividades.

No período em que o literato morou em Campinas, por exemplo, sua casa se transformou em um ponto de encontro para a intelectualidade local e para seus fãs. Segundo Leopoldo Amaral, “a residência de Coelho Netto, pode-se dizer com verdade, constituiu-se um centro artístico de alto quilate”.³²⁵ Combinando música com poesias, tais reuniões chegavam a ter sua programação impressa para divulgação.

Tais encontros já ocorriam na casa do literato antes de sua mudança da capital federal. Mas foi após seu retorno que estes eventos se tornaram mais frequentes. Paulo Coelho Netto nos diz que os saraus e tertúlias que ocorriam na casa do autor em Laranjeiras projetaram-se de tal forma, que celebridades internacionais, que estivessem de passagem no Rio de Janeiro, iam às reuniões para conhecer o literato e um pouco mais sobre as letras nacionais.

Segundo o biógrafo, personagens como Euclides da Cunha, Machado de Assis, Marechal Hermes da Fonseca, Rio Branco, Ruy Barbosa, Paulo de Frontin, Bento Ribeiro, Souza Aguiar, Carlos de Laet, Silvio Romero, Miguel Couto, Osório Duque Estrada, Santos Dumont, Pinheiro Machado, João do Rio, Irineu Marinho, Olavo Bilac, Martins Fontes, Oliveira Viana, Carlos Chagas, Monteiro Lobato, Viriato Corrêa, Getúlio Vargas, entre vários

³²³ Por montes e vales, *O Paiz*, 1892.

³²⁴ Não a toa o autor foi escolhido para escrever sobre as Belas Artes no *Livro do Centenário*, lançado em quatro volumes pela Imprensa Nacional, em comemoração aos quatrocentos anos do país. OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Imaginário Histórico e Poder Cultural: as Comemorações do Descobrimento. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, nº 26, 2000, p. 189.

³²⁵ AMARAL, Leopoldo. *Campinas, recordações. Apud LAPA, Coelho Netto em Campinas...* p.27.

outros eram frequentadores de tais reuniões, onde, entre petiscos e bebidas, discutia-se literatura, arte, teatro, música, e sobretudo, o Brasil.³²⁶

Além de renomados autores e intelectuais, era comum a participação de aspirantes às letras, que viam nestes recitais, a oportunidade única de se apresentarem diante da alta intelectualidade nacional. Afirmou Gustavo Barroso: “a casa de Coelho Netto tinha portas abertas para quantos sonhadores viessem das províncias realizar seus sonhos no Rio de Janeiro. E lá dentro havia corações, como o dele e como de D. Gaby Coelho Netto, que logo os rodeavam de carinho, de estímulo, de esperança”.³²⁷ Tal característica levou Martins Fontes a, carinhosamente, intitular o local como a “Santa Casa de Coelho Netto”.³²⁸

De tais encontros, o autor colheu várias ideias que viriam a compor as tramas de suas peças teatrais. Chocando a realidade dos seus personagens com o mundo que os mesmos imaginavam e desejavam, o autor esmiuçava as aspirações de uma sociedade que apenas engatinhava em termos republicanos.

Coelho Netto acreditava que a partir do teatro ele conseguiria uma comunicação mais eficiente com um grande público. O Brasil *fin de siècle* era composto por uma população que, majoritariamente, não sabia ler ou não possuía tal hábito. Artigos jornalísticos, como os escritos pelo autor, atingiam uma pequena parcela da sociedade, e se a mudança social dependesse deles, demoraria demais. Assim, com o teatro, o literato buscava escancarar para a população as raízes dos problemas sociais de então, e educá-las, para que estes fossem sanados.

Tal movimento, entretanto, não era fácil. Entendendo o espaço teatral como uma escola de civismo e cultura, Coelho Netto repulsava o chamado teatro ligeiro, que dominava a cena. O teatro ligeiro era caracterizado por possuir atos curtos, quadros cômicos, ridicularizando a sociedade em que eram compostas.³²⁹ O autor via a arte como um culto, e como tal deveria ser tratada com respeito e seriedade, e não com sarcasmo e gozação, o que fez com Coelho Netto chegasse a discursar contra a profanação do teatro nacional na Câmara dos Deputados.³³⁰

Para ele, o teatro deveria ser uma arma na luta pela elevação cultural da população, tratando de assuntos que levassem o povo ao progresso, e o tirasse da moléstia da ignorância.

³²⁶ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. pp.26-27.

³²⁷ Ibidem. p.28.

³²⁸ DA COSTA, Marta Morais. *Teatro de Coelho Netto: uma leitura conteudística*. Curitiba, PR: Letras jun.1975, pp.153.

³²⁹ PEREIRA. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 208.

³³⁰ COELHO NETTO, H. Na sessão de 20 de agosto de 1909. *Falando...*

Marta da Costa nos diz que dois assuntos eram constantemente abordados pelo autor em suas obras: o dinheiro e a mulher como objeto de troca que, ao se relacionarem, apontavam o amor como tema central.³³¹

Embora possa parecer um tema “fútil”, através da discussão destes pressupostos, Coelho Netto nos permite perceber os valores da sociedade burguesa da *belle époque* em contraste com os valores de pessoas de outras classes sociais, como seus funcionários ou quaisquer trabalhadores. Em seus textos, conseguimos analisar o modo pelo qual os limites sociais moldavam os habitantes da capital federal, e direcionavam a própria sociedade para o que era visto como caminho do progresso econômico e para uma transformação dos costumes.

O papel da mulher na sociedade é constantemente explorado pelo autor. Podemos perceber como o jogo social permitia avanços/conquistas para mulheres de determinadas classes, enquanto para outras impunha limites ferozes. Coelho Netto retrata as mulheres das classes burguesas como, em sua maioria, pessoas fúteis, esnobes, desligadas da realidade ao seu entorno, se preocupando apenas em ostentar sua suntuosidade e com seus próprios desejos. Para satisfazer suas necessidades, estas não teriam entraves morais, permitindo-se situações esdrúxulas, como o marido ter várias amantes ou o cerceamento de sua liberdade individual, desde que tivessem seus objetivos conquistados.

Já as mulheres de classe social mais baixa, o autor representava como honestas, guerreiras, trabalhadoras, que buscavam formar família e ter um casamento de fato, onde o marido fosse seu companheiro e protetor. Embora em um primeiro momento possa parecer que estas também cedem sua liberdade sob um viés paternalista, Netto estrutura uma narrativa de modo a realçar que esta troca ocorreria desde que não fossem feridos os valores dessa mulher.

Em várias de suas peças, quando a mulher pobre é colocada pelo marido ou pelo pai em uma situação de conflito com seus valores, estas rompem com esta figura masculina e conquistam sua própria liberdade em conjunção com a manutenção de seus preceitos morais. Essa situação ocorre com a protagonista Estela, de *A Muralha* (1905); Leonor, de *A Mulher* (1907); com Lívia, em *Dinheiro* (1918), entre várias outras personagens.

Assim como as demais atividades culturais, o teatro coelhonettiano é utilizado para apresentar os ideais do autor sobre a sociedade atual e sobre a idealizada por ele. Podemos perceber uma crítica singela à ideia capitalista de acumulação, por exemplo, quando o autor

³³¹ DA COSTA, *Teatro de Coelho Netto...* p. 154-155.

relaciona a busca por riqueza a qualquer custo com a superação de princípios morais básicos sobre a família e o casamento, por exemplo.

A busca pelo dinheiro levava seus personagens a se corromperem constantemente, a desgraçarem suas relações familiares, degradarem sua moral e espírito, fazendo com que estes fiquem presos à sua própria consciência e causando mal para toda a sociedade. Fazendo contraposição a essas atitudes, temos o amor, a fé, a honradez, a bondade, o elo familiar, que Coelho Netto relacionava com a liberdade, preceitos idealizados para sua nação.

O próprio autor mostrava-se incomodado com a busca do dinheiro acima de qualquer coisa. Ao criticar o teatro ligeiro, criticava os atores, autores (inclusive seu amigo Arthur Azevedo), e principalmente os empresários que subjugavam a arte em troca de uma maior fortuna. Em 1897, o autor estreou sua peça *Pelo amor*, apenas com atores amadores, que não dependeriam da arte para o próprio sustento, fazendo-a pelo amor.

Por mais que tenha tido um sucesso inicial, muito pelo suor de Coelho Netto em conseguir público entre seus amigos letrados, a obra acabou encenada apenas duas vezes, enquanto a paródia *Amor ao pelo*, de seu amigo Arthur Azevedo, teve vida bem mais longa.³³²

Suas próximas peças estimularam o autor à busca pela arte pura e pelo elevamento da população através do teatro, apostando no lirismo enquanto ferramenta de uma regeneração artística, apostando que a arte fosse vista por ela mesmo, e não por quanto dinheiro poderia gerar.

Da Costa nos diz que:

Em Coelho Netto [...], sob determinado aspecto, realiza-se uma denúncia social, a solução proposta pelos textos é apenas a substituição de uma ideologia por outra, ambas contestáveis. Não se trata de uma ideologia revolucionária, mas apenas contestáveis. Não se trata de uma ideologia revolucionária, mas apenas reformadora, mantendo inclusive valores tradicionais de uma literatura dramática anterior, principalmente romântica: o mal não compensa e acaba sendo sempre castigado.³³³

Seja pela dificuldade do autor em se comunicar com a sociedade, seja pela preferência da população pelo teatro ligeiro, a verdade é que as peças teatrais de Coelho Netto foram um grande fracasso de público, o que anos depois seria descrito apenas como “má vontade” por seu amigo João do Rio.³³⁴

³³² PEREIRA. *Coelho Netto: um antigo modernista...* p. 211.

³³³ DA COSTA, *Teatro de Coelho Netto...* p.163.

³³⁴ RIO, João do. O mês no teatro. *Kosmos*, setembro de 1904.

Mesmo tendo sua peça *Bonança* escolhida para inaugurar o Theatro Municipal do Rio de Janeiro,³³⁵ a dificuldade que enfrentou com o teatro foi surpresa para o autor, que já contara com um reconhecimento público e notoriedade que lhe garantiam um expressivo espaço nas letras. Percebendo que esse prestígio todo não era suficiente para fazer da composição teatral um meio de alcançar uma população mais ampla, Coelho Netto veria, mais à frente, o carnaval como elemento potencial para tal feito. Porém, antes disso, o autor viu, no Fluminense, um local com potencial para fazer a arte nacional que tanto buscava.

Responsável pela criação do Departamento Artístico do Fluminense, Coelho Netto ocupou também o cargo de diretor. Tal departamento tinha como responsabilidade o fomento das atividades artísticas na cidade, além de possibilitar a apresentação de vários artistas, nacionais e estrangeiros, para o público carioca. Em seu discurso de posse, exclamou:

Não devem as organizações esportivas limitar-se exclusivamente à cultura física, à correção corporal; compondo primores plásticos, modelos de beleza, como os da estatuária: sem alma. O homem não é apenas barro que se afeiçoa segundo os moldes mais perfeitos, é principalmente espírito que se deve corrigir e apurar para que o conteúdo corresponda ao seu envólucro (sic) e não sofra, quem admira a forma, a decepção de achar o vazio onde esperava encontrar essência preciosa.³³⁶

Além de explicitar a importância da cultura para o homem e a sociedade, “dando alma à estátua augusta”, o autor reafirmava o papel do Fluminense enquanto aprimorador e regenerador social e o elevava ao *status* de catalisador cultural. *Mens sana in corpore sano*.

Como já vimos, o literato era vizinho do clube e seus filhos faziam da sede do Fluminense seu quintal. Enquanto os filhos se interessavam pelos esportes que lá praticavam, suas filhas e sua esposa perceberem no departamento artístico um local onde se sentiam mais à vontade para participar no clube, auxiliando na idealização, preparação e realização dos eventos organizados pelo setor.

O casal organizou vários vesperais de arte no salão nobre do clube. Dona Gaby, por várias vezes, era responsável pelo piano durante os ensaios dos artistas, enquanto o autor dirigia a apresentação. Além da família Coelho Netto, artistas como Martins Fontes, Paul Fort, Charley Lachmund, Marcello Tupynambá, Rosalina Coelho Lisboa, Ana Amélia Carneiro Mendonça, entre vários outros se apresentaram no clube.

Paulo Coelho Netto afirma que tais vesperais geravam tanta repercussão, até mesmo internacional, que nenhum artista cobrava para se apresentar no Fluminense, graças ao

³³⁵ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. p. 21.

³³⁶ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. pp. 29-30.

prestígio de seu pai e do clube, além da visibilidade de apresentar-se em tão renomado local.³³⁷

Durante sua gestão no Departamento de Artes do clube, organizou juntamente a Arnaldo Guinle, presidente da agremiação, e Villa-Lobos, uma excursão de músicos negros, como Donga e Pixinguinha, por vários estados brasileiros em 1919. Conhecidos como Oito Batutas, o grupo, além de se apresentar por todo o país, levava consigo a missão de compilar várias músicas regionais e cantos populares, que serviriam de base para publicação de uma antologia musical, projeto no qual o autor era um dos participantes e entusiastas.³³⁸

Luiza Martins, em sua tese *Os Oito Batutas: uma orquestra melhor que a encomenda*, delimita perfeitamente os objetivos e interesses de Guinle no projeto:

Para Coelho Netto, tratava-se de elencar as tradições musicais populares, com o objetivo cívico e patriótico de ajudar a conformar uma identidade cultural para a nação. Para Guinle, tratava-se de buscar as raízes negras e mestiças da música folclórica e popular brasileira, seguindo as tendências do modernismo francês, buscando identificá-las a uma cultura francamente africana.³³⁹

Buscando, através do apoio financeiro de Arnaldo Guinle, então presidente do Fluminense, as tradições musicais populares, Coelho Netto buscava encontrar a gênese da musicalidade nacional e oferecê-la a outros artistas para que estes pudessem usufruir de sua essência primitiva. Importante ressaltar que este movimento ocorreu antes do movimento Modernista, que teve seu expoente Mário de Andrade apresentando ideia parecida, de recolher músicas regionais e entregá-las a músicos eruditos para que estes a usassem.³⁴⁰

Uma segunda viagem do grupo, dessa vez por Bahia e Pernambuco, aconteceria em 1921, também organizada pelos patronos e com o mesmo objetivo da anterior: buscar a essência da musicalidade local e utilizá-la para a construção da nacionalidade.³⁴¹

Como resultado dessa empreitada, o grupo Oito Batutas viajaria à Paris, no ano seguinte, com a missão de apresentar a musicalidade genuinamente brasileira, em um processo de reconhecimento, consolidação e, sobretudo, fortalecimento da cultura nacional.

³³⁷ COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. pp. 30-31.

³³⁸ BESSA, Virginia de Almeida. *Um bocadinho de cada coisa: trajetória e obra de Pixinguinha*. História e música popular no Brasil dos anos 20 e 30. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. p. 84.

³³⁹ MARTINS, Luiza Mara Braga. *Os Oito Batutas: uma orquestra melhor que a encomenda: História e Música Popular Brasileira nos Anos 1920*. Tese de Doutorado em História – Universidade Federal Fluminense. 2009, p. 108.

³⁴⁰ CONTIER, Arnaldo Daraya. Mário de Andrade e a Música Brasileira. *Revista Música*, São Paulo, v.S, n. 1, p. 33 – 47, maio 1994.

³⁴¹ Foi nesta viagem que J. Thomaz se juntou ao grupo. LACERDA, Izomar. *Nós Somos Batutas: Uma antropologia da trajetória do grupo musical carioca Os Oito Batutas e suas articulações com o pensamento musical brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFSC, Florianópolis, 2011. p. 99.

O envolvimento no clube e o empenho de Coelho Netto pela arte brasileira levou Mário Pollo, presidente do clube entre os anos de 1940 e 1941, a referenciar o literato quando da reinauguração do Teatro do Fluminense:

Coelho Netto foi o criador, o instituidor, o realizador da vida artística do Fluminense. Os vesperais de arte, que ele organizou, dirigiu e executou, tornaram-se memoráveis e jamais foram ultrapassados. A Noite de Arte de hoje prosterna-se diante dessa obra formidável, que atingiu o apogeu em 1925, quando, no Rio de Janeiro, apresentar-se nos vesperais de Coelho Netto, no Fluminense, era um título de honra, uma glória, a que muitos aspiravam e que nem todos alcançavam.³⁴²

Se em seu período como diretor artístico no Fluminense o literato buscou encontrar a essência cultural brasileira através da música, foi fora dos muros da agremiação tricolor que Coelho Netto reconheceu e se curvou a outra genuína manifestação da expressividade popular: o carnaval.

Não que o autor não conhecesse a festa. Em sua juventude o autor condenava o carnaval popular que tomava as ruas do Rio de Janeiro. Sonhando com a civilidade parisiense em terras cariocas, o festejo popular aparecia como um grande obstáculo para a superação das “malditas heranças negras”.

O carnaval carioca do século dezenove era marcado por uma brincadeira que chegou ao país com os portugueses, mas foi aperfeiçoada pelos brasileiros: o entrudo. Raquel Soihet nos diz que o entrudo consistia uma “verdadeira loucura”³⁴³ em todo o país, angariando adeptos em todas as camadas sociais,³⁴⁴ embora estas não se relacionassem.

O entrudo era um jogo onde seus praticantes jogavam uns aos outros - e em que não participava - bolas recheadas com farinha, água, terra, além de limões de cheiro com essências, ovos, lama, tinta, urina e até mesmo fezes.³⁴⁵ O jogo era tão tradicional na capital federal, que chegou a ser retratado por Debret em 1823.

³⁴² COELHO NETTO, Paulo. *Imagem de uma vida*. p. 31

³⁴³ SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 64.

³⁴⁴ FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 2. ed. Recife: Editora Artenova, 1977. P. 105.

³⁴⁵ Em algumas ocasiões, os limões de cheiro eram substituídos por seringas.

Imagem 7 - Prática de entrudo no quadro *Cena de Carnaval* de Jean-Baptiste Drebet, 1823.



Fonte: <https://andredorigo.com.br/debret/>

Realizado desde o período colonial, o entrudo sofreu com a repressão policial, chegando a ser reprimido por decreto, devido à violência que seus praticantes utilizavam, bem como o desperdício de água e o risco à saúde pública, “não podendo ser permitido semelhantes divertimentos numa sociedade civilizada”.³⁴⁶ Embora proibido, ele continuou a ser praticado, mesmo que em menor tamanho.

O entrudo, enquanto modalidade carnavalesca, representava a barbárie que Elias apontava como oposta à civilização. Conforme explica o sociólogo, o processo civilizador deveria acontecer corriqueiramente, no dia a dia, pela substituição de práticas incivilizadas por outras desejadas. “O conceito de civilização refere-se a uma grande variedade de fatos: ao nível da tecnologia, ao tipo de maneiras, aos desenvolvimentos científicos, às ideias religiosas e aos costumes”.³⁴⁷

A prática do entrudo e de outras modalidades incivilizadas fez com que Coelho Netto se afastasse, em um primeiro momento, do carnaval “popular” e se tornasse um entusiasta do carnaval das Grandes Sociedades. Símbolo de um carnaval mais elitizado e eurocêntrico, as Grandes Sociedades surgiam com o propósito de civilizar os dias de Momo, um meio de, até na folia, polir os modos e domesticar aqueles que viam no carnaval um período de total liberdade.

³⁴⁶ SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso...* p. 66.

³⁴⁷ ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador...* Introdução.

Lucas Alvares afirma que as Sociedades Carnavalescas, como a *União Veneziana* e a *Sociedade Petalógica*, apresentavam elementos que as caracterizariam como marcos do processo civilizador no carnaval carioca, sendo “um elemento transformador e ordenador que, ainda que carnavalescamente, atingiria propósitos maiores, transformações sociais que não passavam pelas práticas bárbaras”.³⁴⁸

Surgidas entre 1850 e 1860, essas sociedades carnavalescas consistiam em desfiles organizados, onde seus participantes exibiam fantasias luxuosas ou com forte caráter de crítica política e/ou de costumes, com carros alegóricos e principalmente em ordem. Disputando qual sociedade melhor havia desfilado ano após ano, elas se inspiravam em carnavais como o de Veneza, buscando neles o padrão civilizatório pretendido para este período pagão.

Maria Clementina Pereira da Cunha afirma que, na década de 1880, o movimento pela substituição do entrudo por um carnaval civilizado, representava um argumento muito mais social do que higiênico. A ideia era apagar o caráter e os comportamentos negros da festa, reafirmando o tipo de sociedade que deveria ser construída.

Não se tratava apenas, para cronistas, literatos e foliões empenhados em instituir o “verdadeiro” Carnaval (aquele dos préstitos à moda “veneziana” ou dos *bal masqués* elegantes), de exterminar limões-de-cheiro e bisnagas. Queriam levar junto para o passado as troças, os mascarados que se compraziam em atormentar os passantes e a vizinhança, os desfiles de negros que cantavam em estranhas línguas africanas — todo um rol de práticas que julgavam indignas de frequentar as ruas, mesmo em dias em que alegria e permissividade pareciam andar juntas.³⁴⁹

O carnaval da Praça Onze, onde boa parte da população negra e mais pobre carioca passava a folia, era descrito assim pelo modernista Graça Aranha:

Melopéia negra, melosa, feitiçaria, candomblé. Tudo é instrumento, flautas, violões, reco-recos, saxofones, pandeiros, latas, gaitas e trombetas. (...) Dentro dos sons e das cores movem-se cheiros, cheiro negro, cheiro mulato, cheiro branco, cheiro de todos os matizes, de todas as excitações e de todas as náuseas. Dentro dos cheiros, o movimento de tatos violentos, brutais, suaves, lubrificos, meigos, alucinantes (...). Missa negra, tragédia negra, magia negra. Triunfa a negra, triunfa a mulata. Música fanfarra, préstito, maxixe, samba. No noturno da praça Onze o negro e o castanho dominam os vermelhões de caras, das carnes, das máscaras e das vestimentas álacres, vibrantes (...). Fura a imobilidade ondulante um grupo de baianas, dançando, cantando, saracoteando a grossa luxúria negra, farejadas, seguidas por gorilas assanhados de beijos compridos, tocando pandeiros, pulando lascivos.³⁵⁰

³⁴⁸ ALVARES, Lucas Cardoso. *O Rio civiliza-se: memórias das sociedades carnavalescas, uma perspectiva brasileira*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - UNIRIO: Rio de Janeiro, 2014. p.67

³⁴⁹ CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Ecos da folia: uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 25

³⁵⁰ ARANHA, Graça. *A viagem maravilhosa*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Garnier, 1929, p.81.

Se o objetivo era atingir os corações populares e ensiná-los a alegrar-se civilizadamente até nos festejos carnais, em um primeiro momento tais sociedades tiveram bastante dificuldade. Pereira nos diz que foi apenas com a introdução nos desfiles de elementos não tão civilizados que o público começou a se atentar para o cortejo. A liberação, por parte das sociedades, dos seus componentes para apreciarem mais o desfile, rompendo com a rigidez que perdurava na apresentação, e a introdução de mulheres seminuas são exemplos dos artifícios utilizados para atrair o público.³⁵¹

Nesse período surgiram três grandes sociedades carnavalescas: os Fenianos, os Tenentes do Diabo e os Democráticos, para a qual Coelho Netto torcia fervorosamente.³⁵² Estes passaram a representar as esperanças daqueles que buscavam se livrar da herança negra que tanto manchava o carnaval carioca. Rompendo com a lascividade, bagunça e, sobretudo a negritude, as Grandes Sociedades apareciam como o modelo de preferência da *intelligentsia* carioca. Entretanto, por mais que autores como Graça Aranha sonhassem com a eliminação de componentes carnavalesco que ele associara aos negros, o que se via é que, com o tempo, as Grandes Sociedades mais se aproximavam destes, do que se afastavam.

Pereira nos diz que dois sentidos principais do carnaval das Grandes Sociedades agradavam a Coelho Netto: o primeiro era o caráter igualitário deste modelo, que passou a reunir vários grupos sociais no mesmo local, de modo que todos pudessem brincar o carnaval juntos; o segundo era uma maior liberdade social durante as festas,³⁵³ onde sem os freios morais do cotidiano, as pessoas poderiam realizar suas vontades e desejos em busca do prazer e da felicidade. Isso talvez se explicasse pelo relato que o próprio autor fez em *Fogo-fátuo*, onde ele saía de um dos salões de braços dados com uma pierrete em direção à casa dela, mesmo sem se conhecerem.³⁵⁴

A pouca modernização do carnaval das Grandes Sociedades, entretanto, fez com que até alguns de seus maiores defensores se queixassem de suas organizações. Se, em um primeiro momento, tais agremiações apareciam como símbolo de um carnaval pomposo, luxuoso, onde a riqueza das fantasias e de seus carros alegóricos era a marca de um carnaval inspirado em elementos de maior valor civilizatórios, com a passagem dos anos, essa característica foi se perdendo.

³⁵¹ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p.137

³⁵² COELHO NETTO, Paulo. *Relicário*. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1957, p.47.

³⁵³ PEREIRA, *Coelho Netto: um antigo modernista...* p.138

³⁵⁴ COELHO NETTO, H. *Fogo-fátuo...* p. 101.

Repetindo os mesmos elementos e os mesmos artifícios visuais ano após ano, o modelo das Grandes Sociedades passou a ser o da repetição contínua, de um mesmo padrão estético,³⁵⁵ fazendo com que os desfiles parecessem iguais, não importa a data que fossem vistos. Evidentemente, tal situação começou a afastar o interesse dos foliões. O próprio Coelho Netto, anteriormente forte defensor deste tipo de carnaval, mostrava-se incomodado em artigo publicado em 1923:

As sociedades, presas é rotina, exibem, ainda hoje, com ligeiras modificações e um pouco mais estirados, (naturalmente por haverem crescido com a idade), os mesmos carros que, há trinta anos, rodavam na Rua do Ouvidor, sob os arcos de gás: as grutas, os açafates e os quiosques giratórios, aquários e aviários, peixes e dragões alados que espichavam a língua ensangüentada a cochonilha e outros espécimes de fauna truculenta. Lembro-me, entretanto – e com que saudade! – dos préstitos com que, outrora, disputavam a láurea da vitória carnavalesca os três clubes sempre em emulação: Democráticos, Tenentes e Fenianos. Havia neles gosto e espírito e os principais acontecimentos do ano decorrido eram tratados com arte e se alguns comoveram, como no carnaval de 1889, o desfile dos retirantes alusivo ao êxodo do sertão cearense flagelado pela grande seca chamada dos três 8, outros provocaram o riso pelo imprevisto da farsa, às vezes verdadeiras sátiras aristofanescas ou mimos cômicos, à maneira dos de Roma.³⁵⁶

O autor não escondia o saudosismo com aquele carnaval que teve seu fim. Descontente com os rumos tomados pelas sociedades, lembrava em várias oportunidades os mínimos detalhes daquele período quando o sol nascia na sexta e só se punha na quarta-feira.

Sem desfazer no presente estou em afirmar que o Carnaval de outrora era mais belo e até mais entusiástico do que o de hoje, apesar do luxo que ostenta e das avenidas que a emolduram. Dois meses antes começava nas lojas a exposição de máscaras e fantasias [...] Nas vésperas apressava-se a construção dos coretos, dos obeliscos, dos arcos triunfais que ornavam as ruas do centro. [...] No sábado, à noitinha, saíam os Zé Pereiras, zabumbando estrepidamente. Eram homens robustos e anafados, suando, as macetadas ao bombo, as baquetas às caixas.³⁵⁷

O caráter popular da festividade era sentido pelo autor ao constatar a multidão que se reunia na rua do Ouvidor para festejar e assistir aos desfiles carnavalescos.

Toda a cidade afluía ao centro - dos mais remotos recantos descia gente com as suas mais belas louçanias; era um êxodo, a grande emigração para o gozo, buscando a rua do Ouvidor onde, desde as três horas, tornava-se difícil, quase impossível, vencer a multidão oprimida.³⁵⁸

Se sentia falta do tom jocoso e popular de outrora, sem dúvidas o que dava maior saudade era o espírito carnavalesco presente então nas grandes sociedades, que acabara

³⁵⁵ REIS, Carlos Frederico da Silva. *Os tenentes do diabo: carnaval, lazer e identidades entre os setores médios urbanos do Rio de Janeiro (1889-1932)*. Dissertação (mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2012. p.102

³⁵⁶ COELHO NETTO, H. “Os ranchos”, *A Noite*, 12 de fevereiro de 1923

³⁵⁷ COELHO NETTO, H. *A Antiga Cidade*. In: *Palestras da Tarde*. Livraria Garnier: RJ, 1911. pp. 78-79.

³⁵⁸ *Ibidem*. pp. 80-81

sumindo com o tempo.³⁵⁹ Buscando no passado os prazeres de um carnaval em que não mais via graça, Coelho Netto nos permite perceber os novos significados que a festa adquiria para ele.

Se na juventude, como vimos, Coelho Netto queria utilizar o carnaval como meio para alçar o povo a uma civilidade veneziana, ao longo da vida o autor percebeu que mais do que um elemento de caráter civilizatório, o carnaval era também um grande instrumento nacionalista.

Era no carnaval de rua, dos clubes e cordões, que se encontravam o verdadeiro carnaval brasileiro. Mesmo sem o luxo apresentado pelas Grandes Sociedades, o carnaval popular era visto como o responsável pela renovação do caráter nacional da festa,³⁶⁰ e por transformar as ruas da capital federal em grandes veias por onde pulsaria o novo sangue da brasilidade.

Essa proximidade com as ruas levou Coelho Netto a se tornar um grande admirador dos ranchos carnavalescos. Aproximando-se de ranchos como o Ameno Resedá, Flor do Abacate e Aliança Club, o autor se tornou um grandioso colaborador de tais grupos, propondo temas para desfiles e auxiliando na busca por patrocínios.³⁶¹

Vendo os ranchos como portadores da identidade nacional, Coelho Netto apostava suas fichas nessa nova forma de brincar carnaval, acreditando ser ela capaz de difundir esses elementos identitários a todos os brasileiros.³⁶²

Em 1923, com o carnaval dos ranchos já estabelecido como o principal modelo da cidade, o autor publica um artigo onde compara os grupos a mergulhadores, cujo trabalho seria o de buscar nas profundezas as riquezas até então escondidas. “É o que estão fazendo os foliões dos ranchos: mergulham na tradição, digamos no ‘folclore’, e trazem à tona, não só a poesia como a música. Poesia e música de nossa gente, da nossa raça, para que os outros as aperfeiçoem e lhes dêem brilho”.³⁶³

Buscando na tradição nacional as fagulhas que incendiariam novamente a paixão pela nação, tais ranchos apresentavam-se como portadores do poder de ensinar sobre o Brasil durante a folia. Unindo a cultura e costumes de todas as raças sociais brasileiras, os ranchos

³⁵⁹ Ibidem. p. 81

³⁶⁰ COELHO NETTO, H. Clubs e Cordões. *A Noite*, 23-02-1922.

³⁶¹ PEREIRA, Leonardo. *E o Rio dançou: Identidades e tensões nos clubes recreativos cariocas (1912-1922)*. In: CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras festas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

³⁶² PEREIRA, Leonardo. A Flor da União: festa e identidade nos clubes carnavalescos do Rio de Janeiro (1889 – 1922). *Terceira Margem*, ano X, n.14, p. 169 – 179, 2006, p. 171

³⁶³ COELHO NETTO, H. Os ranchos. *Apud* EFEGÊ, J. *Ameno Resedá*. O rancho que foi escola. Rio de Janeiro, Editora Letras e Artes, 1965. p. 90.

seriam capazes de apresentar enredos genuinamente brasileiros, de modo a agradar todos os públicos.

Ciente do seu papel como construtor da nação e do respeito e influência que seu nome carregava, o autor sugeria que todos os ranchos adotassem enredos cívicos, de modo a representarem a nobre posição de educadores patrióticos.

Em 1924, o Ameno Resedá ouviu a sugestão de Coelho Netto e adotou como tema de seu desfile o Hino Nacional, considerado de difícil realização. Apesar da expectativa do autor, o enredo não foi bem aceito pelo júri do *Jornal do Brasil*, o que culminou em uma baixa classificação do grupo, enquanto outros ranchos com enredos estrangeiros ficaram em posição melhor.³⁶⁴

Após a direção do grupo ter escrito uma carta aberta ao Coelho Netto pedindo sua opinião sobre a classificação,³⁶⁵ o autor respondeu, sem criar polêmica, que não poderia emitir juízo sobre os desfiles pois não havia saído de casa durante os dias de Momo, mas que, em sua concepção, temas cívicos e patrióticos prestavam um relevante serviço ao país, pois permitiam que sua população se reconhecesse através de suas lendas, histórias e heróis.³⁶⁶

Mantendo sua opinião sobre o caráter cívico e nacional dos desfiles, Coelho Netto reafirmava a aposta no carnaval como capaz de representar a essência de brasilidade. Como vimos, a cultura possuía um papel extremamente relevante na construção da nação idealizada pelo autor.

As rodas de samba ou de pagode, os encontros literários, o teatro, o carnaval e as demais expressões culturais do povo brasileiro possuíam o poder lúdico de fomentar, através da arte, o sentimento de pertença à sociedade e de identidade nacional. Mais do que isso, a cultura era um elemento de extrema importância para que os brasileiros se reconhecessem enquanto povo. Por isso a insistência do autor em temas cívicos e o reconhecimento da cultura dos diversos grupos que compunham o Brasil. Afinal, como concluía o autor, “sejamos patriotas, mesmo brincando”³⁶⁷.

³⁶⁴ FERNANDES, Nelson de Nóbrega. O carnaval e a modernização do Rio de Janeiro. *Revista geo-paisagem* (on line) Ano 2, nº 4, 2003.

³⁶⁵ Ver: Uma carta a Coelho Netto. *Jornal do Brasil*, 15-03-1924.

³⁶⁶ Ver: Uma carta de Coelho Netto ao Ameno Resedá. *Jornal do Brasil*, 20-03-1924.

³⁶⁷ COELHO NETTO, H. Os ranchos. *Apud* EFEGÊ, J. *Ameno Resedá...* p. 90.

CAPÍTULO III

Um Breviário Cívico

O 15 de Novembro era, talvez, a data mais comemorada no início do período republicano brasileiro. Sonho de muitos, a República não era perfeita e não atendia a todos os anseios daqueles que por ela lutaram. Mesmo assim, ao longo de toda capital federal, várias organizações realizavam eventos festivos em homenagem à ela. E no ano de 1921 não foi diferente.

O jornal *Correio da Manhã* publicou,³⁶⁸ no dia da proclamação, uma lista dos festejos espalhados pela cidade em homenagem à data. Haveria uma sessão cívica em Marechal Hermes, um concerto em Deodoro, que também buscava angariar custos para a construção de uma estátua do marechal, uma recepção solene no Palácio do Catete...

Um dos eventos que chama a atenção era o organizado pela Liga de Defesa Nacional. Realizado na Biblioteca Nacional, a sessão cívica seria presidida pelo presidente da República, o Sr. Epitácio Pessoa, e contaria com a presença de todo o corpo ministerial, as altas autoridades militares, além de vários representantes da sociedade carioca. Comporiam a mesa, ao lado de Epitácio Pessoa, alguns membros da comissão executiva da Liga, como Homero Baptista e Miguel Calmon, presidente e vice da instituição, e Coelho Netto e Félix Pacheco, secretário geral e 1º secretário.

Além do discurso do senador Lauro Muller, no qual realizou um elogio ao caráter pacífico do golpe que proclamou a República sem ter derramado sequer uma gota de sangue, os presentes no evento, que era aberto ao público, receberam uma cópia do livro *Breviário Cívico*, escrito por Coelho Netto e publicado pela Liga.

A presença de tantos figurões da política nacional nos permite perceber a influência que a Liga de Defesa Nacional tinha nos centros de poder. Essa aproximação possibilitou que a agremiação levasse a cabo várias estratégias para alcançar, o que eles mesmos chamavam, de defesa nacional. De acordo com seu primeiro estatuto, à Liga cabia, dentre outras coisas, combater o analfabetismo, o alcoolismo e a vagabundagem, defender o trabalho nacional, o

³⁶⁸ “Quinze de Novembro: Como será comemorada a data da proclamação da República. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 15/11/1921.

civismo e difundir, em todos os espaços, a educação cívica, o amor à pátria e o culto do patriotismo.³⁶⁹

O livro distribuído na cerimônia de quinze de novembro foi produzido exatamente para cumprir este último objetivo. Composto por 56 capítulos, que mais lembram verbetes, o *Breviário Cívico* assume o papel de um manual de civismo. Em cada um dos seus capítulos, Coelho Netto discorre sobre assuntos que ajudariam a fomentar a nacionalidade e o civismo, e que forjariam a índole e o físico dos cidadãos brasileiros. Versando sobre os símbolos, os heróis e as características almejadas para a população, o *Breviário Cívico* não só nos permite compreender as inclinações políticas da Liga de Defesa Nacional, mas também como seria a nação idealizada por Coelho Netto.

Neste capítulo buscaremos destrinchar a obra em busca dos valores, concepções e ideais que norteiam a pátria coelhonettiana. Muito mais do que o expresso ao pé da letra, é nas entrelinhas do livro que acreditamos ter acesso aos anseios e aspirações do autor. Utilizaremos como fonte principal a edição do *Breviário Cívico* de 1970,³⁷⁰ publicada pela Editora Científica.

Em comparação à edição original, publicada em 1921 pela Liga de Defesa Nacional, não há grandes mudanças em seu conteúdo, apenas correções ortográficas devido à mudança da língua e algumas notas explicativas. A escolha por essa edição deu-se devido à facilidade de manuseio e consulta ao livro, visto que a edição de 1921 só está disponível em poucos locais para consulta, enquanto conseguimos adquirir a de 1970, o que facilitou muito nossa análise.

Julgamos sermos capazes, nas linhas a seguir, de contribuirmos para o resgate da obra de Coelho Netto e de auxiliar na compreensão de suas concepções. Porém, antes de entrarmos no conteúdo do livro em si, é importante traçarmos o perfil de seu público-alvo.

3.1 Um Catecismo de Civismo

Uma característica marcante na obra de Coelho Netto, que ele mesmo assim a definiu, é a busca pela palavra exata, pelo termo correto de cada coisa que existe. Sabendo disso, não há como não levarmos em consideração a escolha do nome de seu livro. De acordo com o

³⁶⁹ PRIMEIRO ESTATUTO DA LIGA DA DEFESA NACIONAL. In: OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional: um projeto de modernização para o Brasil*. 2012. 206 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/88734> Acesso em: 06/06/2022. p. 200.

³⁷⁰ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...*

dicionário online *Priberam*,³⁷¹ a palavra “breviário” possui dois significados: 1) livro das orações que os clérigos devem ler todos os dias; 2) livro predileto. Por sua vez, o dicionário online *Michaelis*³⁷², além de dois significados de igual sentido, acrescenta um terceiro, também voltado para o sentido eclesiástico, que apresenta mais uma perspectiva pela qual podemos compreender a palavra “breviário”: forma breve do ofício divino.

A escolha de “Breviário” representa bem o caráter doutrinário que o literato busca em sua obra, que se torna ainda mais evidente ao termos em conta a dedicatória que o mesmo escreve: “À Emanuel, Georges, Paulo e João. Meus filhos, achareis, condensada nos breves capítulos deste livrinho, toda a doutrina com que vos preparei o coração para o culto da virtude e para o amor da Pátria”.³⁷³ Mais do que uma declaração de amor paterno, ao oferecer o livro aos seus filhos, o literato traça um perfil daqueles que considerava o público-alvo de sua obra: a mocidade.

A escolha pela juventude não é feita ao acaso: ao escrever uma obra voltada para as novas gerações, o autor sinaliza reconhecer neles o futuro e o progresso da nação. A oferta do livro apenas aos seus filhos do gênero masculino, torna inequívoco a quem o autor julga caber guiar a coletividade e a pátria.

Conjugada a isso, a escolha de uma palavra cujo significado possui sentido religioso, atua na lógica exposta por Anderson da inquestionabilidade da nação ser semelhante à da religião. A simbiose entre nação e religião é demonstrada por Coelho Netto já na epígrafe escolhida para o livro: “Patriotismo é amor, civismo é respeito. Um prende o homem à Pátria pelo coração, outro pelo dever. O primeiro é a *religião* da qual o segundo é o *rito*”. (grifos nossos).

Ao tratar o patriotismo como religião, o literato coaduna sua compreensão com os objetivos da LDN na difusão do culto à pátria e ao nacionalismo. A publicação de *Breviário Cívico* pela Liga, ao ser analisada por este aspecto, reforça a campanha de disseminação do sentimento nacional da instituição, o que nos permite compreender a obra enquanto um panfleto político da entidade.

Porém, *Breviário Cívico* não foi a primeira tentativa de construção de uma obra para propagação dos objetivos da LDN. Um de seus propósitos era justamente a publicação de uma espécie de catecismo cívico, além de outros livros capazes de fomentar o patriotismo, destinado à distribuição gratuita entre crianças e adolescentes.

³⁷¹ <https://dicionario.priberam.org/brevi%C3%A1rio>

³⁷² <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=NkVz>

³⁷³ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...*

Tiago Oliveira nos diz que, em 1917, a Liga organizou concurso público literário para composição de dois livros: *Catecismo Cívico e Manual de Educação Moral e Cívica*.³⁷⁴ Aberto à participação de qualquer cidadão brasileiro, o concurso trazia instruções específicas quanto ao conteúdo dos livros:

1. – O catecismo cívico, destinado a ser lido e estudado por todos os homens do povo e a circular em todas as casas de família, escolas, oficinas e quartéis, será escrito com a maior simplicidade e clareza, e feito à maneira das cartilhas de educação primária, com perguntas e respostas, tratando sinteticamente destes assuntos: O Homem; a família e a sociedade; Cuidados do Asseio; ordem e cortesia; Sentimentos de honra; bondade, equidade e justiça; generosidade; coragem; amor da verdade; iniciativa e diligência, prudência e obediência; vontade e perseverança; fidelidade, tolerância e temperança; Necessidade da Educação física. Necessidade do trabalho, da economia e da Instrução; A humanidade e a pátria; A organização da Pátria: a democracia e a república; o governo, a justiça e a polícia; as autoridades; Os símbolos da pátria: a bandeira, o hino, as armas; O amor da terra e da história; o culto dos antepassados; as datas nacionais; Patriotismo e civismo. O Exército e a Marinha. A solidariedade humana, o altruísmo, o amor da humanidade e da paz; A paz e a guerra: a paz é um bem inestimável, mas o pacifismo não pode ser anulação do brio nacional; as guerras ofensivas, por orgulho ou conquista são crimes de lesa-humanidade; mas as guerras defensivas são justas, quando inevitáveis; Deveres e Direitos do cidadão. A liberdade e a disciplina. O voto: direito e dever sagrado; O serviço militar como um bem para o indivíduo (saúde e disciplina) e para a comunhão (coesão e defesa).³⁷⁵

Já o *Manual*, voltado professores e alunos, seria

o complemento do catecismo; em linguagem clara e concisa, conterà noções de Sociologia e de Direito em geral e Direito Constitucional, e um resumo sintético da História Nacional; e estudarà com maior desenvolvimento os assumptos tratados na Cartilha. – a organização da família, da sociedade e da pátria; o território e a população; o município e a União; o Estado e a soberania; a educação moral individual e social; a Constituição do Brasil; direitos e obrigações dos cidadãos; organização legislativa, administrativa e judiciária; a atividade econômica; nacionalismo e nacionalização; liberdades individuais e políticas; regime eleitoral e sufrágio; a defesa nacional; o serviço militar.³⁷⁶

Apesar de o concurso ter sido realizado, e 23 obras terem sido inscritas no certame, a comissão julgadora³⁷⁷ optou pela rejeição de todos os candidatos por não cumprirem os objetivos do edital, devolvendo-os aos seus respectivos autores.³⁷⁸ Apesar do resultado inesperado, a importância da criação de obras que pudessem guiar a população ao civismo e fomentar o amor à pátria, continuava presente nas discussões e no estatuto da Liga.

No *Breviário Cívico*, temos a aparição da maioria dos temas que a Liga propunha para o *Catecismo Cívico*, sendo, inclusive, escrito de maneira mais simples que o habitual por

³⁷⁴ OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional...* p.101.

³⁷⁵ LDN, 1917. *Apud*: OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional...* p. 101-102.

³⁷⁶ LDN, 1917. *Apud*: OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional...* p. 102.

³⁷⁷ A comissão foi composta por: Pedro Lessa, Viveiros de Castro, João Kapke, Afrânio Peixoto e Manoel Bomfim.

³⁷⁸ LDN, 1917. *Apud*: OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional...* p. 103.

Coelho Netto. Para Rômulo Paura,³⁷⁹ o *Breviário* era um “manual com todos os ensinamentos necessários para se cultivar a pátria”, onde estão contidos alguns dos princípios fundamentais para se formar o caráter do cidadão, como a liberdade, a disciplina, a obediência, entre outros.

Unindo os interesses da LDN aos do literato, *Breviário* passa a representar um dos principais meios de disseminação da educação cívica do período, muito por conta da constante distribuição gratuita da obra para clubes, grêmios, instituições esportivas ou militares, escoteiros, fábricas, além de escolas e outras organizações estudantis.

Em 14 de janeiro de 1922, por exemplo, o *Jornal do Commercio*³⁸⁰ publica uma troca de ofícios entre a Liga de Defesa Nacional e o Fluminense Football Club, onde a primeira, oferece vinte exemplares do livro para figurarem na biblioteca do clube, visando a promoção, além da educação física, dos ensinamentos cívicos e do amor à pátria. Ao término do ofício, a LDN ainda agradece ao clube por todo serviço prestado na campanha patriótica e a parceria entre ambos nessa alçada.

Em sua resposta, o Fluminense, por meio de seu então secretário e futuro presidente Mário Pollo, manifesta seus sinceros agradecimentos pela gentileza da Liga na doação dos livros, e reforça que o clube é, com grande lealdade e fervor, mais um na tropa patriótica da LDN, prestigiando-a sempre, pois assim “prestigia o mais alto interesse da pátria”.

A parceria da Liga com agremiações esportivas, entretanto, não era unicamente com o Fluminense. Em sua segunda assembleia, ainda em 1916, por exemplo, foi lido um ofício do Botafogo Football Club, no qual a equipe manifestava congratulações pela fundação da mesma.³⁸¹ O Club Internacional de Regatas foi outra entidade desportiva a receber cópias do *Breviário*. Agradecendo o envio de 10 volumes, o secretário da instituição, Tony Bahia, expressava seu contentamento com a empresa desenvolvida pela Liga em prol do patriotismo.³⁸²

A distribuição nestas agremiações visava atingir o público jovem, grande maioria nos seus respectivos quadros. Carregando consigo os princípios, regras e preceitos da nação que Coelho Netto e a LDN buscavam construir, o *Breviário* era, como publicara o jornal *A Noite*,

³⁷⁹ PAURA, Rômulo Rafael Ribeiro. Voluntário em defesa da pátria: Lima Barreto e a questão nacional em Triste Fim de Policarpo Quaresma. *Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio*. p.7

³⁸⁰ JORNAL DO COMMERCIO. *Liga da Defesa Nacional: “Breviário Cívico”*. Rio de Janeiro, 14/01/1922.

³⁸¹ OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional...* p.100.

³⁸² O PAIZ. “*A distribuição do “Breviário Cívico”*”. Rio de Janeiro, 04/12/1921.

“um livro, como se vê, interessantíssimo, que todos devem ler e que deve ser dado aos jovens como um verdadeiro catecismo de civismo”.³⁸³

Outro setor que recebeu bastante atenção da LDN foi o militar e o de segurança pública. Tendo sido distribuído em quartéis, bases, destacamentos e regimentos de todo o país, o *Breviário Cívico* fez um significativo sucesso entre as tropas, principalmente pelo papel central que dava ao serviço militar: o de ser a nação em armas.³⁸⁴ Coelho Netto ainda completava ao afirmar que era um dos deveres mais importantes do cidadão para com a pátria, o de servir no exército.

Comandantes de vários regimentos ao redor do país escreviam para a Liga agradecendo pela destinação de alguns exemplares para suas tropas. O tenente-coronel comandante da Força Pública do Estado de Santa Catarina, Manoel Lins, por exemplo, foi um dos que mandou ofício para a instituição, sendo este publicado dias depois, pelo jornal *A Noite*. Dizia o militar

Tenho a honra de acusar o recebimento do vosso ofício de 7 do mês próximo passado, bem como dos 10 exemplares do “Breviário Cívico”, escrito pelo festejadíssimo escritor patricio Sr. Coelho Netto, que tivestes a gentileza de remeter a este comando, os quais fiz distribuir às unidades desta corporação, para serem lidos e explicados às nossas praças, afim de incutir-lhes no espírito os ensinamentos cívicos, que têm por fim educar os nossos patricios no amor à nossa grande pátria - o nosso amado Brasil. Oficial do Exército há pouco reformado, tenho o dever, obrigação mesmo, de transmitir aos meus atuais comandados a educação cívica que me foi dada no lar, e aperfeiçoada e ampliada nas fileiras do Exército Nacional, onde servi por espaço de 32 anos.³⁸⁵

Duas semanas depois, foi a vez do major comandante do 11º regimento de infantaria, Christiano Pinto, escrever à Liga para agradecer a distribuição do livro.³⁸⁶ Mostrando-se ansioso pela chegada dos mesmos, prometia distribuir o livro entre os oficiais e fazer o possível para que os exemplares também chegassem às mãos dos praças.

Um dos fatores que contribuíram para a propagação de *Breviário Cívico* foi o apoio que a LDN obteve do governo federal, facilitando os meios de divulgação e espalhamento para todo o país. Como exemplo desse apoio, menos de um mês após o lançamento do livro, o Ministro da Viação, Francisco Sá, autorizou o envio e o trânsito da obra cívica pelo Correio, sem necessidade de selo.³⁸⁷ Essa atitude aumentou a capacidade de distribuição da Liga, uma

³⁸³ A NOITE. “*Breviário Cívico*”. Rio de Janeiro, 15/11/1921.

³⁸⁴ COELHO NETTO, H. O serviço militar. In: _____, *Breviário Cívico...* p. 99.

³⁸⁵ A NOITE. O “*Breviário Cívico*” da Liga da Defesa Nacional: um ofício do comandante da Força Pública de Santa Catarina. Rio de Janeiro, 14/03/1922.

³⁸⁶ A NOITE. O “*Breviário Cívico*” da Liga da Defesa Nacional: A distribuição pela tropa e os agradecimentos. Rio de Janeiro, 28/03/1922.

³⁸⁷ O IMPARCIAL. O “*Breviário Cívico*” vai transitar pelo correio, sem selo. 11/12/1921

vez que agora poderia enviar exemplares gratuitamente, para instituições civis e militares de todo o país.

Em decorrência dessa possibilidade, a instituição passou a receber múltiplos pedidos de exemplares do livro, sendo estes atendidos dentro dos limites operacionais da Liga. Em 1925, por exemplo, o Diretor Secretário do Curso Cívico Estevam de Oliveira, localizado em Juiz de Fora, encaminhou ofício solicitando o envio de alguns exemplares da obra para distribuição entre seus alunos.³⁸⁸

Em 1927, foi a vez dos escoteiros do Colégio Rio de Janeiro, que haviam acabado de formar um grêmio, solicitarem exemplares para pôr em prática os ensinamentos contidos no programa de *Breviário Cívico*. Sediado na região central do Rio de Janeiro, o nome escolhido para a agremiação era bem sugestivo: Grêmio Cívico Coelho Netto.³⁸⁹

O sucesso do livro e a importância patriótica atribuída a ele, foram tamanhos, a ponto de ser colocado em pauta, na Câmara dos Deputados, a emenda parlamentar de nº 135/1922, que previa a premiação de dez contos de réis à Coelho Netto pela publicação de *Breviário Cívico* e o esforço da obra em prol da nacionalidade e do patriotismo. A relatoria da emenda, entretanto, coube ao deputado maranhense Marcellino Rodrigues Machado, que substituíra exatamente Coelho Netto na casa.

Em uma atitude considerada mesquinha pelo *Gazeta de Notícias*,³⁹⁰ o relator votou pela rejeição da proposta, o que foi seguido por 80 deputados, enquanto apenas 41 parlamentares votaram a favor,³⁹¹ mesmo com os esforços de Gonçalves Maia, que discursara a favor da premiação, afirmando que a negativa era uma injúria.

Na mesma matéria, o *Gazeta de Notícias* afirmava que, não satisfeito em roubar a cadeira que tão brilhantemente fora ocupada por Coelho Netto, Marcellino Machado aproveitava desta para uma vingança com fins politiqueros. Afirmava ainda ser de se estranhar que tantos homens “esclarecidos, sensatos e justos” tivessem se deixado levar por sujeito tão baixo e desprestigiado, preferindo ele ao vulto intelectual e moral que era Coelho Netto, revelando um lamentável desapeço à inteligência nacional.

Como comparação, para a ideia de que ocorreu uma injustiça na votação, o jornal argumenta que, no mesmo dia, a Câmara havia aprovado uma ajuda de custo de vinte contos de réis para a publicação do livro *Pátria Brasileira* de Gomes de Castro; e a doação de

³⁸⁸ OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional...* p.121.

³⁸⁹ JORNAL DO COMMERCIO. *Escotismo*. Rio de Janeiro, 27/02/1927.

³⁹⁰ GAZETA DE NOTÍCIAS. *Um voto infeliz na Câmara*. Rio de Janeiro, 27/02/1922.

³⁹¹ A NOITE. *A Câmara em trabalho: Foi negado um prêmio a Coelho Netto*. Rio de Janeiro, 26/07/1922.

quarenta contos à Villa-Lobos, para que o mesmo pudesse realizar concertos na Europa. E termina com a clássica expressão utilizada para situações tendenciosas: “dois pesos e duas medidas”.

Porém, não foram apenas os parlamentares que não demonstravam apreço pelo *Breviário Cívico*. A revista *Gil Blas*, que neste momento de sua curta história apresentava uma postura mais voltada ao nacionalismo católico,³⁹² por exemplo, publicou um artigo crítico extremamente combativo ao livro e a seu autor.³⁹³ A revista inicia prometendo dar aos seus leitores “uma pálida ideia da burlaria palavrosa, que é o ‘*Breviário Cívico*’ perpetrado pelo Sr. Coelho Netto”, a quem era dado o tratamento de “autor luso-brasileiro”.

Batendo fortemente em algumas definições apresentadas pelo autor, como o fato de considerar a língua um dos elementos fundamentais da nação, o que implicaria o Brasil a um *status* de constituinte de uma nação com Portugal, a revista analisa os aspectos que julga serem provas cabais do costume “deplorável e mesquinho” de autores, como Coelho Netto, em falar sobre assuntos sobre os quais nada entendem.

Focando nas analogias que o literato faz entre a pátria e a Bíblia, *Gil Blas* aponta várias frases de *Breviário Cívico* que julga serem errôneas no que diz respeito ao catolicismo. Crítica a afirmação do literato de que a família seria a primeira religião do homem, pois se o autor tivesse lido a Bíblia, “não repetiria tamanha parvoíce”, visto que a primeira religião do homem seria ao Deus soberano. Quando o literato compara a bandeira à hóstia, sendo a primeira um símbolo da nação e a segunda de Deus, a revista declara ser um exemplo de “supina ignorância”, uma vez que mais do que símbolo divino, a hóstia seria o próprio Deus feito homem.

Não só de erros teológicos, entretanto, era composta a crítica. Criticando o erro de Coelho Netto ao escrever o nome de Tiradentes como José Joaquim ao invés de Joaquim José, diz que tal escrevinhador não deveria ousar a ensinar e nem a querer dar lições de patriotismo e civismo. Faltaria para o literato muito estudo, muita aplicação e muito preparo para ser o escritor que julgava ser.

Em outro número da revista, a crítica toma um tom mais jocoso, desumanizando o literato, caçoando seu sobrenome e tratando-o como um coelho. Mais do que uma simples piada com o autor, o uso de um animal resplandece um quê de bestialidade que a revista julga

³⁹² JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Revista Gil Blas e o nacionalismo de combate (1919-1923)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 200.

³⁹³ GIL-BLAS. *Atravéz dos Livros*. Rio de Janeiro, 27/11/1922.

haver em *Breviário Cívico*. Aproveita ainda para, ao mesmo tempo, criticar a tentativa de premiação ao autor pela escrita do livro.

Era um dia um coelho...neto de um coelho!

Vivia nosso coelho mansamente a sua vidinha. Pulava e saltitava alegremente pelos canteiros da literatura, roendo a alface repolhuda que lhe fornecia a seiva e sorvendo o líquido precioso, a água de juventas que um regato ao pé da horta prodigalizava ao viandante. Ora bem: houve um tempo em que os animais falavam. Falaram e escreviam também. Tanto que nosso coelhinho se metera a escrever um breviário. Nesse breviário havia de tudo... por fora. Por dentro era vazio; vazio como uma seringa enxuta. Ora, justamente como a função de uma seringa vazia é inócua, do mesmo modo o breviário do coelho era inofensivo, razão pela qual tinha todos os requisitos para ser considerado uma obra vultuosa, um breviário cívico. A fama do coelho, que já era grande, subiu mais alto ainda; tão alto que ultrapassou os limites da Arca no trigésimo nono dia do dilúvio. Discutiam-se, há dias, na Câmara dos Deputados, várias emendas ao orçamento do Interior. Quando mais animadas iam as discussões, surge, saltitando no tablado da arena política, a emenda nº 135. [...] Desta vez o roedor (sic) se escondera na pele do réptil, ameaçando roer os cofres federais em dez contos de réis. O alarme foi geral. Fugiram todos da serpe venenosa, salvo o prestigiador Zé da Maia que, enroscando a bicha no pescoço, em vão se esforçava por demonstra-la inofensiva. E tanto esticou, tanto espremeu a pele da cobra, que dentro saltou aliger o coelho que foi imediatamente morto ali mesmo, com oitenta tiros! E era um dia o coelho e mais o seu breviário cívico.³⁹⁴

Não é preciso, sequer, ser um bom entendedor para percebermos a malícia nas palavras do redator. Mas, para o caso de restar alguma dúvida, a revista deixa clara a sua posição: “[...] o ‘*Breviário Cívico*’ deve ser repellido de todas as casas de educação e instrução, verdadeiras, por ser uma burla adornada de uma literatura de palanfrório, mais ou menos retumbante e pouco comum”.³⁹⁵

Críticas como da *Gil-Blas*, conforme vimos, foram rotina ao longo da carreira literária de Coelho Netto. Ainda assim, seus livros cívicos tiveram boa aceitação do público e serviram como base de ensino para um bom número de pessoas. Os valores, princípios, concepções, desejos e inspirações contidas em *Breviário Cívico* merecem, por toda a repercussão que o livro teve, muito mais atenção do que lhe foi dedicada. Esta pesquisa busca exatamente contribuir para esse propósito.

³⁹⁴ GIL-BLAS. *O breviário cívico de um “coelho”...* Rio de Janeiro, 04/08/1922.

³⁹⁵ GIL-BLAS. *Atravéz dos Livros*. Rio de Janeiro, 27/11/1922.

3.2 A Doutrina

Ama com fé e orgulho a terra em que nasceste.
(Olavo Bilac)³⁹⁶

Como vimos nos capítulos anteriores, Coelho Netto, assim como outros pensadores do período, acreditava que seu papel, enquanto intelectual, era o de propor mudanças sociais que ajudassem no processo de construção da nação e de consolidação de um regime político que permitisse, ainda que de maneira restrita, práticas democráticas. Entendidas como parte de um processo civilizador e modernizador, tais mecanismos só seriam permitidos com a República.

Entretanto, embora o modelo republicano tenha sido implementado e estivesse se consolidando, suas estruturas e práticas não condiziam com a expectativa criada por Coelho Netto. A nação idealizada pelo autor, ainda não acontecera. Eram necessárias novas medidas para atingir o coração dos brasileiros para a causa nacional.

Em mais uma de suas tentativas, o autor publica o livro *Breviário Cívico*, que como vimos, foi lançado pela Liga da Defesa Nacional como uma espécie de catecismo cívico, reunindo em uma só obra os principais ensinamentos e mandamentos do culto à pátria. Um detalhe, entretanto, chamou-nos atenção quando da leitura da obra. Como nenhuma palavra é usada sem representar o “termo correto” pelo autor, o que ele pretendia dizer quando afirmou estar contida no livro “toda doutrina [...] para o culto da virtude e para o amor da Pátria”? Qual era sua doutrina?

Um elemento importante para nossa análise, é o aspecto polissêmico³⁹⁷ da palavra doutrina. Assumindo múltiplos significados, antes de entendermos qual era a doutrina contida em *Breviário Cívico*, é necessário compreendermos o que o termo significava para o autor.

Saffo Binetti, um dos colaboradores do *Dicionário de Política*³⁹⁸ produzido por Bobbio, Matteucci e Pasquino, nos diz que, etimologicamente falando, a palavra doutrina surge com o significado de “ensino ou aprendizado do saber geral, ou do ensino de uma disciplina particular”. Entretanto, ao longo do tempo, o sentido original da palavra foi cada vez mais tornando-se sintetizador de

um conjunto de teorias, noções e princípios, coordenados entre eles organicamente, que constituem o fundamento de uma ciência, de uma filosofia, de uma religião, etc, ou então que são relativos a um determinado problema e, portanto, passíveis de ser ensinados.

³⁹⁶ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico*... Segunda epígrafe.

³⁹⁷ Ver: BARROS, José D’Assunção. *Os conceitos*... Capítulos 10 e 11.

³⁹⁸ BINETTI, Saffo Testoni. Doutrina. In: BOBBIO, Noberto; et. al. *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998, pp. 381-382.

Binetti ainda afirma que o sentido mais comum, nos tempos atuais, é aquele relativo à religião, indicando seu dogma, normas e sentidos morais ou mesmo um livro que os contenha de modo simples e explicativo. Ao pintar o *Breviário Cívico* como uma doutrina, Coelho Netto busca acomodar, em suas páginas, todos os princípios e fundamentos necessários para cultivar o nacionalismo e moldar os indivíduos para o amor à pátria e seu progresso.

Importante salientar que, para o literato, o patriotismo consistia em vulto sacro, sendo o amor à terra preceito primário para a nacionalidade. O patriotismo não deveria ser exortado apenas em época de guerras, mas também nas pequenas atitudes do dia a dia. O patriotismo, seria assim, a verdadeira devoção a tudo que diz respeito à pátria, devendo ser sincero e fiel como uma religião.

O autor considerava serem cinco os fundamentos da nacionalidade, capazes de diferenciá-las uma das outras, mesmo quando a própria natureza não consegue: 1) língua; 2) hábitos; 3) tradições; 4) culto e; 5) a lei.³⁹⁹ Não é de se estranhar, portanto, que o autor defina a pátria como “certa porção de terra onde soam as palavras de um idioma e persistem os hábitos, as tradições, o culto e a lei de um povo, cuja vida se perpetua em uma história”.⁴⁰⁰ Buscaremos, a seguir, perceber no *Breviário* como tais elementos aparecem enquanto parte da doutrina e compreender como estas bases compõem o sustentáculo da nação brasileira.

A primeira delas é a língua vernácula. A essa altura do texto, acreditamos não restar dúvidas ao leitor de que Coelho Netto era um ardoroso admirador da língua portuguesa, e que, portanto, a língua possuía um *status* de grande importância em sua nação idealizada. Motivo das principais críticas sofridas pelo autor, o idioma era visto pelo literato como uma das características mais marcantes de um país, uma vez que ao pronunciar apenas poucas palavras, o indivíduo já deixaria explícita sua nacionalidade.

Assim, a língua se configurava como a expressão oral da pátria. Para Coelho Netto, do mesmo modo que o tipo físico seria capaz de denunciar a raça da pessoa, o idioma indicaria sua procedência. No caso brasileiro, mesmo a nossa língua sendo introduzida pelo colonizador, o literato considerava-a como própria, uma herança sagrada transmitida a nós através dos lábios de nossas mães.

Deste modo, ao falarmos nossa língua materna, estaríamos honrando o passado e prestando-lhe culto, mantendo vivo um dos principais elementos constituintes da pátria. Por isso, o literato acreditava ser extremamente importante falar a língua vernácula com esmero e

³⁹⁹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 11.

⁴⁰⁰ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 11.

cuidado, evitando estrangeirismos, pois estes seriam sintomas de rachaduras nas muralhas do patriotismo.

Acreditando ser a língua umas das fronteiras da pátria, a qual cada homem levava consigo, e sendo a mesma um elemento de distinção no encontro entre pessoas de diferentes origens, Coelho Netto temia que o uso indiscriminado de palavras estrangeiras fizesse com que os indivíduos desguardassem a nacionalidade, criando riscos para a nação. Nas palavras do autor,

[...] e, como aceita palavras alheias, consentirá, com o mesmo descaso, que estrangeiros lhe dominem as terras, porque se os homens caminham e implantam-se no solo os vocábulos, como disse o poeta, “são os transeuntes misteriosos da alma” e nela giram transportando os pensamentos.⁴⁰¹

Ou seja, o contato com idiomas diferentes, em si, não era problemático. Entretanto, a partir do momento em que palavras alheias são inseridas ao idioma pátrio, em predileção às palavras nativas, haveria o risco da perda da identidade linguística do povo, acarretando na supressão de um dos fundamentos nacionais.

Tal risco ocorria de modo similar com os hábitos. Para Coelho Netto, eles se comportariam como hóspedes que, ao se instalarem em uma casa, com o tempo, acabavam expulsando dela os seus verdadeiros donos.⁴⁰² Entendendo hábitos como um analogismo para costumes, podemos perceber que o literato demonstrava preocupação com a internalização de práticas e comportamentos estrangeiros, que poderiam modificar o repertório cultural do povo brasileiro.

A preocupação com os chamados estrangeirismos marcou parte da carreira do escritor, e fez com que ele mudasse alguns de seus referenciais. A busca pelo genuíno nacional levou Coelho Netto a esmiuçar o que denominava como “o coração da pátria”. Partindo para o interior do país, o literato almejava encontrar nos matutos, intrépidos sertanejos, a alma da nacionalidade.

Fazendo no *Breviário Cívico* uma defesa pela terra nacional e da vida no campo, o autor mostrava identificar a importância da ocupação do território por brasileiros, visto ser a terra “depositária de todas as riquezas, tesouro inexaurível e celeiro vivo”,⁴⁰³ de modo a evitar que tal preciosidade caísse em mãos estrangeiras. Afirmava que, caso não nos importássemos

⁴⁰¹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p.18.

⁴⁰² COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p.65.

⁴⁰³ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p.83.

com a mesma, chegaria um momento em que sequer teríamos um palmo de terra para estacar o mastro da bandeira nacional.

Fazendo uma apologia aos hábitos do homem do campo, o autor buscava apontar a necessidade de uma valorização de suas práticas, afirmando ser o interior o produtor de tudo que o Brasil necessita. E enfatiza: “Um país só é verdadeiramente forte e rico quanto tem o bastante de seu, para seu gasto, e ainda sobras do que possa dispor”.⁴⁰⁴ Pois, quanto mais próspera, tranquila e honrada for a nação, maior será o prestígio de seu nome e de seus pátrios.

Assim, o autor via o interior como o local onde verdadeiramente pulsava a nacionalidade, força motriz do patriotismo. Se a nação deveria ser firme, construída pelo amor à terra, aos hábitos, às práticas, bem como pela justiça, caberia ao interior bombear o ufanismo patriótico para todo o país.

Talvez um dos fundamentos mais importantes na concepção nacional de Coelho Netto sejam as tradições. Descendentes de uma longa linhagem de brasileiros, as pessoas do presente deveriam dar continuidade ao legado construído no passado. Esse culto às tradições vai diretamente ao encontro do exposto por Anderson sobre a importância da reverência ao passado para o sentimento de perenidade da Nação e ao que Hobsbawm apresenta sobre a invenção das tradições e sua função enquanto constituintes das nações modernas e símbolos adequados à imagem e ao discurso elaborado sobre elas.⁴⁰⁵

As tradições e a história nacional servem, para o literato, como base pela qual os indivíduos devem alicerçar seus atos e seu patriotismo. Do mesmo modo que os brasileiros devem amar sua terra, devem também amar sua história, de onde poderiam colher exemplos de heroísmo e dedicação cívica nos quais se inspirar e, em dias difíceis, recorrer, para que em glórias passadas, possa buscar forças para restaurar o presente. Manter as tradições dos antigos seria, assim, um gesto de honrar o passado e preservar a essência da nacionalidade, sendo esta herança o impulso primordial para a formação da identidade nacional e o culto à pátria.

Buscando facilitar a compreensão do público, Coelho Netto relaciona o patriotismo a uma árvore. Para que uma árvore vingue, ela necessita abrir suas raízes em solo profundo, colhendo o máximo que a natureza possa lhe dar, para crescer e florescer. O amor pela pátria

⁴⁰⁴ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p.85.

⁴⁰⁵ HOBSBAWM, E.; RANGER, T. *A invenção das tradições...* p.23

deve seguir o mesmo percurso, mas enraizando-se nas tradições e na história, sendo nutrida pelos heróis e pelo conhecimento dos antigos, para florescer em progresso da nação.

Retomando a relação entre patriotismo e religião, o literato nos diz que a história está para a pátria do mesmo modo que a Bíblia está para a tradição cristã. Sacralizando o passado nacional, Coelho Netto aponta para a inquestionabilidade patriótica, julgando ser factuais tais eventos da história nacional e, portanto, insuscetíveis de dúvidas e descrenças.

A partir desses três primeiros fundamentos nacionais podemos perceber o caráter congênito que o literato buscava construir para sua nação idealizada. Buscando no passado as origens para a pátria brasileira, o autor envidava esforços para reatar as relações com um Brasil primordial, puro de estrangeirismos e genuíno.

A “brasilidade” era, assim, um dos princípios da doutrina patriótica coelhonettiana. Não era de se estranhar, portanto, que o culto à nação fosse mais um dos fundamentos da nacionalidade para o autor. O papel de um verdadeiro patriota era amar e reverenciar a pátria em todos os momentos de sua vida, não apenas na comemoração dos grandes dias, mas também nos pequenos momentos de sua rotina cotidiana.

Cultuar a pátria era uma forma de cultuar a própria história dos indivíduos, bem como de seus antepassados, e dos antepassados destes. Coelho Netto afirma que foram os antigos que guiaram os homens, desde o berço até a morte, ensinando-os a vencerem as intempéries que a vida apresenta, e moldando-os fisicamente bem como nos princípios da honra, respeito a si mesmo e à coletividade.

Se cumprissem com apuro os ensinamentos recebidos, tais homens celebrariam a “herança sagrada” que receberam e conservariam os demais fundamentos estipulados pelo literato, como a língua, os hábitos e as tradições, perpetuando um modo de vida e de visão de mundo tipicamente brasileiro, adaptando-os à nova realidade trazida pelo progresso.

Outro elemento do culto patriótico seriam os símbolos nacionais, que lembrariam os indivíduos, onde quer que estivessem, de sua pátria mãe. No *Breviário*, o literato apresenta três símbolos que deveriam ser alvos da adoração dos patriotas: a bandeira, o escudo e o hino.

Para o autor, “prestar culto à bandeira é venerar o espaço e o tempo nos limites geográficos de uma nação e neles a raça e tudo que ela representa e abrange”,⁴⁰⁶ honrando os antepassados que construíram a nação e semearam a raça, em um respeito quase religioso. Além disso, adorar a bandeira era uma forma de se solidarizar com os vivos, com aqueles que, juntamente, colaboram no engrandecimento da nação e na pavimentação dos caminhos para

⁴⁰⁶ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 23.

aqueles que nos substituirão na jornada patriótica. Em uma analogia religiosa, conclui o autor que a bandeira é o símbolo da pátria tal qual o sacrário é o símbolo de Deus, e que o respeito e devoção que é destinado a um, deve ser repetido com o outro.

O escudo, por sua vez, seria “como o próprio coração da bandeira, resumindo todos os símbolos nela contidos”.⁴⁰⁷ Nele estaria a memória do passado, mantendo o padrão imperial, os símbolos do trabalho e da terra, representados pela folhagem de fumo e café e a representação da união nacional, no centro, onde o Cruzeiro do Sul aparece cerceado pelas estrelas que representam cada estado do país. A grande estrela centralizada, aparecia apoiada sobre uma espada, lembrando que tudo que se havia até então era fruto da demonstração de força nacional e da bravura de nossos heróis, que construíram a República.

Já o hino, a benção maternal da pátria,⁴⁰⁸ seria a lembrança falada que tocaria nosso coração. Se, quando no exterior, só de ouvir uma palavra em nosso idioma, já é possível sentir a nostalgia patriótica, ao ouvir o hino, na visão do autor, é como se ouvíssemos o pulsar do coração da nação, um chamado pastoral para nos congregarmos e excitarmos em prol da pátria.

O hino tinha a capacidade de conciliar-nos em época de paz e encorajar-nos em época de guerra; estimular ao trabalho e dar força para triunfar. Em seus acordes e versos estariam contidos o som do passado, lembrando e honrando aqueles que estiveram aqui antes de nós; estão incluídos os sons do presente, mostrando que a força e o civismo constroem hoje o progresso nacional; e conterà o som do futuro, da história ainda por vir, das glórias a serem realizadas. Nas palavras do autor, “tudo se contém nos sons da augusta melodia como toda a bondade, toda a ternura, toda a dedicação, todos os sacrifícios, todo o amor, enfim, resumem-se neste vocábulo pequenino: Mãe”.⁴⁰⁹

Findado esse processo de construção patriótica através dos hábitos, símbolos e tradições, surgiria o cidadão perfeito, premiando todo o esforço de seus antecessores ao honrar e cultuar a pátria, um dever que seria de toda pessoa digna.

O quinto e último fundamento é um que atua como mantenedor dos demais: a lei. Coelho Netto acreditava que a liberdade era inerente ao homem, que, quando não pudesse gozar dela, teria o direito de reivindicá-la. Um exemplo dessa compreensão do autor pode ser visto na participação dele na causa abolicionista, da qual foi grande entusiasta. Em um regime

⁴⁰⁷ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 25.

⁴⁰⁸ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 27.

⁴⁰⁹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 27.

republicano, onde, teoricamente, não existem mais pessoas cuja liberdade encontra-se cerceada, alguns mecanismos devem existir para manter a harmonia social.

Como forma de argumentação, Coelho Netto busca relacionar a sociedade com elementos naturais ou até mesmo com o corpo humano. Por exemplo, o autor afirma que o nosso corpo depende, para o funcionamento correto, da harmonia de todas as funções orgânicas que possui, e que, quanto mais delas falharem, pior ficará nossa saúde.

Em outra analogia, a liberdade é comparada aos rios e mares, os quais mantêm um curso devido aos seus limites: as margens, no caso dos rios, e as praias, quando se trata dos mares. Demonstrando que até mesmo elementos da natureza possuem limitações para cumprir e conservar seus papéis no todo, o cronista afirma ser necessário, para o bom funcionamento da sociedade, a existência de limites para a liberdade individual, que no caso seriam as leis, as quais todos os homens deveriam subordinar-se.

A lei, em seus princípios legais, visaria manter a liberdade individual através do estabelecimento de regras, direitos e deveres os quais os cidadãos da pátria deveriam cumprir. Apenas haveria harmonia na República se as atribuições de cada indivíduo e as do Estado fossem cumpridas à risca, equiparando todos aos demais enquanto cidadãos.

Aqueles que buscarem, mesmo cientes de tais limites, extrapolar as margens legais e insubordinar-se ao cumprimento da legislação, com a alegação de buscar a Liberdade, só encontrariam dificuldade e obstáculos ao longo de sua jornada e, como bem fraseou o literato, “por muito querer andar solto, acaba sempre encarcerado”.⁴¹⁰

Ao enumerar tais fundamentos da nacionalidade, Coelho Netto acaba por apresentar um outro alicerce que, embora o autor não inventarie com os demais, deve ser levado em conta como um dos principais de sua doutrina patriótica: o civismo. Resultado direto do culto à pátria e da obediência aos demais preceitos patrióticos, o mesmo era o ato principal de todo cidadão nacional. Nas palavras do autor:

Civismo é a atitude moral, o procedimento honesto do verdadeiro patriota e consiste, não só no cumprimento exato dos deveres que a Lei impõe e a sociedade exige na cortesia entre os homens, como também no de prestigiar a Pátria no seu nome augusto e nos símbolos que a representam, zelar pela pureza do idioma e dos costumes herdados, venerar a ordem, concorrer para disciplina e boa harmonia social, correspondendo a todo o apelo que se lhe faça em obediência aos deveres cívicos.⁴¹¹

⁴¹⁰ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 51.

⁴¹¹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 13-14.

O civismo aparece então, para Coelho Netto, como a verdadeira doutrina patriótica. Compilando todos os fundamentos nacionais em um único princípio, o autor indicava o caminho ideal a ser seguido para o cumprimento dos preceitos pátrios e o progresso da nação.

Foi com o objetivo de disseminar o civismo que o literato dedicou dois capítulos de seu *Breviário Cívico* para o escotismo e o serviço militar, vistos por ele como duas grandes escolas. O literato acreditava ser o escotismo a “escola primária do civismo”,⁴¹² instituição na qual todos os meninos brasileiros deveriam ser matriculados, pois nela se formariam enquanto homens que amam sua pátria e que buscam servi-la e honrá-la. O escoteiro seria a sentinela da pátria, que além de vigiar, assistiria aos seus compatriotas em socorro pronto e estariam sempre dispostos a defender a pátria, sendo útil em tempos de paz e de guerra.

O serviço militar possui a mesma relevância na formação do homem que o escotismo. Visto como a nação armada e constituidor da coletividade pelo autor, o serviço militar era tratado como uma obrigação cívica e o primeiro e mais nobre dever de todos os cidadãos. Fazer parte no exército significava honrar sua pátria, garantindo suas fronteiras e, além dos benefícios comuns a todos os patriotas, ainda lograria benefício pessoal, depurando-se fisicamente e se educando na disciplina e ordem, fatores fundamentais para a harmonia social.

Por isso, para Coelho Netto, recusar-se ao serviço militar era um crime de traição, tendo o indivíduo evadido do dever de honrar e servir a pátria, o que acarretaria ao degrado do homem devido à sua covardia. Assim, o civismo apresenta-se como, mais do que apenas uma doutrina, um mecanismo de civilização da sociedade, através do ensino de condutas virtuosas e da correção de vícios indesejados. Aprofundaremos a seguir a análise deste aspecto.

3.3 A Medula das Pátrias - Vícios e Virtudes

Em 1920, o rei dos Belgas Alberto I e sua esposa, a rainha consorte Isabel da Baviera, desembarcam no Brasil, para sua primeira viagem ao país. Resultado de um convite proferido por Epiácio Pessoa no ano anterior, a excursão do monarca movimentou em muito a vida na capital federal. Reformas urbanas como o alargamento de vias, demolições, canalização de rios, somadas às reformas higienistas como a remoção de grupos indesejados do centro da cidade, buscavam transmitir uma imagem de modernização e civilização à cidade.⁴¹³ O

⁴¹² COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 100.

⁴¹³ Ver: FAGUNDES, Luciana Pessanha. *Uma República em festa: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920)*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007. Dissertação (Mestre em História); e FAGUNDES, Luciana Pessanha. *Rituais e Símbolos de Poder na Visita dos Reis da Bélgica ao Brasil (1920)*. Hist.R., Goiânia, v. 15, n. 2, p. 393-419, jul./dez. 2010.

Palácio Guanabara, antiga residência da Princesa Isabel, foi reformado para servir como local de hospedagem para a família real.

A curiosidade em volta da realeza fez com que grupos de populares rodeassem o palácio ininterruptamente, na expectativa de poder ver os monarcas de perto. Além do povo, no período em que esteve hospedado no Palácio, o Rei Soldado e sua esposa tiveram a companhia de outro vizinho, que Coelho Netto classificava como mais perigoso que as balas e os zepelins alemães, uma horda de mosquitos.⁴¹⁴

No período em que ficou na cidade, o soberano buscou manter velhos hábitos atléticos, e costumava se exercitar com frequência em seus tempos livres, desfrutando, ainda ao raiar do sol, da praia de Copacabana, onde nadava. Certa tarde, o Rei Alberto decidira se exercitar em uma sala de ginástica, montada ali mesmo no Palácio Guanabara,⁴¹⁵ enquanto, ao mesmo tempo, na rua do Roso, bem próxima ao local, o escritor Coelho Netto passava seu tempo escrevendo em seu escritório. Ambos não sabiam, mas em breve seus destinos se entrecruzariam devido a um quase acidente diplomático.

Pouco tempo depois, a rainha Isabel da Baviera escapara, por um triz, do que parecia ser um atentado contra a sua vida. Passeando pelos jardins do Palácio Guanabara com suas damas, a majestade viu uma bala atingir em cheio um espelho, no qual se olhava pouco tempo antes.

A mobilização da polícia militar, do Exército e de soldados civis para proteger o local foi tão rápida quanto o boato popular que já afirmara ser o atentado coisa dos anarquistas. A sede do Fluminense, ao lado do Palácio Guanabara, foi usada como zona de operações, e o estádio do clube foi cercado, de modo a impedir que qualquer pessoa entrasse ou saísse do local.

Pela trajetória da bala, foi estimado que a mesma havia saído dos fundos do terreno do clube, e uma meticulosa batida militar foi realizada para apreender quem quer que tivesse disparado contra a rainha. Quando os oficiais chegavam ao fim do terreno, e vendo-se sem alternativas, saiu de trás de uma moita, ainda com sua espingarda Winchester em mãos, João Coelho Netto, mais conhecido como Preguinho e com apenas 14 anos, rendendo-se à patrulha.

Imediatamente, os agentes levaram o jovem atirador até o Palácio Guanabara, onde encontrava-se o major Carlos Reis, responsável pela operação. Todos os presentes no clube

⁴¹⁴ COELHO NETTO, H. Para o rei Alberto ver... o que é bom. *A Noite*, 19/08/1920.

⁴¹⁵ CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20.* / Ruy Castro. — 1ª- ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019. p. XVIII

observaram a cena de Preguinho sendo escoltado por militares com assombro e surpresa; o próprio garoto parecia não entender completamente o que estava acontecendo.

No Palácio, Preguinho foi interrogado pelo major e explicou o que havia acontecido: estava caçando rolinhas com dois amigos no estande de tiro do Fluminense, porém não possuía boa mira, o que fez com que errasse o tiro. A Winchester que estava com ele pertencia a um destes amigos, mas não quis revelar o nome deles. Diante do ocorrido, o major solicitou que fosse chamado o escritor Coelho Netto e que o levassem até o Palácio.

A essa altura, o literato já havia sido avisado de que seu filho havia passado pela rua Pinheiro Machado, que separa o Palácio de sua casa, acompanhado por um grupo de militares, mas fez pouco caso acreditando se tratar de algum treino de marcha, visto Preguinho gostar de praticar de tudo.

Coelho Netto, que carregava consigo o título de Grande Oficial da Ordem da Coroa da Bélgica, ouviu em silêncio todo o relato feito pelo major. O pouco movimento que o literato fazia era para olhar de esguelha o filho, que retribuía o olhar buscando perceber em qual castigo seu pai estava pensando. O escritor possuía uma grande aliada na correção aos filhos: uma vara de marmelo, que há algum tempo jazia aposentada.

Após o oficial liberar os dois Coelho Nettos, Preguinho usou o caminho até sua casa traçando a rota de fuga de sua sentença: deixaria o pai acertar a primeira varada e depois correria até o alto do telhado da casa, e lá ficaria até seu pai desistir do castigo. Entretanto, para sua surpresa, seu pai sequer fez menção à antiga aliada. Foi direto ao escritório, pegou um cigarro e, depois de uma longa baforada, deu-lhe a dura sentença: o jovem estava proibido de frequentar as dependências do Fluminense por um mês! O fato de o jovem ser um escoteiro, só serviu para agravar a pena. Preguinho não esperava tão pesada punição e, portanto, só restou-lhe chorar.⁴¹⁶

A história acima relatada por Paulo Coelho Netto, além de ser um divertido relato da vida privada do escritor e da vida política nacional, permite-nos perceber, em suas entrelinhas, alguns atributos almejados pelo autor para o homem nacional por ele idealizado. A irritação de Coelho Netto com Preguinho não era apenas pelo quase homicídio-acidente que o menino causara; o autor projetava nos filhos as características que julgava serem fundamentais para fomentar a civilização e o desenvolvimento da nação. Daí seu *Breviário Cívico* ser ofertado aos seus rebentos.

⁴¹⁶ COELHO NETTO, Paulo. *Coelho Netto e os esportes*. p. 20-22.

Usando a própria família como um microcosmo social, o literato buscava delinear os traços pessoais e sociais que ele desejava para as futuras gerações. Se a sociedade, ou mesmo a pátria, eram comparáveis ao corpo humano, cujo perfeito funcionamento dependia de vários órgãos, o homem ocuparia posição de destaque nessa alegoria: seria a medula,⁴¹⁷ responsável por unir o individual ao todo e por transmitir os impulsos necessários para o progresso nacional, bem como defender a pátria de riscos iminentes.

Por isso a importância de instituições e práticas como o escotismo, pois estas ajudariam os homens a se livrarem de seus vícios que, como células cancerígenas, poderiam destruir toda a virtude presente no indivíduo e colocar a nação em perigo. Eis o motivo do agravamento da pena de Preguinho por ser escoteiro. Mais do que uma punição física, Coelho Netto optou por uma punição moral.

Para melhor servir a nação, o homem deveria ser preparado fisicamente, mas também moralmente. Em *Breviário Cívico*, Coelho Netto se propõe a delinear quais os principais atributos o cidadão deveria ter para conseguir auxiliar no progresso da pátria.

Ao longo da obra, Coelho Netto lista, nominalmente, algumas das virtudes que julga serem essenciais para a medula da pátria, bem como alguns dos vícios que considera daninhos. Ademais, podemos perceber ao correr do texto outras características que o autor deseja para os cidadãos, bem como outros vícios que renuncia. Os vícios e virtudes do indivíduo da nação coelhonettiana serão agora alvos de nossa deliberação.

Como não podia ser diferente, a primeira virtude apresentada pelo autor é o Patriotismo. Definido por ele como “o sentimento radical pelo qual o homem se prende, para o todo o sempre, à terra em que nasceu”,⁴¹⁸ o patriotismo seria a principal virtude esperada daqueles que seguissem sua doutrina patriótica.

O patriota seria aquele que se dedicaria incondicionalmente à nação, devotando-a em todas as circunstâncias do seu dia. Ele seria capaz de renunciar a todos os prazeres da vida, a todo o conforto que poderia obter, desde que em prol da pátria. Ao longo de sua vida, ele trabalharia para engrandecer e honrar a pátria, sacrificando-se, até a morte se necessário, para defendê-la.

Coelho Netto demonstra acreditar que o patriotismo atuaria como um braço do civismo, em uma relação de retroalimentação constante. Ao atuar de forma cívica, o indivíduo

⁴¹⁷ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 95.

⁴¹⁸ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* pp 13.

estimularia seu patriotismo que, uma vez estimulado, promoveria o civismo. Se o civismo seria o culto à pátria, o patriotismo seria a religião.

E o trabalho é exatamente uma das virtudes patrióticas que comporiam o cidadão ideal. Para o autor, o trabalho é algo do qual nenhum homem pode fugir. Ele acredita que o trabalho é um divisor entre aqueles que se esforçam para conquistar seus objetivos e aqueles que esperam que milagrosamente conquistem algo. Em sua visão meritocrática, que também é um elemento marcante em sua idealização nacional, o caminho do sucesso e do progresso está aberto a todos, e se apenas alguns conseguem trilhá-lo, não os fazem por predestinação, mas sim por terem se esforçado mais e por não terem desistido diante dos obstáculos.

Nessa conjuntura, o trabalho seria como, nas palavras do próprio autor, uma ponte sobre um abismo de miséria, repleto de dores, vícios e vergonhas, uma perfeita alegoria ao umbral do espiritismo, doutrina religiosa que o literato seguia. Aquele que busca, através do trabalho, romper com a miséria, estaria dando pequenos passos sobre a ponte estreita, que muitas vezes oscilava, mas que, com firmeza e ânimo, poderia ser atravessada, levando o indivíduo ao outro lado do abismo: a fortuna.

O trabalho tornava-se, então, um requisito obrigatório para o progresso da pátria, promovendo um desenvolvimento constante da mesma, que se aperfeiçoaria a cada nova ação, ampliando seu alcance e mantendo sua unidade. Por isso, outras virtudes que colaboravam para o empenho laboral, eram bastante incentivadas pelo autor, como por exemplo a vontade, a iniciativa e a perseverança.

Coelho Netto acreditava que a vontade era o propósito refletido, um ato consciente originado no desejo/querer, que parte para a resolução/conclusão do objetivo. Por ser refletida, a vontade difere do instinto, que é um impulso natural, uma ação mecânica do corpo, que agiria em defesa própria inconscientemente. A vontade é fruto da moderação, um desejo pensado e planejado, enquanto o impulso é explosivo, consequência da urgência e afobação. A vontade é uma virtude; o impulso é viciante.

O literato, no entanto, reconhecia que apenas a vontade não era suficiente para o sucesso. Desejar e planejar de nada funcionaria se o indivíduo não possuísse uma outra virtude complementar: a iniciativa. A determinação proveniente da iniciativa é fundamental para que a vontade se torne realidade. É a força motriz de toda mudança. A vontade em alguém sem iniciativa é um desejo inócuo, um sonho, que não possui vigor para se tornar palpável. Por mais forte que uma vontade seja, ela obrigatoriamente depende da iniciativa para ser concretizada.

Ocorre que, por maior que seja a vontade e mais impávida que seja a iniciativa, nem sempre o indivíduo consegue torná-las tangíveis rapidamente. E é nesse momento que outra virtude valorizada pelo autor se torna fundamental para concretização do desejo. De nada adiantaria ter iniciativa se, diante do primeiro obstáculo, a pessoa desistir de sua vontade. Para se tornar real, a vontade tem de ser contínua, sustentada pela perseverança.

Segundo Coelho Netto, “a vontade exercitada com a iniciativa e esta com a perseverança produz a força que tudo vence, tanto na vida material como na vida moral”.⁴¹⁹ A persistência no objetivo, a obstinação na conquista, o afincamento em busca do êxito, são assim características fundamentais para um homem que almeja o sucesso da pátria. Didaticamente, o autor compara a perseverança ao fenômeno da erosão das rochas, reproduzindo o ditado popular ao afirmar que o pingo constante da água em uma pedra, é capaz de perfurá-la, não importa o quão resistente ela seja.

O homem que possuísse a vontade, a iniciativa e, sobretudo, a perseverança, seria como a água, um perfurador de rochas, que não se incomoda com a dificuldade do trajeto nem com os obstáculos do caminho, e segue constante na busca de seu propósito. Coelho Netto conclui então que a vontade perseverante é a maior das forças de um ser humano, sendo capaz de dominar quaisquer dificuldades.

Até o momento, podemos perceber que as virtudes arroladas pelo cronista têm por objetivo principal delinear as qualidades morais necessárias para a construção de uma sociedade capaz de prosperar em direção ao progresso, e de fazer isso como forma de devoção à nação. O homem brasileiro, para Coelho Netto, deveria sempre estar pronto para servir à pátria, não importa de que maneira, e estas virtudes seriam capazes de assegurar que tal sentimento fosse adquirido e colocado em prática.

Em uma comunidade tão heterogênea quanto a brasileira, os diferentes pontos de partida dos homens, em certo momento, poderiam acarretar riscos para a nação. Retomando a metáfora do corpo humano, o literato lembra que nosso organismo possui, em si mesmo, tudo que lhe é necessário para o perfeito funcionamento. E se, em algum momento, qualquer órgão do corpo adoecer ou pare de funcionar, todos os demais sentirão os efeitos de sua falta. Caso não seja empregado o remédio a tempo, o corpo pode vir a óbito.

A harmonia dos homens na sociedade deveria ser sempre buscada, visto que bastava que alguns indivíduos não estivessem na mesma rotação que os demais, para que tudo desmoronasse. Como todos os órgãos colaboravam para a vida, todos os homens deveriam

⁴¹⁹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 66.

colaborar para o progresso nacional. O literato aponta a desarmonia como um vício social, como o desequilíbrio capaz de ruir todo o senso de coletividade.

Aquelas pessoas que se entregassem à inércia ou ao vício se tornariam prejudiciais ao restante, pois além de seres inúteis para a sociedade, ainda atrapalhariam que as demais mantivessem o rumo de desenvolvimento social necessário para o bem da nação. Seriam para a sociedade tal como uma úlcera para o corpo, lhe consumindo, infeccionando, e abrindo feridas que poderiam ser fatais.

É nesse sentido, portanto, que Coelho Netto prega o respeito e manutenção do *status quo*, uma posição que, de certo modo, contraria boa parte do que o literato propôs ao longo de sua carreira. O escritor diz que apenas os imprudentes poderiam almejar a derrubada dos “de cima”, sem perceber que a queda dos maiores só serve para demonstrar a fraqueza do restante, condenando os “de baixo” à miséria e ruindo o todo.

Por isso, outra virtude constante na população da nação idealizada pelo autor é a solidariedade, o esforço coletivo pelo bem comum. Definindo a solidariedade como “a defesa de cada um por amor de todos”,⁴²⁰ Coelho Netto compara cada indivíduo a um tijolo. Sozinho, o tijolo não tem a menor chance de defender uma cidade contra invasores; mas quando vários tijolos são agrupados, um sustentando o outro, cessando as arestas entre si, formam uma muralha que defende a cidade.

A união faz a força, e é essa união que deve ser almejada na sociedade. Cada pedrinha, se bem ajustada, reforça a proteção do todo. Porém, se por algum motivo, houver qualquer racha na união, o caminho estará livre para a entrada da ruína. O literato conclui afirmando que “os povos prosperam pelo esforço combinado de todos os seus homens, cada qual no exercício da função em que é apto”.⁴²¹ O resultado da soma do trabalho de todos seria o meio pelo qual a grandeza e a fortuna de uma nação seria medida.

Para prevenir qualquer rachadura no acordo social e na defesa da pátria, Coelho Netto defendia a difusão de mais três virtudes que teriam a capacidade de manter alinhada a intenção de todos. A primeira delas é a disciplina, fundamental para o cumprimento da missão de cada pessoa.

Sem disciplina, o esforço empenhado não é focal, não possui uma linearidade, sendo sempre reiniciado ao invés de possuir uma continuidade. Coelho Netto acreditava que, se todas as pessoas agissem disciplinadamente e com um único objetivo seriam capazes de

⁴²⁰ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 47.

⁴²¹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p.42.

“deslocar montanhas”. Atos de indisciplina seriam atos de insolência, um desrespeito à comunidade e à ordem natural da sociedade.

Falando em ordem, esta é a segunda virtude que manteria no prumo correto a nação. Onde não há ordem, reina a balbúrdia, a discórdia, a obscuridade. Ninguém sabe o seu papel, confundem-se as funções sociais, os prazos nunca são respeitados, e o que deveria ser rotineiro, torna-se um grande incômodo, gerando prejuízos duradouros, que podem acarretar na própria vida do indivíduo. A desordem é um vício dos maiores, que coloca em risco a estabilidade social.

A ordem permite maior previsibilidade, gera menos riscos, faz com que o tempo das pessoas seja melhor aproveitado, garante eficiência no trabalho e conseqüentemente o desenvolvimento da nação. Em uma analogia, o literato afirma que “a ordem é a criada que jamais falta ao seu dever e tudo que se lhe confia tem-se a tempo e limpo, conservado e perfeito”.⁴²²

Coelho Netto, no entanto, afirma que uma compreensão errônea do que é a ordem, pode fazer com que alguns entendam que, ao obedecê-la, estariam assumindo sua submissão na sociedade, o que por si só seria uma atitude desonrosa. O autor afirma que a ordem rege toda a sociedade harmoniosamente, e se insurgir contra ela, seria desobedecer as coisas como elas devem ser.

Novamente usando de suas metáforas didáticas, Coelho Netto compara a pátria a um navio. Se for seguida a bússola, que sempre aponta o norte, e se confiarmos no juízo do comandante, que mantém o leme em rota, a embarcação chegará a seu destino sem maiores transtornos. Entretanto, basta apenas que a tripulação questione o trajeto ou mesmo desobedeça a uma ordem de seu capitão, para que o que deveria ser uma viagem serena se torne um turbilhão caótico.

Qualquer corrente seria capaz de tirar o navio do rumo original, arrastando-o a rochedos, jogando-o à costa e, em caso de forte ventania, ninguém saberia o que fazer, levando a embarcação ao fundo do mar. Assim, quando o subalterno decide questionar ou prejudicar o superior, ele acabaria pagando com sua própria vida, seja no barco, seja na sociedade.

Desse modo, a obediência é alçada à terceira virtude fundamental para a coesão social. Saber o que é de cada um, respeitar as coisas como são e, sobretudo, obedecer àqueles que

⁴²² COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 57.

estão em uma camada mais esclarecida e mais bem instruídos, faz com que a nação siga no caminho necessário para seu progresso. Uma visão profundamente liberal da sociedade.

Coadunadas, ordem, disciplina e obediência versam mais sobre a imutabilidade social do que propriamente de uma reestruturação da sociedade. Coelho Netto manifestava estar mais preocupado com a mudança do homem enquanto indivíduo do que com a mudança do papel dos homens na sociedade. Suas ingerências buscavam uma melhoria da raça de modo a fazer com que estes indivíduos melhor servissem ao propósito nacional.

A raça brasileira era fraca, primitiva quando comparada a de outros países que já se encontravam à frente no processo de aperfeiçoamento. Alguns dos motivos do atraso do homem nacional eram a prevalência de dois vícios já impregnados na cultura brasileira: a inércia e ignorância.

Coelho Netto defendia que a inércia era uma das causas da maioria das enfermidades que atingiam a população brasileira. Por nosso descuido com o corpo e com a saúde, ficaríamos abertos para que todas as qualidades de doença nos alcançassem. Ele defendia que a inércia enfraquecia o corpo e fazia definharem o espírito. A vontade arrefece, a inteligência diminui, a memória se dissipa e a melancolia reina, tornando o homem nada mais do que um parasita.

Já a ignorância impede que o indivíduo almeje melhorar sua situação de vida, restando-lhe contentar com o pouco que tem enquanto assiste às demais pessoas vivendo em esplendor. O literato compara o ignorante a um escravo cego, que carregado de ferros, mendiga à porta de um palácio, buscando se manter. Enquanto esmola, o cego ouve atentamente as músicas tocadas no casarão, e quanto mais escuta, mais escura é sua visão.

Para melhorar a raça e superar tais vícios, Coelho Netto apostava nas práticas esportivas e na higiene, que juntas constituíam a eugenia. Descrita por ele como a ciência do aperfeiçoamento físico e moral do homem, a eugenia tinha como função adestrar e disciplinar a sociedade, desenvolvendo o corpo com exercícios físicos e nutrindo sua moral para revigorá-lo.

Como vimos no capítulo II, o autor acredita que os benefícios da eugenia devem ser usufruídos desde a tenra infância até a velhice, pois assim como nosso corpo necessita de alimentos para se manter vivo, o mesmo precisa da higiene para continuar produtivo e saudável. “O corpo robusto e sadio, além de belo, resiste mais aos ataques do que um organismo contaminado ou enfraquecido”,⁴²³ defendia o literato.

⁴²³ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p.67.

A cultura física, além de preparar o corpo, prepara também o espírito, de modo que este possa se desenvolver progressivamente. O prosador afirma que foi justamente a cultura eugênica que produziu o espécime humano de excelência: belo, sadio, corajoso, varonil e honesto. Eis a contribuição da eugenia para o homem virtuoso coelhonettiano.

Com o corpo treinado, surge no espírito um elemento fundamental para a empreitada do autor na busca do homem modelo: o caráter. O literato acreditava ser o caráter a disposição da alma, a tendência que se mostraria nos atos do indivíduo. A alma necessita do caráter para se firmar, do mesmo jeito que o corpo depende do esqueleto para se sustentar.

O caráter parte do íntimo e ampara o homem em suas ações na sociedade. Se na coletividade ele tem o dever de se portar com decência e fidalguia e agir de acordo com o que dita a boa educação, também lhe é devido atender todas as exigências morais e ser disciplinado, portar-se com altivez, porém sem soberba.

Em caso de ataque, a réplica de um homem de bom caráter deve ser sempre com a palavra, buscando desarmar seu oponente ao invés de o ferir. Agindo a partir de nobre generosidade, a lição sempre há de ser moral, buscando ensinar através do exemplo, ao invés de punir sem corrigir.

Coelho Netto acreditava que os exemplos são moldes nos quais as crianças devem ser modeladas. O que se aprende na infância, seja um vício ou uma virtude, irá integrar o caráter, desenvolvendo-se ao longo do tempo até tornar-se um hábito ou uma propensão moral. Por isso, o castigo que o autor destinou ao seu filho João pelo tiro que quase acertou a rainha dos belgas faz sentido; a punição sem correção em nada acrescentaria ao caráter do jovem, mas a lição, essa sim, era capaz de ensiná-lo.

O cronista conclui, então, que todas as virtudes se apoiam no caráter, que por seu turno é o responsável por nos manter a prumo. Uma vez que, por qualquer motivo que seja, o envergarmos, dificilmente ele volta à sua posição original, pois sempre iremos sentir a dobra originada em seu desvio. Agir com honestidade e dentro da moralidade, portanto, são valores fundamentais para o homem da nação coelhonettiana.

Um último conjunto de valores que conseguimos identificar em *Breviário Cívico* trata sobre atitudes virtuosas que um bom cidadão deveria ter para que sua conduta fosse benéfica à sociedade, e para que ele próprio não se deixasse dominar pela compulsão viciosa. Agindo de acordo com estas virtudes, o literato acreditava que o indivíduo teria força suficiente para vencer as imposições interiores e não ceder às tentações que desviariam seu caráter.

Uma dessas atitudes é a diligência, que serviria como um medicamento para os vícios da pressa, da ansiedade, da preguiça ou mesmo da falta de disposição. Uma pessoa diligente realiza suas atividades na hora certa, com todo cuidado e zelo que a situação exige. Saber o que falar e qual o momento oportuno para tal, por exemplo, seria quase uma certeza de vitória em um debate.

O preguiçoso deixa para amanhã o que poderia fazer hoje; espera até o último minuto para realizar o que poderia ter feito antes, e aí, na afobação, faz tudo de qualquer jeito, sem cuidado, só mesmo com a intenção de terminar. Mas, para Coelho Netto, além do óbvio problema na execução das tarefas, o que mais implica ao preguiçoso é uma coisa que ele jamais terá de volta: o tempo e toda fortuna que poderia derivar dele.

Para ilustrar de modo mais pedagógico, o literato utiliza-se de uma metáfora sobre um caçador.⁴²⁴ Durante uma caçada, já com a armadilha feita, o caçador esconde-se à espreita, olhos atentos, ouvidos vigilantes, imóvel como uma estátua. O animal chega, fareja a isca, olha ao redor desconfiado... Não encontrando perigo, vai de manso, escaldado, entra na arapuca, começa a comer, e do nada um laço súbito o prende. Eis o que faz um caçador diligente, é cuidadoso e paciente, para que, na hora certa, possa agir da melhor forma.

Entretanto, se o mesmo caçador logo fica impaciente com a demora da caça, se entedia e aborrece com o silêncio, resolve fumar ou beber para passar o tempo, ou deixa-se derrotar pelo sono, adeus presa. E pela ansiedade ou falta de cuidado, o caçador não conquista seu objetivo e perde um tempo que jamais recuperará.

De modo semelhante à diligência, Coelho Netto apresenta a virtude da coragem. Ele relata que o homem corajoso deve, acima de tudo, saber agir prudentemente e de acordo com o que a situação exige. Tão corajoso quanto o guerreiro que se lança ao combate com o inimigo, é aquele que, na hora da tensão e ebulição, consegue manter-se sereno, cumprindo seu dever sem ceder às seduções e tentações da vida.

No entanto, a coragem deve ser apurada pela bondade, de modo a abrandar o ímpeto instintivo presente no homem. Posta a serviço da honra e do direito, a coragem transformar-se-ia em heroísmo. Porém, a serviço do perverso, ela converter-se-ia para o crime e para a perfídia. Agir com coragem nem sempre significa agir em ofensiva. Muitas vezes, é mais corajoso parar, respirar e recompor do que continuar em rompante desbaratado.

Também é corajoso o indivíduo que não desanima ou se deixa vencer pelo infortúnio ou contratempo, se recompondo e buscando com o dobro de empenho alcançar seu objetivo.

⁴²⁴ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 67.

Apenas os fracos e impotentes cedem à resignação; os corajosos e enérgicos insurgem-se e vão à luta. Coelho Netto adverte: “a mais bela coragem é a confiança que devemos ter na capacidade do nosso esforço”.⁴²⁵

Na mesma direção, o literato elenca a discrição como outra virtude importante para a vida em sociedade. A discrição é a virtude do silêncio, da confiança, da fidelidade. Se uma pessoa não consegue guardar um segredo, por exemplo, ela é tão infiel como um guarda que participa de um roubo, por exemplo.

Dissipar uma confiança é ceder ao vício da tagarelice. É submeter-se ao impulso das palavras e abrir a boca mais do que deveria. É como gastar dinheiro de alguém, sem ter-lhe pedido permissão antes. A discrição é a chave da confiança, do êxito, da vitória. A tagarelice é um abismo dos mais profundos, que uma vez dentro, é difícil de sair.

Entretanto, em algumas vezes, não falar algo para alguém pode ser tão nocivo quanto falar. Conhecer os planos de um atentado e não denunciar, por exemplo, seria alinhar-se com os terroristas. Coelho Netto distingue o ato de noticiar algo a alguém em dois extremos: o aviso e a delação.

Enquanto a delação é um vício vil, fruto de perversidade ou inveja, com o único objetivo de fazer o mal e prejudicar alguém, o aviso é uma virtude do indivíduo honesto, que busca ajudar e defender o outro, intentando o bem. O literato relaciona o indivíduo que avisa com a polícia, buscando sempre evitar os males, as catástrofes e salvando vidas.

O autor acreditava que o bem da sociedade era também uma responsabilidade individual. Aquele que soubesse de um perigo e não alertasse sobre ele, seria um traidor da pátria. Todos deveríamos agir visando à proteção mútua. Ocultar um segredo criminoso tornar-nos-ia também responsáveis pelo o que dele resultasse.

Uma outra virtude apresentada em *Breviário Cívico* e, de certo modo, surpreendente para o período, é a tolerância religiosa. Em uma sociedade majoritariamente cristã, defender a liberdade de culto, e sobretudo o respeito ao direito do outro cultuar outro Deus, era sem dúvidas uma posição discrepante.

Durante a maior parte de sua vida, Coelho Netto foi um católico praticante, tendo criado seus filhos de acordo com os dogmas da igreja. Entretanto, uma experiência que lhe acometeu, fez com que o literato se convertesse ao espiritismo mais para o final da vida.⁴²⁶

⁴²⁵ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 70.

⁴²⁶ Uma de suas filhas, Júlia, ficou viúva muito cedo. Seis meses depois, veio um golpe maior: falecera Ester, filha de Júlia e neta do literato. Coelho Netto afirma que sua filha ficou em estágio de total melancolia, indo ao cemitério todos os dias, com saudade da filhinha. Uma noite, Dona Gaby investia ao escritório do esposo, aos

Ao entrar em contato com outra religião, o literato pode vivenciar diferentes experiências religiosas, o que com certeza contribuiu para sua posição e sua defesa das religiões alheias.

Para ele, a crença é o caminho que a alma prefere para entrar em contato com o divino. Deus se apresentaria de múltiplas formas, porém todas são oriundas de um mesmo local, sendo que todas eram partes do mesmo todo. Os templos religiosos então, independente da vertente, funcionariam como uma grande piscina, onde se depuraria a alma e se arrependeria de todas as faltas cometidas.

O autor então questiona: se respeitamos a casa do vizinho, por que não respeitarmos seu templo? Ambos são lares para o indivíduo; o primeiro para o corpo, o segundo para a alma. Do mesmo modo que na sociedade o homem deve respeitar os hábitos domésticos daqueles que vivem ao seu redor, sem ter o direito de intervir em qualquer coisa, o mesmo deve ser feito pelo exercício de seu culto, não sendo de nosso juízo o que o próximo acredita.

Se na piscina do vizinho há fé, que como uma água límpida purifica a alma, o que nos interessa de qual fé estamos falando? O respeito à religião do outro é um ponto fulcral à vida em sociedade. E a harmonia que ele origina é fundamental para a harmonia e união da pátria. Coelho Netto termina afirmando só ser possível exigir o respeito pelo que é nosso se, antes de tudo, respeitarmos o que é dos outros. É necessário fazer ao próximo o que se quer para si.

Por fim, o literato apresenta uma última virtude que o homem deveria possuir: a economia. Mudando um pouco o foco das práticas relacionadas à ética das pessoas, Coelho Netto apresenta um capítulo sobre a necessidade de economizar no hoje para garantir no futuro. Economizar na mocidade para sobreviver à velhice deveria ser uma prática como a de alguns animais, que garantem sua alimentação no verão, para poderem hibernarem no inverno.

Todavia, não se deve confundir economia com avareza, ressalta o autor. A primeira é como uma reserva para dias difíceis, uma forma de se preparar para as surpresas do amanhã. A segunda, no entanto, é um vício que, impregnado no sujeito, faz com que em nada aproveite a vida e desperdice tudo o que juntou, visto que nunca gasta.

prantos, acreditando ter sua filha enlouquecido. Chegando ao andar de baixo, Coelho Netto vira Júlia conversando contente ao telefone, como há muito não fazia. Dona Gaby então avisa ao esposo que a filha acreditava estar conversando com Ester. Discreto, o literato fitou a filha por um tempo e então resolveu ouvir a conversa na extensão do telefone. Ao colocá-lo no ouvido, Coelho Netto também ouviu a voz de Ester. Após muito estudar sobre o espiritismo, que até aquela data considerava como a mais estúpida das superstições, o autor se converteu e passou a atuar na religião. Esse caso é considerado por muitos estudiosos do espiritismo como o primeiro de Transcomunicação Instrumental registrado e verificado ocorrido no Brasil. Fonte: CONVERSÃO. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ano 33, nº 135, p. 9, 7 de junho de 1923. e COELHO NETTO, *A Vida além da morte*. Rio de Janeiro: Editoras Gráficas de A Noite. 1924.

Aquele que poupa sempre tem para quando precisar, já o avarento, acumula e esconde tudo, não usando e impedindo que os demais usem. O econômico não se abstém além do preciso, nem gasta mais do que deve. Já o avarento guarda muito além do necessário, não aproveitando as oportunidades que se apresentam, nem desfrutando do conforto que a vida lhe permite.

Coelho Netto critica os extremos, aquele que muito guarda e aquele que muito gasta. Ambos agem em desequilíbrio, adubados no vício, causando prejuízos a si mesmos e aos demais. Apenas o econômico sabe equilibrar-se no meio termo, gastando quando preciso e poupando quando necessário. O econômico é o modelo da ordem, da estabilidade, da harmonia necessário para uma vida em comunidade.

Como podemos ver, várias são as virtudes que Coelho Netto descreve em seu manual de civismo. Representando questões sobre ética, civismo, patriotismo, moral e costumes, cada um deles compõem um aspecto na coletânea formativa do homem coelhonettiano. Estipulando os valores desejados no cidadão, o literato acreditava não só conseguir influenciar na formação dos homens do amanhã, mas também fomentar tais características em seus contemporâneos.

Agindo nos corações e nas mentes das pessoas, o cronista avançava em sua idealização de nação, disseminando o que deveria ser aceito e o que deveria ser desprezado. Porém, não era apenas o modelo de homem que o autor buscava configurar; o literato acumula vários capítulos onde delineia a sua idealização de República e de democracia. São elas que abordaremos a seguir.

3.4 Um Breviário Republicano

Que Coelho Netto era um fervoroso admirador e entusiasta do modelo republicano de governo, o leitor já deve saber a essa altura do texto. Que ele se decepcionou com a República proclamada em 1895 também já evidenciamos. Mas, então, qual seria o republicanismo defendido pelo literato? Como ele poderia auxiliar na educação cívica e na disseminação do patriotismo? É o que buscaremos inferir a seguir.

Após delinear, nos primeiros capítulos da obra, sua doutrina e sua idealização de homem, Coelho Netto dedica-se a explicitar suas concepções de República e de organização social. Para o autor, o modelo republicano é a forma ideal de governo para um povo, desde que este esteja devidamente instruído, sendo capaz de escolher, com a necessária independência moral, entre os homens superiores, aqueles que deseja que o representem,

podendo renovar seus mandatos quando confirmam suas expectativas ou removê-los caso os decepcione.

A República coelhonettiana é, portanto, um regime político onde a democracia, através da vontade do povo, permite que os mandatários da nação sejam eleitos por sufrágio livre. Existem três poderes que dividem as competências republicanas: o Legislativo, representado pelo Senado e pela Câmara, ao qual compete fazer as leis; o Executivo, exercido pelo Presidente, a quem cabe sancionar e executar as leis; e o Judiciário, responsável por fiscalizar a execução dessas mesmas leis.

Para um bom funcionamento, ambos os poderes devem agir independentemente um dos outros, porém, em perfeita consonância. A tranquilidade para realizarem seus trabalhos em prol da liberdade e da honra da pátria, é necessária para que haja um futuro próspero para a nação.

Assim como cada poder, todo cidadão possui direitos e deveres que lhe são garantidos pela República, os quais devem obedecer impreterivelmente. A harmonia entre os direitos e deveres do Estado e dos indivíduos é fundamental para o bom funcionamento republicano, bem como para a manutenção da ordem e da justiça.

Coelho Netto afirma que os direitos dos cidadãos são de três ordens: públicos, civis e políticos. A todos estes correspondem deveres, como respeito recíproco, de zelar pelo bem e interesse comum, de honrar o nome da pátria e de servi-la sempre, seja em sua honra ou nas armas. Os direitos e deveres do cidadão na República funcionam então, como uma troca mútua, onde o indivíduo oferece sua lealdade ao Estado, enquanto este lhe retribui garantindo liberdade e justiça.

O autor afirma que direitos públicos são aqueles que dizem respeito ao cidadão em relação à vida pública, como o livre direito de locomoção, de pensamento, de religião ou mesmo o de trabalhar. Os direitos civis, por sua vez, asseguram ao cidadão o direito à vida, à fortuna, ao respeito à sua vontade, mesmo após a morte, quando da existência de testamentos, entre outros.

Os direitos políticos são aqueles que garantem ao cidadão a participação na gestão republicana, através da possibilidade de candidatar-se a cargos públicos, escolher seus representantes, exercer funções de estado... Os direitos políticos, entretanto, não são plenos para todos os cidadãos, como ocorre com os direitos públicos e civis. Menores de idade, membros de congregações religiosas, indigentes e analfabetos não possuem total

independência para escolher, por livre vontade, seus representantes, seja por incapacidade ou por subserviência, tendo então seus direitos políticos suprimidos.

A principal representação do direito político é o direito ao voto. Para Coelho Netto, o alistamento eleitoral é um contrato cívico, no qual o indivíduo maior de idade e instruído,⁴²⁷ é reconhecido como cidadão da pátria, adquirindo direitos e aceitando seus deveres. Aquele que não se alista é como um lavrador que não semeia o solo, e nada deve esperar para colher. O literato afirma ser condenável não se preocupar com a direção que rumo sua própria casa, mostrando-se indiferente ao destino da pátria.

O voto é a principal forma do indivíduo apresentar a todos sua opinião, fazer valer sua livre vontade, escolhendo aqueles que julga serem mais capazes de manter a pátria em prumo, elegendo homens dignos e de extrema confiança. Votar é um ato de consciência, uma garantia da liberdade e da fortuna, e uma demonstração de poder de um povo que se governa por si mesmo, escolhendo, por vontade própria, os mais capazes para guiarem a nação ao progresso e manterem vivas as tradições que ajudam a fundar a nacionalidade.

O voto seria, então, além de um direito, um dever cívico, garantidor de todos os demais direitos, pois dele emergem aqueles que criam as leis. Assim, nas democracias, os governos são o resultado da apuração de muitas vontades individuais, sendo o único meio legítimo de poder. Quaisquer outras formas de emergência de um soberano, que não respeite a vontade popular, é uma afronta à lei e à pátria.

A observância à harmonia entre os três poderes e à soberania popular pode ser mensurada através de um quesito fundamental para uma nação: a paz. Se a sociedade é como o corpo humano, a paz seria a saúde. Em um país onde a paz predomina, tudo lhe sorri: a produção agrícola é farta, o desenvolvimento industrial é grande, as letras e as artes progredem magistralmente, a harmonia entre os homens e as famílias torna-se paradigma. Todo o bem deriva da paz, e a pátria deve fazer todo o necessário para mantê-la.

Às vezes, porém, algumas rugas surgem, seja internamente ou mesmo com uma pátria vizinha, e caso não sejam resolvidas rapidamente, podem tornar-se ofensivas ou ameaçadoras, colocando em risco a própria integridade nacional. Uma postura pacífica, neste caso, seria uma demonstração de fraqueza, uma atitude covarde que precederia a sua decadência.

⁴²⁷ Para Coelho Netto, tanto o indivíduo com nacionalidade nata quanto o naturalizado, devem possuir direito a se alistar eleitoralmente, desde que capazes intelectualmente para isto.

Nesses casos, Coelho Netto acredita ser a guerra um dos meios de pacificação. Para ele, apenas a força é capaz de assegurar a paz de uma nação, sendo a guerra da natureza da própria vida. Um povo que pegue em armas para defender-se de agressões ou para combater arbitrariedades, estaria, nesse caso, agindo de acordo com a justiça, buscando alcançar, através da força, a concórdia para sua pátria.

O literato entende que o uso da força só é admirável quando colocado em prol da justiça para resguardar o direito de alguém. A valentia sem um nobre ideal, serviria apenas para degradação do homem, que se resumiria à primitiva barbárie, agindo ferozmente apenas pela ambição da conquista ou pelo prazer da carnificina. E conclui: “As guerras, quando movidas por ambiciosos interesses, são atentados que a História registra com repugnância, pondo-lhe sempre à margem o estigma da condenação”.⁴²⁸

Se a paz é fundamental para uma nação, e por ela vale-se de tudo, podemos inferir que, na idealização patriótica de Coelho Netto são fundamentais as práticas humanistas que busquem valorizar a comunhão entre as pessoas, não só da mesma nacionalidade, mas também com as dos países vizinhos.

O literato retoma este ponto quando, mais adiante na obra, comenta sobre o dia primeiro de janeiro, destinado à comemoração da confraternização universal entre os povos. Este evento, inclusive, abre a seção sobre as Datas Nacionais, onde Coelho Netto se dispõe a discutir os feriados nacionais existentes quando da publicação do livro, relacionando-os em importância e temática à República.

Lippi Oliveira, em seu *As Festas que a República Manda Guardar*⁴²⁹, busca demonstrar a importância que as festas e as datas comemorativas possuem para legitimar e dar coesão social à nação. As festas possuíam, além de uma função unificadora, uma função pedagógica, capaz de reduzir as diferenças existentes e homogeneizar o sentimento nacional.⁴³⁰

A autora afirma que as festas republicanas buscavam construir um sentido de continuidade entre as gerações, entre o passado e o presente, ao invés de promover um marco zero na tradição brasileira⁴³¹. Não seriam os princípios revolucionários que seriam comemorados, mas sim as permanências simbólicas da nacionalidade.

⁴²⁸ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 104.

⁴²⁹ OLIVEIRA, Lucia Lippi. *As Festas que a República Manda Guardar. Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.4, 1989.

⁴³⁰ *Ibidem*, p.175.

⁴³¹ *Ibidem*, p.182.

São dez as datas nacionais apresentadas em *Breviário Cívico*, as quais podemos decompor em três grupos: as humanistas, as republicanas e as históricas⁴³². Alguns desses eventos não são considerados feriados nacionais atualmente, mas reconhecê-los como importantes no período de lançamento do livro, permite-nos compreender seus significados ou, ao menos, as significações almejadas para eles. Assim podemos elucidar os sentidos com os quais eram tratados e disseminados.

O primeiro grupo, que denominamos de humanistas, é composto por três datas nacionais: 1º de Janeiro, dia de comemoração da confraternização universal dos povos; 13 de maio, dia da Abolição da escravidão e; 2 de Novembro, dia dos finados. Em comum nesses eventos, há o tributo a aspectos inerentes à vivência humana, que o autor idealizava como fundamentais em uma nação civilizada.

A data em comemoração à confraternização universal dos povos, por exemplo, era considerada importante por Coelho Netto, pois reverenciava um dos valores que o literato idealizava para sua nação: a harmonia, que, presente no coração da humanidade, nortear-nos-ia como uma bússola.

Embora o autor reconhecesse que a humanidade ainda não teria encontrado a harmonia total entre os povos, muito devido à ambição que desvia do caminho correto, possuía fé que era totalmente alcançável. Em seus sonhos, a confraternização universal dos povos já apontava no horizonte, à espera de tornar-se realidade. A paz, nascida do sangue e das lágrimas de séculos de sofrimento, deveria ser objetivo comum de todos, e esta data serviria para lembrarmos de nosso dever enquanto seres humanos: sermos compassivos, bons, amorosos e fraternos.

O 13 de maio, por sua vez, alude à liberdade, faculdade de grande valia para o literato. A Lei Áurea, que alguns anos antes havia encerrado oficialmente a escravidão no país, era apresentada pelo autor como uma imposição do povo, para apagar o crime de injúria aos direitos humanos, instrumento para expurgar a “família brasileira” da depressão que era a escravidão.

Um ponto interessante na apresentação do feriado de Abolição da Escravidão feita por Coelho Netto, é o papel central destinado aos homens escravizados na construção da nação. Tratados como “desbravadores e semeadores da terra”, são retratados na obra como os responsáveis por legarem-nos a fortuna, além de darem vida à essência nacional. O

⁴³² Lippi Oliveira divide-as em dois grupos: fraternidade universal e fraternidade nacional. Acreditamos que nossa divisão melhor atende ao objetivo deste trabalho. *Ibidem*, p.182.

reconhecimento do processo escravista e da miscigenação da sociedade brasileira oriunda dele, além de ser uma constante em seu *corpus* literário, é disposto logo no início de seu artigo.

Assim como em seu primeiro poema publicado, o literato expõe o caráter forçoso e violento do tráfico negreiro, ao afirmar que os negros foram arrancados de sua terra natal e trazidos a força, presos em ferros como se fossem animais. Mesmo possuindo a mesma essência de nossa alma, continua o autor, foram vendidos como objetos e espalhados por territórios inóspitos de todo o país. Sob toda violência que enfrentaram, os negros ainda assim foram capazes de “darem vida” ao país.

Na opinião do literato, mesmo na condição de escravizados, eles também deram vida aos filhos dos senhores, através do leite das amas, deram ternura, deram coragem nas guerras, deram seu talento nas artes e nas letras, e pouco a pouco foram se fundindo às outras raças, purificando-se das mazelas sofridas e dos vícios que, na escravidão, eram-lhes inerentes, para constituírem a nova raça brasileira.

Por fim, o 2 de Novembro, seria o dia consagrado a cultuar os mortos, responsáveis por nos legarem a pátria como herança. O reconhecimento do passado e das tradições era um dos fundamentos da nação idealizada por Coelho Netto, pois era neles que o autor acreditava constar as raízes nacionais. Logo na primeira frase do artigo essa idealização é explicitada pelo autor ao afirmar que a vida é o que nos é deixado por aqueles que se vão.

Além da pátria, tudo que uma sociedade possui é fruto do legado dos falecidos, como, por exemplo, a paz, o progresso e os livros, compilações de suas experiências e saberes, destinados para desfrutarmos e aprendermos. O reconhecimento da herança dos antepassados é elucidado pelo autor quando afirma que “trilhamos com segurança a estrada, larga e fácil, que eles abriram, através de florestas, batalhando e sofrendo”.⁴³³

A gratidão e veneração aos mortos, para o literato, seria o primeiro culto que nascera entre os homens, transformando cada cemitério em um templo, e cada túmulo em um altar. Anterior a pátria, venerar e comemorar o dia dos finados, seria buscar na essência de sua própria história, sua identidade, que, se costurando ao longo das gerações, deram origem a sua nacionalidade.

O segundo grupo das datas republicanas congrega os feriados que visavam enaltecer o modelo republicano ou idealizações que lhe eram compatíveis, como a liberdade e a democracia. São quatro os eventos reunidos: Promulgação da Constituição da República,

⁴³³ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 129.

comemorado a 24 de fevereiro; Martírio de Tiradentes, em 21 de abril; em 14 de Julho era comemorado a Liberdade e o Regime Democrático e; por fim, a Proclamação da República, em 15 de Novembro.

O trecho destinado ao então feriado de 24 de fevereiro é de extrema importância na obra, pois o literato expõe dogmaticamente sua compreensão sobre elementos fundamentais para um regime republicano, logo também fundamentais para sua nação idealizada.

Logo no primeiro parágrafo do texto, Coelho Netto explicita sua compreensão do que é, e de quão importante é, a Constituição. Para o literato, a carta magna de um povo é seu “canon ou dogma que lhe serve de regra principal”,⁴³⁴ resguardando todas as leis, direitos e deveres dos cidadãos, e se constituindo como alicerce fundamental da nacionalidade.

Reforçando o caráter litúrgico que avistava no patriotismo, o autor cria uma ponte entre a Constituição e o Novo Testamento. Enquanto a obra bíblica continha os evangelhos considerados como verdade divina, sendo apócrifos todos os que nele não contivessem, qualquer ato ou ação que agisse contra o contido na Constituição deveria ser repudiado e considerado um atentado à “pureza do regime”, sendo seu responsável considerado sacrílego, assim como aquele que atuava em contrário ao livro divino.

Para o literato, o dia 24 de fevereiro era a data do batismo da pátria, pois marcava a entrada definitiva da república brasileira no rol das nações, assim como o batismo marca a entrada da criança para a Cristandade. Apenas com a promulgação da Constituição, o culto ao republicanismo/patriotismo estaria completo, e o Brasil inteiramente livre das hastes que o prendiam ao passado.

Enquanto em fevereiro se comemorava o batismo da pátria, o mês de Abril era destinado ao seu Cristo, Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes. A comparação ao Redentor foi feita por Coelho Netto como uma forma de reforçar o caráter de mártir construído para o inconfidente, que havia se sacrificado para que todos os brasileiros pudessem gozar da liberdade.

Transformado em herói pelo governo republicano que, em busca de apoio, transformou sua imagem de um rebelde subversivo para um defensor da liberdade e da pátria, Tiradentes teve em Coelho Netto um grande entusiasta e um aliado para sua eternização.

O literato começa seu artigo tratando Tiradentes como um “homem do povo”, que durante sua vida passou por vários vexames e dificuldades, agravadas por perseguições e leis autoritárias. Tudo isso fez com que crescesse dentro de si o ódio aos seus opressores, ao

⁴³⁴ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 111.

mesmo tempo em que uma fagulha patriótica conflagrou-lhe a nacionalidade e o levou a lutar por ela.

Até este momento, Coelho Netto buscava representar uma origem humilde para o herói, que diante da opressão ao seu país, rebelou-se. Porém, acompanhando o movimento messiânico em torno da imagem do alferes, logo em seguida afirma que, ao agir em prol da pátria, levou consigo outros que lhe seguiam, inspirados por sua paixão e espírito simples, assim como os apóstolos seguiam a Jesus.

Assim como o Nazareno, Tiradentes acabou traído por um amigo que o seguia, o que levou à prisão de vários dos inconfidentes. De todos, apenas ele foi morto, no dia 21 de Abril de 1792, sem jamais ter acusado um companheiro, implorado misericórdia, ou mesmo tendo seu ardor patriótico atenuado.

A pintura do herói corajoso e valente que o autor reproduzia tem seu apogeu no último parágrafo, quando, ao narrar o esquartejamento e espalhamento de seus restos mortais pelos “quatro pontos cardeais da terra brasileira”,⁴³⁵ afirma ter irradiado destes o alor que levou o povo a lutar pela liberdade da pátria.

O terceiro feriado também trata de outro evento que impulsionou os povos a buscarem sua liberdade e autodeterminação: a queda da Bastilha. No dia 14 de julho, data da derrubada de um dos principais símbolos do absolutismo, era comemorado, no Brasil, o Dia da Liberdade e do Regime Democrático.

Coelho Netto afirma que os Direitos do Homem se encontravam aprisionados na velha prisão francesa, sendo estes libertados quando ela veio ao chão. Mais do que apenas o prédio, o que caíra, na opinião do autor, era a prerrogativa de opressão de alguns sobre muitos, e a crença de que certa parte da população deveria ser tratada com privilégios, sendo esta superior às demais.

Com a queda da Bastilha, a liberdade e a igualdade se espalharam pelo mundo como frutos de dente-de-leão ao vento, servindo de princípio e exemplo para muitos povos, que baseariam sua luta e suas leis nelas. O literato afirmava ainda que, sob as ruínas do absolutismo, estava enjaulada a Democracia, que se antes estava suplantada pela nobreza, agora se estendia por todo o mundo, pondo fim ao regime de regalias e castas, e dando poder soberano à vontade do povo.

Como de praxe, o autor busca relacionar o ocorrido com um paralelo religioso, em um esforço para reforçar o caráter imaculado do episódio. Afirmava ser ele um movimento

⁴³⁵ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 116.

revolucionário histórico que não se restringia às fronteiras francesas, mas que se propagava pelo mundo, como se a partir de uma detonação inicial, a revolta dos homens contra as injustiças se espalhasse pelo mundo, fazendo com que o 14 de Julho tivesse, para as democracias, o mesmo poder que o Natal possuía para o mundo cristão.

Assim, para Coelho Netto, é totalmente pertinente a celebração nesta data, pois a mesma seria sagrada. Estabelecer relações entre a Queda da Bastilha e a República buscava fortalecer a compreensão de que este seria o melhor regime político para a nação, sendo o único capaz de fazer com que o povo depusesse todas as regalias que beneficiavam apenas alguns e, a partir da revolta que “rugia latente no coração do Homem”,⁴³⁶ fizesse valer sua vontade em benefício de todos.

Por fim, o 15 de Novembro, a data em homenagem a Proclamação da República. Mais do que elogiar o regime, o literato conduz o artigo de modo a explicar o processo que culminou em sua emergência. Para ele, o único motivo que mantinha o imperialismo no Brasil era a tradição histórica, visto que a nação estava cada vez mais isolada diante das repúblicas americanas.

O arcaísmo e a falta de prestígio do império frente às demais nações, teria feito com que, em vários pontos do país, movimentos republicanos emergissem. O imperador, descrito por Coelho Netto como um homem virtuoso e patriota indefeso, parecia estar convencido que a monarquia morreria com ele, e juntos seriam enterrados.

Entretanto, mal aconselhado, acabou precipitando o desenrolar das coisas, e em 15 de Novembro de 1889, Deodoro e outros grandes nomes da campanha republicana surgiram à frente de um exército amotinado que, sem violência, fez amanhecer a República sob o ocaso imperial.

A apologia republicana do autor fica clara quando, ao fim do texto, afirma que, sob o novo regime, o Brasil passava a fazer parte do quadro democrático americano, colhendo todos os benefícios que ele fornecia, e se encaminhando para um futuro de prosperidade, grandeza e glória.

O último grupo de datas nacionais, que chamaremos de históricas, compreende eventos da história nacional que o autor julga estarem no cerne da nacionalidade: 3 de maio,

⁴³⁶ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 122.

então data oficial do Descobrimento do Brasil;⁴³⁷ 7 de setembro, dia da Independência; e 12 de outubro, Descobrimento da América.

Se a Bastilha era o Natal da democracia, o dia do descobrimento era, para o literato, o Natal da pátria. Construindo uma narrativa romantizada do episódio, quando a frota cabralina teria se desviado da rota em “derrota afortunada”, e ao encontrar novas terras, quedando-se maravilhados, erigiram uma cruz, armaram um altar cristão, e rezaram a primeira missa. Os selvagens que lá se encontravam, tiveram assim o primeiro contato com a palavra divina, e a terra ganhou o nome de Terra de Santa Cruz.

Usando a data do descobrimento como a gênese da nação, Coelho Netto fez questão de explorar o lado religioso do fato, escolhendo, dentro de vários eventos, a primeira missa como o marco fundador da pátria. Buscando assim, em um passado imemoriável, como expõe Anderson, a tradição cristã no Brasil, o autor empenha-se em construir elementos edificantes para a nova nação, de modo a fomentar um civismo devotado no povo.

Outra data histórica abordada no *Breviário Cívico* é o 7 de setembro, em comemoração à Independência. Considerado pelo literato como o “surto heroico”, marcava o momento onde “o Povo constitui-se em Nação”⁴³⁸ e a terra tornou-se pátria, deixando de ser uma simples feitoria e constituindo-se em Estado soberano.

O texto busca marcar a época anterior à Independência como um período de opressão e dilapidação do povo e dos recursos nacionais por Portugal, quando os brasileiros pagavam com “ouro e sangue o direito de respirar no ambiente natal”.⁴³⁹ Para exemplificar, Coelho Netto citava alguns fatos e problemas que identificara no país, como a arrogância e poderio dos “mandões” no interior, a falta de conhecimento sobre o sertão e seu isolamento, que permitiam que credices e “mistérios” dominassem a região, nas cidades as perseguições políticas, que tiravam a paz da população.

Para esse último problema, Coelho Netto cita o caso da capital federal, Rio de Janeiro, quando da chegada da Corte Portuguesa ao país que, devido à falta de instalações consideradas boas o suficiente para alocá-los, acabou por criar a política que ficaria conhecida

⁴³⁷ A data de 3 de maio foi adotada como a do Descobrimento do Brasil pelo Império Brasileiro, até a “redescoberta” da Carta de Pero Vaz de Caminha, onde o mesmo afirmava ter chegado ao país em 22 de abril. Mesmo assim, o Governo Provisório considerou, por meio do Decreto 155-B de 14 de janeiro de 1890, o 3 de maio como a data da Descoberta, considerando-a como feriado nacional. Tal data só foi revogada em 1930, quando um novo Governo Provisório, dessa vez liderado por Vargas, aboliu a data da lista de comemorações oficiais. Ver mais: OCTAVIO, Rodrigo. 3 de Maio. In: _____. *Festas Nacionaes*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1893, pp. 22-39.

⁴³⁸ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico*... p. 126.

⁴³⁹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico*... p. 125.

como “Ponha-se na rua”, por meio da qual a população dona e residente das casas marcadas com a sigla “PR”, abreviação de Príncipe Regente, era expulsa de suas residências, que passariam a abrigar aos cortesãos. A voz dos nacionais, para o autor, valia tanto quanto a de animais; e se mesmo assim, alguém ousasse urrar mais alto, prontamente tinha seu gemido abafado com mão de ferro.

Assim, o Brasil encontrava-se preso, obrigado a enriquecer seu senhor com seu próprio suor, vendo suas riquezas sendo dissipadas para o além-mar. Até que, em um grito, às margens do Ipiranga, conseguiu sua libertação das garras do explorador, e D. Pedro, até então apenas um feitor português, graças a seu entusiasmo e do povo tornou-se imperador e deu origem à nacionalidade livre.

A última data nacional apresentada no livro é o dia do Descobrimento da América, 12 de outubro. Fazendo um breve relato da expedição de Colombo, que culminou na descoberta de um mundo novo, até então existente apenas em sonhos, Coelho Netto constrói uma narrativa cujo êxito só foi possível graças ao brio de seu líder.

Caracterizando o navegador como um homem de têmpera e pertinacidade diante dos contratempos, sejam eles os mares desconhecidos, as tempestades e outros fenômenos naturais, ou mesmo a rebelião de seus marujos, que se amotinaram cansados da verdade e com medo do fim do oceano, o literato credita à fé de Colombo e à sua energia, a vitória na empreitada que levou ao descobrimento da América, que Coelho Netto acreditava ser o centro da Vida no Futuro, e portanto, motivo de nosso culto e entusiasmo.

Como podemos perceber, a República coelhonettiana contemplaria os principais atributos de sua doutrina cívica, como a democracia, o direito, as virtudes do homem e o culto patriótico, responsável por guiar todos os demais ao bem e ao progresso nacional, sendo o norte no qual deveriam mirar. Encaminhando para o fim, Coelho Netto se dispõe a resumir sua doutrina em poucas regras, de modo a direcionar ainda mais o caminho a ser trilhado por todos os patriotas. Nos aprofundaremos neles a seguir.

3.5 Conselhos e Mandamentos Cívicos

Quando Moisés subiu o Monte Sinai, Jeová entregou-lhe duas tábuas de pedra que continham seus dez mandamentos, as dez principais leis que deveriam ser seguidas por aqueles que o amassem e venerassem. Fundava ali sua nação santa, que guiada por seus princípios e leis, se distinguiria de todas as demais, cultuando o único e verdadeiro deus, e tendo uma vida feliz e próspera.

Mesmo sem montanhas fumegantes e tábuas de pedra, no fim de *Breviário Cívico*, Coelho Netto também apresenta seus dez mandamentos cívicos, que deveriam ser seguidos por todos os cidadãos patriotas que amassem e cultuassem a nação, visando o progresso e a modernização do Brasil.

Como vimos, na nação idealizada pelo autor, o civismo era um dos elementos chaves para a prosperidade e o triunfo, tanto do país quanto de seus habitantes. Ao reduzir sua doutrina a apenas dez regras, e ao relacioná-las aos mandamentos bíblicos, o literato, além de reforçar o aspecto devotado que o patriotismo exigia, atribui a tais normas a vultosidade sagrada, fortalecendo a relação entre pátria e religião e a necessidade de disciplina para o cumprimento de seus deveres enquanto cidadão.

Eis os Dez Mandamentos Cívicos da nação idealizada por Coelho Netto:

1- Honra a Deus amando a Pátria sobre todas as coisas por no-la haver ele dado por berço, com tudo o que nela existe de esplendor no céu e de beleza e fortuna na terra.

2- Considera a bandeira como a imagem viva da Pátria, prestando-lhe o culto do teu amor e servindo-a com todas as forças do teu coração.

3- Honra a Pátria no Passado: sobre os túmulos dos heróis; glorifica-a no Presente: com a virtude e o trabalho; impulsiona-a para o Futuro: com a dedicação, que é a Força da Fé.

4- Instrui-te, para que possas andar por teu passo na vida e transmite aos teus filhos a instrução, que é dote que não se gasta, direito que não se perde, liberdade que não se limita.

5- Pugna pelos direitos que te confere a Lei, respeitando-a em todos os seus princípios, porque da obediência que se lhe presta resulta a ordem, que é a Força suave que mantém os homens em harmonia.

6- Ouve e obedece aos teus superiores, porque sem disciplina não pode haver equilíbrio. Quando sentires o tentador refugia-te no trabalho, com quem se defende do demônio na fortaleza do altar.

7- Previne-te na mocidade economizando para a velhice, que assim prepararás de dia a lâmpada que te há de iluminar à noite.

8- Acolhe o hóspede com agasalho, oferecendo-lhe a terra, a água e o fogo, sempre, porém, como senhor da casa: nem com arrogância que afronte, nem com submissão que te humilhe, mas serenamente sobranceiro.

9- *Ouve os teus, que têm interesse no que lhes é próprio, reservando-te com os de fora. Quem sussurra segredos é porque não pode falar alto, e as palavras cochichadas na treva são sempre rebuscos de ideias que se não ousam manifestar ao sol.*

10- *Ama a terra em que nasceste e à qual reverterás na morte. O que por ela fizeres por ti mesmo farás, que és terra, e a tua memória viverá na gratidão dos que te sucederem*⁴⁴⁰.

O decálogo cívico proposto pelo autor, como podemos perceber, é uma síntese de sua ideologia nacional. Preceitos apresentados ao longo da obra estão presentes em várias passagens dos mandamentos, como a disciplina, o amor à pátria, o culto aos símbolos, à história e ao Direito.

Se em um primeiro momento, durante o *Breviário*, Coelho Netto busca explicitar os significados e os motivos que o levam a identificar nesses atributos a essência do patriotismo e da nação em si, e o porquê de acreditar que eles devem ser seguidos, ao apresentá-los como mandamentos, o tom de recomendação é deixado de lado e transformado em imperativo, devendo os cidadãos cumprirem aqueles preceitos.

Analisados separadamente, cada regra determina um modelo atitudinal a ser seguido em vários aspectos ao longo da vida do cidadão, mas que, quando analisados de forma conjunta, permitem-nos perceber que guiam para duas normas principais: 1) o de amar a pátria sobre todas as coisas; 2) e amar a todos que construíram e engrandeceram-na conosco.

A pátria assume o lugar de Deus, e os compatriotas, nossos próximos, devem ser amados e honrados assim como nós mesmos, pois também contribuíram para a edificação nacional e para podermos ser quem somos. Sendo estes dois os principais mandamentos, os demais desdobram-se destes, indicando que, para o autor, o amor e a honra são os fundamentos de todas as leis.

Podemos notar esse padrão nos mandamentos número 1, 2, 3, 6, 9 e 10, onde o amor a elementos patrióticos como a terra, a bandeira e demais símbolos, a história e aos heróis, são apresentados como elementos da adoração cívica do mesmo modo que a obediência, o respeito ao próximo e o autocontrole, são postos como valores direcionadores.

Complementando os seus mandamentos, na última seção do livro, Coelho Netto publica o que ele mesmo chama de “Conselhos”, onde, em um texto curto, apresenta suas

⁴⁴⁰ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 137-138.

visões sobre a saúde e a doença, e como elas influenciam, não só a vida do indivíduo, mas toda a sociedade.

Escorando-se nas teorias higienistas e eugenistas em voga na época, o literato compara a doença a uma faísca. Em um primeiro momento, quando a faísca cai na mata, ou a moléstia invade o organismo, pouco se sente, raramente se combate, cedendo espaço para que, na surdina, elas possam se espalhar, silenciosamente até que se alastrem, impetuosamente, por tudo que tocarem e se aproximarem.

Quando a faísca já está forte o suficiente, surge o incêndio, força da natureza que deixa um rastro de destruição e morte por onde passa, reduzindo uma bela e verde floresta a cinzas em pouquíssimos dias. O mesmo acontece pelo corpo acometido pela doença, cujo incêndio se manifesta em febre e que, se ignorada, pode levar à destruição da mais bela criação divina: a vida.

“Bem precioso que se deve zelar com todas as cautelas”,⁴⁴¹ a vida humana deveria ser cuidada com extremo zelo, pois além de dizer respeito apenas a si mesma, na concepção do autor, ela é de interesse comum de toda coletividade. Uma vez que todos devem trabalhar em conjunto para o bem-estar e o progresso da nação, a perda de uma vida impacta em todas as demais.

Eis o motivo pelo qual Coelho Netto defendia a necessidade de investimento público em higiene e o avanço da eugenia: o enfermo além de ser, para si próprio e para a pátria, um inútil vexaminoso, apenas um custoso ônus que a todos penhoraria, representaria um perigo para toda a espécie, uma erva daninha capaz de prejudicar o homem são, força nobre que empurra o Brasil rumo ao progresso.

Sendo a vida a maior fortuna, aquele que a desperdiça seria o pior dos tipos, pois o homem valoroso, civilizado e são, cultiva-a em forma de alegria, buscando melhorar e alongar cada vez mais sua riqueza e, conseqüentemente, à de sua nação. Se até as plantas, presas por suas raízes, se exercitam, sacudindo seus galhos ao ar, para buscar o melhor da natureza, fortificar-se e embelezar-se, o homem, cujo organismo é o de suprema excelência, tem o dever de fazer sua parte para a melhoria de sua espécie e de sua comunidade.

Para finalizar, Coelho Netto apresenta, em formato de conselhos, “os ditames de um mestre”, um conjunto de “paráfrases de aforismos do Dr. Miguel Couto”,⁴⁴² capazes de, em sua opinião, favorecer à manutenção de uma vida saudável e equilibrada. Intitulada “Regime”,

⁴⁴¹ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 141.

⁴⁴² COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 143.

ela aparece como um compilado de sentenças proferidas pelo médico e professor Miguel Couto, um dos grandes nomes da eugenia nacional e ardoroso apoiador da causa patriótica.

Apoiando sua obra no discurso de tão renomada persona, o literato tentava inserir o *Breviário Cívico* no conjunto de obras que compunham o cânone cívico nacional. Apresentando os ensinamentos de Miguel Couto também em dez conselhos, Coelho Netto apresenta as contribuições que o higienismo e a eugenia trariam para a melhoria da raça, e consequente melhoria da pátria, assumindo assim, papel central em sua nação idealizada.

O conselho número 1 é uma ode ao sol, principal fonte da vida, purificando tudo que toca e fazendo florescer até mesmo os túmulos que se encontram sob sua ingerência. Não há vida sem sol, como não há corpo sem alma. Não há vício ou doença que o sol não encontre e não possa derrotar, dissipando toda umidade que esteja em excesso e afugentando todos os parasitas que poderiam se aproveitar de sua ausência. Conclui o autor: “na casa iluminada do sol o médico não entra”.⁴⁴³

O segundo é dedicado ao ar, o sopro da vida. Responsável por “regular o ritmo do coração”, o ar enche-nos de oxigênio, essencial para existência, e leva consigo todas as cinzas produzidas por nosso corpo, eliminando nossas impurezas, e preenchendo-nos de saúde.

Conhecido por sua preocupação com a ecologia e o meio ambiente, Coelho Netto aproveita o espaço deste conselho para defender a importância do arvoredo e das florestas para a purificação do ar, bem como da necessidade de observarmos a limpeza, não só de nossa casa, mas como de todo espaço ao ser redor, pois o ar tudo recolhe, seja os elementos necessários para uma boa vida, bem como os germes e bactérias mais letais, que vivem em volta de nós, a serviço da doença e da morte, apenas esperando um descuido de um homem não saudável.

A água, tão essencial à vida quanto à luz e o ar, é o tema do terceiro conselho. Sem demonstrar maiores preocupações com uma possível escassez, ou sem aprofundar muito sobre a importância dela para o corpo humano, o autor se resume a dizer que se trata do veículo que faz circular o sangue por todo o organismo, alimentando-o.

Focando a análise na questão higiênica, cerne principal de Miguel Couto, Coelho Netto defende a necessidade de se ter água corrente em casa, para melhor salubridade, devendo aquele que não a possui garantir que a armazenagem seja bem-feita e que a água mantenha um estado de frescura, sendo filtrada sempre que possível para evitar a proliferação de micro-organismos.

⁴⁴³ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 144.

Nesse ponto, inclusive, ressalta que a água é melhor incubadora que terra e ar, sendo aconselhável a fervura, principalmente em tempos de pandemia, de modo a inutilizar os milhões de germes e bactérias que nela abundam, dos quais apenas um seria forte o suficiente para destruir a vida de uma pessoa.

Focados nos elementos da natureza, os três primeiros conselhos buscam referenciar os cuidados que os indivíduos devem ter para aproveitar o máximo que estes ofereciam, apresentando os riscos que a falta deles poderia ocasionar para a saúde e para o corpo humano. Como vimos, o próprio Coelho Netto mudou sua forma de agir, liberando seus filhos para “o ar livre”, após perder alguns, culpando seu “excesso de cuidado” ao mantê-los presos em casa, sem vivenciar a natureza e seus benefícios, pelo infortúnio.

O quarto conselho vem para complementar os anteriores, apresentando um importante elemento para a saúde: o movimento. Apresentado como “o despertador da vida e o mantenedor da energia”,⁴⁴⁴ o ato de se movimentar seria de extrema importância para o corpo, estando o sedentário propenso a se enervar e enferrujar, tal como a água parada estava disposta a se putrefazer.

Nesse contexto, os passeios, caminhadas e esportes ao ar livre seriam de grande conveniência, pois em uma única atividade seria possível receber as vitaminas e nutrientes entregues pelo sol, respirar ar puro para purificar o corpo, além de aproveitar as belezas e prazeres que a vida em natureza disponibilizava. Para o autor, bastava um dia entre árvores e perto das águas, para o retorno de muitos dias felizes. O descanso, bem orquestrado, seria um recurso de saúde, que ainda poderia ser bem empregado em prol do trabalho e do engrandecimento nacional.

A partir do quinto conselho, passam a ser analisados e estimulados hábitos tidos como saudáveis para o corpo e para a sociedade. O alimento, por exemplo, é apresentado como fonte de força para o corpo, desde o leite materno à sopa do ancião, devendo ser motivo de atenção e fiscalização, através da escolha de alimentos próprios, saudáveis, naturais e temperados com comedimento, extraindo o melhor nutriente de cada.

Além do preparo, o ato de se alimentar, em si, também reserva cuidados. Deve-se mastigar vagorosamente, poupando trabalho ao estômago e o gasto de energia desnecessária, facilitando a digestão e o recebimento dos nutrientes. Outro ponto observado pelos autores é a postura à mesa, lugar sagrado da família, onde se deve partilhar o pão com alegria, evitando

⁴⁴⁴ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 145.

assuntos desagradáveis, tristes e irritantes, mantendo os ânimos tranquilos para evitar discussões que perturbem a harmonia familiar.

Outro hábito estimulado seria as boas práticas de sono. Enquanto estamos dormindo, nossa energia é restaurada pela natureza, retirando o peso e cansaço deixado pelo trabalho e outros sofrimentos físicos. O sono seria assim, para os autores, um acumulador de energia, devendo ser bem cultivado e cuidado da melhor maneira possível.

O dormitório deve ser o mais limpo e com ar sempre renovado, de modo a impedir que a poeira se aloque no local, evitando a proliferação de bactérias prejudiciais ao corpo. Durante o dia, o quarto deve receber o sol para purificar o ambiente e, à noite, o ar deve adentrar para higienizar o recinto.

Outro aspecto que ajuda a ter uma boa noite de sono é a consciência tranquila. Agir bem, de acordo com a moral e a ética, tendo atitudes valorosas para si e para a comunidade, faz com que parte do sono não seja desperdiçado com preocupações e pensamentos nocivos. Uma consciência tranquila gera noites mais suaves do que os melhores travesseiros e colchões.

Como em tudo na vida, os excessos, entretanto, podem tornar uma atividade salubre em danosa. Deitar e acordar cedo são regras que a própria natureza ensina, através do nascer e pôr dos astros. No conselho VII, Coelho Netto afirma, categoricamente, que todo abuso é prejudicial à vida, tornando um benefício, como o sono, funesto, quando praticado sem regramento ou sem método.

Quem se esforça muito nos exercícios, esgota-se rapidamente, ficando sem força para os demais afazeres. Longe de qualquer atividade proveitosa, nesse caso, os resultados da prática física seriam nocivos ao corpo, sobrecarregando-o e causando-lhe dano. Para melhor ilustrar o risco, Coelho Netto usa o fogo como metáfora. Quando em pequena quantidade e controlado, serve para iluminar, cozinhar, trazer calor; mas basta um descontrole, ou um demasiado crescimento, que o fogo se transforma em incêndio, destruindo quaisquer benefícios que pudessem ter trazido algum dia.

O mesmo cuidado que se deve ter com os prejuízos trazidos pelo excesso ao corpo, deve se ter com a alma, afirma o autor no conselho seguinte. O excesso traz o vício, o vício degrada a alma e abre as portas para o crime e, assim, quando menos se percebe, toda a essência da pessoa jaz contaminada, restando-lhe apenas, na melhor das hipóteses, a miséria e a vergonha.

Como podemos perceber, a alma deveria, assim como o corpo, ser moldada e apurada, e a prática de bons hábitos seria tão importante quanto a higiene. De nada adianta uma casa com uma fachada esmerada, grama cortada, se dentro dela o reboco cai sozinho, infiltrações corrompem as paredes, e fungos e bactérias refestelam-se pelo ambiente. Assim como o descuido nos hábitos, o excesso também prejudicaria a saúde da pessoa, e como todos somos parte de um único organismo nacional, acabaria lesando a todos. É nesse sentido que são expostos os conselhos de número nove e dez.

Para o autor, uma pessoa desleixada deveria ser considerada criminosa duas vezes: pois além de se inutilizar, trazendo prejuízo para a sociedade, ela, ao procriar, geraria indivíduos degenerados, fadados ao vício. Um homem de consciência tem noção do valor da alma que lhe foi transmitida e busca transmiti-la como tão pura quanto recebeu. Do mesmo modo, o corpo sadio, recebido de Deus, jamais deveria ser profanado, mas sim cultuado e aprimorado.

Um homem que se propõe a ser chefe de família deve sempre prezar por ela. Ao descuidar de si e de seus deveres, desonra a instituição que escolheu compor, além de se tornar indigno de ser chamado de homem, pois não apenas perverte a si mesmo, mas também trai a confiança daqueles que devia proteger e cuidar, além de desmoralizar sua família e a pátria.

Um verdadeiro pai de família deve ser imaculado como um sacerdote, para guiar os seus, a partir do exemplo, no dogma e na doutrina patriótica, além de ser forte como um guerreiro, inspirando confiança aos demais, e estando sempre pronto para protegê-los, quando necessário. A sua autoridade, enquanto chefe da família, surgiria do prestígio que seu exemplo traria e da moderação de seus atos, evitando os excessos que degeneram, ou mesmo aqueles como o da bondade, que se transformam em fraqueza.

Na opinião dos autores, se há um elemento que revela as virtudes dos pais, esse é, sem dúvidas, a educação dos filhos. Rebolos de lares sem moralidades, geralmente são aqueles que, na primeira brecha, lançam-se ao vício, tornando-se inúteis para a sociedade, e presença certa em prisões e hospitais. As crianças devem ser educadas e corrigidas desde o berço, enquanto ainda complacentes, assim como é com barro mole que se produz o vaso.

Se, ainda na tenra idade, forem perceptíveis os vícios de comportamento, vícios éticos, com o tratamento adequado, e a partir do exemplo dos pais, seria possível saná-los,

transformando os instintos rebeldes ou desajustados em virtudes. Assim, afirma Coelho Netto, “são os pais os verdadeiros criadores do destino dos filhos”.⁴⁴⁵

A casa é a primeira escola, de onde surgem as noções morais e cívicas, que desenvolverão os princípios e valores que tornarão esta criança uma pessoa útil para si mesma, para a sociedade e para a pátria. O que se aprende na infância cria uma marca na memória e na alma, tornando-se intrínseco à personalidade. Coelho Netto acredita, por exemplo, que ainda bem jovem, as crianças devem ser ensinadas a reconhecer a vida que gira ao seu redor - nos animais, nas plantas, e aprender que estes também não devem ser maltratados, pois é com ternura e amabilidade que o coração enobrece.

Pouco a pouco, o que se aprende em casa vai se estendendo: o amor à família tornar-se-á amor à pátria; o respeito aos mais velhos e aos seus ensinamentos culminará no culto aos heróis e no respeito às leis; a veneração à casa e ao nome da família irá se transformar em civismo e bravura na defesa da nação. A alma se aperfeiçoa e, se feita com cuidado, sem tirar características inerentes à criança ou usar extremo rigor que a traumatize, transformará a pedra bruta em um valioso diamante.

“A educação pelo medo deforma a alma”.⁴⁴⁶ É através do amor, assim como Jesus fez com seu povo, que surgirá a obediência, a disciplina e a obra estará completa.

⁴⁴⁵ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 150.

⁴⁴⁶ COELHO NETTO, H. *Breviário Cívico...* p. 152.

CONCLUSÃO

Nas páginas deste trabalho buscamos compreender melhor qual seria a nação idealizada por Coelho Netto, um dos mais prolíficos autores brasileiros, que ao longo de sua vida se dedicou a diversas causas buscando o engrandecimento nacional. Vimos, no capítulo I, as diversas experiências e influências que ajudaram o literato a moldar sua personalidade, seu estilo e sua militância, e como a participação do autor no movimento abolicionista e no pleito republicano, contribuíram para a delimitação do modelo nacional vislumbrado como o ideal para colocar o Brasil no rol das grandes nações.

Muitas de suas ideias, que em um primeiro momento foram negadas ou não obtiveram êxito, acabaram sendo “apropriadas” ou relidas por outros autores, principalmente durante o movimento modernista, que mesmo compartilhando muitas proposições de Coelho Netto, foi um dos grandes responsáveis pela campanha de detração e apagamento do autor.

No capítulo II, buscamos formular o modelo de nação idealizado por Coelho Netto, determinando sob quais bases ele seria sustentado e destacando quais as estratégias e atuações seriam necessárias para colocá-las em prática. Em diálogo com autores como Benedict Anderson, Hobsbawm, Hall, Elias e Koselleck, foi possível conceber a necessidade da criação de tradições, histórias, heróis e exemplos capazes de estimular o processo civilizador nacional, criar e fomentar o nacionalismo/patriotismo, ajudando a construir um culto ao passado que buscasse em tempos imemoráveis os elementos necessários para a existência futura da nação.

Partindo da concepção, formulada por Anderson, de nação imaginada, desenvolvemos um entendimento onde mais do que imaginada, a nação de Coelho Netto seria idealizada, partindo de preceitos e valores próprios do autor para a sociedade. Enquanto a nação imaginada pressupõe a continuidade de uma construção coletiva já posta antes mesmo do nascimento do indivíduo, a nação idealizada é construída a partir do indivíduo, que mesmo influenciado pela coletividade pré-existente, busca modificá-la para melhor adequá-la aos seus ideais.

A nação idealizada por Coelho Netto seria construída a partir de quatro bases: a política, a educação, o esporte e a cultura. Em síntese, à primeira, caberia a criação de ações e projetos que valorizassem e difundissem os símbolos e a história nacional; à educação caberia

ensinar o civismo e a produzir os valores idealizados por Coelho Netto para a população; aos esportes cabia disciplinar a população, higienizar a sociedade e regenerar a raça brasileira; por fim, à cultura, caberia civilizar a pátria, delimitar e fomentar uma arte que, de fato, representasse a brasilidade, além de divulgar os talentos existentes no país. A partir desses quatro pilares, o autor acreditava ser possível construir uma nação moderna, civilizada e voltada ao progresso.

Visando alcançar os resultados desejados, Coelho Netto publicou em 1921, com apoio da Liga de Defesa Nacional, o livro *Breviário Cívico*, um manual cívico para ser distribuído gratuitamente, o qual analisamos no terceiro capítulo. Nosso objetivo era identificarmos a idealização de nação presente na obra e como ela contribuiria para colocá-la em prática. Para tanto, dissecamos o que o próprio autor intitula como sua doutrina patriótica.

Estipulando como os cinco fundamentos da nacionalidade, a língua, os hábitos, as tradições, o culto e a lei, elementos capazes de diferenciar uma nação da outra, Coelho Netto construiu uma argumentação onde o civismo seria a verdadeira doutrina nacional. O culto à pátria e ao nacionalismo seriam o dogma ao qual sua doutrina se relacionaria.

A partir da delimitação da doutrina, foi possível estabelecermos um conjunto de virtudes desejáveis e vícios malquistos que formariam o verdadeiro patriota, capaz de dar continuidade ao progresso da nação e moldá-la de acordo com o almejado pelo autor. Além disso, podemos perceber o papel das instituições em sua nação idealizada e como elas atuariam em prol do nacionalismo.

A nação coelhonettiana seria esculpida pelo civismo, moralidade, republicanismo, liberdade e patriotismo. Em *Breviário Cívico* podemos perceber como estes elementos se estabelecem e se relacionam com vários aspectos da vida individual e comunitária, em uma relação onde uma influencia a outra rotineiramente, fazendo com que as ações particulares interessem tanto ao próprio indivíduo como a todos, pois o que fazemos no singular afeta o coletivo.

Acreditamos que ainda há muito a ser explorado no *corpus* literário do autor, e nosso trabalho surge visando colaborar nesse percurso. *Breviário Cívico* nos permitiu estabelecer elementos fundamentais para o homem e para a nação idealizada pelo autor, porém muito ainda há a ser feito para uma compreensão maior de suas propostas e ideias.

A cada pesquisa, a cada artigo, a cada trabalho, podemos vislumbrar Coelho Netto saindo do ostracismo e assumindo um local próximo ao destaque que obteve em vida. Esperamos ter contribuído nesse processo.

REFERÊNCIAS

Obras de Coelho Netto

COELHO NETTO, H. *A Conquista*. São Paulo: Globus, 2011.

_____. *A Vida além da morte*. Rio de Janeiro: Editoras Gráficas de A Noite. 1924.

_____. *Alma: Educação Feminina*. Rio de Janeiro: J. Ribeiro dos Santos, 1928.

_____. *América* (educação cívica). Rio de Janeiro: I. Bevilacqua & C., 1897.

_____. *Breviário Cívico*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora Científica, 1970.

_____. *Canteiro de Saudades*. Porto: Livraria Chardron, 1927.

_____. *A Capital Federal*. Impressões de um sertanejo. 5ª ed. Porto: Livraria Chandron, 1924

_____. *Compendio de Litteratura Brasileira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves e Cia, 1913.

_____. *Esfinge*. 3. ed. Porto: Hillaud e Bertrand, 1925.

_____. *Falando...* São Paulo: Livraria Liberdade, 1927

_____. *Feira Livre*. Porto: Lello, 1926.

_____. *Fogo-fátuo*. Porto: Livraria Chardron, 1929.

_____. *Mano*. 8ª Edição. Porto: Livraria Lello, 1932.

_____. *Miragem*. Porto: Livraria Chardron, 1921.

_____. *O Meu Dia* (hebdomadas d'A Noite de dezembro de 1918 a dezembro de 1920). Porto: Lello & Irmãos, 1922.

_____. *O Morto*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

_____. *Páginas Recolhidas: Seleccionadas, prefaciadas e anotadas por Paulo Coelho Netto*. 2ª Edição (Ampliada) – Rio de Janeiro: Livraria São José, 1957.

_____. *Palestras da Tarde*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1911.

_____. *Rei Negro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1993.

_____.; BILAC, Olavo. *A Terra Fluminense: educação cívica*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1898.

_____.; BILAC, O. *A Pátria Brasileira*. 21ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1930.

_____.; BILAC, O. *Contos Pátrios* - Educação moral e cívica para crianças. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2001.

Periódicos

A Noite

A Notícia

A Rua: Semanario Ilustrado

Beira Mar

Correio da Manhã

Diário da Noite

Diário de Notícias

Época Sportiva

Gazeta de Notícias

Gil-Blas

Jornal das Letras

Jornal de Theatro e Sports

Jornal do Brasil

Jornal do Commercio

Kosmos

Lance!

Lanterna

O Imparcial

O Malho

O Meio

O Paiz

Revista Contemporânea

Bibliografia

- ALVARES, Lucas Cardoso. *O Rio civiliza-se: memórias das sociedades carnavalescas, uma perspectiva brasileira*. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - UNIRIO: Rio de Janeiro, 2014.
- ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARANHA, Graça. *A viagem maravilhosa*. Rio de Janeiro, RJ: Livraria Garnier, 1929.
- ASSIS, Machado de. Tempo de Crise. *Obra Completa*. v. II, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <https://www.machadodeassis.ufsc.br>. Acesso em: 17/12/2021.
- AZEVEDO, Maria Helena Castro. *Um senhor modernista: biografia de Graça Aranha*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2002.
- BARRETO, Lima. “Uma Coisa Puxa a Outra – III”. *Impressões de Leitura*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.
- _____. Os Bruzundangas. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- BARROS, José D’Assunção. *Os conceitos: seus usos nas ciências humanas*. Petropólis: Vozes, 2016.
- BESSA, Virginia de Almeida. *Um bocadinho de cada coisa: trajetória e obra de Pixinguinha. História e música popular no Brasil dos anos 20 e 30*. 2005. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.
- BEZERRA, Carlos Eduardo de Oliveira. *Adolfo Caminha: um polígrafo na literatura brasileira do século XIX (1885-1897)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/109122>
- BOBBIO, Noberto *et al.* *Dicionário de Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1ª ed., 1998.
- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 43ª ed. - São Paulo: Cultrix, 2006.
- BRITO BROCA, José. *Naturalistas, Parnasianos e Decadistas: Vida literária do realismo ao pré-modernismo*. Unicamp: 1991. 1ª ed.
- CAMINHA, A. *Cartas Literárias*. Rio de Janeiro: Tipografia Aldina, 1895.
- CANDIDO, Daniela Mateus Duarte. *O Último dos Helenos: Coelho Neto e a Construção da identidade brasileira*. UFRJ, 1998.
- CARVALHO, Danielle Crepaldi. Coelho Netto: Literatura e Educação nos últimos anos do século XIX. In: *I SIMELP - I Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa*, 2008,

- São Paulo. I SIMELP - Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. São Paulo: FFLCH (USP) - Assessoria de Comunicação Social, 2008.
- CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas: o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CASTRO, Ramiro Berbet de. *Histórico de descrição dos edifícios da Cadeia Velha, Palácio Moröe e Biblioteca Nacional*. Senado Federal do Brasil. 1926, p. 21. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/179460>. Acesso em: 02/05/2022.
- CASTRO, Ruy. *Metrópole à beira-mar: o Rio moderno dos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda; NEVES, Margarida (org.). *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- COELHO NETTO, Paulo. *Bibliografia de Coelho Netto*. INL: Brasília, 1972.
- _____. *Coelho Netto e os esportes*. Rio de Janeiro: Editora Minerva, 1964.
- _____. *Coelho Netto*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1942.
- _____. *Imagem de uma vida*. Conferencia realizada na Academia Carioca de Letras a 20 de novembro de 1956. Editor Borsoi, 1957.
- _____. *O Fluminense: Pitoresco e Dramático*. Editora Minerva: Rio de Janeiro, 1970.
- _____. *O Fluminense na Intimidade*. v.2. Estabelecimentos Gráficos Borsoi: Rio de Janeiro, 1969.
- _____. *Relicário*. Rio de Janeiro: Editor Borsoi, 1957.
- CONTIER, Arnaldo Daraya. Mário de Andrade e a Música Brasileira. *Revista Música*, São Paulo, 1994.
- CORREIA, M.V.S.; ASSIS, E.C.P. de. Entre a glória e o esquecimento: a recepção da obra do escritor Coelho Neto. *Research, Society and Development*, v.9, n. 7. 2020.
- COUTINHO, Afrânio dos Santos. *A Literatura no Brasil*. 7ª ed. – São Paulo: Global, 2004.
- CRUZ, E.; PÓVOA, P. H. A. A cidade maravilhosa: uma percepção de Coelho Neto sobre a construção de um ideal de Rio de Janeiro. *Nonada: Letras em Revista*, n. 28, vol. 1. Maio de 2017.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira (Org.). *Carnavais e outras festas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- _____. *Ecos da folia: uma história social do Carnaval Carioca entre 1880 e 1920*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- D'AURIA-TARDELI, Denise *et al.* Contos de Fadas e a formação dos valores morais: projeção do bem e do mal na literatura infantil. *Cadernos de Educação*, v.17, n. 35, jul.-dez. 2018.
- DA COSTA, Marta Morais. *Teatro de Coelho Netto: uma leitura conteudística*. Letras, Curitiba, jun.1975.
- DA ROSA BORDIGNON, R. Coelho Netto, o “homem com profissão”. *Tempo Social*, [S.l.],v.32,n.2,p. 79-100, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/168692>.
- DA SILVA, A.P.D.; MENDES, Leonardo. Coelho Netto na rua do Ouvidor: experiência urbana e modernidade no romance brasileiro do final do século XIX. São Gonçalo: *SOLETRAS*, ano X, nº20, jul-dez 2010.
- DANTAS, Paulo. *Coelho Netto*. São Paulo: Melhoramentos, [s.d.].
- DURKHEIM, E. *As regras do método sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- EFEGÊ, J. *Ameno Resedá*. O rancho que foi escola. Rio de Janeiro, Editora Letras e Artes, 1965.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FAGUNDES, Luciana Pessanha. *Rituais e Símbolos de Poder na Visita dos Reis da Bélgica ao Brasil (1920)*. Hist.R., Goiânia, v. 15, n. 2, p. 393-419, jul./dez. 2010.
- _____. *Uma República em festa: a visita dos reis da Bélgica ao Brasil (1920)*. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGHIS, 2007. Dissertação (Mestre em História)
- FERNANDES, Nelson de Nóbrega. O carnaval e a modernização do Rio de Janeiro. *Revista geo-paisagem* (on line) Ano 2, nº 4, 2003.
- FERNANDEZ, Renato Lanna. Coelho Netto: um intelectual a serviço do esporte. *Revista Mosaico* – Volume 3 – Número 5 – 2011.
- _____. *Fluminense Foot-ball Club: a construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. Rio de Janeiro, 2010.
- FREYRE, Gilberto. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. 2. ed. Recife: Editora Artenova, 1977.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a prática*. Goiânia. Vol. 8, n. 1 (jan./jun. 2005). Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/87003>. Acesso em: 27/12/2020.

- GOMES, Angela de Castro. Essa gente do Rio... Os intelectuais e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n 11, 1993.
- GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- GONÇALVES, Marcia Rodrigues. *O Rio de Janeiro de Coelho Neto: do Império à República*. Tese (Doutorado) - UFRGS, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HANSEN, Patrícia Santos. América: uma utopia republicana para crianças brasileiras. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 22, n. 44, julho - dezembro de 2009.
- HANSEN, Patrícia Santos. Autores, editores, leitores. O que os livros cívicos para as crianças da Primeira República dizem sobre eles? *História* (São Paulo) v.30, n.2, p. 51-80, ago/dez 2011.
- HEROLD JR., Carlos; DE MELO, Victor Andrade. Escotismo e esporte: propostas de educação do corpo no Rio de Janeiro dos anos 1910-1920. *Revista Brasileira de Educação*, v. 23, 2018.
- HOBBSAWM, E.;RANGER, T. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- JESUS, Carlos Gustavo Nóbrega de. *Revista Gil Blas e o nacionalismo de combate (1919-1923)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- KOSELLECK, Reinhart. *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.
- LACERDA, Izomar. *Nós somos Batutas: Uma antropologia da trajetória do grupo musical carioca Os Oito Batutas e suas articulações com o pensamento musical brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - UFSC, Florianópolis, 2011.
- LAPA, José Roberto do Amaral. Coelho Netto em Campinas (1901-1904). *Revista de História da USP*, v.11, n.43, 1960.
- LEANDRO, Eulálio de Oliveira. *Coelho Neto e a Ecologia no Brasil - 1890-1933 - Coelho Neto: Pioneiro nas Lutas Ecológicas no Brasil*. Paraná: Editora Juruá, 2010.
- _____. *O negro na Obra de Coelho Neto*. Imperatriz: Ética, 2003.
- LIMA, Luis Costa. A crítica literária na cultura brasileira no século XIX. In: _____. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

- LOPES, M. A. *No purgatório da crítica: Coelho Neto e o seu lugar na história da literatura brasileira*. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed. São Paulo: Ed. Contexto, 2018.
- MACHADO, Ubiratan. *Coelho Neto*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2011.
- _____. *Melhores Crônicas Coelho Netto*. São Paulo: Global, 2009.
- MAIA, Tauan Nunes. O montanhismo no Rio de Janeiro: eugenia, higienismo e a febre esportiva, 1900-1920. Tese (Doutorado) – UFMG, 2019.
- MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física no Brasil*. Cia Brasil Editorial, s.d.
- MARTINS, Luiza Mara Braga. *Os Oito Batutas: uma orquestra melhor que a encomenda: História e Música Popular Brasileira nos Anos 1920*. Tese de Doutorado em História – Universidade Federal Fluminense. 2009.
- MARTINS FONTES, José. *Terras da Fantasia*. Tipographia Dona Escolastica Rosa, Santos, 1933.
- MAYDANA, Claudia Jane Duarte. Decifrando os enigmas da modernidade em Esphinge, de Coelho Neto. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em História da Literatura) – Instituto de Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.
- MENDES, Laíne Soares. *A Vida Elegante: As Damas na Sociedade da Belle Époque Carioca (Rio de Janeiro - 1903 a 1914)*. Rio de Janeiro, 2020.
- MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata Ferreira. A República Manca: Miragem, de Coelho Neto e o naturalismo da desilusão. *SOLETRAS*, Ano IX, Nº 18. São Gonçalo: UERJ, 2009.
- MOLINARI, Carlos. *Nós é que somos banguenses*. Ícone, 2004.
- MORAES, Péricles. *Coelho Neto e sua obra*. Manaus: Fundo Municipal de Cultura, 2016.
- MORAES, Marcos Antonio de. *Às Quintas no tempo modernista*. pp. XX-XXI. In: COELHO NETO, H. *Às quintas: janeiro de 1921 a dezembro de 1923*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- NAPOLEÃO, Antônio Carlos. *Fluminense F.C. - Histórias, Glórias e Conquistas no Futebol*. Editora Mauad, 2003.

- NUNES, Elton; MENDES, Leonardo. O Rio de Janeiro no fim do século XIX: Modernidade, Boemia e Imaginário Republicano no romance de Coelho Neto. São Gonçalo: *SOLETRAS*, v. VIII, nº16, jul-dez 2008.
- OCTAVIO, Rodrigo. *Festas Nacionaes*. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1893.
- OLIVEIRA, Franklin de. *A Semana de Arte Moderna na Contramão da História*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993.
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense; Brasília: CNPq, 1990.
- _____. Imaginário Histórico e Poder Cultural: as Comemorações do Descobrimento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 14, nº 26, 2000.
- _____. As Festas que a República Manda Guardar. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n.4, 1989.
- OLIVEIRA, Tiago Siqueira de. *A Liga da Defesa Nacional: um projeto de modernização para o Brasil*. 2012. 206 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/88734> Acesso em: 06/06/2022.
- PAURA, Rômulo Rafael Ribeiro. Voluntário em defesa da pátria: Lima Barreto e a questão nacional em Triste Fim de Policarpo Quaresma. *Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio*. 2012.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A Flor da União: festa e identidade nos clubes carnavalescos do Rio de Janeiro (1889 – 1922). *Terceira Margem*, ano X, n.14, 2006.
- _____. Barricadas na Academia: literatura e abolicionismo na produção do jovem Coelho Neto. *Tempo*, núm. 10, 2000.
- _____. *Coelho Netto: um antigo modernista*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.
- _____. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- _____. *O carnaval das Letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas: Unicamp, 2004.
- PIAZZI, Giulia Sampaio. *Bolas de papel e jogadas editoriais: os livros de futebol publicados no Brasil entre 1903 e 1930*. CEFET-MG, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens. Belo Horizonte, 2018.
- PONTES, Eloy. *A vida inquieta de Raul Pompéia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

- REIS, Carlos Frederico da Silva. *Os tenentes do diabo: carnaval, lazer e identidades entre os setores médios urbanos do Rio de Janeiro (1889-1932)*. Dissertação (mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2012
- RIO, João do. *A alma encantada das ruas*. Fundação Biblioteca Nacional. p. 4. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/> Acesso em: 22/09/2021.
- RIO, João do. *Momento Literário*. Fundação Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000134.pdf>. Acesso em: 21/12/2021.
- ROSSO, Mauro. *Lima Barreto versus Coelho Neto: um Fla-Flu literário*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.
- SANTOS, Jorge Artur dos. *Os intelectuais e as críticas às práticas esportivas no Brasil (1890-1947)*. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- SARTORELLI, I. C.; MARTINS, E. Machado de Assis, guarda-livros? *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 30, n. 88, p. 271-291, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/124284>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SEVCENKO, Nicolau. A Capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: A. NOVAIS, Fernando. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 2ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Shayenne Schneider. *Mestre das Palavras: missão educativa de Coelho Netto na política, na imprensa e nas escolas*. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.
- SOIHET, Rachel. A subversão pelo riso: Estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- SOUZA, Marcos Teixeira de. José do Patrocínio: uma trajetória em meio a memórias. *Revista Grau Zero*, v. 3 n. 1 (2015): Literatura, espaço autobiográfico e memória.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- VALENTIM, Renata Patricia Forain de; MARTINS, Renata Dahwache; RODRIGUES, Mariana Martelo. Ideários da Educação Feminina na Primeira República Brasileira.

Cadernos Pagu [online]. 2019, n. 57 Acessado em: 12 Maio 2022], Disponível em: <https://doi.org/10.1590/18094449201900570006>.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: Turunas e quixotes*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-194*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira: 4ª Série*. 1º Ed. Rio de Janeiro: Garnier Livreiro-Editor. 1904.

VERÍSSIMO, J. *Estudos de literatura brasileira: 6ª Série*. 1º Ed. Rio de Janeiro: Garnier Livreiro-Editor. 1907.

VIEIRA, C. S. Transfigurações Cívicas: A terra fluminense, Contos pátrios e A pátria brasileira . *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], n. 50, p. 79-102, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34650>.

Músicas

COELHO NETTO, Henrique; TUPYNAMBÁ, Marcello. *Batuque*. THOMAZ, J.; 1929. Disponível em: <https://discografiabrasileira.com.br/en/music-recording/57220/batuque>